



«O melhor
thriller
da década.»

STEVE
CAVANAGH

O
HOMEM
DOS
SUSSURROS

Alex North

TOP
SEL
LER

Se deixares a porta entreaberta,
ouvirás os sussurros na certa.

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

a

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



**O
HOMEM
DOS
SUSSURROS**

20|20
editora

TOP
SEL
LER

os livros em primeiro lugar

Edição original

Título: *The Whisper Man*

Texto: © 2019 Alex North

Capa: © Hanka Steidle

Fotografias da capa: Arcangel; Getty Images; Shutterstock

Publicado pela Michael Joseph,
uma chancela da Penguin Books, Londres.
Todos os direitos reservados.

Edição em português

Título: *O Homem dos Sussurros*

Tradução: Marta Mendonça

Revisão: Maria João Fonseca

Paginação eletrónica: Ana Seromenho

ISBN edição impressa: 978-989-8864-65-9

ISBN edição e-pub: 978-989-668-571-3

1.^a edição: junho de 2019

Versão 1.0 • junho de 2019

© 2019 **Topseller**, uma chancela da 20|20 **Editora**.

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra
sem prévia autorização da editora.



os livros em primeiro lugar

Rua Alfredo da Silva, 14 • 2610-016 Amadora • Portugal

Tel. +351 218936000 • GPS 38.742, -9.2304

contacto@topseller.pt • www.topseller.pt •  [topseller.pt](https://www.facebook.com/topseller.pt)

Garantia incondicional de satisfação e qualidade: se não ficar satisfeito com a qualidade deste livro, poderá contactar diretamente a Topseller, juntando a fatura, e será reembolsado sem mais perguntas. Esta garantia é adicional aos seus direitos de consumidor e em nada os limita.

O Homem dos Sussurros é uma obra de ficção. Nomes, personagens e episódios resultam da imaginação do autor ou são usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas, acontecimentos ou locais reais é pura coincidência.

Para a Lynn e o Zack

Jake,

Há tanta coisa que te quero dizer, mas sempre tivemos dificuldade em conversar um com o outro, não é?

Por isso, decidi escrever-te.

Lembro-me de quando eu e a Rebecca te trouxemos da maternidade para casa. Estava escuro e a nevar, e eu nunca conduzira com tanto cuidado em toda a minha vida. Tinhas dois dias e ias preso numa cadeirinha no banco de trás, com a Rebecca a dormir ao teu lado. De vez em quando, eu espreitava pelo espelho retrovisor para ver se estavas bem.

Sabes porquê? Porque me sentia absolutamente aterrorizado. Sou filho único, não tinha qualquer experiência com bebés, e, no entanto, ali estava eu, responsável por um bebé meu. Eras tão incrivelmente pequenino e vulnerável, e eu sentia-me tão pouco preparado que me parecia um absurdo deixarem-te sair do hospital comigo.

Não atinámos um com o outro, logo desde o início. A Rebecca pegava em ti com toda a facilidade e naturalidade, como se tivesse nascido de ti, e não o contrário, enquanto eu me sentia sempre pouco à vontade, receoso daquele peso frágil nos meus braços e incapaz de perceber o que querias quando choravas. Não te compreendia, de todo.

Isso nunca mudou.

Quando já eras um pouco mais crescido, a Rebecca disse-me que se devia ao facto de sermos muito parecidos, mas não sei se será verdade. Espero que não. Sempre te desejei bem melhor do que isso.

Seja como for, não conseguimos conversar um com o outro, o que significa que terei de tentar passar tudo isto para o papel. A verdade sobre tudo o que aconteceu em Featherbank.

O Sr. Noite. O menino no chão. As borboletas. A menina com o vestido estranho.

E o Homem dos Sussurros, claro.

Não vai ser fácil, e preciso de começar com um pedido de desculpa. Ao longo dos anos, disse-te inúmeras vezes que não deverias ter medo de nada. Que os monstros não existiam.

Desculpa ter-te mentido.

PARTE UM

JULHO

1

O rapto de um filho por um estranho é o pior pesadelo de qualquer pai, embora, estatisticamente, seja uma ocorrência muitíssimo invulgar. Na verdade, existem mais probabilidades de as crianças sofrerem maus-tratos de um familiar próximo, sem que ninguém se aperceba. O mundo exterior pode parecer ameaçador, mas os desconhecidos são, na sua maioria, pessoas decentes, ao passo que o lar é, frequentemente, o local mais perigoso de todos.

O homem que seguia Neil Spencer, de 6 anos, do outro lado do terreno baldio, tinha perfeita noção disso.

Avançando em silêncio, paralelamente a Neil, atrás de uma fila de arbustos, não tirava os olhos do menino. Neil caminhava devagar, completamente alheado da perigosa situação em que se encontrava. De vez em quando, pontapeava o chão de terra batida, levantando uma névoa esbranquiçada em redor dos ténis. O homem, avançando com muito mais cuidado, ouvia esse raspar no chão. E não fazia barulho nenhum.

Era um final de tarde ameno. O sol estivera abrasador durante a maior parte do dia, mas eram já 18 horas, e o céu apresentava-se mais brumoso. A temperatura descera e o ar adquirira uma tonalidade dourada. Era o tipo de final de tarde em que apetecia estar no terraço, talvez a bebericar um vinho branco fresco e a ver o pôr do Sol, sem nos ocorrer ir buscar um casaco até ser escuro e já não valer a pena.

Até o terreno baldio estava bonito, banhado por aquela luz âmbar. Tratava-se de um matagal, com a povoação de Featherbank de um lado e uma velha pedreira abandonada do outro. O chão acidentado encontrava-se essencialmente árido e seco, embora se vissem aglomerados de arbustos aqui e ali, fazendo lembrar uma espécie de labirinto. As crianças da povoação iam para lá brincar, às vezes, embora não fosse um local

particularmente seguro. Muitas delas sentiam-se tentadas a descer à pedreira, onde as escarpas íngremes eram propensas a desmoronar-se. A câmara pusera vedações e avisos, mas o consenso local era de que deveria ser feito mais, pois os miúdos arranjavam sempre maneira de saltar as vedações. Tinham o hábito de ignorar avisos de perigo.

O homem sabia imensa coisa sobre Neil Spencer. Estudara atentamente o menino e a respetiva família, como se de um projeto se tratasse. O menino não tinha grande sucesso na escola, quer em termos académicos quer sociais, e estava bastante atrasado na leitura, na escrita e na matemática, relativamente aos seus colegas. A maioria da sua roupa era em segunda mão. Tinha os maneirismos de uma criança demasiado madura para a sua idade, manifestando já sentimentos de raiva e de ressentimento para com o mundo. Dali a alguns anos, seria visto como um *bully* e um arruaceiro, mas, para já, ainda era suficientemente novo para as pessoas lhe desculparem o comportamento indisciplinado. «Ele não faz por mal», diziam. «A culpa não é dele.» Ainda não o consideravam o único responsável pelos seus atos, pelo que, ao invés, eram levadas a atribuir a culpa a terceiros.

O homem observara com atenção. Não fora difícil de ver.

Neil passara esse dia em casa do pai. Os seus pais estavam separados, algo que o homem considerava positivo. Eram ambos alcoólicos e tinham alguma dificuldade em levar a cabo as tarefas mais básicas. Achavam que a vida era consideravelmente mais fácil quando o filho estava na casa do outro e não sabiam muito bem o que fazer com ele quando estava presente. Geralmente, Neil era deixado à sua mercê, o que explicava a dureza que o homem vira a desenvolver-se no rapaz. Neil era um fator secundário na vida dos pais. Não era amado, certamente.

Mais uma vez, o pai de Neil encontrava-se demasiado embriagado, nesse final de dia, para o levar de carro a casa da mãe, e, ao que parecia, também fora demasiado preguiçoso para o acompanhar a pé. O miúdo tinha quase 7 anos, pensara provavelmente o pai, além de que passara o dia por sua conta sem quaisquer problemas. Como tal, Neil seguia sozinho para casa.

Só que ainda não fazia ideia de que iria para uma casa bastante diferente. O homem pensou no quarto que preparara para ele e tentou conter o

entusiasmo.

A meio do terreno baldio, Neil deteve-se.

O homem parou próximo dele e espreitou por entre os arbustos, para ver o que captara a atenção do menino.

Um velho televisor fora deixado junto a um dos arbustos, o ecrã cinzento protuberante, mas intacto. O homem viu Neil dar-lhe um ligeiro toque com o pé, mas o aparelho era demasiado pesado e não se moveu. Aos olhos do menino, decerto pareceria pertencer a outra época, com grelhas e botões de um lado do ecrã e a parte de trás do tamanho de um tambor. Havia umas pedras no outro lado do caminho de terra batida. O homem observou, fascinado, enquanto Neil se aproximou delas, escolheu uma e atirou-a ao ecrã com toda a força.

Trás!

Um ruído intenso naquele local silencioso. O vidro não se estilhaçou, mas a pedra trespassou-o, deixando um buraco estrelado semelhante ao de um tiro. Neil pegou noutra pedra e repetiu o ato, falhando desta vez, mas voltando depois a tentar. Outro buraco surgiu no ecrã.

Ele parecia estar a divertir-se com a brincadeira.

O homem compreendia perfeitamente porquê. Aquela destruição descontraída assemelhava-se à agressividade crescente que o rapaz demonstrava na escola, como uma tentativa de criar impacto num mundo que parecia totalmente alheio à sua existência; provinha de uma necessidade de ser visto, de que lhe prestassem atenção. De ser amado.

No fundo, era só isso que qualquer criança desejava.

O coração do homem, batendo mais depressa, doeu-lhe perante aquele pensamento. Então, emergiu silenciosamente dos arbustos atrás do menino e sussurrou o nome dele.

2

— Neil!

O inspetor Pete Willis avançou cuidadosamente pelo terreno baldio, ouvindo os agentes em redor a chamar o nome do menino desaparecido, com intervalos previamente combinados. Durante as pausas, o silêncio era absoluto. Pete ergueu o olhar, imaginando as palavras a esvoaçarem em direção à escuridão, lá em cima, desaparecendo no céu noturno tão completamente como Neil Spencer desaparecera da Terra ali em baixo.

Incidiu o feixe de luz cónico da sua lanterna sobre o chão de terra para ver onde pisava e para procurar quaisquer vestígios da criança. Calças de fato de treino azuis, cuecas azuis, t-shirt do *Minecraft*, ténis pretos, mochila estilo militar, garrafa de água. O alerta fora dado no preciso momento em que Pete se sentava para comer o jantar que se esmerara a confeccionar, e a ideia do prato pousado sobre a mesa, intacto e a arrefecer, provocou-lhe um ronco no estômago.

Porém, um menino estava desaparecido e era preciso encontrá-lo.

Os outros agentes eram invisíveis na escuridão, mas ele via as suas lanternas a perscrutarem todo o local. Consultou o relógio de pulso: 20h53. O dia estava quase no fim. Embora nessa tarde tivesse feito calor, a temperatura descera ao longo das últimas duas horas e o ar frio fazia-o tremer. Na pressa de sair de casa, esquecerara-se do casaco, e a camisa que envergava não oferecia grande proteção contra os elementos. Os seus velhos ossos também não ajudavam — afinal de contas, tinha 66 anos —, mas não estava uma noite para andar na rua, nem sequer para os mais jovens. Em especial perdidos e sozinhos. E feridos, certamente.

— Neil! — voltou a ouvir.

— Neil! — chamou, acrescentando a sua própria voz ao coro.

Nada.

As primeiras 48 horas após um desaparecimento eram as mais importantes. O menino fora dado como desaparecido às 19h39 dessa noite, cerca de hora e meia após ter saído de casa do pai. Deveria ter chegado a casa da mãe por volta das 18h20, mas não houvera grande coordenação entre os pais quanto à hora prevista para a sua chegada, pelo que somente quando a mãe telefonara finalmente ao ex-marido é que deram conta do desaparecimento do filho. Quando a polícia chegara ao local, às 19h51, as sombras estavam cada vez mais compridas, e quase duas das 48 horas haviam já sido perdidas. Entretanto, tinham decorrido quase três.

Pete sabia que, na maioria dos casos, uma criança desaparecida era encontrada rapidamente e em segurança, sendo depois entregue à respetiva família. Os casos dividiam-se em cinco categorias distintas: crianças abandonadas; crianças fugidas de casa; acidente ou infortúnio; rapto por parte de um familiar; e rapto por parte de um desconhecido. A lei das probabilidades dizia-lhe que o desaparecimento de Neil Spencer acabaria por se revelar ter sido um acidente qualquer, e que o menino seria encontrado muito em breve. No entanto, quanto mais caminhava, mais o seu instinto lhe dizia precisamente o contrário. Uma sensação desagradável enrolara-se-lhe à volta do coração. Na verdade, o desaparecimento de uma criança tinha sempre esse efeito em si. Não significava nada em concreto; eram apenas as más recordações de há 20 anos a virem ao de cima, trazendo consigo sentimentos de desconforto.

O feixe de luz da sua lanterna passou sobre algo cinzento.

Pete deteve-se de imediato e tentou voltar ao mesmo ponto. Deparou-se com um televisor antigo aninhado na base de um dos arbustos, o ecrã partido em vários sítios, como se alguém o tivesse utilizado para tiro ao alvo. Fitou-o durante alguns instantes.

— Alguma coisa? — perguntou uma voz anónima, vinda de um dos lados.

— Não — gritou ele em resposta.

Alcançou a extremidade do terreno baldio ao mesmo tempo que os restantes agentes. A busca revelara-se infrutífera. Depois da escuridão quase total atrás de si, Pete sentiu um estranho desconforto sob o brilho

pálido das luzes dos candeeiros de rua. Percebia-se um ligeiro zunido de vida no ar, que estivera ausente no silêncio do terreno baldio.

Alguns momentos depois, sem uma alternativa melhor, começou a fazer o caminho de volta.

Não sabia muito bem para onde estava a ir, mas deu por si a dirigir-se para a zona lateral do terreno, para a antiga pedreira que o flanqueava, a todo o comprimento, de um dos lados. Era um local perigoso na escuridão, pelo que decidiu juntar-se à amálgama de luzes das lanternas da equipa de buscas na pedreira, prestes a iniciar o seu trabalho. Enquanto alguns agentes vasculhavam a área, percorrendo todo o perímetro da pedreira, apontando os feixes de luz para as escarpas íngremes e chamando o nome do rapaz, os agentes a que Pete se juntou consultavam mapas e preparavam-se para descer o caminho irregular que conduzia lá abaixo. Dois deles ergueram o olhar assim que ele se aproximou.

— Inspetor? — Um deles reconheceu-o. — Não sabia que estava de serviço esta noite.

— E não estou. — Pete levantou o arame da vedação e passou por baixo para se juntar a eles, caminhando ainda com mais cuidado. — Moro aqui na zona.

— Certo, inspetor. — O agente soou um pouco cético.

Não era habitual um inspetor aparecer durante o que consistia ostensivamente em trabalho de sapa. A inspetora Amanda Beck estava a coordenar a investigação a partir do seu gabinete, e a equipa de buscas era composta essencialmente por subalternos. Pete sabia que tinha mais anos de experiência do que qualquer um deles, mas, nessa noite, fazia apenas parte do todo. Uma criança estava desaparecida, o que significava que tinham de a encontrar. O agente talvez fosse demasiado jovem para se lembrar do que acontecera com Frank Carter duas décadas antes e para compreender por que razão não era surpresa nenhuma encontrar Pete Willis em circunstâncias como aquela.

— Atenção, inspetor. O chão é muito irregular aqui.

— Eu sei.

Pelos vistos, o agente era também suficientemente jovem para o

desvalorizar como um velhote qualquer. Provavelmente, nunca vira Pete no ginásio da esquadra, que frequentava todas as manhãs antes de entrar ao serviço. Não obstante a diferença de idades, Pete apostava que conseguiria superar aquele homem mais novo em qualquer máquina. Estava a prestar atenção ao chão, sim. Aliás, estar atento a tudo — incluindo a si próprio — era algo que lhe estava no sangue.

— Certo, inspetor. Bem, entretanto, vamos começar a descer. Estamos só a coordenar tudo.

— Não estou encarregado do caso. — Pete apontou a lanterna para o caminho de terra, perscrutando o solo irregular. O feixe de luz alcançava somente uma curta distância. O fundo da pedreira, lá em baixo, era um enorme buraco negro. — Tem de prestar contas à inspetora Beck, não a mim.

— Sim, inspetor.

Pete continuou a olhar fixamente para o espaço lá em baixo, pensando em Neil Spencer. Os caminhos mais prováveis de o menino ter tomado já haviam sido identificados. As ruas tinham sido esquadrihadas. A maioria dos amigos do rapaz já fora contactada. Tudo sem qualquer resultado. O terreno baldio fora passado a pente fino. Se o desaparecimento do rapaz fosse realmente resultado de um acidente ou de um infortúnio qualquer, a pedreira era o único local que restava, onde faria todo o sentido encontrá-lo.

Todavia, o mundo negro lá em baixo parecia completamente vazio.

Pete não tinha a certeza — não racionalmente —, mas o seu instinto dizia-lhe que Neil Spencer não seria encontrado lá em baixo.

Que, possivelmente, jamais seria encontrado.

3

— Lembras-te do que te disse? — perguntou a menina.

Jake lembrava-se, mas, nesse momento, estava a fazer os possíveis para a ignorar. As outras crianças do Clube 567 estavam lá fora, a brincar ao sol. Ouvia-se a gritaria e o som de uma bola de futebol a saltitar no alcatrão, que, de vez em quando, batia na parede lateral do edifício.

Ele, contudo, estava ali dentro, a trabalhar no seu desenho. Preferia ter ficado sozinho para o poder terminar.

Não que não gostasse de brincar com a menina. Obviamente que gostava. A maioria das vezes ela era a única que queria brincar com ele, e, por norma, ele ficava contente por vê-la. Todavia, nessa tarde, ela não estava a ser particularmente divertida. Aliás, estava muito séria, o que não lhe agradava nada.

— Lembras-te?

— Acho que sim.

— Então repete-o.

Ele suspirou, pousou o lápis e olhou para ela. Como sempre, a menina envergava um vestido aos quadrados azuis e brancos. Tinha uma esfoladela no joelho direito, que parecia nunca sarar por completo. Enquanto as outras raparigas andavam de cabelo arranjado, cortado pela altura dos ombros ou preso num rabo de cavalo, o dela estava desgrenhado, puxado para o lado, e parecia não ser penteado há muito tempo.

A julgar pela expressão no rosto dela, era evidente que não tencionava desistir, pelo que ele repetiu o que ela lhe dissera.

— «Se deixares uma porta entreaberta...»

Era realmente surpreendente que ele se recordasse daquilo, pois não fizera grande esforço para memorizar as palavras. Porém, por algum motivo, haviam-lhe ficado na cabeça. Tinha que ver com o ritmo. Às vezes

ouvira uma canção na CBBC e ficava com ela na cabeça durante várias horas. O pai dizia que era «ficar com a música no ouvido», o que fizera Jake imaginar os sons a esgueirarem-se para o interior do seu ouvido e a contorcerem-se dentro da sua mente.

Quando Jake terminou, a menina acenou com a cabeça, satisfeita. Ele tornou a pegar no lápis.

— Mas o que é que quer dizer? — perguntou-lhe ele.

— É um aviso. — Ela franziu o nariz. — Quer dizer... é uma espécie de aviso. As crianças costumavam dizê-lo quando eu era pequena.

— Sim, mas o que é que significa?

— É só um bom conselho — respondeu-lhe ela. — A verdade é que há muitas pessoas más no mundo, muitas coisas más. Por isso é bom não nos esquecermos.

Jake franziu o sobrolho e recomeçou a desenhar. Pessoas más. Ali no Clube 567, havia um rapaz ligeiramente mais velho do que ele, chamado Carl, que Jake considerava mau. Na semana anterior, Carl encurralara-o enquanto Jake estava a construir um forte de *Lego* e posicionara-se demasiado perto, pairando sobre ele como uma sombra enorme. «Porque é que é sempre o teu pai que te vem buscar?», perguntara Carl, apesar de já saber a resposta. «É porque a tua mãe está morta?» Jake não lhe respondera. «Como é que ela estava quando a encontraste?» Ele continuou sem lhe responder.

Salvo nos seus pesadelos, Jake raramente pensava no que sentira ao encontrar a mãe naquele dia. A sua respiração ficava muito estranha e não funcionava devidamente. Porém, de uma coisa ele nunca poderia escapar: da certeza de que ela já não estava presente.

Isso fê-lo recordar uma ocasião, muito tempo antes, em que espreitara pela porta da cozinha e a vira a cortar um enorme pimento vermelho ao meio e a retirar-lhe as sementes. «Olá, giraço!», fora o que ela dissera assim que o vira. Tratava-o sempre dessa maneira. O que ele sentia por dentro quando lhe vinha à cabeça que ela estava morta assemelhava-se ao som que o pimento fizera, como se algo tivesse sido arrancado de dentro dele e tivesse deixado um buraco.

«Gosto mesmo de te ver chorar como um bebé», declarara Carl, afastando-se de seguida, como se Jake nem sequer existisse.

Não era agradável imaginar que o mundo estava cheio de pessoas assim, e Jake recusava-se a acreditar nisso. Começou a desenhar círculos na folha de papel. Campos de força em redor dos bonecos-palito que combatiam.

— Estás bem, Jake?

Ele ergueu o olhar. Era Sharon, uma das funcionárias do Clube 567. Estivera a lavar a extremidade oposta da sala, mas aproximara-se, inclinada para a frente, de mãos apoiadas nos joelhos.

— Sim — respondeu-lhe.

— Que desenho tão bonito!

— Ainda não está acabado.

— O que é que vai ser?

Ele pensou na melhor maneira de explicar a batalha que estava a desenhar — os diferentes lados a combaterem, as linhas entre eles e os rabiscos por cima dos que tinham perdido —, mas era demasiado complicado.

— É só uma batalha.

— Tens a certeza de que não queres ir lá para fora brincar com os outros meninos? Está um dia tão bonito!

— Não, obrigado.

— Temos protetor solar que chegue. — Ela olhou em redor. — E também deve haver um chapéu algures.

— Preciso de terminar o meu desenho.

Sharon endireitou-se e soltou um suspiro, mas o seu rosto exibia uma expressão carinhosa. Estava preocupada com ele, e, embora Jake não visse razão para tal, admitia que era uma sensação agradável. Percebia sempre quando as pessoas estavam preocupadas consigo. Era frequente ver a preocupação do pai, exceto quando este perdia a paciência. Às vezes gritava e dizia coisas como: «É só porque quero que fales comigo; quero saber o que estás a pensar e a sentir.» Era um pouco assustador quando isso acontecia, pois Jake achava que estava a desiludir o pai e a deixá-lo triste, mas não sabia ser diferente.

Voltas e mais voltas — mais um campo de força, as linhas a sobreporem-

se. Ou talvez fosse um portal? Para que a pequena figura no interior pudesse desaparecer da batalha e ir para um sítio mais agradável. Jake virou o lápis e começou a apagar cuidadosamente a figura.

Pronto. Agora estás em segurança, onde quer que estejas.

Numa ocasião, depois de o pai ter perdido a paciência, Jake encontrara um bilhete dele em cima da cama. Continha um retrato muito bom de ambos, a sorrirem, e, por baixo, o pai escrevera: «Desculpa. Nunca te esqueças de que, mesmo quando discutimos, continuamos a gostar muito um do outro. Beijinhos.»

Jake guardara esse bilhete na sua Caixa das Coisas Especiais, juntamente com todas as coisas importantes que precisava de guardar.

Espreitou-a. A caixa estava à sua frente, em cima da mesa, mesmo ao lado do desenho.

— Não tarda nada vais mudar-te para a casa nova — disse-lhe a menina.

— Vou?

— O teu pai foi hoje ao banco.

— Eu sei. Mas ele diz que não sabe se o negócio vai para a frente ou não. Podem não lhe dar aquela coisa de que ele precisa.

— O empréstimo — disse a menina, pacientemente. — Mas vão dar.

— Como é que sabes?

— Ele é um escritor famoso, não é? Tem jeito para inventar coisas. — Ela olhou para o desenho de Jake e sorriu para si própria. — Tal como tu.

Jake interrogou-se sobre o sorriso dela. Fora um sorriso estranho, como se ela estivesse contente, mas, ao mesmo tempo, triste com algo. Pensando nisso, era precisamente assim que se sentia em relação à mudança de casa. Já não gostava de estar na casa dele, mas tinha a sensação de que não deveriam mudar-se, apesar de ter sido ele a encontrar a casa nova no *iPad* do pai, enquanto pesquisavam juntos.

— Vou continuar a ver-te depois de me mudar, não vou? — indagou ele.

— Claro que sim. Sabes bem que sim — respondeu a menina. Depois, inclinando-se para a frente, acrescentou, num tom mais urgente: — Mas, aconteça o que acontecer, lembra-te do que te disse. É importante. Tens de me prometer, Jake.

— Prometo. Mas o que é que significa?

Por momentos, teve a sensação de que ela ia explicar-lhe, mas então a campainha soou na outra ponta da sala.

— Tarde demais — sussurrou ela. — O teu pai já chegou.

4

Quando cheguei, a maioria das crianças parecia estar a brincar no pátio do Clube 567. Ouvi a mistura de risos enquanto estava a estacionar. Pareciam todas tão felizes — tão normais —, e, por momentos, perscrutei-as com o olhar, à procura do Jake, na esperança de o ver entre elas.

Porém, claro, o meu filho não estava ali.

Em vez disso, fui dar com ele lá dentro, sentado de costas para a porta, debruçado sobre um desenho. Senti uma dor no coração quando o vi. O Jake era pequeno para a idade, e a sua postura, nesse instante, fazia-o parecer mais pequeno e vulnerável do que nunca. Como se tentasse desaparecer no desenho à sua frente.

Quem poderia censurá-lo? Eu sabia que ele detestava estar ali, embora nunca se tivesse oposto ou se tivesse queixado disso. Contudo, eu sentia que não tinha alternativa. Houve tantos momentos angustiantes desde a morte da Rebecca: o primeiro corte de cabelo no barbeiro a que eu o levava; encomendar as fardas da escola; embrulhar os presentes de Natal dele, desajeitadamente, por não conseguir ver por entre as minhas lágrimas. Uma lista interminável. Porém, por alguma razão, as férias escolares tinham sido a pior parte. Por muito que amasse o Jake, era-me impossível passar o dia inteiro, de manhã à noite, com ele. Sentia que não havia o suficiente em mim para preencher todas aquelas horas, e, embora detestasse o facto de não conseguir ser o pai de que o Jake tanto necessitava, a verdade era que, às vezes, precisava de tempo para mim. Para esquecer o abismo que existia entre nós. Para ignorar a minha crescente incapacidade de lidar com a situação. Para poder ir-me abaixo e chorar um pouco, sabendo que ele não iria aparecer de repente e apanhar-me.

— Olá, filhote. — Pousei a mão no ombro dele, mas ele não ergueu o olhar.

— Olá, papá.

— O que é que tens estado a fazer?

— Nada de especial. — Senti um encolher de ombros quase impercetível sob a minha mão. O corpo dele parecia ausente, como se fosse mais leve e macio do que o tecido da t-shirt que envergava. — Estive a brincar um bocadinho com alguém.

— Com alguém? — indaguei.

— Uma menina.

— Que bom. — Debrucei-me sobre ele e espreitei a folha. — E a desenhar também, pelo que vejo.

— Está bonito?

— Claro que sim. Gosto muito.

Na verdade, não fazia a mínima ideia do que significava o desenho — um combate qualquer, embora fosse impossível distinguir os lados ou perceber o que estava a acontecer. O Jake raramente desenhava algo estático. Os seus desenhos ganhavam vida, uma animação que se ia manifestando no papel, pelo que o resultado final era como um filme, em que se viam todas as cenas em simultâneo, sobrepostas umas às outras.

Era criativo, contudo, e isso agradava-me. Era uma das coisas em que se parecia comigo, uma ligação que tínhamos. Apesar de, na verdade, eu mal ter escrito uma palavra nos últimos dez meses, desde a morte da Rebecca.

— Vamos mudar-nos para a casa nova, papá?

— Sim.

— Quer dizer que a pessoa do banco ouviu-te?

— Digamos que fui convincentemente criativo em relação ao estado lastimável das minhas economias.

— O que é que quer dizer «lastimável»?

Era quase uma surpresa que ele não o soubesse. Há muito tempo, eu e a Rebecca tínhamos acordado falar com o Jake como se ele fosse um adulto, e, sempre que surgia uma palavra que ele não conhecia, nós explicávamos-lha. O Jake absorvia tudo e, conseqüentemente, saía-se muitas vezes com coisas estranhas. Aquela, contudo, não era uma palavra que me apetecesse explicar-lhe naquele momento.

— Significa que é algo para eu e a pessoa do banco nos preocuparmos — respondi-lhe. — E não tu.

— Quando é que vamos?

— Assim que possível.

— Como é que vamos levar tudo?

— Alugamos uma carrinha. — Pensei no dinheiro e contive uma pontada de pânico. — Ou talvez utilizemos apenas o carro. Embalamos tudo e fazemos meia dúzia de viagens. Talvez não consigamos levar absolutamente tudo connosco, mas podemos fazer uma triagem dos teus brinquedos, para ver o que é que queres levar contigo.

— Quero levá-los todos.

— Depois vemos, está bem? Não te vou obrigar a desfazeres-te de nada que queiras, mas muitos deles já não são para a tua idade. Talvez outro menino gostasse de ficar com eles.

O Jake não me respondeu. Muitos dos brinquedos talvez já não fossem para a idade dele, mas todos tinham uma recordação associada. A Rebecca sempre tivera muito mais jeito com o Jake, incluindo para brincar com ele, e, na minha mente, ainda a via ajoelhada no chão a brincar com os bonecos. Incansável, maravilhosamente paciente com ele, de todas as maneiras que eu não era capaz. Os brinquedos dele eram coisas nas quais ela mexera. Quanto mais antigos fossem, mais impressões digitais dela teriam. Uma acumulação invisível da presença dela na vida dele.

— Como disse, não te vou obrigar a desfazeres-te de coisas que queiras guardar — repeti.

Pensei de imediato na sua Caixa das Coisas Especiais. Estava em cima da mesa, ao lado do desenho, uma pasta de couro gasta, mais ou menos do tamanho de um livro de capa dura, com um fecho que corria as três faces laterais. Não fazia ideia do que teria sido anteriormente. Parecia uma agenda enorme sem as páginas, embora não me ocorresse por que motivo a Rebecca pudesse ter tido uma coisa daquelas.

Meses após ela ter morrido, vasculhei algumas das suas coisas. A minha mulher fora uma eterna acumuladora, mas com um sentido prático, pelo que muitos dos seus pertences mais antigos estavam guardados em caixas

empilhadas na garagem. Um dia, levei algumas dessas caixas para dentro de casa e examinei o seu conteúdo. Havia coisas da infância dela, totalmente desassociadas da nossa vida em comum. Julguei que isso pudesse facilitar o processo, mas foi puro engano. A infância é — ou deveria ser — uma época feliz e, no entanto, eu sabia que aqueles artefactos simples, carregados de esperança, tinham tido um desfecho infeliz. Desatei a chorar. O Jake apareceu e pousou a mão no meu ombro, e, como eu não reagi de imediato, pôs os bracinhos dele à minha volta. Depois, examinámos, juntos, algumas das coisas, e ele encontrou o que viria a ser a Caixa das Coisas Especiais, perguntando-me se podia ficar com ela. Claro que sim. Poderia ficar com tudo o que quisesse.

Na altura, a caixa encontrava-se vazia, mas ele começou a enchê-la. Guardou alguns dos pertences da Rebecca, cartas, fotografias e bugigangas, bem como desenhos que ele fizera ou objetos que considerava importantes. Como o ajudante de uma bruxa, a caixa raramente saía de perto dele, e, à exceção de meia dúzia de coisas, eu não sabia o que continha. Nem teria espreitado o seu interior, mesmo que tivesse oportunidade. Afinal de contas, eram as coisas especiais dele, e ele tinha direito a elas.

— Anda, filhote — disse-lhe eu. — Vamos buscar as tuas coisas para irmos embora.

Ele dobrou o desenho e estendeu-mo para que o levasse. Fosse o que fosse, não era suficientemente importante para ir para dentro da caixa. Pegou nela e atravessou a sala em direção à porta, onde a sua garrafa de água estava pendurada num cabide. Premi o botão verde para abrir a porta e olhei de relance para trás. A Sharon estava ocupada com a limpeza.

— Queres despedir-te? — perguntei ao Jake.

Ele virou-se para trás, à entrada, e, por breves momentos, exibiu uma expressão triste. Eu estava à espera de que ele se despedisse da Sharon, mas, em vez disso, acenou para a mesa vazia onde estivera sentado.

— Adeus — disse ele. — Prometo que não me esquecerei.

Antes de eu ter tempo de dizer alguma coisa, esgueirou-se para a rua por baixo do meu braço.

5

No dia em que a Rebecca morreu, eu tinha ido buscar o Jake à escola.

Essa tarde deveria ter sido dedicada à escrita, pelo que, quando a Rebecca me pedira para ir buscar o Jake, no que era suposto ser a vez dela, a minha primeira reação foi de irritação. Faltavam escassos meses para o prazo de entrega do meu livro e eu passara a maior parte do dia sem conseguir escrever uma única palavra, pelo que estava a contar com um qualquer milagre de última hora. Contudo, a Rebecca parecera-me pálida e debilitada, por isso eu assentira.

No caminho de regresso a casa, esforcei-me por fazer conversa com o Jake sobre como lhe tinha corrido o dia, mas sem qualquer resultado. Era o costume. Ou não se lembrava ou não queria falar. E, também como de costume, fiquei com a sensação de que ele teria respondido à Rebecca, o que, aliado ao contínuo fracasso na escrita do meu livro, me fez sentir ainda mais ansioso e inseguro do que o normal. Assim que chegámos a casa, ele saiu disparado do carro. Perguntou-me se podia ir ter com a mãe, e eu respondi-lhe que sim. Estava certo de que ela ficaria contente. Mas não estava a sentir-se bem, por isso ele teria de ser carinhoso — «E não te esqueças de descalçar os sapatos; sabes que a mamã detesta sujidade.»

Demorei-me algum tempo no carro, sem pressa, sentindo-me mal comigo próprio por ser um fracasso total. Por fim, entrei calmamente em casa, pousando as coisas na cozinha — e reparando que o Jake não tinha descalçado os sapatos, como eu lhe pedira. Porque, claro, ele nunca me dava ouvidos. A casa estava imersa em silêncio. Parti do princípio de que a Rebecca estaria deitada no piso de cima e que o Jake fora ter com ela, e que estava tudo bem.

À exceção de mim.

Somente quando entrei finalmente na sala de estar é que vi o Jake parado

ao fundo, junto à porta que conduzia às escadas, fitando algo no chão que eu não conseguia vislumbrar. Estava completamente imóvel, hipnotizado pelo que quer que estivesse a ver. Quando me aproximei lentamente, reparei que, afinal, não estava completamente imóvel, mas a tremer. Depois vi a Rebecca, estendida ao fundo das escadas.

Tudo o que se seguiu foi muito vago. Sei que levei o Jake para longe dali. Sei que chamei uma ambulância. Sei que fiz tudo o que deveria ter feito, embora não me lembre de ter feito nada.

O pior era que, embora o Jake nunca tivesse falado comigo sobre o assunto, eu tinha a certeza de que ele se recordava de tudo.

Dez meses depois, entrávamos os dois na cozinha, com quase todas as bancadas cheias de pratos e de canecas, e o pouco espaço visível sujo com manchas e migalhas. Na sala de estar, os brinquedos que se estendiam sobre o soalho de madeira pareciam dispersos e esquecidos. Não obstante eu ter dito que faríamos uma triagem dos brinquedos antes de nos mudarmos, parecia que já tínhamos vasculhado todos os nossos pertences, retirado tudo o que necessitávamos e deixado o resto espalhado como se fosse lixo. Uma sombra constante pairava sobre a casa, há meses, cada vez mais escura, como um dia que vai chegando gradualmente ao fim. Parecia que a nossa casa havia começado a desmoronar-se desde a morte da Rebecca. A verdade era que ela fora sempre o coração de tudo.

— Podes dar-me o meu desenho, papá?

O Jake já estava de joelhos no chão, reunindo as canetas de cor que se tinham espalhado nessa manhã.

— E as palavras mágicas?

— Se faz favor.

— Claro que sim. — Pousei o desenho ao lado dele, no chão. — Queres uma sandes de fiambre?

— Posso comer antes uma guloseima?

— Depois da sandes.

— Está bem.

Arranjei um pouco de espaço em cima da bancada e barrei duas fatias de

pão com manteiga; em seguida, pus três fatias de fiambre na sandes e cortei-a em quatro partes. Tentando lutar contra a depressão. Um pé à frente do outro. Sem parar.

Não conseguia deixar de pensar no que acontecera no Clube 567: o Jake a despedir-se de uma mesa vazia. O meu filho sempre tivera amigos imaginários. Fora sempre uma criança solitária; havia algo nele tão alienado e introspetivo que parecia afastar as outras crianças. Nos dias bons, eu conseguia fingir que era por ele ser independente e feliz dentro da sua própria cabeça, e mentalizava-me de que não havia qualquer problema. A maior parte do tempo, porém, ficava preocupado.

Porque é que o Jake não podia ser mais parecido com as outras crianças?
Mais normal?

Sabia que era um pensamento terrível, mas queria protegê-lo, apenas. O mundo podia ser muito cruel com uma pessoa sossegada e solitária como ele, e não queria que ele passasse pelo mesmo que eu passara com aquela idade.

De qualquer forma, até então, os amigos imaginários haviam-se manifestado com subtileza — mais sob a forma de pequenas conversas que às vezes tinha consigo próprio —, e não me agradava particularmente aquele novo desenvolvimento. Não tinha a menor dúvida de que a menina com quem ele dissera ter estado a brincar existia apenas na cabeça dele. Era a primeira vez que ele o admitia em voz alta, dirigindo-se a alguém imaginário na presença de outras pessoas, e isso deixava-me algo alarmado.

É claro que a Rebecca nunca se preocupara com isso. «Ele está bem; deixa-o ser como é.» E, uma vez que ela percebia a maioria das coisas melhor do que eu, fiz sempre o possível para tolerar a situação. Mas neste momento interrogava-me se ele não estaria a precisar verdadeiramente de ajuda.

Ou talvez estivesse apenas a ser ele próprio.

Tratava-se de mais uma coisa complicada com a qual eu deveria saber lidar, mas não sabia. Não fazia ideia de qual seria a atitude acertada ou como ser um bom pai. Desejava tanto que a Rebecca ainda aqui estivesse!

Sinto a tua falta...

Esse pensamento, contudo, provocaria uma enchente de lágrimas, pelo que o afastei de imediato da cabeça e peguei no prato. Ouvi o Jake a falar em surdina na sala de estar.

— Sim — dizia. E depois, em resposta a algo que eu não ouvira: — Sim, eu sei.

Senti um arrepio.

Aproximei-me cautelosamente da soleira da porta, sem a transpor, limitando-me a ficar à escuta. Não conseguia vislumbrar o Jake, mas a luz do Sol que entrava pela janela ao fundo da sala projetava a sombra dele na parte lateral do sofá: uma forma amorfa, não reconhecidamente humana, a mover-se lentamente, como se ele estivesse a baloiçar-se sobre os joelhos.

— Eu lembro-me.

Seguiram-se alguns segundos de silêncio, durante os quais só conseguia ouvir o meu batimento cardíaco. Reparei que estava a suster a respiração. Ele voltou a falar, embora num tom bastante mais alto. Parecia zangado.

— Não quero dizer!

Entrei na sala.

Por um breve momento, não tinha a certeza do que iria encontrar. Porém, o Jake estava agachado no chão, exatamente no sítio onde eu o deixara, com a diferença de que estava a olhar para o lado, negligenciando o seu desenho. Segui-lhe o olhar. Não estava ali ninguém, claro, mas ele parecia tão focado no espaço vazio que era fácil imaginar uma presença no ar.

— Jake? — chamei em surdina. Ele não olhou para mim. — Com quem estavas a falar?

— Com ninguém.

— Eu ouvi-te a falar.

— Com ninguém.

Depois virou-se ligeiramente, tornou a pegar no marcador e continuou a desenhar. Dei mais um passo em frente.

— Podes pousar isso e responder-me, por favor?

— Porquê?

— Porque é importante.

— Não estava a falar com ninguém.

— Pousa o marcador, como te disse.

Contudo, ele continuava a desenhar, a sua mão movendo-se com mais vigor, o marcador a desenhar círculos desesperados em torno das pequenas figuras.

A minha frustração transformou-se em fúria. Era frequente o Jake parecer-me um problema para o qual eu não tinha solução, e odiava-me por ser tão inútil e incapaz. Por outro lado, sentia um certo rancor para com ele por nunca me oferecer uma pista sequer, por nunca se encontrar comigo a meio caminho. Eu queria ajudá-lo; queria garantir o seu bem-estar. E não me sentia capaz de o fazer sozinho.

Reparei que estava a segurar o prato com demasiada força.

— Aqui tens a tua sandes.

Pousei o prato em cima do sofá, sem esperar para ver se ele parara de desenhar ou não. Ao invés, regressei de imediato à cozinha, apoiei as mãos na bancada e fechei os olhos. O meu coração batia furiosamente.

Sinto tanto a tua falta, Rebecca, pensei. Quem me dera que estivesses aqui. Por inúmeras razões, mas, neste momento, porque não me sinto capaz de fazer isto.

Comecei a chorar. Não havia problema. O Jake estava entretido a desenhar ou a lanchar, pelo que não viria à cozinha. Porque haveria de o fazer se só eu ali estava? Por isso, não havia problema. O meu filho poderia conversar em surdina à vontade com pessoas que não existiam. E, desde que o fizesse silenciosamente, eu também.

Sinto a tua falta.

Nessa noite, como habitualmente, levei o Jake ao colo para a cama. Era assim desde a morte da Rebecca. Recusava-se a olhar para o sítio onde encontrara o corpo dela, agarrando-se a mim com toda a força, sustendo a respiração e escondendo o rosto no meu ombro. Todas as manhãs, todas as noites e sempre que precisava de ir à casa de banho. Eu compreendia, mas ele começava a tornar-se demasiado pesado, em vários sentidos.

Felizmente, isso mudaria em breve.

Depois de ele adormecer, desci ao piso inferior e sentei-me no sofá com

um copo de vinho e o meu *iPad*, a estudar os pormenores da nossa casa nova. Olhar para a fotografia no site da agência imobiliária provocava-me um outro tipo de ansiedade.

Para todos os efeitos, fora o Jake quem escolhera aquela casa. Ao início, eu não percebera o seu encanto. Tratava-se de uma propriedade isolada e pequena — antiga, com dois pisos e o aspeto decrépito de uma casa de campo. As janelas pareciam invulgarmente posicionadas, pelo que era difícil imaginar a disposição da habitação no interior, e tinha o ângulo do telhado ligeiramente torto, o que fazia com que a fachada aparentasse estar curiosamente inclinada, quase como se assumisse uma expressão irada. Evocava, contudo, também uma sensação mais generalizada — um formigueiro na nuca. Quando a vira pela primeira vez, a casa incomodara-me.

No entanto, assim que o Jake a vira, mostrara-se decidido. Algo naquela casa o cativara, ao ponto de se ter recusado a ver outras.

Quando me acompanhara, na primeira visita, parecera quase hipnotizado. Eu ainda não estava convencido. A casa tinha boas áreas, mas estava muito suja. Havia armários e cadeiras cobertos de pó, maços de jornais velhos, caixas de cartão, um colchão no quarto de visitas, no piso térreo. A proprietária, uma idosa chamada Sra. Shearing, pedira imensa desculpa; tudo aquilo pertencia a um inquilino a quem ela alugara a casa, explicara-me, e seria levado dali antes da venda.

Porém, o Jake estava decidido, pelo que eu agendara uma segunda visita, dessa vez sozinho. Foi nessa altura que comecei a olhar para a casa com outros olhos. Sim, tinha um aspeto estranho, mas isso conferia-lhe um certo encanto, estilo rafeiro. E o que antes me parecera um ar irado começara a assemelhar-se mais a prudência, como se a propriedade tivesse sido magoada no passado e fosse necessário fazer um esforço para conquistar a sua confiança.

Digamos que tinha personalidade.

No entanto, a ideia de me mudar apavorava-me. Aliás, nessa tarde, uma parte de mim desejara que o gerente do banco tivesse detetado as meias-verdades que eu lhe contara sobre a minha situação financeira e tivesse

recusado o empréstimo de imediato. Contudo, agora sentia-me aliviado. Olhando em redor da sala de estar, para os restos abandonados da vida que em tempos tivéramos, era evidente que eu e o Jake não poderíamos continuar como estávamos. Independentemente das dificuldades que se nos apresentariam, tínhamos de sair dali. E, por muito difícil que pudesse ser para mim nos primeiros meses, o meu filho precisava disso. Ambos precisávamos.

Tínhamos de começar de novo. Num sítio onde ele não tivesse de subir e descer as escadas ao colo, onde pudesse encontrar amigos que existiam fora da sua cabeça, onde eu não visse os meus próprios fantasmas em cada esquina.

Olhando novamente para a fotografia da casa, ocorreu-me que, curiosamente, tinha tudo que ver comigo e com o Jake. Que, tal como nós, era uma alienada com dificuldades de integração. Que nos iríamos dar bem. Até o nome da localidade era simpático e reconfortante.

Featherbank¹.

Soava a um lugar onde estaríamos em segurança.

¹ «Featherbank», cujo significado literal é «banco de penas», no contexto poderá ser entendido como «cama de penas», numa evocação de tranquilidade e conforto. [N. T.]

6

À semelhança de Pete Willis, a inspetora Amanda Beck tinha a perfeita noção da importância das primeiras 48 horas. Mandara a sua equipa passar as 12 horas seguintes a esquadrihar os vários caminhos que Neil Spencer poderia ter tomado, bem como a interrogar familiares e a construir um perfil do menino desaparecido. Foram solicitadas fotografias e investigados os antecedentes. Às 9 horas da manhã seguinte, foi realizada uma conferência de imprensa e facultada aos meios de comunicação social uma descrição de Neil e do que ele vestia na altura do desaparecimento.

Os pais de Neil encontravam-se sentados em silêncio, de cada lado de Amanda, enquanto ela fazia os apelos do costume e encorajava as testemunhas a chegarem-se à frente. Os flashes das máquinas fotográficas disparavam intermitentemente sobre os três. Amanda fez os possíveis para os ignorar, mas sentia os pais de Neil a registarem-nos, um a um, estremecendo ligeiramente como se os fotógrafos os estivessem a picar.

— Pedimos a todos que verifiquem as suas garagens e barracões — disse ela para a sala. Fora tudo feito com o máximo de calma e de discrição. O seu principal objetivo era, além de localizar Neil Spencer, tranquilizar o pânico das pessoas, e, embora não pudesse dizer propriamente que Neil não fora raptado, pelo menos poderia deixar bem claro qual era o foco da investigação naquele momento. — A explicação mais plausível é que o Neil tenha tido algum tipo de acidente — prosseguiu ela. — Apesar de estar desaparecido há 15 horas, temos toda a esperança de o encontrar são e salvo, e em breve. — Na verdade, não estava tão confiante disso.

Uma das primeiras coisas que Amanda fez assim que regressou à sala de operações, logo após a conferência de imprensa, foi mandar buscar, discretamente, o punhado de conhecidos agressores sexuais da região e

interrogá-los de uma forma não tão discreta.

Ao longo do dia, a área de buscas foi expandida. Dragaram-se partes do canal — uma perspectiva pouco provável — e iniciaram-se extensas inquirições porta a porta. Analisaram-se, igualmente, gravações de câmaras de videovigilância; Amanda examinou-as pessoalmente. Revelavam o início do percurso de Neil, mas perderam-lhe o rasto pouco antes de o menino ter alcançado o terreno baldio, e já não o voltaram a apanhar depois. Algures entre esses dois pontos, o menino desaparecera.

Exausta, Amanda esfregou o rosto, numa tentativa de o estimular.

Os agentes voltaram a vasculhar o terreno baldio, desta vez durante o dia, e a exploração à pedreira continuava a decorrer.

Ainda não havia sinal de Neil Spencer.

Contudo, de certa forma, o menino aparecia um pouco por toda a parte, e cada vez mais ao longo do dia: circulavam fotografias suas nos noticiários, em especial a de Neil com uma camisola de futebol e a sorrir — uma das poucas que os pais tinham dele com um ar feliz. As reportagens mostravam mapas simples com localizações-chave assinaladas com círculos vermelhos e possíveis trajetos tracejados a amarelo.

Foram também divulgadas imagens da conferência de imprensa. Ao vê-las, no seu tablet, deitada na cama, nessa noite, Amanda achou que os pais de Neil tinham um ar mais abatido do que lhe parecera na altura. Tinham um ar culpado. E se ainda não se sentiam culpados, seria por pouco tempo; iriam ser levados a isso. Durante o briefing, nessa mesma tarde, ela alertara os seus agentes, muitos deles também pais, para o facto de que, apesar de as circunstâncias em torno do desaparecimento de Neil Spencer serem controversas, os pais do rapaz deveriam ser tratados com tato. Era por demais evidente que estavam longe de serem pais exemplares, mas Amanda não suspeitava que tivessem tido qualquer envolvimento direto. O pai tinha crimes menores no cadastro — embriaguez, desacatos e uma advertência por se ter envolvido numa briga —, mas nada que levantasse quaisquer suspeitas. A mãe não tinha cadastro. Além disso, ambos pareciam absolutamente de rastos com a situação. Ainda não tinham começado a recriminar-se um ao outro, ao contrário do que seria de esperar.

Queriam apenas o filho de volta.

Amanda dormiu mal, pelo que estava de volta à esquadra bastante cedo na manhã seguinte. Com mais de 36 horas decorridas, e muito poucas de descanso, sentou-se no seu gabinete a pensar nas cinco categorias atribuídas ao desaparecimento de crianças, cada vez mais inclinada a chegar a uma conclusão desagradável. Não acreditava que Neil tivesse sido abandonado ou assassinado pelos pais; se tivesse sofrido algum acidente a caminho de casa, já teria sido encontrado; o rapto por parte de um familiar parecia-lhe pouco provável; e, embora não fosse impossível Neil ter fugido, recusava-se a acreditar que pudesse ser enganada durante tanto tempo por um menino de 6 anos sem dinheiro ou mantimentos.

Fitou a fotografia dele na parede, pensando no pior cenário.

Rapto por parte de um não familiar.

O público em geral talvez o visse como um rapto por parte de um desconhecido, mas a precisão era importante. As crianças incluídas nessa categoria raramente eram raptadas por pessoas totalmente desconhecidas. O mais habitual era estabelecer-se uma amizade — serem preparadas por alguém na periferia das suas vidas. Como tal, o foco da investigação mudara, e os elementos que haviam formado uma parte mais subtil desse último dia e meio passaram a estar em grande plano: amigos da família, familiares dos amigos, uma averiguação ainda mais atenta aos conhecidos agressores sexuais, a utilização da Internet na casa do menino.

Amanda tornou a visionar as imagens disponíveis captadas pelas câmaras de videovigilância e começou a examiná-las de diferentes ângulos mentais, concentrando-se não tanto na presa, mas nos potenciais predadores.

Os pais de Neil foram novamente interrogados.

— O vosso filho manifestou alguma preocupação relativamente a ter sido alvo de atenção indesejada por parte de outros adultos? — perguntou-lhes Amanda. — Disse alguma coisa sobre ter sido abordado por alguém?

— Não. — O pai de Neil pareceu insultado perante a ideia. — Eu teria feito alguma merda em relação a isso, não acha? E não acha que já lho teria comunicado, porra?!

Amanda esboçou um sorriso educado.

— Não — respondeu a mãe de Neil, embora num tom menos firme.

Depois de Amanda ter insistido com ela, a mulher revelou que, na verdade, se lembrava de uma coisa. Não lhe ocorrera dizer nada antes, ou mesmo quando Neil desaparecera, porque se tratava de algo tão estranho, tão disparatado — e, fosse como fosse, ela estava meio a dormir na altura, pelo que mal se recordava.

Amanda tornou a sorrir educadamente, contendo a vontade de arrancar a cabeça da mulher.

Dez minutos depois, encontrava-se no andar de cima, no gabinete do seu superior, o inspetor-chefe Colin Lyons. Não sabia se era do cansaço ou do nervosismo, mas estava constantemente a forçar-se a parar de abanar a perna.

Lyons exibia uma expressão grave. Acompanhara de perto a investigação e compreendia tão bem quanto Amanda a situação em que decerto se encontravam. Ainda assim, aquele último pormenor era algo que não lhe agradava nada ouvir.

— Isto não pode chegar aos ouvidos da comunicação social — advertiu Lyons, em voz baixa.

— Não, chefe.

— E a mãe? — Ele olhou repentinamente para Amanda, com um ar alarmado. — Pediu-lhe para ela não comentar nada disso em público? De todo?

— Sim, chefe.

Mas que merda! Claro que sim, chefe! Embora Amanda achasse que fora desnecessário. Uma parte da imprensa já revelava um tom crítico e acusatório em relação aos pais de Neil, e estes já sentiam culpa suficiente; não precisavam de ir à procura de mais.

— Ótimo — respondeu Lyons. — É que... santo Deus!

— Eu sei, chefe.

Ele recostou-se na cadeira e fechou os olhos por um breve momento, respirando fundo.

— Está familiarizada com o caso?

Amanda encolheu os olhos. Toda a gente estava familiarizada com o caso, o que não significava que o conhecessem, de facto.

— Não na sua totalidade — respondeu.

Lyons abriu os olhos e permaneceu sentado, fitando o teto.

— Nesse caso, vamos precisar de alguma ajuda — disse ele.

Amanda sentiu-se desanimar perante aquelas palavras. Por um lado, trabalhara até à exaustão durante os últimos dois dias e não lhe agradava nada ter de vir a partilhar o caso. Por outro lado, havia o fantasma que estava a ser reconhecido.

Frank Carter.

O Homem dos Sussurros.

Apaziguar o receio do público iria tornar-se bastante mais complicado a partir dali. Impossível até, se esse novo pormenor fosse divulgado. Teriam de ser extremamente cautelosos.

— Sim, chefe.

Lyons levantou o auscultador do telefone sobre a sua secretária.

Foi assim, enquanto o tempo de desaparecimento de Neil Spencer se aproximava a passos largos desse crucial período das 48 horas, que o inspetor Pete Willis se viu novamente envolvido na investigação.

7

Não que ele quisesse envolver-se.

A filosofia de Pete era relativamente simples, entranhada nele ao longo de tantos anos que se havia tornado mais implícita do que ponderada conscientemente, como uma planta com base na qual a sua vida fora construída.

O Diabo arranja forma de ocupar as mãos ociosas.

Os pensamentos negativos procuram as mentes vazias.

Por essa razão, mantinha as mãos ocupadas e a mente preenchida. A disciplina e a estrutura eram importantes para si, e, após a falta de resultados no terreno baldio, passara a maior parte das últimas 40 e tal horas a fazer exatamente o que sempre fazia.

Nessa manhã, bem cedo, estivera no ginásio da esquadra: elevações, pesos laterais, deltoides posteriores. Todos os dias trabalhava uma parte diferente do corpo. Não era por uma questão de vaidade ou de saúde, mas porque considerava o sossego e a concentração inerentes ao exercício físico uma distração reconfortante. Ao fim de três quartos de hora, ficava frequentemente surpreendido por constatar que a sua mente estivera quase sempre misericordiosamente desimpedida.

Nessa manhã, conseguira não pensar em Neil Spencer uma única vez.

Depois passara a maior parte do dia no seu gabinete, onde um sem-fim de pequenos casos amontoados sobre a secretária lhe proporcionou ampla distração. Quando era novo e impetuoso, teria provavelmente ansiado por um maior entusiasmo do que aquele proporcionado pelos crimes triviais com que lidava, mas agora apreciava a tranquilidade associada a pormenores enfadonhos. O entusiasmo era raro no trabalho de polícia, bem como negativo; regra geral, significava que a vida de alguém fora destruída. Ansiar por entusiasmo era o mesmo que desejar o mal de alguém, e Pete já

tivera o seu quinhão de ambos. Havia um certo reconforto no roubo de automóveis, no assalto a lojas, nas idas a tribunal devido a inúmeras infrações banais. Eram indícios de uma cidade a funcionar dentro da normalidade, não exatamente perfeita, mas também sem se desmoronar.

Contudo, embora não tivesse tido qualquer envolvimento na investigação do desaparecimento de Neil Spencer, era impossível evitá-la por completo. Sempre que um menino desaparece, projeta uma sombra imensa, pelo que aquele caso se tornara rapidamente o mais proeminente na divisão. Ouvia agentes a discutir a investigação nos corredores: onde poderia estar Neil; o que poderia ter-lhe acontecido; e os pais dele, claro. Esse aspeto era uma especulação mais discreta, oficialmente desencorajada, mas, ainda assim, ouvia-a em toda a parte — a irresponsabilidade de deixar um menino pequeno ir a pé sozinho para casa. Fizera-o recordar uma conversa semelhante há 20 anos, pelo que se afastara de imediato, não disposto a alimentá-la, tal como naquela altura.

Pouco antes das 17 horas, encontrava-se calmamente sentado à sua secretária, a pensar no que iria fazer à noite. Morava sozinho e raramente socializava, pelo que tinha o hábito de estudar livros de receitas, confeccionando frequentemente refeições elaboradas para depois as comer sozinho, à mesa de jantar. Depois disso, via um filme ou lia um livro.

E o ritual, claro.

A garrafa e a fotografia.

Enquanto reunia as coisas, preparando-se para se ir embora, reparou que a sua pulsação estava acelerada. Na noite anterior, o pesadelo voltara, pela primeira vez em muitos meses: Jane Carter a sussurrar-lhe «Vai ter de ser rápido» ao telefone. Contra vontade, não conseguira escapar totalmente à investigação do desaparecimento de Neil Spencer, pelo que as recordações e os pensamentos obscuros estavam um pouco mais à superfície do que desejava. Assim, não ficou inteiramente surpreendido quando, enquanto vestia o casaco, o telefone sobre a sua secretária começou a tocar. Não havia como ter a certeza absoluta, e, todavia, ele já o sabia.

A mão tremia-lhe ligeiramente ao pegar no auscultador.

— Pete — disse o inspetor-chefe Colin Lyons, no outro lado da linha —,

ainda bem que te apanho. Queria dar-te uma palavrinha rápida no meu gabinete.

As suas suspeitas confirmaram-se assim que entrou no gabinete do inspetor-chefe. Lyons não adiantara o assunto ao telefone, mas a inspetora Amanda Beck também se encontrava presente, sentada de costas para a porta, na secretária mais próxima. Ela estava a trabalhar unicamente numa investigação, pelo que só poderia haver um motivo para Pete ter sido chamado ali.

Tentou permanecer calmo, enquanto fechava a porta atrás de si. Em especial, tentou não pensar no cenário com que fora brindado quando obtivera finalmente acesso ao anexo de Frank Carter, 20 anos antes.

Lyons sorriu abertamente. Tinha um sorriso capaz de iluminar uma sala inteira.

— Obrigado por teres vindo cá acima. Senta-te.

— Obrigado. — Pete sentou-se ao lado de Beck. — Olá, Amanda.

Beck acenou com a cabeça, em jeito de cumprimento, e esboçou um breve sorriso — um equivalente de baixa potência, comparativamente com o fulgor do inspetor-chefe, que mal lhe iluminou o rosto. Pete não a conhecia muito bem. Tinha menos 20 anos do que ele, mas, nesse momento, parecia bastante mais velha do que realmente era. Estava claramente exausta — e nervosa também, pareceu-lhe. Talvez tivesse receio de que a sua autoridade pudesse ser posta em causa e que o caso lhe fosse retirado das mãos; ouvira dizer que era uma mulher ambiciosa. Quanto a isso, poderia ficar descansada. Embora Lyons fosse, provavelmente, implacável o suficiente para a retirar da investigação se assim o quisesse, jamais a entregaria a Pete.

Ele e Lyons eram relativamente da mesma idade, mas, apesar da disparidade dos cargos que exerciam, Pete entrara para a divisão um ano antes e, em certa medida, a sua carreira fora mais condecorada. Num mundo diferente, ambos estariam sentados em lados opostos da secretária nesse momento, e talvez assim devesse ter sido. Porém, Lyons fora sempre ambicioso, ao passo que Pete, ciente de que a promoção era também

sinónimo de conflito e de drama, não tinha qualquer vontade de ir mais longe na sua carreira. Isso sempre irritara Lyons, e Pete sabia-o. Quando se persegue um objetivo com a intensidade com que Lyons o fizera, existem poucas coisas mais irritantes do que alguém que o poderia ter conquistado mais facilmente e simplesmente nunca o desejou.

— Estás ao corrente da investigação do desaparecimento do Neil Spencer? — perguntou-lhe Lyons.

— Sim. Estive envolvido na busca ao terreno baldio, na primeira noite — respondeu Pete. Lyons olhou-o fixamente por alguns instantes, talvez a avaliar o facto como uma espécie de crítica. — Moro lá perto — acrescentou.

Contudo, Lyons também morava nessa zona e não passara a noite a esquadrihar as ruas. Logo depois, porém, o inspetor-chefe acenou com a cabeça. Sabia que Pete tinha os seus motivos para se interessar por quaisquer casos que envolvessem o desaparecimento de crianças.

— E estás a par dos últimos desenvolvimentos?

Estou a par da falta deles. Mas isso teria soado a uma crítica a Beck, e ela não o merecia. Do pouco que Pete vira, ela gerira bem a investigação e fizera tudo o que estava ao seu alcance. Mais concretamente, fora ela que instruíra os agentes a não criticarem os pais, o que agradara a Pete.

— Sei que o Neil ainda não foi encontrado — respondeu ele —, apesar das extensas buscas e averiguações.

— Qual é a tua teoria?

— Não tenho seguido a investigação de perto o suficiente para formular uma teoria.

— Ai, não? — Lyons parecia surpreendido. — Não disseste que participaste nas buscas na primeira noite?

— Isso foi quando pensava que ele iria ser encontrado.

— Quer dizer que achas que não vai ser encontrado?

— Não faço ideia. Espero que sim.

— Seria de esperar que tivesses acompanhado o caso, tendo em conta os teus antecedentes.

Lá estava a primeira referência, a primeira indireta.

— Talvez os meus antecedentes me levem a não o fazer.

— Sim, eu sei. Foi uma altura complicada para todos nós. — Lyons soou compreensivo, mas Pete sabia que esse assunto era mais uma fonte de ressentimento entre ambos. Fora Pete que resolvera o caso mais importante dos últimos 50 anos naquela região, e, no entanto, fora Lyons que ficara com o cargo de topo. Em vários aspetos, a investigação em relação à qual estavam com tantos rodeios era desconfortável para ambos. Lyons foi o primeiro a travar essa espiral. — E também sei que és o único com quem o Frank Carter alguma vez aceitará falar.

Pronto, lá estava.

Há muito que Pete não ouvia aquele nome dito em voz alta, pelo que talvez devesse ter-lhe provocado uma espécie de choque. Contudo, o único efeito que surtiu foi trazer à superfície a sensação que já andava a arrastar-se dentro dele. Frank Carter. O homem que raptara e assassinara cinco meninos em Featherbank, 20 anos antes. O homem que Pete acabara por capturar. O mero nome evocava um horror tal, como se jamais devesse ser proferido em voz alta, como se se tratasse de uma espécie de maldição capaz de invocar um monstro. Pior ainda era o nome com que os jornais o haviam batizado. «O Homem dos Sussurros.» A alcunha fora baseada na ideia de que Carter cativara as suas vítimas — crianças vulneráveis e negligenciadas — antes de as raptar. Falara-lhes em surdina à noite, à janela do quarto. Era uma alcunha que Pete nunca se permitira usar.

Teve de combater a vontade que sentiu de abandonar imediatamente o gabinete.

«És o único com quem o Frank Carter alguma vez aceitará falar.»

— Sim.

— Porque será? — perguntou-lhe Lyons.

— Ele gosta de me provocar.

— Com o quê?

— Com as coisas que fez naquela altura. As coisas que eu nunca descobri.

— E nunca tas revela?

— Não.

— Então para que é que te dás ao trabalho de falar com ele?

Pete hesitou. Fizera essa pergunta a si próprio inúmeras vezes ao longo dos anos. Detestava esses encontros e tinha sempre de se esforçar por reprimir os arrepios que sentia, sentado na sala de interrogatório privada, na prisão, antecipando a proximidade de Carter. A seguir a cada encontro, ficava completamente de rastos, às vezes durante semanas. Passava dias a tremer descontroladamente e noites em que era extremamente difícil resistir à tentação da bebida. À noite, encontrava-se com ele em sonhos — uma sombra maléfica e gigante que o fazia acordar aos gritos. Cada encontro com esse homem deixava-lhe uma marca.

No entanto, continuava a ir.

— Se calhar estou a contar que algum dia se descaia — respondeu cuidadosamente. — Que, sem querer, revele algo importante.

— Em relação ao local onde largou o miúdo Smith?

— Sim.

— E ao cúmplice dele?

Pete não lhe respondeu.

Pronto, lá estava de novo.

Vinte anos antes, os restos mortais de quatro dos rapazes desaparecidos tinham sido encontrados na casa de Frank Carter, mas o corpo da quinta vítima, Tony Smith, nunca fora recuperado. Não havia qualquer dúvida de que Carter fora o responsável pelos cinco homicídios, e ele próprio nunca o negara. Porém, o caso tinha uma série de incongruências. Nada que pudesse exonerar o homem: somente pequenas pontas soltas que deixaram a investigação incompleta e desordenada. Estimara-se que um dos raptos ocorrera num determinado período de tempo, mas Carter apresentara um álibi para a maior parte desse tempo, o que não impossibilitava que tivesse levado o menino, apenas relativizava ligeiramente as probabilidades de o ter feito. Além disso, havia testemunhos que, embora não fossem definitivos, descreviam um indivíduo diferente em determinadas ocasiões. As provas forenses em casa de Carter eram avassaladoras e as declarações das testemunhas revelaram-se ainda mais concretas e fidedignas, mas ficara sempre a dúvida se Carter teria agido sozinho ou não.

Pete não tinha a certeza se partilhava dessa dúvida, e fazia os possíveis para ignorar essa possibilidade. Contudo, era claramente por isso que estava ali. E, como acontecia com qualquer horror que tinha de ser encarado, era preferível trazê-lo para a luz e lidar com ele de uma vez. Decidiu ignorar a pergunta do inspetor-chefe e ir direto ao assunto:

— Posso saber do que é que se trata, chefe?

Lyons hesitou.

— Aquilo que vamos discutir não sai das quatro paredes deste gabinete, para já. Entendido?

— Com certeza.

— As imagens que obtivemos das câmaras de videovigilância sugerem que o Neil Spencer foi realmente na direção do terreno baldio, mas depois desapareceu algures por lá. Até agora, as buscas têm-se provado infrutíferas. Todas as localizações para onde o rapaz poderia ter acidentalmente deambulado foram passadas a pente fino. Não está com amigos nem com familiares. Naturalmente, somos forçados a considerar outras hipóteses. Inspetora Beck?

Sentada ao lado de Pete, Amanda Beck ganhou vida. Quando falou, soou ligeiramente defensiva.

— Considerámos, obviamente, outras hipóteses desde o início. Batemos a todas as portas. Interrogámos os suspeitos do costume. Até agora, não chegámos a lado nenhum.

Tem de haver mais alguma coisa, pensou Pete.

— Mas...? — instou.

Beck respirou fundo.

— Mas interroguei novamente os pais há uma hora. À procura de qualquer coisa que nos pudesse ter passado despercebida. Alguma espécie de pista. E a mãe dele disse-me algo. Não o tinha mencionado antes porque achava que era uma parvoíce.

— O que foi?

Porém, já sabia a resposta ao fazer a pergunta. Talvez não na sua forma exata, mas quase. No decorrer da reunião, as peças de um novo pesadelo haviam estado a juntar-se, lentamente, formando uma única imagem.

Um menino desaparecido.

Frank Carter.

Um cúmplice.

Beck acrescentou a peça que faltava.

— Há umas semanas, o Neil acordou a mãe a meio da noite. Disse-lhe que tinha visto um monstro na janela. Os cortinados estavam abertos, como se o menino tivesse estado realmente a espreitar lá para fora, para a rua, mas ela não viu nada... — Fez uma pausa. — Ele disse que o monstro lhe tinha sussurrado umas coisas.

PARTE DOIS

SETEMBRO

8

O Jake estava entusiasmado quando fomos buscar as chaves ao agente imobiliário, em Featherbank; eu sentia-me apenas ansioso, a caminho da nossa nova casa. E se a casa não fosse como a recordava das visitas? E se entrasse e a detestasse — ou, pior ainda, se o Jake a detestasse?

Tudo aquilo teria sido em vão.

— Para de dar pontapés no banco, Jake!

O bater dos pés dele atrás de mim cessou, mas recomeçou quase de imediato. Suspirei ao virar para outra rua. Na verdade, ele estava entusiasmado, o que, por si só, era uma ocorrência rara, pelo que decidi ignorá-lo. Pelo menos um de nós sentia-se contente.

O dia estava agradável, e, à parte o meu nervosismo, não havia como negar a beleza de Featherbank sob o sol do final de verão. Tratava-se de um subúrbio, e, embora ficasse a escassos oito quilómetros de um agitado centro citadino, mais parecia uma região rural. Junto ao rio, na orla sul da localidade, havia calçadas e casinhas de campo. Mais a norte, afastado de uma fileira única de lojas, havia ruas íngremes com bonitas casas de arenito e passeios ladeados de árvores, as suas copas repletas de folhas verdes e grossas. Pelo vidro aberto, entrava o cheiro a relva acabada de cortar e ouvia-se música e crianças a brincarem. O local transmitia uma sensação de paz e de tranquilidade — pachorrento e acolhedor, como uma manhã de preguiça.

Alcançámos a nossa nova rua, uma artéria residencial sossegada com um terreno imenso de um dos lados. Viam-se mais árvores junto às vedações; o sol trespassava a folhagem e banhava a relva. Tentei imaginar o Jake ali fora, a correr de um lado para o outro diante da nossa casa, a t-shirt iluminada pelo sol, e com o ar de felicidade que revelava naquele instante.

A nossa casa.

Tínhamos chegado.

Virei para o caminho de acesso. A casa estava exatamente na mesma, claro, mas o edifício em si parecia ter modos diferentes de encarar o mundo. A primeira vez que a vira, parecera-me proibitiva e assustadora — quase perigosa; na segunda ocasião, parecera-me cheia de personalidade. Agora, por um breve momento, a invulgar localização das janelas fazia-me lembrar um rosto espancado, um olho inchado sobre uma face magoada, o crânio ferido e assimétrico. Abanei a cabeça e essa imagem desapareceu. Contudo, a sensação funesta manteve-se.

— Vamos lá, então — disse eu, calmamente.

Lá fora, o dia estava queto e tranquilo. Sem uma única brisa para deslocar o ar quente, parecia que estávamos dentro de uma cápsula de silêncio. Porém, o mundo zunia baixinho quando nos aproximámos da casa, e tive a sensação de que as janelas nos observavam, ou talvez algo invisível por trás das vidraças. Rodei a chave na fechadura e abri a porta. Um ar bafiento evadiu-se para a rua. Por instantes, o odor pareceu denunciar que a casa havia estado selada durante muito mais tempo do que realmente estivera, talvez até com coisas deixadas ao sol, mas depois desapareceu, deixando somente o cheiro a lixívia dos produtos de limpeza.

Eu e o Jake percorremos a casa, a abrir portas e armários, a acender e a apagar luzes, a abrir e a fechar cortinados. Os nossos passos ecoavam no chão; de resto, o silêncio era absoluto, mas, enquanto perscrutávamos cada divisão, não consegui afastar a sensação de que não estávamos sozinhos. Parecia estar ali mais alguém, escondido, longe da nossa vista, e que, se me virasse de repente para trás, veria um rosto a espreitar a uma porta. Era uma sensação irracional e disparatada, mas presente.

O Jake também não ajudava. Estava entusiasmado, a andar rapidamente de divisão em divisão, mas, de vez em quando, via-lhe uma leve expressão de surpresa, como se esperasse encontrar algo que afinal não estava ali.

— Este é o meu quarto, papá?

O quarto que iria ser o dele ficava no primeiro andar, ligeiramente acima do alpendre, pelo que a janela era mais pequena do que as restantes, como um olho a fitar o campo por cima da face inchada.

— Sim. — Afaguei-lhe a cabeça. — Gostas? — Ele não me respondeu e eu fitei-o com algum nervosismo. Estava a olhar em redor, entretido com os seus pensamentos. — Jake?

Ele ergueu o olhar para mim.

— Isto é mesmo nosso?

— Sim — respondi. — É, sim.

Então ele abraçou-se às minhas pernas — num gesto tão inesperado que quase me fez desequilibrar. Foi como se lhe tivesse mostrado o melhor presente que ele alguma vez vira e receasse não poder ficar com ele. Agachei-me para nos podermos abraçar devidamente. O meu alívio era palpável, e, de repente, nada tinha mais importância: o meu filho sentia-se feliz por ali estar e eu havia feito algo positivo por ele. Nada mais importava. Olhei por cima do ombro dele, para a porta aberta e o patamar adiante. Apesar de ainda me parecer que havia algo ao virar da esquina, sabia que era apenas fruto da minha imaginação.

Estaríamos a salvo ali.

Seríamos felizes.

E, durante a primeira semana, assim foi.

Eu estava espedado a olhar para a estante acabada de montar, surpreendido com a minha dedicação. Nunca fora grande adepto do «faça você mesmo», mas sabia que aquilo era algo que a Rebecca queria que eu fizesse, e imaginei-a atrás de mim, naquele preciso momento, a face dela encostada às minhas costas, os braços à volta do meu peito, a sorrir. «Estás a ver? Tu és capaz.» E, embora se tratasse apenas de uma pequena vitória, era uma sensação muito rara nos últimos tempos, e agradava-me.

Só que, claro, continuava sozinho.

Comecei a encher as prateleiras.

Porque era mais uma coisa que a Rebecca teria feito, e, apesar de aquela casa nova ser sinónimo de eu e o Jake estarmos a seguir em frente com a nossa vida, queria honrar isso. «Os livros são sempre os primeiros a serem arrumados», dissera-me ela uma vez. «É o que manda a tradição.» Ler era a sua maior felicidade. Haviam sido tantos os serões felizes e acolhedores, os

dois aninhados no sofá, um de cada lado, eu a escrever no portátil o melhor que conseguia e ela absorva em romance atrás de romance. Ao longo dos anos, tínhamos acumulado centenas de livros. Comecei a desempacotá-los, encaixando cuidadosamente cada um no seu lugar.

Depois foi a vez dos meus livros. As prateleiras ao lado da minha secretária estavam reservadas para os exemplares dos meus quatro romances, juntamente com as várias traduções para línguas estrangeiras. Era um pouco exibicionista tê-los assim em exposição, mas a Rebecca sentira orgulho em mim e insistira sempre para que o fizesse. No fundo, era mais um gesto em sua homenagem — bem como os espaços vazios que deixei nas prateleiras, a postos para os romances que ainda não tinha escrito, mas que iria escrever.

Lancei um olhar circunspeto ao computador. Além de o ter ligado para verificar se a Internet já estava a funcionar, não o usara muito mais nessa última semana. Há um ano que não escrevia nada. Isso era outra coisa que iria mudar. Um novo começo, uma nova...

Crrr.

Um ruído por cima de mim, o som de um único passo. Ergui o olhar. O quarto do Jake ficava precisamente ali por cima, mas eu deixara-o na sala de estar enquanto montava os móveis e desempacotava as caixas.

Fui até à porta e olhei para o topo das escadas. Não havia ninguém no patamar. Aliás, de repente a casa parecia silenciosa e tranquila, como se não houvesse qualquer movimento. O silêncio soava-me aos ouvidos.

— Jake? — gritei lá para cima. Silêncio. — Jake?

— Sim, papá?

Quase dei um salto. A voz dele soara da sala de estar, ali ao lado. Com os olhos postos no patamar, dei um passo na direção da sala e espreitei. O Jake estava agachado no chão, de costas voltadas para mim, a desenhar algo.

— Está tudo bem? — perguntei-lhe.

— Sim. Porquê?

— Era só para saber.

Recuei e tornei a observar o patamar durante alguns segundos. O piso superior permanecia silencioso, mas o espaço continha uma estranha

sensação de potencial, como se estivesse ali alguém que eu não conseguia ver, novamente. O que era disparatado, claro, pois ninguém poderia ter entrado pela porta da rua sem eu dar conta. As casas rangiam, e era preciso tempo para nos acostumarmos aos seus ruídos, era só isso.

Ainda assim...

Subi as escadas lenta e cautelosamente, tentando não fazer barulho, a mão esquerda erguida, a postos para defletir qualquer coisa que saltasse na minha direção. Alcancei o patamar — e, claro, estava vazio. Quando entrei no quarto do Jake, constatei que também se encontrava vazio. Uma faixa do sol vespertino trespassava a janela, e pequenos remoinhos de partículas de pó pairavam no ar, imperturbáveis.

Era só uma casa antiga a ranger.

Desci as escadas, mais confiante, sentindo-me palerma, embora mais aliviado do que gostaria de admitir. Ao fundo das escadas, tive de me desviar das pilhas de correspondência pousadas nos dois últimos degraus. Era imensa coisa: os documentos habituais inerentes a uma mudança de casa, juntamente com inúmeros panfletos de serviços de takeaway locais e de publicidade não solicitada. Havia também três cartas, endereçadas a alguém chamado Dominic Barnett; as três tinham escrito «Confidencial» ou «À Atenção Exclusiva do Destinatário».

Lembrava-me de que a anterior proprietária, a Sra. Shearing, alugara a casa durante alguns anos. Impulsivamente, abri uma das cartas. Deparei-me com um relatório detalhado de uma empresa cobradora de dívidas. O coração caiu-me aos pés. Quem quer que fosse o Dominic Barnett devia à empresa mais de mil libras em pagamentos atrasados de um contrato de telemóvel. Abri as outras cartas; eram exatamente a mesma coisa: avisos de dívidas por pagar. Perscrutei os pormenores, franzindo o sobrolho. Os valores não eram elevados, mas o tom das cartas era ameaçador.

Disse para mim próprio que não era propriamente um problema sem solução — nada que meia dúzia de telefonemas não resolvesse —, mas aquela mudança era um novo começo para mim e para o Jake. Não contara com uma nova série de obstáculos a ultrapassar.

— Papá?

O Jake apareceu no *hall* de entrada, ao meu lado. Segurava a Caixa das Coisas Especiais numa mão e uma folha na outra.

— Posso ir brincar lá para cima?

Pensei no rangido que ouvira antes e, por momentos, quis responder que não. Contudo, mais uma vez, isso era um absurdo. Não havia ninguém lá em cima, e, para todos os efeitos, tratava-se do quarto dele; tinha todo o direito de lá brincar. Ainda assim, não tínhamos passado muito tempo juntos nesse dia e custava-me que fosse isolar-se no piso de cima.

— Acho que sim — respondi. — Posso ver o teu desenho primeiro?

Ele hesitou.

— Porquê?

— Porque estou interessado. Porque gostava de o ver.

Porque estou a fazer um esforço, Jake.

— É pessoal.

Era justo, e parte de mim queria respeitar isso, mas não me agradava a ideia de ele ter segredos. Aquela caixa era uma coisa, mas tinha a sensação de que, se o Jake começasse a não me mostrar os desenhos, a distância entre nós estaria claramente a aumentar.

— Jake... — comecei por dizer.

— Pronto, está bem.

Estendeu-me o desenho. Agora que me estava a ser oferecido, senti uma certa relutância em aceitá-lo.

Mas fi-lo.

O Jake nunca tivera jeito para desenhar cenas realistas simples, optando antes pelas suas complicadas batalhas, mas tentara fazê-lo naquele desenho. Era uma representação tosca, mas clara, da nossa casa vista do exterior, fazendo lembrar a fotografia original que captara a atenção dele online. Capturara bem o aspeto invulgar do edifício. Os traços curvos e infantis alongavam a casa numa forma estranha, esticando as janelas e fazendo-a assemelhar-se ainda mais a um rosto. A porta parecia revelar uma espécie de lamento.

Foi, porém, o piso superior que me chamou a atenção. Na janela da direita, desenhara-me a mim, sozinho no meu quarto. No lado esquerdo,

estava ele, no quarto dele, a janela grande o suficiente para se ver o corpo inteiro. Estava a sorrir; tinha a t-shirt e as calças de ganga que envergava naquele momento, pintadas com lápis de cor.

Ao seu lado, desenhara outra pessoa no quarto. Uma menina de cabelo preto, quase furiosamente soprado para o lado. Algumas partes do vestido dela estavam pintadas de azul, o resto fora deixado em branco.

Pequenos traços vermelhos num dos joelhos.

E um sorriso espiralado estampado no rosto.

9

Nessa noite, depois do banho do Jake, sentei-me ao lado da cama dele para podermos ler um ao outro. Ele lia muito bem, e andávamos a descobrir o *The Power of Three*, de Diana Wynne Jones. Era um dos favoritos da minha infância, e escolhera-o sem pensar. A terrível ironia do título só me ocorreu mais tarde.

Quando terminámos o capítulo dessa noite, pousei o livro ao lado dos outros.

— Abracinho? — perguntei-lhe.

Ele saiu de debaixo dos cobertores, sem dizer uma única palavra, e sentou-se nos meus joelhos, meio de lado, abraçando-me. Desfrutei daquele momento o máximo de tempo possível, até ele voltar para a cama.

— Adoro-te, Jake.

— Mesmo quando discutimos?

— Claro que sim! Em especial quando discutimos. É quando é mais importante ainda.

Isso recordou-me o desenho que lhe fizera, e que sabia que ele havia guardado. Baixei o olhar para a Caixa das Coisas Especiais, que ele pusera debaixo da cama, para que, se esticasse o braço a meio da noite, lhe pudesse tocar. Isso, por seu turno, fez-me pensar no desenho dele dessa tarde. Não se mostrara nada satisfeito por mo ter mostrado, pelo que eu não lhe fizera mais perguntas. Porém, sob a luz quente e agradável do seu quarto, pareceu-me que talvez o pudesse fazer nesse momento.

— Aquele desenho da nossa casa estava muito bom — disse-lhe.

— Obrigado, papá.

— Fiquei com curiosidade em relação a uma coisa: quem era a menina que aparece contigo à janela? — Ele mordeu o lábio e não respondeu. — Não faz mal — tranquilizei-o, carinhosamente —, podes dizer-me.

Porém, ele continuou sem me responder. Era evidente que, fosse ela quem fosse, a menina era a razão por que não me quisera mostrar o desenho, e também não queria falar sobre ela. Porque seria?

A resposta ocorreu-me um segundo depois.

— É a menina do Clube 567? — insisti.

Ele hesitou, e depois assentiu com a cabeça.

Sentei-me sobre os calcanhares, fazendo os possíveis para disfarçar a frustração que sentia. Desilusão, até. Durante aquela semana, as coisas pareceram estar a correr bem. Tínhamos andado felizes; o Jake parecia estar a adaptar-se, e eu fora cautelosamente otimista. No entanto, a amiga imaginária dele estivera sempre connosco. Esse pensamento provocou-me um ligeiro arrepio — a ideia de que a deixáramos na casa antiga e que, desde então, ela percorreria lentamente os vários quilómetros até nos encontrar.

— Continuas a conversar com ela? — perguntei-lhe.

O Jake negou com a cabeça.

— Ela não está cá — respondeu.

A julgar pela sua expressão de desânimo, era óbvio que gostaria que estivesse. Senti-me novamente desconfortável. Não era saudável aquela fixação por alguém que não existia. Por outro lado, ele parecia tão deprimido e sozinho que quase me senti culpado por o ter privado da amiga. E magoado por, como sempre, eu não ser suficiente para ele.

— Bem — disse-lhe, com cuidado. — Amanhã comesas a escola. Tenho a certeza de que irás fazer imensos amigos. E, enquanto isso, eu estou aqui. Nós estamos aqui. Casa nova, vida nova.

— É seguro aqui?

«Seguro»? Por que razão estaria a perguntar isso?

— Sim, claro que sim.

— A porta está trancada?

— Sim.

A mentira — uma mentira inofensiva — saíra-me automaticamente. A porta não estava trancada; na verdade, achava que nem sequer pusera a corrente. Porém, Featherbank era uma povoação tranquila, e, fosse como

fosse, era o início da noite e as luzes estavam todas acesas. Ninguém se atreveria a entrar.

Contudo, o Jake parecia tão assustado que, de repente, tomei consciência da distância entre nós e a porta da rua. O barulho da água do banho dele a correr.

Se alguém tivesse entrado enquanto estávamos ali em cima, eu teria ouvido?

— Não te preocupes com isso — Fiz os possíveis para soar firme. — Jamais deixaria que alguma coisa te acontecesse. Porque é que estás tão preocupado?

— Tens de fechar as portas — advertiu ele.

— Como assim?

— Tens de as manter trancadas.

— Jake...

— «Se deixares uma porta entreaberta, ouvirás os sussurros na certa.»

Senti um arrepio. O Jake tinha um ar assustado, e a frase que proferiu não era o tipo de coisa que lhe ocorresse.

— O que é que isso quer dizer? — perguntei-lhe.

— Não sei.

— Onde é que ouviste isso? — Não me respondeu. Mas depois lembrei-me de que não era necessário. — Foi a menina?

Ele assentiu com a cabeça e eu abanei a minha, confuso. O Jake não poderia ter ouvido aquela estranha rima de alguém que não existia. Talvez eu me tivesse enganado em relação ao Clube 567 e a menina existisse realmente? Talvez ele se tivesse despedido dela sem se aperceber de que ela já tinha ido para o recreio? Mas ele encontrava-se sozinho à mesa quando eu chegara. Só podia ter sido uma das outras crianças, a tentar assustá-lo. A julgar pela expressão no rosto dele, fora bem-sucedida.

— Estás completamente seguro, Jake. Prometo-te.

— Mas eu não sou o responsável pela porta!

— Pois não — respondi. — Sou eu. Por isso, não há motivo nenhum para te preocupares. Esquece o que te disseram. Presta atenção ao que eu digo. Não vou deixar que nada te aconteça. Jamais. — Ele estava a ouvir-me,

finalmente, embora não me parecesse que tivesse ficado convencido. — Prometo-te. E sabes porque é que não vou deixar que nada te aconteça? Porque te adoro. Adoro-te muito. Mesmo quando discutimos. — Essas palavras provocaram-lhe um ligeiro sorriso. — Acreditas em mim? — perguntei. Ele assentiu com a cabeça, com um ar mais tranquilo. — Ainda bem. — Despenteei-lhe o cabelo e ergui-me. — Porque é a verdade. Boa noite, querido.

— Boa noite, papá.

— Daqui a cinco minutos, venho cá acima espreitar-te.

Apaguei a luz ao sair do quarto e desci as escadas com o mínimo de ruído possível. Porém, em vez de me deixar cair no sofá, como me apetecia, detive-me diante da porta da rua.

«Se deixares uma porta entreaberta, ouvirás os sussurros na certa.»

Disparates, claro, de onde quer que tivessem vindo. Ainda assim, incomodavam-me, tal como me perturbara a ideia de a menina nos ter perseguido pelo país fora. Não me conseguia livrar da imagem dela sentada ao lado do Jake, o cabelo puxado para um dos lados e aquele sorriso estranho nos lábios, a sussurrar-lhe coisas assustadoras ao ouvido.

Pus a corrente na porta.

10

O inspetor Pete Willis passara o fim de semana a vários quilómetros de Featherbank, a percorrer os campos circundantes, arrastando um pau por entre o emaranhado da vegetação rasteira. Verificou as ribanceiras, e, de vez em quando, sempre que os campos ficavam vazios, saltava as vedações e atravessava os terrenos relvados.

Quem o visse talvez o confundisse com um caminheiro, e, para todos os efeitos, era isso mesmo que ele se considerava. Aliás, encarava aquelas expedições como caminhadas e passeios — mais uma forma de um homem de idade ocupar o tempo. Afinal de contas, já tinham decorrido 20 anos. No entanto, uma parte de si continuava focada. Em vez de interiorizar a beleza em seu redor, vasculhava constantemente o chão, à procura de fragmentos de ossos e de pedaços de tecido velho.

Calças de fato de treino azuis. Um pequeno polo preto.

Por alguma razão, eram sempre as peças de roupa que lhe ficavam na memória.

Por muito que tentasse não pensar nisso, Pete jamais esqueceria o dia em que vira o horror contido no anexo de Frank Carter. Mais tarde, quando regressara à esquadra, ainda se sentia meio atordoado, mas, ao transpor as portas de correr, ficara um pouco mais aliviado. Quatro meninos haviam sido assassinados, e, embora Carter continuasse a monte na altura, o monstro tinha finalmente um nome — um nome verdadeiro, não o nome que a imprensa lhe dera —, e quatro vítimas seria o máximo que aquele sacana reivindicaria.

Nesse momento acreditara que tudo aquilo estava a chegar ao fim.

Porém, depois deparara-se com Miranda e Alan Smith sentados na zona da receção. Conseguia vê-los ainda, claramente, na sua mente: Alan de fato, sentado muito direito, fitando o vazio, as mãos a formarem um coração

entre os joelhos; Miranda encostada ao marido, de cabeça no ombro dele, o cabelo castanho comprido a descer sobre o peito, as mãos enfiadas entre as coxas. Era final de tarde, mas ambos pareciam exaustos, como viajantes de longa distância a tentar, em vão, descansar ali sentados.

O filho deles, Tony, encontrava-se desaparecido.

E, 20 anos depois, assim continuava.

Frank Carter conseguira andar dia e meio a monte, antes de ser finalmente capturado, a carrinha dele mandada parar numa estrada rural quase a 160 quilómetros de Featherbank. Havia provas forenses de que Tony Smith estivera na traseira da carrinha dele, mas não havia sinal do corpo do rapaz. E, apesar de Carter ter confessado ter matado Tony, recusara-se a revelar onde abandonara os restos mortais do menino.

As semanas que se seguiram foram palco de buscas extensivas ao longo da miríade de possíveis percursos que Carter poderia ter tomado, todas em vão. Pete participara em várias. O número de buscas fora diminuindo ao longo do tempo, e, duas décadas mais tarde, ele era o único que continuava à procura. Até mesmo Miranda e Alan Smith tinham seguido em frente com a sua vida. Agora moravam bem longe de Featherbank. Se Tony estivesse vivo, teria 27 anos. Pete sabia que Claire, a filha de Miranda e de Alan, nascida nos tumultuosos anos que se seguiram, fizera recentemente 16 anos. Não culpava os Smith por terem feito a sua vida após o homicídio do filho, mas, na verdade, ele não conseguia esquecê-lo.

Um menino estava desaparecido.

Um menino precisava de ser encontrado e levado para casa.

De regresso a Featherbank, as casas por que passava pareciam-lhe ser confortáveis. As janelas estavam iluminadas na escuridão e ele imaginava sussurros de risadas e de conversas emanando do seu interior.

Pessoas juntas, como deveria ser.

Sentiu uma certa solidão perante essa constatação, mas o prazer encontrava-se onde o procurássemos, mesmo numa vida solitária como a dele. Árvores enormes ladeavam a estrada, as folhas perdendo-se na escuridão, exceto nos sítios onde incidiam as luzes dos candeeiros de rua,

projetando intrincadas explosões verde-amareladas que ondulavam na brisa leve. Featherbank estava tão silenciosa e tranquila que era quase impossível imaginar que, em tempos, fora palco de atrocidades horrendas, como as de Frank Carter.

Havia um panfleto afixado no candeeiro ao fundo da rua de Pete — um dos vários cartazes de «Desaparecido» que tinham sido afixados ao longo das semanas anteriores pela família de Neil Spencer. Incluía uma fotografia do menino, pormenores sobre a indumentária que ele envergava na altura do desaparecimento e um apelo para que possíveis testemunhas fornecessem informações. Tanto a imagem como o texto tinham desbotado sob o calor incessante do sol de verão, e, ao passar pelo cartaz, vieram-lhe à cabeça as flores murchas que costumavam ver-se nos locais de antigos acidentes. O menino que desaparecera começava a desaparecer uma segunda vez.

Haviam decorrido quase dois meses desde o desaparecimento de Neil Spencer, e, não obstante os recursos utilizados, bem como a alma e o coração empregues na investigação, a polícia sabia o mesmo que na noite em que ele desaparecera. Segundo lhe parecia, Amanda Beck fizera tudo corretamente. Aliás, o facto de o inspetor-chefe Lyons, um homem sempre de olho na sua própria reputação, a ter apoiado e nomeado responsável pelo caso era reflexo da sua competência. Embora, da última vez que Pete passara por Amanda no corredor, ela lhe tivesse parecido tão esgotada que ele se interrogara se não teria sido mais um castigo do que outra coisa.

Desejou poder dizer-lhe que as coisas acabariam por se tornar mais suportáveis.

Depois de ter sido chamado ao gabinete do inspetor-chefe, Pete pusera Amanda ao corrente da investigação original, mas o envolvimento dele no caso acabara por ser superficial. Experimentara a familiar sensação de temor quando fizera o pedido para visitar Frank Carter. Imaginara-se sentado em frente ao monstro, a ser tratado como um brinquedo. Como de costume, interrogara-se se iria ser capaz — se esse não seria o encontro que, finalmente, se revelaria demasiado para si.

No entanto, o seu receio fora em vão. Pela primeira vez desde que se lembrava, o seu pedido para falar com Carter fora recusado. Ao que parecia,

o chamado Homem dos Sussurros decidira permanecer em silêncio.

Pete visitara-o em diversas ocasiões e preparara-se para o fazer novamente, mas, ainda assim, fora impossível suprimir o alívio que sentira. Essa sensação surgira-lhe acompanhada de sentimentos de culpa e de vergonha, claro, mas conseguira ignorá-los. Sentar-se diante de Frank Carter era uma autêntica provação. Fazia-lhe mal à saúde. E, uma vez que a única ligação com o caso de Neil era o que a mãe do menino alegara que o filho vira e ouvira à janela do quarto, não havia motivos para pensar que o encontro fosse adiantar alguma coisa.

Alívio era, portanto, a reação correta.

De regresso a casa, atirou as chaves para cima da mesa de jantar, já a planear a refeição que iria preparar e os programas a que iria assistir na televisão, por forma a preencher as horas que faltavam até se ir deitar. No dia seguinte haveria o ginásio, a papelada e o trabalho administrativo. O dia a dia rotineiro.

Antes disso, porém, levou a cabo o ritual.

Abriu o armário da cozinha e retirou a garrafa de vodca que ali guardava, rodando-a nas mãos, tomando-lhe o peso, sentindo a espessura do vidro. Havia uma capa protetora sólida entre ele e o líquido suave no interior. Há muito que não abria uma garrafa daquelas, mas ainda recordava o clique reconfortante que ouviria se rodasse a tampa e partisse o selo.

Foi buscar a fotografia à gaveta.

Depois sentou-se à mesa de jantar, com a garrafa e a fotografia à sua frente, e fez a pergunta.

Quero mesmo fazer isto?

Ao longo dos anos, a vontade surgia e desaparecia, embora, em certa medida, estivesse sempre presente. Havia várias coisas óbvias que tinham a capacidade de a despertar, mas, noutras ocasiões, parecia surgir aleatoriamente, seguindo um dissimulado plano próprio. A garrafa costumava ser tão inanimada e impotente como um telemóvel sem carga, mas, às vezes, havia uma centelha.

Naquele momento, a vontade era mais forte do que nunca. Aliás, nos

últimos dois meses a garrafa andava a falar-lhe cada vez mais alto.

Estás simplesmente a adiar o inevitável, dizia-lhe. Porque é que te estás a martirizar?

Uma garrafa cheia — era um pormenor importante. Servir-se uma bebida de uma garrafa a meio era menos reconfortante do que partir o selo de uma nova. O conforto estava em saber que teria o suficiente.

Testou delicadamente o selo, num gesto provocador. Um pouco mais de pressão e partir-se-ia, e a garrafa estaria aberta.

Mais vale cederes.

Vais sentir-te desprezível, mas ambos sabemos que é isso que tu és.

A voz tanto podia ser cruel como simpática, tocar os acordes menores com a mesma facilidade com que tocava os acordes maiores.

És um ser desprezível. És um inútil.

Por isso, abre a garrafa.

Como acontecia tantas vezes, era a voz do pai que lhe soava na cabeça. O velhote há muito que morrera, mas, mesmo 40 anos depois, Pete ainda o via na sua mente: gordo e escarrapachado numa poltrona coçada, na sala de estar cheia de pó, um olhar de desdém estampado no rosto. Nada do que Pete fizera em criança fora, alguma vez, suficiente. «Desprezível» e «inútil» eram palavras cujo significado ele aprendera muito cedo e que ouvira frequentemente.

A idade proporcionou-lhe o entendimento de que o pai fora um homem mesquinho, desiludido com tudo na vida, e que o filho fora apenas um conveniente saco de pancada onde descarregava as suas diversas frustrações. Só que esse entendimento viera demasiado tarde. Por essa altura, a mensagem já fora interiorizada e tornara-se parte da sua mentalidade. Objetivamente, Pete sabia que não era um ser desprezível e um fracassado, mas sempre se sentira como tal. O truque, mesmo depois de explicado, continuava a ser convincente.

Pegou na fotografia de Sally. Tinha vários anos e as cores já estavam desbotadas, como se o papel tentasse apagar a imagem gravada e regressar ao seu estado original, em branco. Pareciam tão felizes os dois, os rostos encostados um ao outro. Fora tirada num dia de verão. Sally, cheia de

alegria, risonha, ao sol, e Pete de olhos semicerrados por causa da luz, a sorrir.

É isto que perdes quando bebes.

É por isso que não vale a pena.

Deixou-se ficar sentado durante alguns minutos, respirando lentamente. Depois guardou a garrafa e a fotografia, e começou a preparar o jantar. Era fácil compreender por que motivo a vontade se intensificara naquelas últimas semanas, e era um alívio o envolvimento dele não ter ido mais além. *Deixa que a vontade atinja o seu expoente máximo face aos acontecimentos recentes, pensou dele. Deixa-a desfrutar desse momento.*

E depois deixa-a morrer.

11

Nessa noite, como de costume, tive dificuldade em adormecer.

Em tempos, sempre que tinha um livro novo a sair, ia a eventos e, de vez em quando, fazia sessões de autógrafos em várias cidades. Geralmente, ia sozinho, e ficava acordado em cima da cama, em quartos de hotel desconhecidos, cheio de saudades da minha família. Sempre tive dificuldade em adormecer quando a Rebecca não estava ao meu lado.

Continuava a ser muito difícil, agora que ela jamais estaria ao meu lado. Antes, quando esticava o braço sobre o lado frio de uma cama de hotel, podia, pelo menos, imaginar que ela estava a fazer o mesmo em nossa casa — que talvez sentíssemos os fantasmas um do outro. Depois de ela ter falecido, sempre que esticava o braço na nossa cama, a única coisa que sentia era o vazio gélido dos lençóis. Talvez uma casa e uma cama nova devessem ter mudado isso, mas, na verdade, não tinham. Quando esticava o braço na casa antiga, pelo menos sabia que, em tempos, a Rebecca estivera lá deitada.

Como tal, passava muito tempo acordado, cheio de saudades dela. Ainda que a mudança tivesse sido a decisão certa, apercebia-me de uma maior distância entre mim e a Rebecca. Era terrível tê-la deixado para trás. Não conseguia parar de imaginar o espírito dela na casa antiga, a olhar pela janela, interrogando-se onde estaria a sua família.

Lembrei-me da amiga imaginária do Jake. A menina que ele desenhara. Fiz o possível para afastar essa imagem da minha mente, concentrando-me, antes, na tranquilidade de Featherbank. O mundo do outro lado dos cortinados estava silencioso e calmo; a casa, mergulhada em silêncio.

Assim, consegui acabar por adormecer, pelo menos após algum tempo.

Um vidro a partir-se.

A minha mãe a gritar.

Um homem aos berros.

— Papá!

Acordei sobressaltado do pesadelo, desorientado, ligeiramente ciente de que o Jake me chamava, e, como tal, eu precisava de reagir.

— Vou já! — gritei-lhe em resposta.

Uma sombra mexeu-se aos pés da minha cama, e o meu coração deu um salto. Sentei-me de imediato.

Santo Deus!

— És tu, Jake? — A pequena sombra saiu dos pés da cama e aproximou-se. Por momentos, não fiquei convencido de que se tratava realmente dele, mas, entretanto, ficou perto o suficiente para lhe reconhecer a forma do cabelo, apesar de não lhe ver o rosto. Estava totalmente obscurecido pela escuridão do quarto. — O que estás a fazer, filho? — O meu coração continuava a bater furiosamente, quer pelo que estava a acontecer quer pelos resquícios do pesadelo do qual despertara. — Ainda não são horas de acordar. Nem de perto nem de longe.

— Posso dormir contigo esta noite?

— O quê? — Ele nunca dormira comigo. Aliás, eu e a Rebecca fôramos sempre firmes nas poucas ocasiões em que ele o sugerira, partindo do princípio de que, caso cedêssemos uma única vez, seria o princípio do fim. — Nós não fazemos isso, Jake. Sabes bem.

— Por favor.

Reparei que a voz dele soava deliberadamente baixa, como se estivesse alguém noutra divisão — alguém que ele não queria que nos ouvisse.

— O que é que se passa? — perguntei-lhe.

— Ouvi um barulho.

— Um barulho?

— Está um monstro do lado de fora da minha janela.

Fiquei sentado em silêncio, recordando a rima que ele me dissera à hora de deitar. Mas essa era sobre uma porta. E, fosse como fosse, de modo algum haveria alguém do lado de fora da janela dele. Estávamos no primeiro andar.

— Foi um sonho, filho.

Ele abanou a cabeça na escuridão.

— Acordou-me. Fui até à janela e ouvi-o mais alto. Quis abrir os cortinados, mas tive muito medo.

Terias visto o terreno escuro do outro lado da rua, pensei. Nada mais do que isso. Mas ele soava tão sério que não lhe podia dar essa resposta.

— Bem — disse, levantando-me da cama —, vamos lá ver isso, então.

— Não vás, papá!

— Não tenho medo de monstros, Jake.

Ele seguiu-me até ao corredor, onde acendi o interruptor, no cimo das escadas. Ao entrar no quarto dele, contudo, deixei a luz apagada e aproximei-me da janela.

— E se estiver alguma coisa lá fora?

— Não está — assegurei-lhe.

— Mas e se estiver?

— Nesse caso, tratarei do assunto.

— Dás-lhe um murro na cara?

— Claro! Mas não está lá nada.

No entanto, não me sentia tão confiante como soava. Os cortinados corridos tinham um ar sinistro. Fiquei à escuta por alguns instantes, mas não ouvi nada. Era impossível estar alguém do lado de fora.

Abri os cortinados.

Nada. Somente um ângulo enviesado do caminho de acesso à casa e o jardim, a estrada vazia adiante e depois a superfície escura e cheia de sombras do terreno que se estendia para longe. O reflexo ténue do meu próprio rosto fitava o quarto. Mas não havia mais nada ali fora. O mundo inteiro parecia estar a dormir tranquilamente, ao contrário de mim.

— Estás a ver? — Fiz um esforço para soar paciente. — Não está ali ninguém.

— Mas estava.

Fechei os cortinados e ajoelhei-me no chão.

— Jake, às vezes os sonhos parecem muito reais. Mas não são. Como é que poderia estar alguém do outro lado da tua janela se estamos tão acima

do chão?

— Ele podia ter trepado pelo cano.

Comecei a responder-lhe, mas depois visualizei a parte de fora da casa. O cano ficava realmente junto à janela do quarto dele. Ocorreu-me um pensamento disparatado. Se trancamos a porta com a corrente para evitar que os monstros entrem, que outro remédio têm eles senão trepar, para entrarem de outra maneira?

Uma parvoíce.

— Não estava ninguém lá fora, Jake.

— Posso dormir contigo esta noite, papá? Por favor?

Suspirei. Era por demais evidente que ele não iria dormir ali sozinho, além de que era demasiado tarde, ou demasiado cedo, para discussões — eu já nem sabia qual. Seria mais simples ceder.

— Está bem. Mas só esta noite. E quero-te sossegado.

— Obrigado, papá. — Pegou na Caixa das Coisas Especiais e seguiu-me.
— Prometo que fico sossegadinho.

— Dizes tu. E não puxas as mantas todas para ti?

— Não.

Apaguei a luz do corredor e enfiámo-nos na cama, o Jake no lado que deveria ter sido da Rebecca.

— Papá? — disse ele. — Estavas a ter um pesadelo há pouco?

Um vidro a partir-se.

A minha mãe a gritar.

Um homem aos berros.

— Sim — respondi. — Acho que sim.

— Sobre o quê?

O sonho em si dissipara-se ligeiramente, mas não se tratava apenas de um pesadelo, era uma recordação. Eu em criança, a caminhar em direção à porta da pequena cozinha da casa onde crescera. No sonho, era tarde, e um barulho no piso de baixo acordara-me. Ficara deitado na cama, com as mantas sobre a cabeça e o coração carregado de medo, tentando fingir que estava tudo bem, apesar de saber que não. Por fim, descera silenciosamente as escadas, em bicos de pés, sem querer ver o que se estava a passar, mas,

ao mesmo tempo, sendo atraído para a situação, sentindo-me pequeno, aterrorizado e impotente.

Lembrava-me de percorrer o corredor escuro em direção à cozinha iluminada, de onde provinham as vozes. A da minha mãe soava zangada, mas baixa, como se julgasse que eu continuava a dormir e estivesse a tentar proteger-me daquilo, mas a do homem soava alta, indiferente. Falavam por cima um do outro. Eu não percebia o que nenhum deles estava a dizer; apenas percebia que era algo mau e que estava numa espécie de crescendo, acelerando em direção a algo terrível.

A entrada da cozinha.

Alcancei-a mesmo a tempo de ver o rosto vermelho do homem contorcido numa expressão de fúria e de ódio, no preciso momento em que atirava o copo de vidro à minha mãe, com toda a força; de a ver desviar-se, demasiado tarde, e de a ouvir dar um grito.

Fora a última vez que vira o meu pai.

Acontecera há muito tempo, mas, de vez em quando, a recordação continuava a assomar-me à mente, continuava a emergir da lama.

— Coisas de adultos — respondi ao Jake. — Um dia conto-te, mas foi só um sonho. Está tudo bem. Teve um final feliz.

— O que é que aconteceu no fim?

— Bem, na verdade aconteceuste tu.

— Eu?

— Sim. — Afaguei-lhe o cabelo. — E depois adormeceste.

Fechei os olhos e ficámos os dois deitados em silêncio, durante tanto tempo que calculei que ele tivesse voltado a adormecer. A certa altura, estendi o braço e pousei levemente a mão sobre as mantas que o cobriam, como que para confirmar que ele continuava ali. Os dois juntos. A minha pequena e ferida família.

— A sussurrar — disse o Jake, em surdina.

— O quê?

— A sussurrar. — A voz dele soou tão distante que pensei que já estivesse a sonhar. — Estava a sussurrar à minha janela.

12

— Vai ter de ser rápido. — No sonho, Jane Carter sussurrava ao telefone com Pete. A voz dela soava baixa e urgente, como se estivesse a dizer a coisa mais assustadora do mundo.

Mas pelo menos estava a fazê-lo. Finalmente.

Pete encontrava-se sentado à secretária, o coração batendo-lhe furiosamente no peito. Falara com a esposa de Frank Carter inúmeras vezes no decorrer da investigação. Aparecera-lhe à porta do trabalho ou dava por si a caminhar ao lado dela em passeios cheios de gente, sempre com cuidado para não serem vistos juntos algures onde o marido pudesse vir a descobrir, como se andasse a fazer tentativas dissimuladas de se tornar um espião, o que não estava assim tão longe da verdade.

Jane proporcionara um álibi ao marido. Defendera-o. Porém, Pete percebera desde o início que ela morria de medo de Frank — algo que lhe parecia ser perfeitamente justificado —, pelo que se esforçara imenso para a tentar converter, convencê-la de que seria seguro falar com ele, levá-la a corrigir o depoimento que prestara e contar a verdade sobre o marido. «Fale comigo, Jane. Garanto-lhe que o Frank jamais a magoará a si ou ao seu filho», insistira tantas vezes.

E parecia que ela estava prestes a fazê-lo. O medo fora-lhe incutido ao longo dos anos, e, mesmo ao fazer aquele telefonema, com o sacana ausente de casa, Jane apenas conseguia sussurrar. A coragem não é a ausência do medo, Pete sabia-o bem. A coragem precisa do medo. Como tal, não obstante a pontada de adrenalina que o invadiu assim que sentiu que o caso poderia resolver-se em breve, reconheceu a bravura daquele telefonema.

— Vou deixá-lo entrar — sussurrou ela —, mas vai ter de ser rápido. Não faço ideia de quanto tempo ele irá demorar.

Na verdade, Frank Carter não regressaria mais a casa. No espaço de uma

hora, esta estaria a abarrotar de polícias e de agentes forenses, e um alerta seria emitido para o localizar, a ele e à carrinha que conduzia. Mas, na altura, Pete fora rápido. Demorou apenas dez minutos, os mais longos da sua vida. Mesmo com os reforços a postos, sentiu-se sozinho e assustado quando chegou, como uma personagem num conto de fadas em que o monstro estava ausente, mas poderia regressar a qualquer instante.

Observou as mãos trémulas de Jane a destrancar a porta do anexo com a chave que roubara. A casa estava em silêncio, e Pete sentia uma espécie de sombra a pairar sobre eles.

A fechadura abriu-se.

— Para trás, por favor, os dois.

Jane Carter permaneceu imóvel no meio da cozinha, o filho escondido entre as suas pernas, enquanto Pete empurrava a porta com uma mão enluvada.

Não.

De imediato, sentiu-se o odor cálido a carne em putrefação. Apontou a lanterna para o interior — e apareceram, então, as imagens, surgindo-lhe uma a uma, numa sucessão rápida, as visões e as sensações iluminadas como que por flashes de máquinas fotográficas.

Não.

Ainda não.

Levantou a mão, apontando a luz da lanterna para as paredes. Estavam pintadas de branco, mas Carter decorara-as, desenhando toscas folhas de relva na base e borboletas de aspeto infantil a esvoaçar mais acima. Junto ao teto, via-se uma tentativa amarela distorcida de desenhar o Sol, com um rosto, os olhos pretos mortiços a fitar o chão.

Pete seguiu esse olhar, baixando finalmente o feixe de luz.

Tornou-se difícil respirar.

Procurara aquelas crianças durante três meses, e, embora tivesse antecipado um desfecho como aquele, nunca perdera totalmente a esperança. Contudo, ali estavam elas, estendidas naquela escuridão quente e fétida. Os quatro cadáveres pareciam, simultaneamente, reais e irreais. Bonecos em tamanho real que se haviam partido e permaneciam imóveis, as

roupas intactas, à exceção das t-shirts, puxadas para cima, para lhes cobrir o rosto.

Talvez o pior desse pesadelo fosse o facto de, ao longo dos anos, se ter tornado tão familiar que já não lhe perturbava o sono. Foi o alarme que o acordou na manhã seguinte.

Deixou-se ficar deitado durante alguns segundos, esforçando-se por permanecer calmo. Tentar ignorar aquela recordação era como tentar limpar a neblina. Porém, haviam sido os acontecimentos recentes a despertar os pesadelos, e acabariam por desaparecer com o tempo. Desligou o alarme.

Ginásio, pensou. Papelada. Trabalho administrativo. Rotina.

Tomou um duche, vestiu-se, arrumou o saco para o ginásio e quando, por fim, desceu para preparar o café e um pequeno-almoço ligeiro, já o sonho se dissipara e os seus pensamentos estavam mais controlados. Tratara-se de uma pequena interrupção na sua vida, nada mais. Era perfeitamente compreensível que o remexer no solo tivesse soltado alguns fantasmas dolorosos da terra, mas, em breve, também eles se dissipariam. A vontade de beber diminuiria. A vida regressaria à normalidade.

Somente quando levou o pequeno-almoço para a sala, reparou na luz vermelha a piscar no telemóvel. Uma chamada não atendida; uma mensagem de voz.

Marcou o número e ouviu a mensagem, enquanto mastigava lentamente a comida.

Forçou-se a engolir. Sentia a garganta a fechar-se.

Ao fim de dois meses, Frank Carter havia aceitado recebê-lo.

13

— Encosta-te à parede — pedi-lhe. — Ligeiramente para a direita. Não, a *minha* direita. Mais um pouco. Isso mesmo. Agora sorri.

Era o primeiro dia na escola nova do Jake, e eu estava bem mais nervoso do que ele. Quantas vezes seria necessário verificar a gaveta para ter a certeza de que a roupa estava pronta? Estaria tudo identificado? Onde é que eu pusera a mochila dele e a garrafa de água? Havia tanta coisa em que pensar, e eu queria que tudo estivesse perfeito.

— Já me posso mexer, papá?

— Espera.

Segurei o telemóvel à minha frente, o Jake encostado à única parede despida no quarto dele, envergando a farda da escola nova: calças cinzentas, camisa branca e camisola de malha azul — tudo novo, a estrear, claro, com etiquetas de identificação em todas as peças. O sorriso dele era tímido e encantador. A farda nova conferia-lhe um ar crescido, mas, simultaneamente, pequeno e vulnerável.

Toquei algumas vezes no ecrã do telemóvel.

— Já está.

— Posso ver?

— Claro que sim.

Ajoelhei-me e ele espreitou por cima do meu ombro, para ver as fotografias que eu lhe tirara.

— Fiquei bem. — Parecia admirado.

— Estás todo janota! — respondi-lhe.

E estava mesmo. Tentei desfrutar do momento, apesar de marcado por uma certa tristeza, pela ausência da Rebecca. Tal como a maioria dos pais, todos os anos tirávamos fotografias ao Jake no primeiro dia de aulas, mas eu mudara recentemente de telemóvel e só no início da semana percebera o

que isso significava: todas as minhas fotografias haviam desaparecido — perdidas para sempre.

Como se não bastasse, apesar de ainda ter o telemóvel da Rebecca com as fotografias, não tinha como lhes aceder. Fitara frustradamente o velho telemóvel dela durante um minuto, encarando a dura realidade. A Rebecca já não existia, o que significava que aquelas recordações também já não existiam.

Tentara convencer-me de que não importava, que era apenas mais uma partida cruel que o luto me estava a pregar — e algo perfeitamente insignificante, no contexto geral —, mas custara-me muito. Parecera-me mais um fracasso da minha parte.

Iremos tirar muitas mais.

— Vamos lá, filhote.

Antes de sairmos, fiz o upload das fotografias para a nuvem.

As instalações da Escola Primária Rose Terrace eram extensas e baixas, separadas da rua por um gradeamento de ferro. A zona principal era antiga e bonita: um edifício térreo com vários telhados que terminavam em bico. Viam-se as palavras «Rapazes» e «Raparigas» gravadas na pedra preta sobre as entradas separadas, embora letreiros bastante mais recentes indicassem que essa separação vitoriana era agora utilizada para delinear diferentes etapas no sistema educativo.

Eu fizera uma visita guiada antes de matricular o Jake. No interior, havia um átrio, com o chão de madeira envernizada, que servia de ponto central às salas de aula circundantes. As paredes entre as portas estavam cobertas de pequenas impressões de mãos em cores diferentes, ali deixadas por uma seleção de antigos alunos, com os anos em que haviam frequentado a escola assinalados por baixo.

Eu e o Jake parámos junto ao gradeamento.

— O que é que te parece?

— Não sei — respondeu-me.

Não o podia censurar por estar hesitante. O recreio, do outro lado do gradeamento, estava repleto de crianças, bem como de pais reunidos em

grupos. Era o primeiro dia de um novo ano letivo, mas todos ali — crianças e pais — já se conheciam dos dois anos anteriores. Eu e o Jake seríamos desconhecidos de toda a gente; só nos conhecíamos um ao outro. A antiga escola dele era maior e mais anónima. Nesta, todos pareciam tão unidos que era difícil imaginar que alguma vez deixaríamos de nos sentir forasteiros. Esperava mesmo que ele conseguisse integrar-se.

Apertei-lhe ligeiramente a mão.

— Vamos — disse-lhe. — Temos de ser corajosos.

— Eu estou bem, papá.

— Estou a falar de mim. — Disse-o como uma piada, mas com um fundo de verdade.

Faltavam cinco minutos para as portas se abrirem, e eu tinha consciência de que deveria tentar confraternizar com alguns dos pais, começar a criar os meus próprios laços. Ao invés, porém, encostei-me à parede e fiquei à espera.

O Jake permaneceu ao meu lado, mordiscando levemente o lábio. Vi as outras crianças correrem de um lado para o outro e desejei que ele fizesse um esforço para ir brincar com elas.

Deixa-o ser como é, disse para comigo.

Deveria bastar, certo?

Por fim, a porta correspondente aos primeiros e segundos anos abriu-se, e a nova professora do Jake saiu para a rua, com um sorriso. As crianças começaram a fazer fila, as mochilas a baloiçarem. Por ser o primeiro dia de aulas para toda a gente, a maioria daquelas mochilas estaria vazia, mas a do Jake não. Como sempre, insistira em trazer a Caixa das Coisas Especiais.

Entreguei-lhe a mochila e a garrafa de água.

— Vais tomar conta disso, não vais?

— Sim.

Esperava mesmo que sim. A ideia de a Caixa das Coisas Especiais se perder era quase tão insuportável para mim como seria para ele. Porém, aquela caixa era o equivalente a uma mantinha reconfortante, e, de modo algum, o Jake teria conseguido sair de casa sem ela.

Ao vê-lo a encaminhar-se para a fila de crianças, disse-lhe, em surdina:

— Adoro-te, Jake.

— Eu também te adoro, papá.

Fiquei ali a observá-lo até ele entrar, à espera de que se virasse para trás e me acenasse. Não o fez. Era bom sinal, calculei, esse desprendimento; significava que não se sentia intimidado pelo dia que tinha pela frente e que não precisava de apoio.

Desejava poder dizer o mesmo em relação a mim.

Por favor, por favor, fica bem.

— Menino novo?

— Desculpe? — Virei-me, deparando-me com uma mulher ao meu lado. Apesar de o dia já estar quente, envergava um sobretudo escuro e tinha as mãos enfiadas nos bolsos, como se estivesse à espera de uma brisa de inverno. O cabelo, pintado de preto, dava-lhe pelos ombros, e ela exibia uma expressão ligeiramente divertida. «Menino novo.» — Ah — respondi. — Refere-se ao Jake? É meu filho, sim.

— Na verdade, referia-me aos dois. Pareces preocupado. De certeza que ele vai ficar bem, a sério.

— Sim, eu sei que sim. Nem sequer olhou para trás.

— O meu deixou de fazer isso há algum tempo. Aliás, assim que chegamos ao recreio de manhã, é como se eu não existisse. Ao início custa muito, mas depois habituamo-nos. Na verdade, até é um bom sinal. — Ela encolheu os ombros. — Já agora, sou a Karen. O meu filho é o Adam.

— Tom — respondi. — Prazer em conhecer-te. Karen e Adam? Tenho de começar a memorizar os nomes novos.

Ela sorriu.

— Vai demorar algum tempo. Mas estou certa de que o Jake não terá qualquer problema. É complicado quando nos mudamos para um sítio novo, mas aqui são todos bons miúdos. O Adam só começou em meados do ano passado. É uma boa escola.

Enquanto ela se afastava em direção ao portão, repeti mentalmente os nomes: Karen. Adam. Parecera-me simpática, e, na verdade, eu tinha de fazer um esforço. Talvez, não obstante todas as provas em contrário, conseguisse tornar-me um desses adultos normais que conversam com os

outros pais no recreio.

Tirei o telemóvel do bolso e pus os fones durante o curto trajeto a pé até casa, com um novo motivo para nervosismo. Quando a Rebeca morrera, eu ia a cerca de um terço do meu novo romance, mas, enquanto alguns escritores talvez se tivessem lançado de cabeça ao trabalho, como forma de distração, eu não voltara a olhar para aquelas palavras. A ideia em que estivera a trabalhar já não fazia qualquer sentido, e desconfiava que iria acabar por abandonar esse projeto, deixando-o a apodrecer no meu disco rígido, como uma extravagância inacabada.

Então o que iria escrever?

De regresso a casa, liguei o computador, abri um documento *Word* em branco e guardei-o com o nome «más ideias». Começava sempre por aí. Reconhecer que me encontrava na fase inicial aliviava ligeiramente a pressão psicológica. Depois, como era da opinião de que fazer café não contava como procrastinação, fui à cozinha e liguei a chaleira. Encostei-me à bancada e olhei pela janela, para o jardim das traseiras.

Estava um homem lá fora.

Encontrava-se de costas voltadas para mim e parecia estar a abanar o cadeado da porta da garagem.

Mas que merda?!

Bati no vidro.

O homem deu um salto e virou-se de repente. Aparentava ter 50 e poucos anos, era baixo e corpulento, e tinha um círculo de cabelo grisalho à volta da careca. Estava elegantemente vestido, de fato e gravata, com um sobretudo cinzento e cachecol, e parecia tudo menos um potencial ladrão.

Manifestei a minha surpresa com as mãos e a expressão do rosto. Ele fitou-me por alguns instantes, ainda abalado, e depois deu meia-volta, desaparecendo em direção ao caminho de acesso à casa.

Hesitei, atarantado com o que acabara de ver. Decidi confrontá-lo e descobrir o que estivera a fazer.

Assim que alcancei a porta da rua, a campainha soou.

Abri a porta demasiado depressa e deparei-me com o homem parado no alpendre, uma expressão de arrependimento no rosto. Assim de perto, era ainda mais baixo do que me parecera através da janela.

— Peço imensa desculpa pelo incómodo. — Falou num tom formal, adequado ao fato antiquado que envergava. — Não tinha a certeza se estaria alguém em casa.

Uma boa maneira de descobrir se está alguém em casa, pensei, seria tocar à merda da campainha!

— Certo. — Cruzei os braços sobre o peito. — Em que posso ajudá-lo?

O homem mexeu-se no lugar, pouco à vontade.

— Bem, tenho de admitir que se trata de um pedido um tanto invulgar. Mas tem que ver com... esta casa. Cresci aqui, sabe? Há muitos anos, claro, mas tenho muito boas recordações deste lugar...

Calou-se.

— Certo — voltei a dizer. Fiquei à espera de que prosseguisse, mas ele limitou-se a ficar parado, com um ar expectante, como se já me tivesse dado informação suficiente e fosse algo incómodo, se não mesmo mal-educado da minha parte obrigá-lo a dizer mais. Um instante depois, caiu-me a ficha. — Ah, quer entrar e dar uma vista de olhos, é isso?

Ele acenou com a cabeça, grato.

— Sei que estou a abusar, mas gostaria imenso de o poder fazer. Esta casa tem recordações muito especiais para mim, entende?

Mais uma vez, o tom de voz dele era tão formal que quase me ri. Mas não o fiz, pois a ideia de o deixar entrar na minha casa punha-me os nervos em franja. Estava tão bem vestido e os seus maneirismos eram tão absurdamente educados que aquilo me parecia forçado. Apesar de, aparentemente, não constituir uma ameaça física, o homem tinha um ar

perigoso. Imaginei-o a esfaquear alguém com um punhal, olhando a pessoa nos olhos e lambendo os lábios.

— Infelizmente, não vai ser possível.

Os maneirismos cerimoniosos dissiparam-se de imediato e vislumbrei uma certa irritação no rosto dele. Fosse ele quem fosse, estava claramente habituado a conseguir o que queria.

— Que pena — respondeu-me. — Posso saber porquê?

— Primeiro, porque acabámos de nos mudar. Há caixas espalhadas por toda a parte.

— Compreendo. — Esboçou um leve sorriso. — Noutra altura, talvez?

— Bem, não. Porque também não estou propriamente disposto a abrir a porta da minha casa a estranhos.

— Mas que... desilusão.

— Porque é que estava a tentar entrar na minha garagem?

— Não estava a fazer tal coisa. — Deu um passo atrás, exibindo uma expressão ultrajada. — Andava à sua procura.

— O quê, dentro de uma garagem fechada a cadeado?

— Não sei o que é que pensa que viu, mas não foi nada disso. — Abanou a cabeça com tristeza. — Estou a ver que isto foi um erro lamentável. Que pena, de facto. Pode ser que venha a mudar de ideias.

— Não vai acontecer.

— Nesse caso, lamento o incómodo.

Deu meia-volta e começou a descer o caminho de acesso.

Fui atrás dele, lembrando-me das cartas que recebera.

— Sr. Barnett?

Ele hesitou, virou-se para trás e fitou-me. Estaquei. A expressão dele era completamente diferente; os seus olhos estavam vazios, e, não obstante a diferença de altura entre nós, tive a sensação de que, se ele desse um passo na minha direção, eu recuaria.

— Lamento, mas não — respondeu. — Adeus.

Continuou a andar, alcançando a rua e afastando-se sem dizer mais nada. Fui novamente atrás dele e detive-me no passeio, sem saber se haveria de o seguir rua abaixo ou não. Embora o sol estivesse quente, eu tremia

ligeiramente.

Estivera tão atarefado com a casa que ainda não espreitara a garagem. Com certeza não seria a parte mais agradável da propriedade: duas portas azuis de chapa ondulada que mal se uniam no centro; paredes brancas meio destruídas com uma janela partida de um dos lados. Havia imensa vegetação junto à base. O agente imobiliário dissera-me que havia amianto no telhado e que seria necessário a ajuda de um especialista caso decidisse demolir a garagem, embora esta aparentasse estar prestes a desmoronar-se sozinha. Parecia estar acorçada nas traseiras da casa, como um velho embriagado cambaleante, a tentar não cair para o lado.

As portas estavam fechadas com um cadeado, mas o agente imobiliário dera-me a chave. O metal raspou e riscou o piso quando destranquei e abri uma das portas. Baixei ligeiramente a cabeça e entrei.

Olhei em redor, incrédulo. Estava apinhada de tralha.

Eu partira do princípio de que, quando a Sra. Shearing esvaziara a casa, logo após a minha primeira visita, teria contratado uma empresa de mudanças para levar a mobília velha. Contudo, era evidente que se poupava a essa despesa e que o mobiliário estava todo ali, tresandando a mofo e a pó. Havia pilhas de caixas de cartão no centro, as de baixo, húmidas e a desfazer-se sob o peso das de cima, e mesas e cadeiras antigas encaixadas umas sobre as outras como peças de um puzzle de madeira e arrumadas de um dos lados. Um colchão velho estava encostado à parede do fundo, com manchas cor de chá tão extensas no tecido que mais parecia o mapa de um mundo desconhecido. Sentia-se o cheiro do grelhador coberto de fuligem, de um dos lados da porta.

Havia pilhas de folhas castanhas e secas junto às paredes. Afastei cuidadosamente com o pé uma lata de tinta que estava no canto e deparei-me com a maior aranha que alguma vez vira. A criatura mexeu-se ligeiramente, pelos vistos imperturbável com a minha presença.

Bem, pensei, olhando em redor. Obrigadinho, Sra. Shearing.

Não havia muito espaço para andar, mas avancei até às caixas e abri a de cima, sentindo o cartão mole e húmido nos meus dedos. Espreitei o interior

e vi enfeites de Natal antigos. Espirais desbotadas de fitas, penduricalhos de aspeto baço e o que pareciam ser joias.

Uma dessas joias voou diretamente para a minha cara.

— Santo Deus!

Quase perdi o equilíbrio, um pé escorregando nas folhas atrás de mim, o meu braço agitando-se no ar diante do rosto. A criatura voou para o teto, depois desceu e esvoaçou pela garagem, até alcançar a janela cinzenta e embater repetidamente contra a vidraça.

Toc, toc, toc. Delicadas colisões.

Uma borboleta, constatei. Não uma espécie que eu reconhecesse, embora tivesse de admitir que o meu conhecimento se limitava às borboletas-das-couves e às tartarugas-pequenas.

Aproximei-me devagar da janela, onde a borboleta continuava a esvoaçar contra o vidro, e observei-a por instantes até ela desistir e pousar no parapeito imundo, as asas completamente abertas. Era tão grande como a aranha atrás de mim, mas, enquanto essa era cinzenta e feia, a borboleta tinha umas cores deslumbrantes. Remoinhos amarelos e verdes desenhados nas asas, com apontamentos roxos nas extremidades. Era lindíssima.

De volta à caixa, espreitei de novo o interior e vi mais três borboletas, pousadas na fita decorativa. Não se mexiam, pelo que talvez estivessem mortas, mas, ao olhar para baixo, vi outra na parte lateral da caixa que se encontrava na base da pilha, as asas mexendo-se tão lenta e delicadamente como a respiração.

Eu não fazia ideia há quanto tempo estariam ali, ou qual seria o seu ciclo de vida, mas não parecia haver grande esperança para elas naquele lugar, a não ser para servirem de refeição à aranha. Senti uma vontade imensa de perturbar aquele ecossistema. Arrancando um quadrado húmido de cartão da caixa de cima, tentei enxotar a borboleta pousada na lateral na direção da porta, mas ela não se mexeu. Tentei enxotar a que estava no parapeito da janela, mas revelou-se igualmente teimosa. Apesar do tamanho, pareciam bastante delicadas quando examinadas de perto, como se pudessem desfazer-se ao mínimo toque. Não queria arriscar fazer-lhes mal, pelo que as deixei estar.

— Bem, meninas — atirei o cartão para o lado e limpei a mão às calças de ganga —, eu tentei.

Não valia a pena continuar mais tempo na garagem. Era o que era. Teria de adicionar a limpeza daquele espaço à minha longa lista de tarefas a realizar, mas pelo menos não era urgente.

O que haveria ali que tanto interessara ao meu visitante? Claramente, era só tralha. Agora que já decorrera algum tempo desde o encontro, interroguei-me se ele estaria a dizer a verdade, e eu tivesse entendido mal o que vira.

Lá fora, tornei a fechar o cadeado, selando as borboletas no interior. Parecia-me incrível terem sobrevivido tanto tempo lá dentro, num ambiente tão estéril e inospitaleiro. Porém, ao subir o caminho de acesso em direção a casa, pensei no Jake e em mim, e percebi que era assim mesmo.

As borboletas não tinham alternativa. É isso que os seres vivos fazem. Mesmo nas circunstâncias mais inóspitas, sobrevivem.

A divisão era pequena, mas o facto de todas as superfícies estarem pintadas de branco dava a sensação de espaço infinito. Um lugar sem paredes. Ou talvez um sítio sem espaço nem tempo. Pete sempre imaginara que, para quem estivesse a ver através das câmaras de videovigilância, deveria assemelhar-se à cena de um filme de ficção científica, com uma pessoa sentada num espaço vazio e infindável, e em que o ambiente virtual circundante ainda não fora construído.

Passou a ponta do dedo sobre o tampo de uma mesa que dividia a sala ao meio, provocando um ligeiro chiar. Estava tudo limpo, polido, esterilizado.

Depois a sala ficou novamente em silêncio.

Ele aguardou.

Quando era preciso encarar algo terrível, o melhor era fazê-lo de imediato; por mais negativo que fosse, iria acontecer de qualquer maneira, pelo que, assim, não teria de sofrer por antecipação. Frank Carter compreendia isso muito bem. Pete visitava-o pelo menos uma vez por ano desde que ele fora preso, e o homem fazia-o sempre esperar. Haveria um atraso no bloco de celas — um incidente propositado qualquer. Era uma manifestação de controlo, para deixar bem claro qual dos dois homens dominava a situação. O facto de só Pete ter a possibilidade de sair dali no final deveria ser reconfortante, mas nunca era. Não tinha nada para oferecer a Carter, além de distração e entretenimento. Apenas um deles tinha algo que o outro pretendia, e ambos sabiam perfeitamente disso.

Pelo que aguardou, como um lindo menino.

Alguns minutos mais tarde, a porta no lado oposto à mesa foi destrancada e dois guardas entraram na divisão, posicionando-se de cada lado da entrada, que permaneceu vazia. O monstro, como sempre, estava a demorar-se a chegar.

Seguiu-se o desconforto habitual, à medida que o momento se ia aproximando, o aceleração do batimento cardíaco. Pete deixara há muito de preparar perguntas para aqueles encontros, as palavras atabalhoando-se inevitavelmente na sua mente, como pássaros espantados de uma árvore. Forçou uma expressão imperturbável e tentou acalmar-se o mais possível. A parte superior do corpo doía-lhe devido à sessão de ginásio dessa manhã.

Por fim, Carter surgiu à porta.

Estava vestido com um fato-macaco azul-claro e tinha as mãos e os pés algemados. Continuava a exhibir a familiar cabeça rapada e a barbicha ruiva. Como de costume, curvou ligeiramente a cabeça ao entrar, embora não fosse necessário. Com 2 metros de altura e 108 quilos, Carter era um homem enorme, mas nunca perdia uma oportunidade de aparentar ser ainda maior.

Vinha acompanhado de mais dois guardas, que o escoltaram até à cadeira na outra extremidade da mesa. Então os quatro retiraram-se, deixando Pete sozinho com Carter. A porta a fechar-se na parte de trás da divisão pareceu-lhe um dos sons mais ensurdecedores do mundo.

Carter olhou-o fixamente, divertido.

— Bom dia, Peter.

— Frank — respondeu-lhe Pete. — Estás com bom aspeto.

— Ando a viver bem. — Carter deu uma palmada na barriga, as correntes que lhe prendiam os pulsos tinindo ligeiramente. — A viver mesmo muito bem.

Pete assentiu com a cabeça. Sempre que o visitava, ficava surpreendido por Carter aparentar não só estar a sobreviver à encarceração, mas também a desfrutar dela. Muito do seu tempo parecia ser passado no ginásio da prisão, e, embora mantivesse a mesma forma física que exhibia na altura da detenção, não havia como negar que os anos na prisão o tinham afrouxado de certa maneira. Parecia confortável. Ali sentado, com as pernas abertas e um braço roliço apoiado no braço da cadeira, mais parecia um rei escarranchado no trono, avaliando um cortesão. Era como se, fora daquelas paredes, Carter tivesse sido um animal perigoso, zangado e em guerra com o mundo, mas, ali enclausurado, com o seu estatuto de celebridade e a seita

de fãs bajuladores, tivesse finalmente encontrado um nicho no qual poderia descontraír-se.

— Também estás com bom aspeto, Peter — disse-lhe Carter. — Andas a comer bem. E vejo que continuas em forma. Como é que vai a família?

— Não faço ideia — respondeu Pete. — Como é que vai a tua?

O brilho desapareceu dos olhos de Carter. Era sempre um erro espicaçá-lo, mas, às vezes, tornava-se difícil resistir, e a mulher e o filho dele eram um alvo fácil. Pete ainda recordava a expressão no rosto do homem enquanto ouvia o testemunho de Jane Carter no tribunal, por videochamada. Decerto julgara que ela estava demasiado amedrontada e atormentada para se virar contra ele, mas Jane acabara por o fazer, deixando Pete entrar no anexo e retirando os álibis que proporcionara ao marido nos meses anteriores. A expressão de Carter naquele dia assemelhava-se à daquele momento. Por muito confortável que estivesse na prisão, o ódio que nutria pela família nunca amainara.

Inclinou-se para a frente, num gesto repentino.

— Sabes — disse —, ontem à noite tive um sonho incrível.

Pete forçou-se a esboçar um sorriso.

— Ah, sim? Caramba, Frank, não sei se quero saber o que foi.

— Queres, sim. — Carter recostou-se na cadeira, rindo-se para si próprio. — Queres mesmo. Porque o miúdo estava lá, entendes? O miúdo Smith. No início do sonho, não tenho a certeza se é realmente ele, porque aqueles sacaninhas são todos iguais, não são? Qualquer um serve. Além disso, tem a camisola puxada sobre a cara, por isso não a consigo ver como deve ser, que é como eu gosto. Mas é ele. Lembro-me do que tinha vestido, entendes?

Calças de fato de treino azul-escuras. Um pequeno polo preto.

Pete não lhe respondeu.

— E está alguém a chorar — prosseguiu Carter. — Mas não é ele. Primeiro, porque já está muito para lá da fase de chorar; isso já lá vai. De qualquer modo, o som vem algures do lado. Por isso, viro a cabeça e vejo os dois; a mãe e o pai. Viram o que eu fiz ao seu menino e estão a soluçar; tantas esperanças e sonhos que tinham, e eu dei cabo de tudo. — Franziu o sobrolho. — Como é que eles se chamam? — Mais uma vez, Pete não lhe

respondeu. — Miranda e Alan. — Carter acenou com a cabeça. — Já me recordo. Estavam no tribunal naquela vez, não estavam? Tu estavas sentado ao lado deles.

— Sim.

— Exato. A Miranda e o Alan estão a chorar e a olhar para mim. «Digam-nos onde é que ele está.» Estão a suplicar-me, entendes? O que é um pouco patético, mas faz-me pensar em ti; por isso, digo para mim mesmo: «O Peter também quer saber isso, e talvez me venha visitar em breve.» — Carter sorri do outro lado da mesa. — «Ele é meu amigo. Eu devia tentar ajudá-lo.» Então, olho à minha volta com mais atenção, para tentar perceber onde é que estou e onde é que está o miúdo. Porque nunca me consegui lembrar, pois não?

— Não.

— E depois acontece uma coisa incrível.

— Ah, sim?

— Mesmo incrível. Sabes o quê?

— Acordas — respondeu Pete.

Carter atirou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada. Juntou as mãos o melhor que conseguiu, as correntes a tinirem enquanto batia palmas. Quando parou e tornou a falar, a sua voz voltara ao volume normal e os olhos haviam recuperado o brilho familiar.

— Conheces-me demasiado bem, Peter. Exato, acordei. Que pena, não é? Parece que a Miranda e o Alan, e tu, vão continuar a chorar durante mais uns tempos.

Pete recusava-se a morder o isco.

— Viste mais alguém nesse teu sonho? — perguntou.

— Mais alguém? Como por exemplo?

— Sei lá. Estava lá mais alguém contigo? A ajudar-te, talvez.

Tratava-se de uma abordagem demasiado franca para obter uma resposta direta, mas, como de costume, observou atentamente a reação de Carter à sua pergunta. Quando o questionavam acerca de um possível cúmplice, Carter contornara sempre bem o assunto: umas vezes divertido, outras vezes entediado, mas sem nunca confirmar ou desmentir que um segundo

indivíduo pudesse ter estado envolvido nos homicídios. Dessa vez, sorriu para si próprio, mas a sua reação foi diferente do habitual. Havia mais qualquer coisa.

Ele sabe por que razão estou aqui.

— Questionei-me sobre quanto tempo demorarias a vir ter comigo — disse Carter. — Por causa do miúdo que desapareceu e tudo o mais. Admira-me que só tenhas vindo agora.

— Já tinha pedido para te ver antes. Recusaste.

— O quê?! Eu recusar ver o meu bom amigo Peter?! — Carter fingiu-se indignado. — Como se eu fizesse uma coisa dessas! O mais certo é o pedido não ter chegado até mim. Deve ter sido um erro administrativo. Isto aqui são só incompetentes.

Pete forçou um encolher os ombros.

— Tudo bem, Frank. Não és propriamente uma prioridade. Já estás na prisão há muito tempo; é óbvio que não és suspeito neste caso.

O sorriso voltou ao rosto do homem.

— Não, eu não. Mas, para ti, isto tem sempre que ver comigo, não é? Acaba sempre onde começa.

— O que é que isso quer dizer?

— Quer dizer isso mesmo. O que é que tinhas para me perguntar, afinal?

— Ainda em relação ao teu sonho, Frank: estava mais alguém contigo?

— Talvez. Mas sabes como são os sonhos. Esmorecem rapidamente. É uma pena, não é?

Pete fitou Carter durante alguns segundos, avaliando-o. Teria sido fácil para ele ter conhecimento do desaparecimento de Neil Spencer; aparecera em todos os noticiários. Mas saberia mais alguma coisa em relação a isso? Estava claramente a divertir-se, dando a impressão de que sim, mas isso não significava nada. Poderia ser apenas mais um jogo de medição de forças, mais uma forma de se fazer parecer maior e mais importante do que realmente era.

— Há muitas coisas que esmorecem — replicou Pete. — A notoriedade, por exemplo.

— Não aqui dentro.

— Mas no mundo lá fora, sim. Toda a gente já se esqueceu de ti.

— Oh, tenho a certeza de que não é bem assim.

— Não apareces nos jornais há muito tempo, sabes? És a notícia de ontem. Nem isso; este miúdo desapareceu há alguns meses, tal como dizes, e sabes quantas notícias fizeram referência a ti?

— Não faço ideia, Peter. Diz-me tu.

— Nenhuma.

— Hum... Se calhar devia começar a conceder todas aquelas entrevistas que os académicos e jornalistas me estão sempre a pedir. Talvez o faça.

Esboçou um esgar, e Pete percebeu a futilidade daquela situação. Estava a sujeitar-se àquilo em vão. Carter não sabia nada. E aquele encontro acabaria como habitualmente. Sabia bem como iria sentir-se depois — que o facto de falar com Carter o iria fazer reviver tudo. Mais tarde, o chamamento do armário da cozinha seria mais forte do que nunca.

— Sim, se calhar devias. — Levantou-se, virou costas a Carter e afastou-se. — Adeus, Frank.

— Pode ser que estejam interessados nos sussurros.

Pete deteve-se, uma mão pousada na maçaneta da porta. Um arrepio percorreu-lhe a espinha e desceu-lhe pelos braços.

«Os sussurros.»

Neil Spencer contara à mãe que um monstro tinha sussurrado à janela do seu quarto, mas esse pormenor do desaparecimento do rapaz nunca fora tornado público nem divulgado pela imprensa. Poderia, obviamente, ser Carter à pesca de algo. Só que dissera-o pomposamente, como se fosse o seu trunfo na manga.

Pete virou-se calmamente para trás.

Carter continuava reclinado na cadeira, descontraidamente, mas com uma expressão presunçosa estampada no rosto. Pusera isco suficiente no anzol para evitar que o peixe lhe fugisse. De repente, Pete teve a certeza de que a referência aos sussurros não fora nenhum palpite.

De algum modo, o sacana sabia.

Mas como?

Nesse momento, mais do que nunca, tinha de permanecer calmo. Carter

aproveitar-se-ia de qualquer urgência que detetasse em si, e Pete já tinha mais do que suficiente com que se entreter.

«Pode ser que estejam interessados nos sussurros.»

— O que é que queres dizer com isso, Frank?

— Bem, o miúdo viu um monstro à janela do quarto dele, não viu? Um monstro que estava a falar com ele. — Inclinou-se novamente para a frente. — A falar... muito... baixinho.

Pete tentou combater a frustração que sentia, mas esta começava a ferver dentro de si. Carter sabia algo, e havia um menino desaparecido. Tinham de o encontrar.

— Como é que sabes sobre os sussurros? — perguntou.

— Ah, isso querias tu saber!

— Então diz-me.

Carter sorriu, exibindo a expressão de um homem que não tinha nada a perder ou a ganhar além do sofrimento e da frustração dos outros.

— Eu digo-te — respondeu ele —, mas primeiro tens de me dar algo que eu quero.

— E o que é que tu queres?

Carter recostou-se, a expressão divertida subitamente ausente do rosto. Por um momento, os olhos ficaram inexpressivos, mas depois iluminaram-se de raiva, tão visível como duas labaredas.

— Traz-me a minha família — disse.

— A tua família?

— Aquela cabra e aquele merdas. Trá-los aqui e dá-me cinco minutos a sós com eles.

Pete fitou-o. Por instantes, sentiu-se avassalado pela raiva e pela loucura que emanavam do homem sentado do outro lado da mesa. Então Carter atirou a cabeça para trás, agitou as correntes nos pulsos e o silêncio na sala foi quebrado pelas suas contínuas gargalhadas.

— Dar-lhe cinco minutos a sós com a família? — Amanda pensou no assunto. — Seria possível fazermos tal coisa? — Mas depois viu a expressão no rosto de Pete. — Estava só a brincar.

— Eu sei.

Ele deixou-se cair na cadeira diante da secretária dela e fechou os olhos.

Amanda observou-o por instantes. Parecia-lhe esgotado e abatido, em comparação com a primeira vez que o vira. Não o conhecia bem, claro, e as interações entre ambos durante aqueles últimos dois meses não haviam sido propriamente abundantes, mas ele tinha todo o ar de ser... Bem, o quê? Um homem em controlo das suas emoções, em excelente forma física para a idade, calmo e competente. Fora perfeitamente sucinto quando a pusera ao corrente do caso antigo e até implacável e desprendido quando lhe mostrara as fotografias tiradas no interior do anexo de Frank Carter — cenas de horror que ele vira em primeira mão. Tudo muito intimidante, aliás. Fizera-a preocupar-se com a forma como ela estava a aguentar-se nesse momento, já para não falar em como lidaria com a situação se as coisas dessem para o torto.

Não há de ser o caso.

Os agentes sensatos criavam distanciamento. O inspetor-chefe Lyons fazia-o, certamente, pois era a única maneira de subir na carreira — carregando o mínimo de peso possível às costas. Antes de Neil Spencer ter desaparecido, Amanda achara que se comportaria como esses agentes, mas já não tinha tanta certeza. Julgara também, ao início, que Pete Willis era calmo e desprendido, mas olhar para ele naquele momento fê-la reavaliar essa primeira impressão. Era simplesmente um homem que conseguia manter o mundo à distância, pensou, e Frank Carter era das poucas pessoas capazes de o atingir. Não era de admirar, tendo em conta o historial entre

ambos e o facto de uma das vítimas de Carter nunca ter sido encontrada — um menino que desaparecera, efetivamente, debaixo do nariz de Pete.

Amanda olhou de relance para o ecrã do computador e viu a familiar fotografia de Neil Spencer com uma camisola do seu clube de futebol. O menino desaparecera há pouco mais de dois meses, e a ausência dele causava-lhe dor física. Por muito que tentasse não pensar no assunto, a sensação de fracasso intensificava-se a cada dia. Não conseguia imaginar quão terrível seria essa sensação dali a 20 anos. Não queria acabar como o homem que tinha sentado diante de si.

Não há de chegar a esse ponto.

— Fale-me novamente sobre a teoria do cúmplice — pediu-lhe ela.

— Há pouca coisa a dizer. — Pete abriu os olhos. — Uma testemunha relatou ter visto um homem mais velho de cabelo grisalho a falar com o Tony Smith, em nada semelhante à descrição do Carter. E depois há alguns elementos em comum em relação às janelas dos raptos.

— Pouco por onde pegar.

— Exatamente. Às vezes, as pessoas querem que as coisas sejam mais complicadas do que realmente são.

— É possível que ele tenha cometido os crimes completamente sozinho. O princípio da Navalha de Occam diz que...

— Eu sei o que diz a Navalha de Occam. — Pete passou a mão pelo cabelo. — «As suposições não devem ser multiplicadas além do necessário.» Devemos seguir a solução mais simples e que se encaixa em todos os factos.

— Exatamente.

— E é isso que fazemos aqui, não é? Apanhamos o tipo, provamos que ele é culpado e pronto. Pomos um bonito laçarote à volta da investigação, enfiamo-la no arquivo e seguimos em frente. Caso encerrado, trabalho realizado. Venha o próximo.

Amanda pensou novamente em Lyons, em subir na carreira.

— Porque é isso que temos de fazer — retorquiu.

— Mas às vezes não chega. — Pete abanou a cabeça. — Às vezes, as coisas que parecem simples revelam-se bastante mais complicadas, e o resto

acaba por passar despercebido.

— E, neste caso em concreto — disse ela —, será que esse resto inclui alguém que possa ter escapado impune?

— Quem sabe? Tentei não pensar muito nisso ao longo destes anos.

— Parece-me sensato.

— Mas agora temos o Neil Spencer. Temos os sussurros e o monstro. E temos a merda do Frank Carter ali sentadinho, que sabe algo sobre o assunto. — Ela esperou que ele prosseguisse. — E não sei o que fazer em relação a isso — continuou Pete. — O Carter não nos vai dizer nada. Já investigámos todos os amigos dele, centenas de vezes. Nenhum deles é suspeito.

Amanda refletiu sobre o assunto.

— Um imitador?

— Possivelmente. Mas o Carter não estava a deitar-se a adivinhar. Os sussurros nunca foram comunicados à imprensa, e ele tinha conhecimento deles. Não recebeu nenhuma visita além de mim. A correspondência que recebe é toda escrutinada. Então como é que ele sabe?

A frustração de Pete era, subitamente, tão palpável que Amanda ficou admirada por ele não ter dado um murro na mesa. Em vez disso, abanou novamente a cabeça e desviou o olhar. Pelo menos ganhara um novo ímpeto, pensou ela, o que era positivo. Merda para a calma! Acreditava piamente que a raiva era uma boa motivação, e às vezes era necessário algo que nos fizesse andar para a frente. Por outro lado, percebia que uma grande parte da raiva de Pete era direcionada a si próprio — culpava-se por não ter sido capaz de descobrir a verdade —, e isso não servia de nada. O sentimento de culpa era uma das emoções mais inúteis. Assim que deixamos a culpa apoderar-se de nós, essa sacana nunca mais nos larga.

— O Carter jamais iria ajudar-nos — disse-lhe ela. — Não de livre vontade.

— Não.

— E o sonho com o Tony Smith...?

Pete fez um gesto depreciativo.

— Isso é mais do mesmo. Já estou farto de ouvir coisas desse género.

Não tenho qualquer dúvida de que ele matou o Tony e sabe exatamente onde é que o deixou. Mas jamais irá dizer-nos. Não enquanto isso for algo com o qual possa intimidar-nos. Intimidar-me.

Amanda apercebeu-se, então, do quanto o contacto com Carter o afetava. No entanto, por muito difícil que fosse, ele não deixara de lá ir — sujeitara-se a todo aquele processo —, porque a sua prioridade era encontrar Tony Smith. Contudo, Carter descobrira um jogo novo, e tinham de se concentrar nisso. Apesar de compreender a angústia de Pete, Tony Smith estava morto há muito tempo, e Neil Spencer ainda poderia estar vivo.

Ainda estava vivo.

— Bem, ele agora tem algo mais com que nos intimidar — comentou Amanda. — Mas lembre-se de uma coisa: disse que o visita porque ele pode facultar-lhe informação sem querer.

— Sim.

— Bem, ele tem... Ele sabe alguma coisa, não sabe? Isso não pode ter acontecido por magia. Portanto, precisamos de descortinar como é que o descobriu. — Pete não lhe respondeu, pelo que ela pensou também no assunto. Nenhuma visita. Nenhuma correspondência. — Amigos lá dentro? — indagou.

— Às carradas.

— O que é surpreendente, de certo modo, sendo ele um assassino de crianças e tudo o mais.

— Nunca houve qualquer elemento sexual associado aos homicídios, o que o ajudou um pouco. E, em termos físicos, continua a ser um autêntico monstro. Além disso, há a questão da celebridade; toda aquela fantochada do Homem dos Sussurros. Ele tem o seu próprio reino lá dentro.

— Certo. Com quem é que se dá mais?

— Não faço a mínima ideia.

— Mas podemos descobrir, não podemos? — Amanda inclinou-se para a frente. — Talvez alguém lhe tenha facultado a informação. Alguém visitou um dos amigos dele, esse amigo contou ao Carter e depois o Carter falou consigo.

Pete ponderou a hipótese. Um instante depois, pareceu ficar irritado por

não ter pensado nisso antes.

Amanda sentiu um certo orgulho — não que precisasse de o impressionar, claro; queria apenas vê-lo motivado, ou pelo menos sem aquele ar de sofrimento tão óbvio.

— Sim — disse ele. — É uma boa ideia.

— Então trate disso... — Ela hesitou. — Não que me compita atribuir-lhe tarefas, mas seria uma forma de avançarmos com isto, não lhe parece? Se tiver tempo.

— Tenho tempo, sim — respondeu ele, detendo-se junto à porta. — Mais uma coisa — acrescentou. — A Amanda referiu que o Carter tinha deixado escapar algo; o facto de, de alguma forma, ter conhecimento dos sussurros.

— Certo.

— Mas há também a questão do *timing*. Durante dois meses, ele recusou-se a ver-me. Nunca tinha acontecido. E, de repente, muda de ideias e já me quer ver.

— Que significado poderá ter isso?

— Não sei ao certo. Mas talvez tenhamos de nos preparar para o facto de ter havido um motivo para isso.

Ela demorou alguns segundos a compreender o que ele estava a insinuar. Tornou a olhar para a fotografia de Neil Spencer, sem querer pensar nessa possibilidade.

Não há de chegar a esse ponto.

Porém, Pete tinha razão. Haviam decorrido dois meses sem que tivesse havido um único progresso ou pista na investigação. Talvez o facto de o Carter ter decidido falar com ele significasse que algo estava prestes a acontecer.

Na hora do almoço, Jake sentou-se sozinho num banco no recreio, vendo as outras crianças correrem de um lado para o outro, ruborizadas e transpiradas. Faziam bastante barulho, mas todas elas pareciam ignorá-lo por completo.

Apesar de ser um novo ano letivo, a turma dele já se conhecia há muito tempo, e, nessa manhã, tornara-se evidente que não queriam conhecer mais ninguém. O que não tinha grande importância. Jake teria preferido ficar na sala a desenhar, mas não era permitido, pelo que fora obrigado a sentar-se perto de uns arbustos, baloiçando as pernas, à espera do toque para a entrada.

«Amanhã começa a escola. Tenho a certeza de que irás fazer imensos amigos novos.» Era costume o pai não saber quão enganado estava, embora Jake pusesse a hipótese de ele talvez saber, pois a voz soara-lhe demasiado esperançosa, e, provavelmente, no fundo, ambos tinham consciência de que as coisas jamais seriam assim. A mãe ter-lhe-ia dito que não era importante e tê-lo-ia feito acreditar nisso. Porém, Jake achava que aquilo era importante para o pai, e tinha noção de que às vezes o desiludia.

A manhã correria relativamente bem, pelo menos. Tinham treinado as tabuadas de multiplicação, todas muito fáceis, o que era bom. A sala de aula tinha um sistema de semáforos afixado na parede para o mau comportamento, e o nome de todos os alunos estava, atualmente, na zona verde, na base. George, o professor auxiliar, era simpático, mas a professora Shelley, a professora da turma, parecera-lhe muito severa, e Jake não queria nada passar para o amarelo logo no primeiro dia de aulas. Não conseguia fazer amigos, mas pelo menos era capaz de se comportar. Era isso que se devia fazer na escola: obedecer, responder às perguntas e não criar problemas colocando demasiadas questões.

Pum.

Jake encolheu-se quando uma bola de futebol embateu nos arbustos ao seu lado. Memorizara os nomes de todas as crianças da turma, e fora Owen quem viera buscá-la a correr. Não tirava os olhos de Jake, levando-o a pensar que talvez tivesse sido um ato deliberado. A não ser que Owen não tivesse mesmo jeito nenhum para o futebol.

— Desculpa.

— Não faz mal.

— Sim. Eu sei que não faz mal.

Owen tirou a bola dos arbustos, sempre de olhos postos em Jake, com uma expressão furiosa, como se, por alguma razão, ele fosse o culpado, e depois afastou-se. Não fazia grande sentido. Talvez Owen fosse um palerma. Ainda assim, o melhor seria sair dali.

— Olá, Jake. — Ele olhou para o lado e viu a menina, ajoelhada junto aos arbustos. O seu coração deu um salto de alívio. Ia para se levantar, mas ela impediu-o: — Chiu! — disse-lhe, encostando o dedo aos lábios. — Não te levantes. — Ele tornou a sentar-se. Contudo, não era fácil. Apetecia-lhe dar saltos em cima do banco. Ela estava exatamente na mesma, com o mesmo vestido azul e branco, a esfoladela no joelho e o cabelo estranhamente puxado para o lado. — Deixa-te estar como estavas — instruiu-o ela. — Não quero que as outras crianças te vejam a falar comigo.

— Porquê?

— Porque eu não devia estar aqui.

— Sim, para começar, porque não tens farda.

— Esse é um dos motivos, sim — respondeu ela, pensativa. — É bom voltar a ver-te, Jake. Tive saudades tuas. Tiveste saudades minhas?

Ele acenou vigorosamente com a cabeça, mas depois forçou-se a acalmar-se. As outras crianças estavam presentes e a bola de futebol continuava a saltitar de um lado para o outro. Não queria denunciar a presença da menina. Porém, era tão bom vê-la! Na verdade, sentia-se muito sozinho na casa nova. O pai tentara brincar com ele algumas vezes, mas percebia-se que não tinha grande vontade. Brincava durante dez minutos e depois levantava-se e dizia que precisava de descansar as pernas, apesar de ser

óbvio que preferia ir fazer outra coisa qualquer. Em contrapartida, a menina brincava sempre com ele, durante o tempo que ele quisesse. Estava à espera de a ver desde que se mudara para a casa nova, mas ela nunca aparecera.

Até então.

— Já fizeste amigos novos? — perguntou-lhe ela.

— Ainda não. O Adam, o Josh e o Hassan parecem divertidos. O Owen não é lá muito simpático.

— O Owen é um merdas — respondeu-lhe ela. Jake fitou-a. — Mas há muitas pessoas assim, não há? — apressou-se ela a acrescentar. — E nem toda a gente que se faz de nosso amigo o é realmente.

— Mas tu és?

— Claro que sou!

— Vais voltar a brincar comigo?

— Gostaria muito, mas não é assim tão simples, pois não?

O coração de Jake caiu-lhe aos pés, pois sabia que não. Tinha vontade de estar sempre com a menina, mas o pai não queria que ele falasse com ela. «Eu estou aqui. Nós estamos aqui. Casa nova, vida nova», dissera ele.

Ou melhor, Jake tinha vontade de estar com a menina quando ela não tinha aquele ar tão sério, como naquele momento.

— Diz lá — pediu ela. — Diz a rima.

— Não quero.

— Diz.

— «Se deixares uma porta entreaberta, ouvirás os sussurros na certa.»

— E o resto.

Jake fechou os olhos.

— «Se brincares na rua sozinho, jamais voltarás para o teu cantinho» — prosseguiu.

— Continua.

— «Se a tua janela destrancada estiver, no vidro o ouvirás bater.»

— E...?

A palavra soou tão baixo que mais parecia um sopro de ar. Jake engoliu em seco. Não queria continuar, mas forçou-se a isso, falando tão baixo como a menina.

— «Se estiveres sozinho, triste e a chorar, o Homem dos Sussurros vir-te-á buscar.»

A campainha soou.

Jake abriu os olhos e viu as crianças do recreio paradas à sua frente, Owen e uns rapazes mais velhos, que Jake não reconhecia. Estavam a observá-lo. George também lá estava, com uma expressão preocupada. Após alguns segundos, as crianças desataram a rir-se e depois dirigiram-se para as portas principais, olhando para trás, para ele.

Jake olhou para o lado.

A menina desaparecera novamente.

— Com quem é que estavas a falar à hora do almoço?

Jake queria ignorar Owen. Deveriam estar a escrever letras juntas nos cadernos pautados, e ele queria concentrar-se nessa tarefa, pois fora o que lhe tinham mandado fazer. Pelos vistos, Owen não estava preocupado com isso; encontrava-se debruçado sobre a mesa, a fitar Jake. Este percebeu que Owen era o tipo de rapaz que não se importava de ouvir ralhetes. E também sabia que seria uma péssima ideia falar-lhe sobre a menina. O pai não queria que ele falasse com ela, mas Jake duvidava que alguma vez gozasse com ele por isso. No entanto, tinha a certeza absoluta de que Owen o faria.

Encolheu os ombros.

— Com ninguém.

— Era com alguém, sim.

— Não vi lá ninguém. Tu viste?

Owen pensou um pouco e recostou-se na cadeira.

— Essa aí — disse-lhe — era a cadeira do Neil.

— Era o quê?

— A tua cadeira, idiota. Era do Neil.

Owen parecia zangado por causa disso, embora, mais uma vez, Jake não tivesse a certeza do que fizera de errado. Nessa manhã, a professora Shelley dissera-lhes onde deveriam sentar-se. Não era que ele tivesse roubado a cadeira a Neil de propósito.

— Quem é o Neil?

— Andava cá no ano passado — respondeu Owen. — Já cá não está, porque alguém o levou. E agora estás na cadeira dele.

Era óbvio que Owen se enganara.

— No ano passado estavas na sala do primeiro ano — retorquiu Jake. — Por isso, esta cadeira nunca poderia ter sido do Neil.

— Mas seria se ele não tivesse sido levado.

— Para onde é que ele se mudou?

— Não se mudou para lado nenhum. Alguém o levou. — Jake não sabia o que pensar sobre aquilo, pois não fazia sentido: os pais de Neil tinham-no levado para outro sítio, mas ele não mudara de casa? Fitou Owen; os olhos zangados do rapaz estavam claramente repletos de um conhecimento sombrio que ansiava partilhar. — Foi levado por um homem mau — disse Owen.

— Levou-o para onde?

— Ninguém sabe. Mas agora está morto, e tu estás sentado na cadeira dele.

Uma menina chamada Tabby, que também se encontrava naquela mesa, interveio:

— Isso é feio — disse a Owen. — Tu não sabes se o Neil está morto ou não. Quando perguntei à minha mãe, ela disse-me que não se devia falar nisso.

— Está morto, sim. — Owen virou-se novamente para Jake, fazendo sinal para a cadeira. — Por isso, a seguir és tu.

Aquilo também não fazia sentido, concluiu Jake. Owen não pensara bem no que estava a dizer. Primeiro, independentemente do que acontecera a Neil, este nunca se havia sentado naquela cadeira, pelo que não podia estar amaldiçoada ou algo do género. Além disso, havia outra possibilidade bastante mais provável. Uma sobre a qual Jake não deveria falar, pelo que permaneceu em silêncio durante alguns segundos. Depois pensou no que a menina lhe dissera no recreio, e em quão sozinho se sentia, e decidiu que, se Owen podia tratá-lo assim, então ele poderia tratá-lo da mesma maneira.

— Se calhar quer dizer que vou ser o último — retorquiu.

Owen semicerrou os olhos.

— O que é que isso quer dizer?

— Se calhar o homem mau vai levar a turma toda, um a um, e todos serão substituídos por meninas e meninos novos. O que quer dizer que o Homem dos Sussurros vai levar-vos a todos antes de mim.

Tabby arquejou, chocada, e desatou a chorar.

— Fizeste chorar a Tabby — observou Owen, num tom descontraído. A professora dirigiu-se à mesa deles. — Professora Shelley, o Jake disse à Tabby que o Homem dos Sussurros vai matá-la, como matou o Neil, e ela ficou assustada.

E foi assim que Jake passou para o amarelo logo no primeiro dia de aulas. O pai iria ficar muito desiludido.

O dia correria melhor do que eu esperava.

Oitocentas palavras podiam ser uma contagem relativamente pequena, mas, para quem não escrevia nada há meses, era um começo.

Reli tudo.

«Rebecca.»

Para já, era sobre ela. Não exatamente uma história, nem sequer o início de uma história, mas o início de uma carta para ela, algo que não era nada fácil de ler. Havia tantas recordações felizes em que me inspirar, e sabia que viriam à superfície à medida que continuasse a escrever. Contudo, embora a amasse e sentisse a sua falta com uma intensidade que ia além das palavras, também não podia negar o ressentimento que me assolava, a frustração por ter ficado sozinho com o Jake, a solidão daquela cama vazia. A sensação de ter sido deixado sozinho com coisas com as quais não me sentia capaz de lidar. Nada disso era culpa dela, claro, mas o luto é um guisado com mil ingredientes, e nem todos são agradáveis. O que eu escrevera era a expressão sincera de uma pequena parte dos meus sentimentos.

As bases, portanto. Tinha, pois, uma ideia sobre o que poderia escrever. Um homem, parecido comigo, que perdera a esposa, parecida com ela. Por muito doloroso que fosse explorar isso, conseguiria fazê-lo, passando da fealdade à beleza, na esperança de alcançar, finalmente, algum tipo de resolução e aceitação. Às vezes, escrever ajuda-nos a sarar. Não sabia se seria o caso, mas era algo a tentar.

Guardei o ficheiro e fui buscar o Jake.

Quando cheguei à escola, todos os outros pais se encontravam encostados à parede, à espera, em fila. Pelos vistos, havia uma regra rigorosa implícita sobre o local onde se deveria aguardar, mas o dia fora longo e decidi não me preocupar com isso. Avistei a Karen sozinha junto ao portão e fui ter com

ela. A tarde estava ainda mais quente do que a manhã, mas ela continuava vestida como se estivesse preparada para a neve.

— Olá, de novo — cumprimentou-me. — Então, achas que ele sobreviveu?

— Calculo que me teriam contactado se não tivesse sobrevivido.

— Imagino que sim. Que tal foi o teu dia? «Dia» é como quem diz... Que tal foram as tuas seis horas de liberdade?

— Foram interessantes — respondi. — Finalmente, fui espreitar a nossa garagem nova e descobri que o antigo proprietário decidiu tirar todo o lixo da casa e guardá-lo lá.

— Ah, que aborrecido! Mas, ainda assim, esperteza a dele.

Soltei uma risada, curta. A escrita ajudara a dissipar uma parte do desconforto de ter tido aquele homem a rondar a casa, mas agora aquela sensação desagradável estava de volta.

— E também tive um estranho qualquer a bisbilhotar.

— Bom, isso é que já não é nada bom.

— Pois. Disse-me que tinha crescido ali e queria dar uma vista de olhos. Não sei se acreditei nele.

— Mas não o deixaste entrar, pois não?

— Claro que não!

— Para onde é que te mudaste?

— Para a Garholt Street.

— Fica mesmo ao lado da minha rua. — Ela acenou com a cabeça. — Não me digas que compraste a casa assustadora?

«A casa assustadora.» O coração caiu-me aos pés.

— Provavelmente. Embora prefira vê-la como uma casa com personalidade.

— Ah, claro. — Ela tornou a acenar com a cabeça. — Vi-a à venda no verão. Não é nada assustadora, obviamente, mas o Adam costumava dizer que era estranha.

— Então é o sítio indicado para mim e para o Jake.

— Decerto que isso não é verdade. — Ela sorriu e desencostou-se da parede quando a porta da escola se abriu. — Está na hora. Vão soltar as

criaturas.

A professora do Jake saiu e permaneceu junto à porta. Olhou para os pais e foi chamando, individualmente, cada criança por cima do ombro, que saíram, uma a uma, com as garrafas de água e as mochilas a baloiçarem-lhes nas costas. Professora Shelley, recordei. Tinha um ar algo implacável. Pareceu-me que o olhar dela incidiu sobre mim algumas vezes, mas desviou-se antes de eu lhe poder dizer que era o pai do Jake. Um rapaz que calculei ser o Adam veio ter connosco e a Karen afagou-lhe o cabelo.

— Correu bem o dia, miúdo?

— Sim, mãe.

— Vamos lá embora, então. — Virou-se para mim. — Até amanhã.

— Sim.

Esperei mais um pouco, até ser o único pai que restava. Por fim, a professora Shelley fez-me sinal para que me aproximasse. Dirigi-me para ela, obedientemente.

— É o pai do Jake?

— Sim.

O Jake saiu, cabisbaixo, com um ar acanhado e submisso. *Santo Deus!*, pensei. *Aconteceu alguma coisa*. Por isso é que ficáramos para o fim.

— Passa-se alguma coisa?

— Nada de preocupante — respondeu a professora. — Mas queria dar-lhe uma palavrinha. Queres contar ao teu pai o que aconteceu, Jake?

— Fui posto no quadrado amarelo, pai.

— No quê?

— Temos um sistema de semáforos na parede — explicou a professora —, para efeitos de disciplina. Devido ao comportamento dele hoje, o Jake foi o primeiro aluno a passar para o amarelo. Ou seja, não começou propriamente muito bem.

— O que é que ele fez?

— Disse à Tabby que ela ia morrer — respondeu-me o Jake.

— E ao Owen também — acrescentou a professora.

— E ao Owen também.

— Bom... — comecei por dizer. E depois, como não me ocorreu nada

mais sensato, acrescentei: — Todos nós vamos morrer.

A professora Shelley não ficou particularmente impressionada.

— Não tem piada, Sr. Kennedy.

— Eu sei.

— No ano passado, tivemos cá um menino — continuou a professora. — O Neil Spencer? Deve ter ouvido falar dele nas notícias. — O nome não me era estranho. — Ele desapareceu — disse ela.

— Ah, sim...

Veio-me, então, à memória. Algo sobre os pais terem-no deixado ir a pé para casa sozinho.

— Foi uma situação muito complicada... — A professora olhou para o Jake e hesitou. — Não é um assunto que gostemos de discutir. O Jake insinuou que essas duas crianças desapareceriam a seguir.

— Certo. E por isso... está no amarelo?

— Durante a próxima semana. Se passar para o vermelho, terá de ir ao gabinete da diretora da escola.

Baixei o olhar para o Jake, que parecia claramente infeliz. Não me agradava muito a ideia de ele ser publicamente envergonhado numa parede, mas, ao mesmo tempo, estava aborrecido com ele. Era algo terrível de se dizer. Por que razão o teria feito?

— Certo — respondi. — Bom, fico desiludido com esse comportamento, Jake. Muito desiludido. — Ele afundou ainda mais a cabeça. — A caminho de casa, falaremos melhor. — Virei-me para a professora. — Não voltará a acontecer, garanto-lhe.

— Esperemos que não. E há mais uma coisa. — Acercou-se de mim e falou em voz baixa, embora fosse mais do que óbvio que o Jake a conseguia ouvir. — O nosso professor auxiliar viu-o à hora do almoço e ficou um pouco preocupado. Disse que o Jake estava a falar sozinho.

Fechei os olhos, sentindo o meu coração a cair-me realmente aos pés. Meu Deus, isso não. Não à frente de toda a gente.

Porque é que as coisas não podiam ser simples?

Porque é que não podíamos simplesmente integrar-nos?

— Eu falo com ele — tornei a dizer.

Porém, o Jake recusou-se a falar comigo.

Tentei sacar informações dele, no caminho para casa, ao início com alguma delicadeza, mas, após repetidos momentos de silêncio, perdi um pouco a paciência. No entanto, tinha a noção de que estava errado, pois, na verdade, não estava zangado com ele. Estava aborrecido com a situação em si; irritado porque as coisas não tinham corrido tão bem como eu gostaria; desiludido porque a amiga imaginária dele havia voltado; preocupado com o que as outras crianças iriam pensar e como o iriam tratar. Acabei por me remeter igualmente ao silêncio e caminhamos lado a lado como dois estranhos.

Em casa, vasculhei a mochila dele. Pelo menos a Caixa das Coisas Especiais continuava lá. Encontrei também um livro para ele ler, que me pareceu ser demasiado básico.

— Estrago sempre tudo, não é? — disse o Jake, baixinho.

Pousei o livro. Ele estava parado junto ao sofá, cabisbaixo, parecendo mais pequeno do que nunca.

— Não — respondi-lhe. — É claro que não!

— Mas é o que tu pensas.

— Eu não penso isso, Jake. Na verdade, tenho muito orgulho em ti.

— Eu não. Odeio-me.

Ouvi-lo dizer aquelas palavras foi como levar uma facada.

— Não digas isso — apressei-me a responder, ajoelhando-me junto dele e tentando abraçá-lo. Ele não reagiu. — Nunca se diz isso.

— Posso ir desenhar? — perguntou-me de repente.

Respirei fundo, recuando ligeiramente. Queria desesperadamente conseguir comunicar com ele, mas era óbvio que isso não iria acontecer naquele momento. Poderíamos falar mais tarde. Iríamos falar mais tarde.

— Está bem.

Fui para o meu escritório e toquei no *trackpad* para rever o trabalho desse dia. «Odeio-me.» Repreendera-o por tê-lo dito, mas, se fosse sincero comigo próprio, aquelas eram palavras que eu pensara frequentemente a meu respeito ao longo daquele último ano. Sentia-o de novo naquele momento. Porque é que eu era um fracassado? Como poderia ser tão

incapaz de dizer as coisas certas e de agir corretamente? A Rebecca sempre me dissera que eu e o Jake éramos muito parecidos, pelo que era possível que esses mesmos pensamentos estivessem a passar-lhe igualmente pela cabeça. Embora fosse verdade que, mesmo quando discutíamos, continuávamos a gostar muito um do outro, não significava que gostássemos de nós próprios.

Por que motivo teria ele dito algo tão horrível na escola? Achavam que havia estado a falar sozinho — mas, claro, não era bem assim. Eu não tinha dúvida de que estivera a conversar com a menina — que ela nos encontrara finalmente —, e não fazia ideia de como proceder em relação a isso. Se ele não conseguisse fazer amigos a sério, iria sempre agarrar-se aos imaginários. E, se estes o faziam comportar-se como hoje, significava certamente que precisava de ajuda.

— Brinca comigo.

Ergui o olhar do ecrã.

Seguiu-se um momento de silêncio, em que o meu coração começou a bater com mais força.

A voz viera da sala de estar, mas não se parecia nada com a voz do Jake. Era rouca e perversa.

— Não me apetece.

Aquela sim era a voz do Jake.

Aproximei-me da porta, escutando atentamente.

— Brinca comigo, já disse!

— Não.

Embora ambas as vozes tivessem de pertencer ao meu filho, pareciam tão distintas que era fácil imaginar que estivesse mesmo outra criança na sala com ele. Porém, não soava nada como uma criança. A voz era demasiado velha e gutural. Olhei de relance para a porta da rua. Não a trancara quando chegáramos a casa e a corrente de segurança não estava posta. Seria possível que alguém tivesse entrado? Não. Eu estivera sempre na divisão ao lado. Teria ouvido.

— Sim. Vais brincar comigo, vais!

A voz soava ansiosa.

— Estás a assustar-me — respondeu o Jake.

— Eu quero assustar-te.

Ao ouvir aquilo, entrei finalmente na sala, com passos rápidos. O Jake estava ajoelhado no chão junto aos seus desenhos, fitando-me com os olhos assustados e arregalados.

Estava sozinho, mas isso não acalmou o meu batimento cardíaco. Como acontecera anteriormente, senti uma presença ali, como se alguém ou algo se tivesse escondido de imediato antes de eu chegar.

— Jake? — disse calmamente. Ele engoliu em seco, parecendo prestes a chorar. — Com quem é que estavas a falar, Jake?

— Com ninguém.

— Eu ouvi-te a falar. Estavas a fingir que eras outra pessoa. Alguém que queria brincar contigo.

— Não estava nada! — De repente, parecia mais zangado do que assustado, como se eu o tivesse desiludido por alguma razão. — Dizes sempre isso, e não é justo!

Pisquei os olhos, surpreendido, e permaneci parado, impotente, enquanto ele enfiava os papéis dentro da Caixa das Coisas Especiais. Eu não dizia sempre aquilo, ou dizia? Provavelmente, ele tinha consciência de que eu não gostava que ele falasse sozinho, que isso me incomodava, mas eu nunca o repreendera realmente por isso.

Atravessei a sala e sentei-me no sofá, ao lado dele.

— Jake...

— Vou para o meu quarto!

— Não vás, por favor. Estou preocupado contigo.

— Não, não estás. Tu não queres saber de mim.

— Isso não é verdade. — Contudo, ele já tinha passado por mim, dirigindo-se para a porta da sala. O meu instinto dizia-me para o deixar estar, para deixar que as coisas acalmassem e falar com ele mais tarde, mas, por outro lado, queria tranquilizá-lo. Esforcei-me por encontrar as palavras certas. — Pensava que gostavas da menina — disse-lhe. — Que a querias ver outra vez.

— Não era ela!

— Quem era, então?

— Era o menino no chão — respondeu, saindo para o corredor.

Fiquei sentado por instantes, incapaz de pensar em algo para dizer. O menino no chão. Recordei a voz rouca que o Jake empregara — sim, essa era, obviamente, a única explicação para o que eu ouvira. Porém, ainda assim, senti um arrepio na espinha. A voz não soara nada como a dele.

«Eu quero assustar-te.»

Baixei o olhar. Embora o Jake tivesse reunido a maior parte das suas coisas, deixara uma folha para trás e alguns lápis de cor. Amarelo, verde e roxo.

Fitei o desenho. Estivera a desenhar borboletas. Revelavam uma imprecisão infantil, mas eram, claramente, as mesmas que eu vira na garagem nessa manhã. O que era impossível, pois ele nunca fora à garagem. Estava prestes a apanhar o desenho do chão para o examinar mais de perto quando o ouvi irromper num choro.

Levantei-me e saí rapidamente para o corredor, vendo-o emergir do meu escritório a soluçar, empurrando-me e subindo as escadas.

— Jake...

— Deixa-me! Odeio-te!

Fiquei a vê-lo afastar-se, sentindo-me impotente, sem saber o que se estava a passar, sem compreender.

A porta do quarto dele fechou-se com força.

Entrei meio dormente no meu escritório.

Foi então que vi, no ecrã, as coisas terríveis que escrevera à Rebecca. Palavras sobre quão difícil era aquela situação sem ela e como uma parte de mim a culpava por me ter deixado sozinho a lidar com tudo aquilo. Palavras que o meu filho decerto acabara de ler. Fechei os olhos. Compreendia-o demasiado bem.

Pete encontrava-se sentado à mesa de jantar quando recebeu a chamada. Deveria estar a cozinhar ou a ver televisão, mas a cozinha atrás de si permanecia escura e fria, e a sala de estar, em silêncio. Ao invés, fitava a garrafa e a fotografia.

Há muito que estava assim.

O dia afetara-o sobremaneira. Ver Frank Carter provocava-lhe sempre esse efeito, mas desta vez fora bem pior do que o habitual. Não obstante ter desvalorizado a pergunta de Amanda, a descrição que Carter fizera do sonho que tivera com Tony Smith afetara Pete — aquilo era tudo menos «ossos do ofício». Na noite anterior, estava determinado a esquecer Neil Spencer, mas já não era possível. Os casos estavam relacionados. Ele estava envolvido.

Porém, que contributo poderia dar? Uma tarde inteira passada a investigar os visitantes dos amigos de Carter na prisão provara-se infrutífera, pelo menos até então, embora ainda não os tivesse investigado todos. A triste verdade era que o sacana tinha mais amigos na prisão do que Pete fora dela.

Então bebe.

És um ser desprezível. És um inútil. Fá-lo.

A vontade era mais forte do que nunca, mas iria ser capaz de a ultrapassar. Já resistira àquela voz no passado.

Contudo, a ideia de tornar a guardar e a fechar a garrafa no armário da cozinha provocava-lhe um certo desespero, como se fosse inevitável ele beber.

Levou a mão ao queixo, esfregando lentamente a pele em torno da boca, e olhou para a fotografia dele e de Sally.

Há muitos anos, num esforço para combater a autodepreciação que o atormentava, Sally encorajara-o a elaborar uma lista: duas colunas, uma

para os atributos positivos e outra para os negativos, de forma a levá-lo a reconhecer a existência de um equilíbrio. Não ajudara nada. A sensação de fracasso estava demasiado enraizada nele para ser afastada com cálculos matemáticos. Ela tentara realmente ajudá-lo, mas ele acabara sempre por recorrer à bebida.

Via isso naquela fotografia. Embora ambos parecessem felizes, os sinais estavam presentes. Os olhos de Sally completamente abertos sob a luz do Sol, a pele luminescente, ao passo que Pete parecia inseguro, como se uma parte de si estivesse relutante em deixar entrar a luz. Ele amara-a tão profundamente quanto ela o amara, mas a dádiva desse sentimento era uma linguagem cuja gramática lhe era completamente desconhecida. Acreditando não ser merecedor desse amor, fora bebendo até tal se tornar, de facto, a realidade. A distância ajudara-o a compreender tudo isso, como o fizera em relação ao seu pai. As batalhas tinham sempre mais sentido quando vistas do céu.

Demasiado tarde.

Haviam decorrido muito anos, mas interrogava-se sobre onde estaria Sally agora e o que estaria a fazer. O seu único consolo era saber que decerto estaria feliz algures e que a separação deles a salvara de uma vida com ele. A ideia de que ela estaria algures a viver a vida que sempre merecera dava-lhe algum alento.

É isto que perdes quando bebes.

É por isso que não vale a pena.

A voz tinha, obviamente, uma resposta para isso; na verdade, tinha sempre uma resposta para tudo. Se ele já perdera a coisa mais extraordinária da sua vida, porquê sujeitar-se àquele tormento?

O que é que importava?

Fitou a garrafa. Sentiu o telemóvel a vibrar junto à anca.

«Para ti, isto tem sempre que ver comigo, não é? Acaba sempre onde começa.»

As palavras de Frank Carter vieram-lhe à cabeça enquanto apontava o feixe de luz da lanterna sobre o chão do terreno baldio, caminhando lenta e

cautelosamente em direção à escuridão imensa. A náusea e o mau pressentimento que lhe assolavam o peito equiparavam-se à sua sensação de fracasso. A certeza da situação. As palavras de Carter haviam-lhe parecido casuais e insignificantes na altura, mas ele já deveria saber como era. Nada do que Carter dizia ou fazia era desprovido de significado. Deveria ter reconhecido a revelação subtil de uma mensagem, com o intuito deliberado de ser compreendida somente em retrospectiva.

Viu a tenda e os holofotes mais adiante, as silhuetas dos agentes a deslocarem-se cautelosamente em redor. A sensação de náusea intensificou-se e Pete quase tropeçou. *Um pé à frente do outro*, pensou. Dois meses antes, estivera naquele mesmo lugar à procura de um menino que desaparecera. Agora, estava ali porque um menino fora encontrado.

Recordou essa noite de julho, em que o jantar ficara a arrefecer sobre a mesa, onde, momentos antes, deixara a garrafa. Se se deparasse com o que esperava, abri-la-ia assim que chegasse a casa.

Alcançou a tenda e desligou a lanterna, pois o seu feixe era insignificante sob a intensidade dos holofotes posicionados em redor. Tendo em conta o que se encontrava no centro, havia demasiada luz. Pete ainda não se sentia preparado. Desviando o olhar, vislumbrou o inspetor-chefe Lyons parado ao lado da tenda, a fitá-lo, com uma expressão completamente vazia. Por instantes, pareceu-lhe detetar um certo desdém — «Deverias ter evitado isto» —, pelo que tornou a desviar rapidamente o olhar, incidindo-o no televisor com o ecrã esburacado. Só decorridos alguns segundos reparou que Amanda estava ao seu lado.

— Foi daqui que ele foi levado — observou Pete.

— Não temos a certeza. — Ela desviou o olhar para a escuridão. A claridade e o frenesi diante deles enfatizavam o negrume do terreno baldio que os rodeava. — Acaba sempre onde começa — comentou Amanda. — Foi isso que o Carter lhe disse, não foi?

— Sim. Eu deveria ter percebido.

— Também eu. A culpa não é sua.

— Então também não é sua.

— Talvez. — Ela esboçou um sorriso triste. — Mas está com cara de

quem precisa de o ouvir mais do que eu.

Pete tinha noção de que tal não era verdade. Amanda estava pálida, com um ar adoentado. Ao longo das últimas semanas, vira quão eficiente e capaz ela era, e calculara que fosse igualmente ambiciosa — talvez tivesse imaginado que um caso como aquele poderia ajudar a sua carreira, sem compreender muito bem o que mais poderia causar-lhe. Sentia uma estranha afinidade para com ela. Encontrar os meninos mortos em casa de Carter afetara-o durante imenso tempo. Sabia que Amanda trabalhara — e rezara — tanto quanto ele 20 anos antes, e, nesse momento, fossem quais fossem as suas expetativas, estaria certamente a sentir tudo aquilo como uma ferida aberta.

Não se tratava, contudo, de uma afinidade que pudesse ser proferida em voz alta. Era um caminho solitário. Ou se conseguia aguentar, ou não.

Amanda exalou lentamente.

— O sacana *sabia* — observou. — Não sabia?

— Sim.

— A questão agora é: como é que ele sabia?

— Ainda não tenho a certeza. Ainda não descobri nada nesse sentido. Mas tenho uma longa lista de amigos presidiários para investigar.

Ela hesitou.

— Quer ver o corpo?

Bebes quando chegares a casa.

Eu deixo.

— Sim — respondeu ele.

Entraram na tenda, onde o menino se encontrava, de pernas e braços esticados junto ao velho televisor. A mochila estilo militar estava no chão, ao seu lado. Pete esforçou-se para interiorizar os pormenores com o máximo de distanciamento possível. A roupa, obviamente: as calças de fato de treino azuis, a t-shirt branca, puxada sobre o rosto, virando o desenho da frente do avesso.

— Este pormenor nunca foi tornado público — comentou. Mais uma ligação a Carter. — Não há sangue. — Espreitou em redor do cadáver. — Pelo menos, não o suficiente; não para esta quantidade de ferimentos. Ele

foi morto noutro local.

— Parece que sim.

— Essa é uma diferença entre este tipo novo e o Carter. O Carter matou aquelas crianças onde as encontrou e levou-as para casa. Nunca tentou livrar-se dos restos mortais.

— À exceção do Tony Smith — observou Amanda.

— Isso teve que ver com as circunstâncias. Além de que isto é um local público. — Com um gesto, indicou o espaço envolvente. — Quem fez isto queria que o corpo fosse encontrado. E não num sítio qualquer; no sítio onde tudo começou, tal como o Carter me disse. — *Bebes quando chegares a casa.* — A roupa é a que ele estava a usar quando desapareceu. Tirando os ferimentos, parece ter sido relativamente bem tratado. Não está visivelmente malnutrido.

— Mais uma diferença em relação ao Carter — comentou Amanda.

— Sim. — Pete fechou os olhos, tentando raciocinar. Neil Spencer estivera preso algures durante dois meses, antes de ter sido assassinado. Fora bem tratado. Depois algo mudara. Mais tarde, fora levado de volta para o local de onde fora raptado. *Como se fosse um presente, pensou. Um presente que alguém recebera e depois decidira que já não queria.* — A mochila. — Abriu os olhos. — A garrafa de água está lá dentro?

— Sim. Eu mostro-lhe.

Seguiu Amanda, desviando-se do corpo do menino. Ela abriu a mochila com a mão enluvada e ele espreitou o interior. Viu a garrafa de água, meio cheia. E algo mais. Um coelho azul — um brinquedo para dormir. Isso nunca constara da lista.

— Já tinha isto com ele?

— Estamos a tentar descobrir junto dos pais — respondeu Amanda. — Mas sim, julgo que levara isto com ele; os pais é que não tinham conhecimento.

Pete acenou lentamente com a cabeça. Já sabia tudo a respeito de Neil Spencer. O menino era indisciplinado na escola. Agressivo. Demasiado maduro e rijo para a idade, como acontece às pessoas a quem a vida maltrata.

Porém, sob tudo isso, continuava a ter apenas 6 anos.

Forçou-se a olhar para o corpo do menino, ignorando os sentimentos que aquela visão lhe provocava ou as recordações que estimulava. Poderia beber quando chegasse a casa.

Vamos apanhar a pessoa que te fez isto.

Deu meia-volta e afastou-se, acendendo a lanterna ao penetrar na escuridão para lá dos holofotes.

— Vou precisar de si, Pete — disse Amanda.

— Eu sei. — Mas ele estava a pensar na garrafa sobre a mesa de jantar e a tentar não desatar a correr. — E pode contar comigo.

O homem tremia na escuridão.

Por cima dele, o céu negro-azulado estava limpo e salpicado de estrelas, a noite num contraste frio e duro com o calor do dia que havia ficado para trás. Porém, não era a temperatura que o fazia tremer. Embora se recusasse a pensar no que fizera nessa tarde, o impacto das suas ações permanecia com ele, apenas longe da vista, soterrado sob a pele.

Nunca antes matara.

Até então, imaginara-se preparado para o fazer, e a raiva e o ódio que sentira no momento tinham-no sustentado durante todo o processo. Contudo, o ato em si deixara-o algo desorientado, sem saber muito bem o que sentir.

Nessa noite, rira e chorara. Tremera de vergonha e de ódio de si mesmo, mas também se baloiçara no chão da casa de banho, num estado de exaltação confusa. Era impossível de descrever. O que, na verdade, até fazia sentido. Abrira uma porta que jamais poderia ser fechada e experimentara algo que poucas pessoas no planeta alguma vez tinham experimentado ou iriam experienciar. Não havia qualquer preparação ou guia para a viagem na qual embarcara, nenhum mapa que mostrasse o percurso a tomar. O ato de matar deixara-o à deriva num mar de emoções totalmente inexplorado.

Respirou calmamente o ar frio da noite, o corpo ainda a vibrar. Ali, estava tudo tão silencioso que conseguia ouvir o soprar do vento, como se o mundo murmurasse segredos enquanto dormia. As luzes dos candeeiros brilhavam à distância, mas ele estava tão longe, e tão imóvel, que poderia passar uma pessoa a poucos metros dele sem dar pela sua presença. Ele, no entanto, vê-la-ia — ou pelo menos pressenti-la-ia. Sentia-se em sintonia com o mundo. E, nesse momento, nessas primeiras horas da madrugada, sabia que estava totalmente sozinho.

À espera.

Completamente arrepiado.

Era-lhe difícil recapitular quão furioso se sentira nessa tarde. Na altura, a raiva consumira-o, acendendo-se dentro do peito, até todo o corpo se render à sua força, como uma marioneta. A luz ofuscante dentro da sua cabeça fora tão intensa que talvez não se viesse a recordar do que fizera, mesmo se se esforçasse para tal. Era como se tivesse saído do seu corpo durante algum tempo, permitindo que algo mais emergisse. Se fosse um homem religioso, imaginar-se-ia possuído por uma força exterior qualquer. Porém, não era religioso, e sabia que o que se apoderara dele durante aqueles terríveis minutos viera de dentro de si.

Entretanto, desaparecera — ou pelo menos retornara à cave de onde viera. O que, na altura, lhe parecera certo provocava-lhe agora pouco mais do que uma sensação de culpa e de fracasso. Encontrara em Neil Spencer uma criança perturbada que precisava de ser resgatada e cuidada, e acreditara ser a pessoa indicada para o fazer. Iria ajudar e alimentar Neil. Dar-lhe um lar. Cuidar dele.

Nunca fora sua intenção fazer-lhe mal.

E, durante dois meses, conseguira. Sentira uma paz imensa. A presença do menino e o seu aparente contentamento haviam sido um consolo para ele. Pela primeira vez desde que se lembrava, o seu mundo parecera-lhe não só possível como correto, como se uma infeção antiga dentro de si tivesse finalmente começado a sarar.

Porém, claro, fora tudo uma ilusão.

Afinal, Neil mentira-lhe, na tentativa de ganhar tempo, fingindo estar feliz. Por fim, o homem fora obrigado a aceitar que o brilho de bondade que imaginara ver no olhar do menino nunca fora verdadeiro: apenas embuste e engano. Fora demasiado ingénuo e crédulo desde o início. Neil Spencer não passara de uma cobra disfarçada de menino, e merecera exatamente o que lhe acontecera nesse dia.

O coração do homem batia furiosamente.

Abanou a cabeça e forçou-se a acalmar-se, até voltar a respirar tranquilamente, afastando aqueles pensamentos da mente. O que acontecera

nesse dia era abominável. Se, juntamente com todas as outras emoções, lhe trouxesse, igualmente, uma sensação estranha de harmonia e satisfação, seria terrível e errado e deveria ser combatido. Ao invés, precisava de se agarrar à serenidade das semanas anteriores, por muito falsas que se tivessem revelado. Fizera uma escolha errada, nada mais. Neil revelara-se um erro, e isso não voltaria a acontecer.

O próximo menino seria perfeito.

Foi mais difícil do que nunca adormecer nessa noite.

Não conseguira resolver nada com o Jake após a nossa discussão. Embora soubesse como justificar perante mim próprio o que escrevera à Rebecca, era impossível fazer com que uma criança de 7 anos o compreendesse. Para ele, eram simplesmente palavras a atacar a mãe. Não me respondera, e eu duvidava que estivesse realmente a ouvir-me. À hora de deitar, não quis que eu lhe contasse uma história, fazendo-me sentir novamente impotente, dividido entre a frustração, a autodepreciação e a necessidade desesperada de o fazer compreender. Por fim, beijei-o ao de leve na cabeça, disse-lhe que o amava e dei-lhe as boas-noites, na esperança de que tudo estivesse melhor na manhã seguinte. Como se as coisas alguma vez fossem assim. O dia seguinte é sempre outro dia, mas nada nos garante que será melhor.

Mais tarde, deitado no meu quarto, virava-me de um lado para o outro, na tentativa de encontrar uma posição confortável. Não suportava a distância que começava a instalar-se entre nós. Ainda pior era o facto de não fazer ideia de como a evitar, quando mais eliminá-la. Ali deitado, na escuridão, também não conseguia parar de pensar na voz rouca que o Jake imitara, sentindo um arrepio sempre que me vinha à mente.

«Eu quero assustar-te.»

O menino no chão.

Contudo, por muito inquietante que tivesse sido, os desenhos das borboletas haviam-me deixado ainda mais perturbado. A garagem estava fechada com um cadeado. De modo algum, o Jake poderia ter estado lá dentro sem que eu soubesse. E, no entanto, eu olhara várias vezes para o desenho, pelo que não havia engano. De alguma maneira, ele vira-as. Mas como e onde?

Tratava-se, obviamente, de uma coincidência; não havia outra explicação.

Talvez fossem mais vulgares do que eu julgava — afinal, as da garagem teriam com certeza vindo de algum lado. Eu tentara falar com o Jake sobre elas, mas ele recusara-se a responder-me. Então, enquanto dava voltas e mais voltas na cama, tentando adormecer, percebi que o mistério das borboletas se resumia ao mesmo que a discussão em si. Restava-me esperar que na manhã seguinte as coisas estivessem melhores.

Um vidro a partir-se.

A minha mãe a gritar.

Um homem aos berros.

Acorda, Tom.

Acorda já!

Alguém abanou o meu pé.

Acordei com um sobressalto, ensopado em transpiração, o coração a bater-me furiosamente no peito, o quarto silencioso e completamente às escuras — ainda era de madrugada. O Jake encontrava-se de novo junto aos pés da cama, uma silhueta preta contra a escuridão atrás dele. Esfreguei o rosto.

— Jake? — chamei em surdina.

Não obtive resposta. Sentei-me na cama, interrogando-me sobre o que fazer. Se ele estivesse sonâmbulo, deveria acordá-lo devagar ou tentar conduzi-lo, ainda a dormir, de volta ao seu quarto? Os meus olhos adaptaram-se à escuridão e a silhueta tornou-se mais clara. Havia algo errado com o cabelo. Era bastante mais comprido do que deveria ser e parecia estar puxado para um dos lados.

E...

Alguém estava a sussurrar.

Porém, a figura parada aos pés da cama, ainda a baloiçar ligeiramente de um lado para o outro, estava calada. O som provinha de outro local da casa. Olhei para a esquerda. A porta aberta do quarto deixava vislumbrar o corredor escuro. Estava vazio, mas parecia-me que o sussurrar vinha daí.

— Jake...

Quando voltei a olhar, a silhueta aos pés da cama desaparecera.

Esfreguei os resquícios de sonolência do rosto, passei por cima do lado

frio da cama e saí silenciosamente para o corredor. Os sussurros soavam um pouco mais alto. Embora não conseguisse perceber o que estava a ser dito, era evidente que se tratava de duas vozes: uma conversa sussurrada, com um interlocutor ligeiramente mais rouco do que o outro. O Jake estava novamente a falar sozinho. Avancei instintivamente na direção do quarto dele, mas, ao baixar o olhar para as escadas, fiquei petrificado.

O meu filho estava lá em baixo, sentado junto à porta da rua. Um suave feixe de luz, proveniente do exterior, que circundava os cortinados do meu escritório conferia-lhe um tom alaranjado ao cabelo despenteado. Tinha as pernas enfiadas debaixo do rabo, a cabeça encostada à porta e uma mão apoiada na parte lateral. Na outra mão, pousada sobre a perna, estavam as chaves sobresselentes que eu guardava na secretária do escritório. Pus-me à escuta.

— Não sei — sussurrou o Jake.

— Eu prometo que tomo conta de ti — respondeu a voz rouca que eu ouvira antes.

— Não sei.

— Deixa-me entrar, Jake. — O meu filho deslizou a mão na direção da abertura do correio. Foi então que reparei que estava a ser aberta pelo lado de fora. Viam-se dedos. O meu coração deu um salto. Quatro dedos pálidos e magros, a emergir entre pelos pretos, como os de uma aranha. — Deixa-me entrar. — O Jake pousou a parte lateral da sua mão sobre um dos dedos, e este enroscou-se à volta dela, para a acariciar. — Deixa-me entrar.

Ele ergueu a mão para a corrente de segurança.

— Não te mexas! — gritei-lhe.

Saiu-me sem pensar, quer do coração quer da boca. Os dedos recuaram de imediato e a abertura do correio fechou-se atrás deles. O Jake virou-se para mim; eu descia rapidamente as escadas, em direção a ele, o meu coração a martelar a cem à hora. Assim que cheguei ao fundo das escadas, arranquei-lhe as chaves da mão.

Sentado onde estava, ele bloqueava-me a passagem.

— Sai daí — gritei-lhe. — Sai daí!

Ele desviou-se, afastando-se de gatas para o meu escritório. Fiz deslizar a

corrente no trinco e levei a mão à maçaneta, que rodou com facilidade — o Jake já havia destrancado aquela merda com a chave! Abri a porta, saí rapidamente para o caminho de acesso à casa e fitei a escuridão.

Tanto quanto conseguia vislumbrar, não havia ninguém no cimo nem ao fundo da rua. O brilho âmbar sob os candeeiros estava enublado; os passeios, vazios. Porém, quando olhei para o outro lado da rua, pareceu-me ver uma figura a atravessar o terreno a correr. Uma forma pouco distinta, pernas a deslocarem-se na escuridão.

Já demasiado longe para eu a conseguir apanhar.

Ainda assim, o meu instinto levou-me a descer o caminho de acesso, mas detive-me a meio, a minha respiração visível no ar frio da noite. Que raio estava a fazer? Não podia deixar a casa aberta e ir a correr atrás de alguém pelo terreno fora. Não podia deixar o Jake sozinho e abandonado.

Permaneci onde estava, por instantes, fitando a escuridão do terreno adiante. A figura — se realmente ali estivera — já desaparecera.

Estivera ali, sim.

Deixei-me ficar mais um pouco. Depois voltei a entrar em casa, tranquei a porta e telefonei para a polícia.

PARTE TRÊS

Dois agentes da polícia apareceram à porta da minha casa dez minutos após o meu telefonema. A partir daí, as coisas começaram a descambar.

Eu tinha de admitir alguma responsabilidade no sucedido. Eram 4h30 da manhã e estava exausto, assustado e não conseguia raciocinar, pelo que o relato que forneci foi pouco pormenorizado. Porém, não havia como ignorar o papel do Jake no que se seguira.

Quando eu voltara a entrar em casa para fazer o telefonema, deparara-me com ele ao fundo das escadas, agarrado aos joelhos, com o rosto escondido entre eles. Acabara por me acalmar o suficiente para conseguir acalmá-lo também e levei-o para a sala de estar, onde se aninhou numa das extremidades do sofá, recusando-se a falar comigo.

Fiz os possíveis para disfarçar a frustração e o pânico que sentia. Provavelmente não fui bem-sucedido.

Quando os agentes da polícia se juntaram a nós na sala de estar, o Jake permaneceu nessa mesma posição. Sentei-me desajeitadamente ao seu lado. Tinha consciência da distância entre mim e o meu filho, e decerto que esta era, igualmente, por demais evidente para a polícia. Os dois agentes — um homem e uma mulher — eram educados e esboçaram as expressões preocupadas e compreensivas da praxe, mas a mulher lançava constantemente olhares curiosos ao Jake, e fiquei com a sensação de que a preocupação no rosto dela só não era absoluta devido ao que eu estava a contar-lhes.

Mais tarde, o agente reviu os seus apontamentos.

— O Jake já tinha tido algum episódio de sonambulismo antes?

— Já — respondi-lhe. — Mas não com muita frequência, e apenas aparece no meu quarto. Nunca tinha descido as escadas.

Se é que fora realmente um episódio de sonambulismo, claro. Embora me

fizesse sentir melhor pensar que ele não estivera prestes a abrir a porta por vontade própria, não podia ter a certeza. E, santo Deus, se o tivesse feito conscientemente, o que é que isso revelava sobre o quanto me odiava?

O agente tomou mais notas.

— E não consegue descrever-nos o indivíduo que viu?

— Não. Já ia do outro lado do terreno, a correr. Estava escuro e não o consegui ver devidamente.

— Constituição física? Indumentária?

Abanei a cabeça.

— Não, lamento.

— Tem a certeza de que se tratava de um homem?

— Sim. Foi a voz de um homem que ouvi à porta.

— Não poderia ter sido o Jake? — O agente olhou para o meu filho, que continuava aninhado ao meu lado, fitando o vazio, como se fosse a única pessoa no mundo. — Às vezes as crianças falam sozinhas.

Não se tratava de uma temática que me apetecesse discutir.

— Não — retorqui. — Estava lá alguém, sem sombra de dúvida. Vi os dedos do homem enfiados na abertura do correio. E ouvi-o. A voz soou-me mais velha. Estava a tentar convencer o Jake a abrir a porta, e quase a ser bem-sucedido. Sabe Deus o que poderia ter acontecido se eu não tivesse acordado a tempo.

A realidade da situação acometeu-me nesse preciso momento. Revi a cena na minha mente e percebi como estivéramos por um fio. Se eu não tivesse aparecido, o Jake já não estaria ali. Imaginei-o desaparecido, com a polícia sentada à minha frente por motivos diferentes, e senti-me totalmente impotente. Não obstante a minha frustração perante o comportamento dele, apetecia-me abraçá-lo, para o proteger e segurar junto a mim. Contudo, sabia que não o podia fazer,

que ele não o permitiria e nem sequer o desejava naquele momento.

— Como é que o Jake obteve as chaves?

— Deixei-as no escritório, do outro lado do *hall*. — Abanei a cabeça. — Foi um erro que não voltarei a cometer.

— Parece-me boa ideia.

— E tu, Jake? — A agente inclinou-se para a frente, sorrindo com simpatia. — Podes dizer-nos alguma coisa sobre tudo o que aconteceu? — O Jake negou com a cabeça. — Não podes? O que é que estavas a fazer à porta, querido?

Ele encolheu os ombros, num gesto quase impercetível, e pareceu afastar-se ligeiramente de mim. A mulher recostou-se, sem tirar os olhos dele, a cabeça ligeiramente inclinada para o lado, a avaliá-lo.

— Houve outro homem também — apressei-me a dizer. — Apareceu cá em casa ontem. Estava a rondar a garagem, com um ar suspeito. Quando o confrontei, disse-me que tinha crescido aqui e que queria dar uma vista de olhos.

O agente pareceu ficar interessado.

— Como é que o confrontou?

— Ele bateu-me à porta.

— Ah, estou a ver. — Tomou nota no bloco de apontamentos. — Pode descrevê-lo?

Assim fiz, enquanto ele escrevinhava. No entanto, era óbvio que o facto de o homem ter batido à porta tornara a situação significativamente menos interessante aos seus olhos. Além disso, era difícil transmitir a inquietude que o homem me provocara. Não tinha nada de fisicamente ameaçador, e, ainda assim, parecera-me perigoso em certa medida.

— Neil Spencer — recordei.

O agente parou de escrever.

— Desculpe?

— Acho que era esse o nome dele. Acabámos de nos mudar para cá. Mas houve outro menino que desapareceu, não houve? No início do verão?

Os dois agentes entreolharam-se.

— O que é que sabe em relação ao Neil Spencer? — perguntou o agente.

— Nada. A professora do Jake falou-me nele. Era para ter pesquisado online, mas tive... uma noite ocupada. — Não queria fazer referência à discussão que eu e o Jake havíamos tido. — Estive a trabalhar. — Porém, também não deveria ter referido esse pormenor, pois o meu trabalho era escrever, e o Jake lera o que eu escrevera. Senti-o retrair-se ligeiramente ao

meu lado. A frustração apoderou-se de mim. — Pensei que fossem encarar isto com maior preocupação — disse-lhes.

— Sr. Kennedy...

— Parece que não acreditam em mim.

O agente sorriu, mas tratava-se de um sorriso cauteloso.

— Não é uma questão de não acreditar em si, Sr. Kennedy. Apenas podemos trabalhar com o que temos. — Fitou-me por momentos, avaliando-me, tal como a colega avaliava o meu filho. — Encaramos tudo com seriedade. Iremos registar o incidente, mas, com base no que nos contou, não há muito que possamos fazer de momento. Como lhe disse, recomendo que guarde as chaves longe do alcance do seu filho. Observe os cuidados básicos de segurança. Esteja atento. E não hesite em contactar-nos caso veja mais alguém a rondar a sua propriedade.

Abanei a cabeça. Tendo em conta o que acontecera — tendo em conta o facto de que alguém tentara levar o meu filho —, aquela resposta não era minimamente satisfatória. Sentia-me zangado comigo próprio, e não conseguia evitar sentir-me zangado com o Jake também. Eu estava a tentar ajudá-lo! E, dali a um minuto, a polícia ir-se-ia embora e ficaríamos novamente os dois. Sozinhos. Nenhum de nós sabendo viver com o outro.

— Sr. Kennedy — disse calmamente a agente —, é só o Jake e o senhor aqui em casa? A mãe dele mora noutra sítio?

— A mãe dele morreu.

Respondi-lhe num tom demasiado brusco, deixando escapar um pouco da raiva que sentia. A agente foi apanhada de surpresa.

— Oh! Lamento imenso.

— Eu só... Não é fácil. E, com o que aconteceu esta noite, fiquei assustado.

Nesse momento, o Jake ganhou vida, talvez instigado pela sua própria raiva — por causa do que eu escrevera, por eu ter dito que a mãe dele morreria, de uma forma tão direta. Desenroscou-se lentamente da posição em que se encontrava e sentou-se muito direito, olhando finalmente para mim, o seu rosto inexpressivo. Falou numa voz rouca e sobrenatural que soou demasiado velha para a sua idade.

— Eu quero assustar-te — disse-me.

Quando o alarme tocou, Pete ficou deitado por mais alguns instantes, deixando-o tocar sobre a mesa de cabeceira. Algo estava errado, e ele precisava de se preparar. Experimentou uma explosão de pânico ao recordar os acontecimentos da noite anterior. A visão do cadáver de Neil Spencer no terreno baldio. A corrida quase desvairada para chegar a casa depois disso. O peso tranquilizador da garrafa na sua mão.

Os cliques quando rompeu o selo.

E depois...

Por fim, abriu os olhos. O sol da manhã já brilhava intensamente, trespassando os finos cortinados azuis e espalhando-se em riscas sobre as mantas enroladas que lhe cobriam os joelhos. Algures durante a noite, a transpirar por causa do calor, afastara-as de cima do corpo, assemelhando-se agora a um monte ridiculamente pesado, todo embrulhado em torno dos joelhos.

Virou a cabeça e olhou para a mesa de cabeceira.

A garrafa estava ali. O selo estava partido.

Mas o conteúdo permanecia intacto, a garrafa estava cheia até acima.

Recordou o quanto se debatera na noite anterior, lutando contra a vontade vezes sem conta, enquanto esta o atacava vinda de todas as direções, tanto ele como a voz recusando-se a ceder ou a recuar. Trouxera, inclusivamente, a garrafa e um copo com ele para a cama. Sempre a debater-se, mesmo nesse instante.

No final, saíra vitorioso.

Foi acometido por uma sensação de alívio. Olhou de relance para o copo, sobre o qual pousara a fotografia de Sally antes de ir dormir. Mesmo com tudo o que acontecera — os horrores da noite anterior —, aquela fotografia e aquelas recordações continuavam a ser suficientes para o manterem

sóbrio.

Tentou não pensar no dia que tinha pela frente, ou nas noites que se seguiriam.

Por agora chega.

Tomou um duche; depois, o pequeno-almoço. Mesmo sem ter bebido, sentia-se tão desgastado que pôs a hipótese de não ir ao ginásio. Havia uma reunião marcada para essa manhã bem cedo e tinha de estar preparado para ser inteirado do caso, embora se sentisse já completamente impregnado dele. Por muito imparcial que tivesse tentado ser quando examinara o cadáver de Neil Spencer, fora como apontar uma máquina fotográfica sem espreitar pelo visor; a mente tirara a fotografia na mesma. Se pretendia ser competente e profissional dali a algumas horas, precisava de se libertar de um pouco desse horror.

Foi ao ginásio.

Sentindo-se mais calmo a seguir, subiu até ao seu gabinete. Por momentos, fitou as ditosas pilhas de papelada inócua e segura. Depois encontrou o antigo molho de apontamentos malignos de que iria necessitar e dirigiu-se para a sala de operações, um piso mais acima.

A tranquilidade que sentia dissipou-se ligeiramente assim que abriu a porta. Ainda faltavam dez minutos para o início da reunião, mas a sala já se encontrava apinhada de agentes. Ninguém falava; todos os rostos pareciam sombrios. A maioria daqueles homens e mulheres estaria a trabalhar naquele caso desde o início, e, independentemente das hipóteses existentes, cada um deles ter-se-ia agarrado a algum tipo de esperança. Por essa altura, já todos estavam a par da descoberta da noite anterior.

Até então, uma criança estivera desaparecida.

Agora, uma criança estava morta.

Encostou-se à parede, ao fundo da sala, ciente de que os olhares estavam postos em si. Era compreensível. Embora o seu envolvimento inicial no caso não tivesse dado em nada, todos sabiam certamente que a sua presença ali não era uma coincidência.

Avistou o inspetor-chefe Lyons, sentado quase à frente, a fitá-lo. Pete

olhou-o nos olhos, por instantes, tentando decifrar-lhe a expressão no rosto. Na noite anterior, no terreno baldio, o rosto dele revelara-se inexpressivo, levando-o a fazer uma série de suposições. Estaria o homem a experimentar uma estranha sensação de triunfo? Parecia injusto contemplar tal ideia, mas era certamente possível. Não obstante a disparidade das suas carreiras, Pete sabia que Lyons sempre nutrira algum ressentimento para consigo por ter conseguido capturar Frank Carter. Os desenvolvimentos mais recentes significavam que o caso nunca estivera realmente encerrado, e ali estava Lyons, a comandar o que poderia revelar-se como o fim do jogo, com Pete reduzido ao estatuto de um mero peão.

Cruzou os braços sobre o peito, fitou o chão e aguardou.

Amanda chegou um minuto depois, avançando rapidamente por entre o mar de gente ali reunida, em direção à parte da frente da sala. Apesar de Pete só a ter visto meio de lado, era evidente que estava perturbada e cansada. Envergava a mesma roupa da noite anterior, reparou. Dormira num dos quartos de repouso, ou, mais provável ainda, não dormira de todo. O ar derrotado e submisso na sua postura era notório ao dirigir-se para o pequeno estrado.

— Muito bem, pessoal — disse. — Já todos ouviram a notícia. Ontem à noite, fomos informados de que o cadáver de uma criança tinha sido encontrado no terreno baldio à saída de Gair Lane. Os agentes deslocaram-se lá e isolaram o local do crime. A identidade da vítima ainda não foi confirmada, mas acreditamos tratar-se do Neil Spencer.

Todos os presentes já estavam ao corrente da situação, mas, ainda assim, Pete viu a desolação coletiva instalar-se na sala. A temperatura emocional em redor desceu a pique. O silêncio entre os agentes ali reunidos, já de si absoluto, pareceu intensificar-se.

— Acreditamos também que se trata de um caso com o envolvimento de terceiros — prosseguiu Amanda. — O corpo revela ferimentos significativos.

A voz quase lhe falhou ao proferir essas palavras, e Pete viu-a estremecer ligeiramente. Aquilo era demasiado para ela. Em circunstâncias diferentes, poderia ser entendido como fraqueza, mas qualquer pessoa presente naquela

sala sabia que não era. Observou-a enquanto ela se recompunha.

— Os pormenores do caso não serão revelados à imprensa, para já — continuou Amanda. — Temos o local isolado, mas os meios de comunicação social sabem que encontrámos um cadáver. E é tudo o que irão saber, enquanto não conseguirmos perceber o que se está a passar.

Uma mulher junto à parede acenava com a cabeça para si mesma. Pete reconheceu-o como um gesto que ele próprio fizera no ponto mais crítico da sua dependência, ansiando por uma bebida e suportando a dor.

— O cadáver foi retirado do local, e a autópsia irá ser realizada esta manhã. A hora da morte foi estimada algures entre as 15 e as 17 horas de ontem. Partindo do princípio de que se trata do Neil Spencer, foi encontrado praticamente no mesmo local onde desapareceu, o que poderá ser relevante. Acreditamos também que o Neil foi assassinado numa localização diferente, possivelmente no local onde esteve enclausurado. Esperemos que a equipa forense nos consiga dar alguma pista sobre onde poderá ter sido.

» Entretanto, iremos inspecionar todas as câmaras de videovigilância da zona. Iremos bater a todas as portas nas redondezas. Não vou permitir que este monstro ande despercebido por esta cidade. De modo algum. — Ela ergueu o olhar. Não obstante a angústia e o cansaço evidentes, o seu olhar estava em brasa. — Todos nós aqui presentes trabalhamos nesta investigação. E, embora nos tivéssemos preparado para o pior, este não é o resultado que algum de nós desejaria. Por isso, vou ser muito clara: não vamos permitir que isto fique assim. De acordo?

Pete olhou novamente em redor. Alguns acenos de cabeça aqui e ali; a sala a voltar à vida. Admirava aquele sentimento e reconhecia a necessidade disso nesse momento, mas também recordava ter feito discursos igualmente irados há 20 anos, e, embora na altura tivesse acreditado piamente neles, sabia agora que as coisas não só ficavam realmente assim quer eles quisessem quer não, como também, às vezes, nos perseguiram para todo o sempre.

— Fizemos tudo o que podíamos — rematou Amanda para a sala. — Não encontrámos o Neil Spencer a tempo. Mas uma coisa vos garanto: iremos apanhar a pessoa que lhe fez isto.

Pete sabia que ela acreditava no que estava a dizer, com a mesma intensidade com que também ele acreditara tantos anos antes. Porque tinha de ser. Quando algo terrível acontece debaixo do nosso nariz, a única maneira de aliviar a dor é fazer todos os possíveis para corrigir a situação. Apanhar a pessoa responsável antes que ela faça mal a mais alguém. Ou pelo menos tentar.

«Iremos apanhar a pessoa que lhe fez isto.»

Esperava realmente que assim fosse.

A rapidez com que a vida regressava à normalidade quando assim tinha de ser era verdadeiramente impressionante.

Depois de a polícia se ter ido embora, decidi que não valia a pena eu e o Jake voltarmos para a cama, e, como tal, por volta das 8h30 sentia-me um autêntico morto-vivo. Tratei do pequeno-almoço dele e preparei-o para a escola. Depois do que acontecera, parecia até ridículo, mas não tinha nenhuma justificação para o manter em casa. Aliás, após o comportamento dele diante dos agentes, algumas horas antes, uma terrível parte de mim não queria estar perto dele.

Enquanto ele comia os cereais, ainda recusando-se a falar comigo, deixei-me ficar na cozinha, servi-me de um copo de água e bebi-o de um trago. Não sabia muito bem o que fazer nem como me sentir. Decorridas poucas horas, os acontecimentos dessa noite pareciam distantes e surreais. Teria realmente visto o que vira? Talvez tivesse sido fruto da minha imaginação. Mas não, eu vira-o. Um pai melhor do que eu — um pai mediano, até — teria convencido a polícia a levar o assunto a sério. Um pai melhor do que eu teria um filho que falasse consigo, não um que o pusesse em causa; um filho que perceberia que eu estava assustado por ele e a tentar protegê-lo.

Segurei o copo com mais força.

«Tu não és o teu pai, Tom.» A voz calma da Rebecca soou na minha cabeça. «Nunca te esqueças disso.»

Baixei o olhar para o copo vazio na minha mão. Estava a segurá-lo com demasiada força. A recordação terrível assomou-me de novo à mente — *um vidro a partir-se; a minha mãe a gritar* —, e pousei rapidamente o copo, antes que começasse a falhar ainda mais como pai.

Às 8h45, levei o Jake à escola, ele a arrastar os pés ao meu lado,

resistindo ainda a qualquer tentativa de interação. Só me dirigiu finalmente a palavra quando alcançámos os portões.

— Quem é o Neil Spencer, papá?

— Não sei. — Não obstante a temática, sentia-me aliviado por ele estar a falar comigo. — Um menino de Featherbank. Acho que desapareceu há uns tempos; lembro-me de ter lido algo sobre o assunto. Ninguém sabe o que lhe aconteceu.

— O Owen disse que ele está morto.

— O Owen parece ser uma criança encantadora...

O Jake ia a acrescentar algo ao meu comentário, mas mudou de ideias.

— Disse que eu estava sentado na cadeira do Neil.

— Que disparate. Não conseguiste uma vaga nesta escola por esse Neil ter desaparecido. Houve alguém que mudou de casa, tal como nós. — Franzi o sobrolho. — De qualquer maneira, todos eles andavam numa turma diferente no ano passado, não andavam?

O Jake fitou-me com uma expressão de curiosidade.

— São 28 — disse-me ele.

— São 28 quê?

— São 28 crianças — respondeu. — Comigo são 29.

— Exatamente. — Não fazia ideia se isso corresponderia à verdade ou não, mas alinhei. — Aqui têm turmas de 30 crianças. Por isso, onde quer que o Neil esteja, terá uma cadeira à sua espera.

— Achas que vai voltar para casa?

Entrámos no pátio do recreio.

— Não sei, filhote.

— Dás-me um abraço, papá?

Baixei o olhar para ele. A julgar pela expressão no seu rosto, era como se a noite anterior e aquela madrugada nunca tivessem acontecido. Mas ele tinha 7 anos — as discussões resolviam-se sempre ao seu ritmo e nas suas condições. Naquele caso em concreto, eu sentia-me demasiado cansado para não o aceitar.

— Claro que sim.

— É que, mesmo quando discutimos...

— Continuamos a gostar um do outro. E muito.

Ajoelhei-me, e aquele abraço apertado teve um efeito ligeiramente revigorante em mim. Um abraço assim, de vez em quando, dar-me-ia alento. Depois ele seguiu para o edifício, passando calmamente pela professora Shelley e entrando na escola sem olhar para trás. Dei meia-volta e transpus o portão, esperando que ele não se metesse de novo em sarilhos.

Mas caso isso acontecesse...

Iria acontecer.

Deixa-o ser como é.

— Olá.

Virei-me e vi a Karen ligeiramente atrás de mim, apressando o passo para me apanhar.

— Olá — respondi. — Tudo bem contigo?

— Ansiosa por umas horas de paz e sossego.

Ela alcançou-me e caminhámos lado a lado.

— Como é que correu com o Jake ontem?

— Foi posto no amarelo — respondi.

— Não faço ideia do que é que isso significa.

Expliquei-lhe o sistema de semáforos. A sua gravidade e suposta seriedade pareciam-me tão insignificantes face aos acontecimentos da noite anterior que quase dei uma risada quando terminei.

— Que merda tão abominável! — retorquiu ela.

— Foi exatamente isso que eu pensei.

Interroguei-me se existiria algum momento simbólico em que os pais dos miúdos decidiam deixar cair levemente a máscara e praguejar como as pessoas normais. Caso existisse, agradava-me o facto de já o termos ultrapassado.

— De certa maneira, é como uma medalha de honra — comentou ela. — Ele vai ser a inveja dos colegas de turma. O Adam disse-me que não tiveram grande oportunidade de brincar juntos.

— O Jake disse-me que o Adam era simpático — menti.

— E também me disse que o Jake esteve a falar sozinho durante um bocado.

— Sim, às vezes ele faz isso. Amigos imaginários.

— Certo — respondeu a Karen. — Compreendo-o perfeitamente. Alguns dos meus melhores amigos são imaginários. Estou a brincar, claro! O Adam também passou por essa fase, e eu também devo ter passado, em criança. E tu também.

Franzi o sobrolho. Uma recordação veio-me subitamente à cabeça.

— O Sr. Noite! — exclamei.

— Desculpa?

— Meu Deus, não pensava nisso há anos! — Passei a mão pelo cabelo. Como é que me esquecera daquilo? — Sim, eu também tive um amigo imaginário. Quando era miúdo, costumava dizer à minha mãe que alguém aparecia no meu quarto à noite e me abraçava. O Sr. Noite. Era assim que eu lhe chamava.

— Pois... isso é um pouco assustador. Mas os miúdos estão sempre a dizer coisas assustadoras. Há sites na Internet inteiramente dedicados a isso. Devias assentar isso e mandar para um deles.

— Talvez o faça. — No entanto, aquilo fez-me pensar noutra coisa. — O Jake tem andado a dizer umas coisas estranhas ultimamente. «Se deixares uma porta entreaberta, ouvirás os sussurros na certa.» Alguma vez ouviste isso?

— Hum... — A Karen pensou um pouco. — Não me é totalmente estranho; penso que já o ouvi em qualquer lado. É uma dessas rimas que os miúdos dizem no recreio, acho eu.

— Certo. Talvez ele o tenha ouvido aí. — Porém, não podia ter sido no recreio atual, claro, pois o Jake dissera-o na noite anterior ao seu primeiro dia na escola nova. Talvez se tratasse de uma cantilena infantil qualquer que eu desconhecia, de um desses programas de televisão que punha para ele ver e aos quais eu não prestava qualquer atenção. Suspirei. — Espero que hoje o dia lhe corra melhor. Fico preocupado com ele.

— É normal. O que é que a tua mulher diz sobre isso?

— Ela morreu no ano passado — respondi. — Não sei se ele estará a reagir muito bem à situação. O que é compreensível, parece-me.

A Karen ficou em silêncio durante alguns instantes.

— Lamento.

— Obrigado. Também não sei quão bem eu próprio estarei a reagir à situação, para ser sincero. Nunca sei se estou a ser um bom pai ou não, se estarei a fazer o que é melhor para ele ou não.

— Isso também é normal. De certeza que sim.

— A questão é se o meu melhor será suficientemente bom.

— Mais uma vez, de certeza que sim. — Parou de andar e enfiou as mãos nos bolsos. Tínhamos chegado a um cruzamento, e era evidente, pela nossa linguagem corporal, que ela tencionava seguir em frente, ao passo que eu iria virar à direita. — De qualquer maneira — prosseguiu ela —, os dois passaram por um mau bocado. Por isso, acho que... Quer dizer, não que me tenhas pedido opinião, claro, mas que se lixe: acho que não devias ser tão exigente contigo próprio.

— Talvez.

— Só um bocadinho, pelo menos?

— Talvez.

— Eu sei que é fácil falar. — Preparou-se para seguir; o corpo inteiro, de repente, a parecer um suspiro. — Bem, até logo. Um bom dia para ti.

— Para ti também.

Fui a pensar nisso durante todo o caminho até casa. «Não devias ser tão exigente contigo próprio.» Havia uma certa verdade nessas palavras, pois, afinal, tal como toda a gente, eu andava às apalpadelas pela vida, certo? A tentar dar o meu melhor.

Contudo, de regresso a casa, fiquei, ainda assim, a deambular pelo piso inferior, sem saber o que fazer. Se antes me apetecera ter algum tempo livre sem o Jake, nesse momento, com a casa vazia e silenciosa à minha volta, sentia uma vontade imensa de o ter o mais perto possível de mim.

Porque precisava de o manter em segurança.

E o que acontecera durante a noite não fora imaginação minha.

Esse pensamento provocou-me um certo pânico. Se a polícia não nos iria ajudar, eu teria de agir. Ao deambular pelas divisões vazias, senti um desespero — uma necessidade urgente de fazer alguma coisa, embora não soubesse o quê. Acabei por ir parar ao meu escritório. O portátil ficara em

hibernação a noite inteira. Dei um toque no *trackpad* e o ecrã ganhou vida, revelando as palavras que continha.

«Rebecca...»

Ela saberia o que fazer; sabia sempre. Visualizei-a sentada de pernas cruzadas no chão com o Jake, a brincar entusiasticamente com quaisquer brinquedos que tivessem diante deles. Depois aninhada no nosso antigo sofá, a ler-lhe, a cabeça dele sob o queixo dela, tão próximos um do outro que mais pareciam uma única pessoa. Sempre que o Jake chamava durante a noite, eu ainda mal tinha acordado e já a Rebecca estava a caminho do quarto dele. E chamara sempre pela mãe.

Apaguei as palavras que escrevera no dia anterior e escrevi três frases novas:

Sinto a tua falta.

Tenho a sensação de estar a falhar em relação ao nosso filho, e não sei o que fazer.

Lamento.

Fitei o ecrã por alguns instantes.

Bastava!

Bastava de tanta autocomiseração. Por muito complicadas que fossem as coisas, era minha responsabilidade zelar pelo meu filho, e, se o meu melhor não era suficiente, teria de me tornar melhor ainda.

Regressei à porta da rua. Tinha uma fechadura e uma corrente de segurança, mas, pelos vistos, não era suficiente. Como tal, instalaria uma fechadura reforçada, alto o suficiente para que o Jake não a conseguisse alcançar. E detetores de movimento ao fundo das escadas. Medidas absolutamente viáveis. A situação não era insuperável, ainda que a minha insegurança quisesse convencer-me do contrário.

Havia, porém, algo que poderia fazer primeiro, pelo que virei a minha atenção para a pilha de correspondência pousada num degrau das escadas, atrás de mim. Tinham chegado mais duas cartas para o Dominic Barnett, ambas avisos de penhoras. Levei-as para o meu escritório, fechei o *Word* e abri um motor de busca.

Ora vamos lá ver quem tu és, Dominic Barnett.

Não sabia bem o que esperava encontrar online sobre ele. Uma página no *Facebook*, talvez — algo com uma fotografia que me permitisse ver se se tratava do homem que aparecera ali no dia anterior —, ou uma nova morada, que eu pudesse investigar. Algo que me ajudasse a proteger o Jake e a descobrir que raio se passava com a minha casa.

Encontrei uma fotografia dele logo na primeira pesquisa.

O Dominic Barnett não era o meu visitante misterioso. Era mais novo, com uma farta cabeleira preta. A fotografia, contudo, não estava numa rede social. Acompanhava uma notícia, no topo do motor de busca: «Polícia Investiga Morte de Homem Local como Sendo um Homicídio.»

A divisão pareceu desaparecer à minha volta. Fitei as palavras até estas começarem a perder o seu significado. A casa ficara silenciosa, e a única coisa que se ouvia era o martelar do meu coração.

E então...

Crrr.

Olhei para o teto. Outra vez aquele som, o mesmo que ouvira antes, como se alguém tivesse dado um único passo no quarto do Jake. Senti um arrepio ao recordar o acontecimento da noite anterior — a figura que imaginara parada aos pés da minha cama, o cabelo puxado para o lado, como o da menina que o Jake desenhara. A sensação de me terem abanado o pé.

«Acorda, Tom.»

Porém, ao contrário do homem à porta, isso fora fruto da minha imaginação. Eu encontrava-me meio a dormir. Não passara de um resquício de um pesadelo do passado, a ganhar forma com base nos receios do presente.

Não havia nada na minha casa.

Decidido a esquecer aquele ruído, forcei-me a clicar no link do artigo.

Polícia Investiga Morte de Homem Local como Sendo um Homicídio

A polícia revelou estar a investigar a morte de Dominic Barnett, cujo corpo foi encontrado no bosque, na passada terça-feira, como sendo um caso de homicídio.

Barnett, de 42 anos, morador na Garholt Street, em Featherbank, foi descoberto na orla de um riacho por crianças que brincavam em Hollingbeck Wood. O inspetor-chefe Lyons revelou hoje à imprensa que Barnett morrera como resultado de «substanciais» ferimentos na cabeça. Está a ser investigada uma série de possíveis motivos para o ataque, mas objetos encontrados no local do crime sugerem que não se tratou de um assalto.

«Gostaria de aproveitar para tranquilizar a população em geral», disse Lyons. «O Sr. Barnett já era conhecido da polícia, e acreditamos tratar-se de um caso isolado. No entanto, aumentámos o patrulhamento na zona e encorajamos qualquer pessoa com informações sobre o caso a prestar declarações de imediato.»

Li novamente o artigo, com o pânico a intensificar-se dentro de mim. Com base na morada, não restavam dúvidas de que se tratava do mesmo Dominic Barnett. Ele tinha vivido nesta casa. Talvez tivesse estado sentado exatamente onde eu me encontrava naquele preciso momento, ou dormido no que agora era o quarto do Jake.

E fora assassinado em abril desse ano.

Tentando permanecer calmo, voltei ao motor de busca e procurei mais artigos. Os factos, tal como eram conhecidos, foram emergindo aos poucos, muitos deles nas entrelinhas. «O Sr. Barnett já era conhecido da polícia.» Tratava-se de uma linguagem cuidada, mas parecia insinuar que estivera envolvido com drogas e que fora, presumivelmente, esse o motivo para o seu homicídio. Hollingbeck Wood ficava a sul de Featherbank, do outro lado do rio. Não era claro o que o Barnett estaria lá a fazer. A arma do crime fora recuperada uma semana mais tarde, e, depois disso, as notícias começaram a escassear. Tanto quanto consegui apurar online, o assassino nunca fora apanhado.

O que significava que continuava à solta.

A constatação desse facto trouxe consigo uma sensação terrível. Eu não sabia o que fazer. Ligar novamente para a polícia? O que eu descobrira não

parecia acrescentar grande coisa ao que já lhes dissera. Iria ligar-lhes, sim, decidi, pois tinha de fazer alguma coisa. Mas primeiro precisava de mais informação.

Após alguma deliberação, folheei, de mãos trémulas, a papelada que guardara aquando da compra da casa. Encontrei a morada que procurava e peguei nas minhas chaves. A segurança adicional poderia ficar para depois. Havia uma pessoa que me poderia falar um pouco mais sobre o Dominic Barnett, e achei que estava na altura de falar com ela.

«Acaba sempre onde começa.» Amanda estava a examinar as imagens captadas pelas câmaras de videovigilância, recolhidas na zona que rodeava o terreno baldio. Não conseguiu evitar recordar que, dois meses antes, examinara imagens dessas mesmas ruas. Na altura, fizera-o na esperança de ver alguém levar Neil Spencer. Agora, esperava ver alguém a devolver o cadáver do menino. Mas, para já, o resultado continuava a ser o mesmo.

Nada.

Ainda é cedo, disse para si própria — mas esse pensamento era como cinza na sua mente. Na verdade, era tarde demais, em especial para Neil Spencer. Estava constantemente a ver o corpo dele, embora soubesse que remoer os horrores que testemunhara na noite anterior, ou a sua incapacidade de encontrar Neil a tempo, não a fosse ajudar. Em vez disso, precisava de se concentrar no trabalho. Um pé a seguir ao outro. Um pormenor de cada vez. Assim, acabariam por apanhar o sacana que fizera aquilo ao menino.

Mais um flash.

Abanou a cabeça e olhou na direção da parte de trás da sala, onde Pete Willis trabalhava silenciosamente, na secretária que lhe fora atribuída. Quando conseguira finalmente uma oportunidade para se sentar, Amanda dera por si a lançar-lhe olhares sub-reptícios. De vez em quando, ele pegava no telefone e fazia uma chamada; de resto, estava inteiramente focado nas fotografias e na papelada que tinha à frente. Frank Carter sabia algo, e Pete estava a examinar todas as visitas recebidas pelos amigos e associados do homem na prisão, na tentativa de descobrir se alguma delas teria sido responsável por lhe passar informação sobre o mundo exterior. Contudo, naquele instante, era o próprio Pete que a fascinava.

Como é que ele conseguia mostrar-se tão calmo?

Sabia, porém, que ele também estava a sofrer, por baixo daquela carapaça. Recordou o estado dele no dia anterior, logo após ter visitado Frank Carter, bem como no terreno baldio, na noite anterior. Se Pete lhe parecia distante, era apenas porque estava a tentar distrair-se, à semelhança do que ela própria tentava fazer. E o facto de estar a ser bem-sucedido devia-se à sua imensa experiência nisso.

Amanda sentiu vontade de lhe perguntar qual era o segredo.

Ao invés, forçou-se a desviar a sua atenção para as imagens, perfeitamente ciente de que nada iriam revelar, tal como acontecera dois meses antes, quando a equipa dela identificara e eliminara progressivamente os indivíduos captados pela parca coleção de câmaras de vigilância da povoação. Tratava-se de uma tarefa frustrante. Quanto mais avançava, pior se parecia estar a sair. Mas era necessário fazê-lo.

Estudou as imagens desfocadas. Imagens paradas de homens, mulheres e crianças. Todos teriam de ser entrevistados, embora, decerto, nenhum deles tivesse visto algo de relevante. O homem que procuravam era demasiado cauteloso para tal. O mesmo aconteceria com os veículos.

A sua convicção, aquando da reunião, fora real, e uma parte de si continuava a senti-la, mas, no fundo, sabia que estavam todos de mãos e pés atados. Não era difícil andar por Featherbank e evitar as câmaras de videovigilância. Não se a pessoa em questão soubesse o que estava a fazer.

Anotou esse pensamento no bloco ao seu lado: «Conhecimento das posições das câmaras de videovigilância?»

Contudo, fizera o mesmo apontamento dois meses antes. A história repetia-se.

«Acaba sempre onde começa.»

Largou a caneta, frustrada, levantou-se e aproximou-se do sítio onde Pete se encontrava a trabalhar, tão absorto que nem se apercebeu da presença dela. A impressora sobre a secretária dele imprimia um fluxo regular de fotografias — imagens de câmaras de videovigilância de visitantes da prisão. Pete estava a cruzá-las com pormenores no ecrã e a fazer apontamentos no verso. Havia também a impressão de um jornal antigo sobre a secretária. Amanda inclinou a cabeça para ler o cabeçalho.

— «Casamento na Prisão para Canibal de Coxton»? — leu ela.

Pete deu um salto.

— O quê?

— A notícia. — Amanda tornou a ler o cabeçalho em voz alta. — O mundo nunca para de me surpreender. Quase sempre pela negativa.

— Ah, sim. — Pete apontou para as fotografias que estava a acumular. — E estas são todas as visitas que ele recebeu. O nome verdadeiro dele é Victor Tyler. Há 25 anos raptou uma menina. Mary Fisher?

— Lembro-me dela — respondeu Amanda. Na altura, era praticamente da idade de Mary. Embora não se recordasse do rosto da menina, a sua mente associou imediatamente o nome a histórias assustadoras e a imagens cheias de grão nos jornais antigos. Há 25 anos. Era difícil acreditar que já passara tanto tempo, e na rapidez com que as pessoas ficavam no passado e eram esquecidas pelo mundo. — Provavelmente hoje estaria casada — comentou. — Não é nada justo, pois não?

— Não. — Pete tirou mais uma fotografia do tabuleiro da impressora e fitou o ecrã por instantes. — O Tyler casou-se há 15 anos. Com uma tal de Louise Dixon. Por incrível que pareça, ainda estão casados, embora não tenham passado uma única noite juntos, claro. Mas sabe como é... o fascínio que às vezes este tipo de homens consegue ter.

Amanda assentiu com a cabeça. Os criminosos, mesmo os piores, raramente tinham falta de correspondentes no mundo exterior. Para um certo tipo de mulheres, era como se tivessem mel. «Ele não é culpado», convenciam-se elas. Ou então iria mudar — e, caso não mudasse, elas seriam capazes de o redimir. Talvez algumas delas gostassem do perigo. Nunca o conseguira compreender, mas era um facto.

Pete escreveu algo na parte de trás da fotografia, pô-la de lado e pegou noutra.

— E o Carter é amigo desse tipo? — perguntou-lhe ela.

— Foi o padrinho de casamento dele.

— Bem, deve ter sido uma cerimónia maravilhosa. Quem é que os casou? O próprio Satanás?

Pete não lhe respondeu. Estava completamente concentrado na fotografia

que acabara de selecionar. Mais um dos visitantes de Tyler, calculou ela, com a diferença de que aquele captara totalmente a atenção de Pete.

— Quem é esse?

— Norman Collins. — Pete olhou para ela. — Eu conheço-o.

— Conte-me.

Pete forneceu-lhe a informação básica. Norman Collins era um homem local que fora interrogado durante a investigação, 20 anos antes, não por existir qualquer prova contra ele, mas devido ao seu comportamento. A julgar pela descrição de Pete, parecia ser um desses tipos sinistros que às vezes se insinuavam em investigações que estão a decorrer. Os agentes da polícia recebiam formação para estarem de olho neles: os que apareciam nas conferências de imprensa e nos funerais e se posicionavam ao fundo da sala; os que pareciam estar à escuta ou que faziam demasiadas perguntas; os que aparentavam demasiado interesse ou que, por alguma razão, provocavam algum desconforto. Embora pudesse tratar-se simplesmente de um interesse doentio ou mórbido, era também assim que às vezes os homicidas se comportavam.

Contudo, ao que parecia, não era o caso de Collins.

— Não conseguimos nada que o incriminasse — explicou Pete. — Menos do que nada, aliás. Tinha álibis sólidos aquando de todos os raptos. Nenhuma relação com os miúdos ou com as famílias. Não tinha cadastro sequer. Acabou por se revelar apenas uma nota de rodapé na investigação.

— E, no entanto, o Pete lembra-se dele.

Pete fitou novamente a fotografia.

— Nunca gostei dele — respondeu.

Talvez não fosse importante, e Amanda não queria alimentar falsas esperanças, mas, embora devessem ser metódicos e sensatos, havia muito a dizer sobre o instinto. Se Pete se recordava daquele homem, algo provocara isso.

— E agora ele volta a aparecer — comentou ela. — Tem uma morada?

Pete escreveu no teclado.

— Sim. Continua a morar no mesmo sítio.

— Certo. Vá lá falar com ele. Não deve significar nada, mas tente saber

por que razão andou a visitar o Victor Tyler.

Pete fitou o ecrã por mais alguns instantes. Depois assentiu com a cabeça e levantou-se.

Amanda atravessou a sala, de volta ao seu lugar. A agente Stephanie Johnson interpelou-a antes de ela chegar à secretária.

— Chefe?

— Por favor, não me trate assim, Steph. Faz-me sentir mais velha. As averiguações porta a porta já deram em alguma coisa?

— Até agora nada. Mas queria saber se tinha havido alguma informação por parte de pais preocupados? Denúncias sobre tipos a rondarem casas, coisas desse género?

Amanda assentiu com a cabeça. Fora algo que a mãe de Neil deixara escapar, e não queria que voltassem a cometer o mesmo erro.

— Recebemos uma, esta madrugada — disse Steph. — Um homem ligou a dizer que alguém andou a rondar-lhe a casa e a falar com o filho dele.

Amanda debruçou-se sobre a secretária de Steph e virou o ecrã do computador, para conseguir ler os pormenores. O rapaz em questão tinha 7 anos. Andava na Escola Primária Rose Terrace. Um homem à porta de casa, pelos vistos a falar com ele. Mas a denúncia referia, igualmente, que o menino se comportara de maneira estranha, e percebia-se, nas entrelinhas, que os agentes encarregados da ocorrência não tinham a certeza de se tratar de uma denúncia genuína.

Talvez lhes desse uma palavrinha sobre o incidente.

Recuou e atravessou a sala, olhando em redor com irritação. Avistou o agente John Dyson. Serviria — aquele sacana preguiçoso, escondido atrás de uma pilha de papelada, a mexer no telemóvel. Assim que Amanda se aproximou e estalou os dedos diante do rosto dele, o homem deixou o aparelho cair no colo.

— Venha comigo — ordenou-lhe.

Demorei dez minutos a chegar à rua da Sra. Shearing, a mulher que me vendera a nossa casa nova. Estacionei diante de uma habitação isolada de dois pisos e telhado em bico, um amplo caminho de acesso pavimentado, separado do passeio por uma vedação de ferro, com uma caixa de correio preta num poste, do lado de fora. Tratava-se de uma zona de Featherbank bastante mais prestigiada do que aquela onde eu e o Jake morávamos, na casa que pertencera à Sra. Shearing e que ela alugara durante vários anos.

Mais recentemente, ao que parecia, ao Dominic Barnett.

Enfiei a mão por entre as grades do portão e levantei o trinco. Assim que o abri, um cão desatou a ladrar furiosamente no interior da casa. O som intensificou-se quando alcancei a porta da rua e toquei à campainha, aguardando. A Sra. Shearing abriu ao segundo toque, mas manteve a corrente de segurança posta, espreitando pela abertura. O cão estava atrás dela: um pequeno *Yorkshire terrier*, a latir furiosamente para mim. Tinha o pelo salpicado de brancas, e parecia quase tão velho e frágil quanto a dona.

— Sim?

— Olá — cumprimentei-a. — Não sei se se recorda de mim, Sra. Shearing. O meu nome é Tom Kennedy. Comprei a sua casa há umas semanas? Encontrámo-nos duas vezes, quando a vim ver. Eu e o meu filho.

— Oh, sim. Claro. Chiu, *Morris*! Vai-te embora. — Estas últimas palavras eram dirigidas ao cão. Ela alisou o vestido e virou-se novamente para mim. — Peço desculpa, ele fica muito excitado. Em que posso ajudá-lo?

— É sobre a casa. Seria possível falar consigo sobre um dos inquilinos anteriores?

— Certo. — Ela pareceu ficar pouco à vontade, como se adivinhasse a qual deles eu me referia e preferisse não ter de o fazer. Aguardei. Após

alguns segundos de silêncio, a educação sobrepôs-se a quaisquer reservas que a Sra. Shearing pudesse ter, e ela retirou a corrente de segurança. — Certo — repetiu. — Nesse caso, é melhor entrar.

Quando entrei, ela pareceu-me muito corada, a remexer na roupa e no cabelo, pedindo desculpa pelo estado da casa. No que dizia respeito a esse último aspeto, não havia qualquer necessidade; a casa era sumptuosa e estava um brinco; do átrio, só por si do tamanho da minha sala de estar, via-se uma ampla escadaria de madeira que serpenteava até ao piso de cima.

Segui a Sra. Shearing para uma acolhedora sala de estar, com o *Morris* a saltitar entusiasticamente junto aos meus tornozelos. Dois sofás e uma poltrona estavam dispostos em torno de uma lareira aberta, a grelha vazia e imaculada, e havia armários a todo o comprimento de uma das paredes, exibindo louça de cristal cuidadosamente espaçada, por trás dos painéis de vidro. Pinturas na parede representavam cenas rurais e de caça. A janela que dava para a frente da casa estava coberta com uns cortinados de veludo vermelhos, fechados para a rua.

— Tem uma casa muito bonita — disse-lhe.

— Obrigada. É demasiado grande para mim, na verdade, sobretudo depois de os meus filhos terem saído de casa e o Derek ter falecido, que Deus o tenha. Mas já sou velha demais para me mudar. Tenho uma rapariga que vem limpá-la. Um luxo, mas que remédio tenho eu? Sente-se, por favor.

— Obrigado.

— Quer tomar um chá? Um café?

— Não, estou bem.

Sentei-me. O sofá era inflexível e duro.

— Já estão devidamente instalados na casa? — perguntou-me.

— Está a correr tudo bem.

— Folgo em sabê-lo. — Esboçou um sorriso afetuoso. — Eu cresci naquela casa, sabe, e sempre quis que acabasse por ir parar às mãos de alguém simpático. De uma família decente. E o seu filho... Jake, se bem me recordo? Como é que ele está?

— Começou agora a escola.

— Na Rose Terrace?

— Sim.

Novamente aquele sorriso.

— É uma excelente escola. Andei lá, em criança.

— As suas mãos estão gravadas na parede?

— Estão, sim. — Ela assentiu com a cabeça, orgulhosa. — Uma vermelha e outra azul.

— Que giro. Disse que tinha crescido na Garholt Street?

— Sim. Quando os meus pais morreram, eu e o Derek mantivemos a casa como investimento. A ideia foi do meu marido, mas não foi difícil convencer-me. Sempre gostei muito dela. Traz-me muitas recordações, entende?

— Claro. — Pensei no homem que lá aparecera, tentando fazer contas de cabeça. Era consideravelmente mais novo do que a Sra. Shearing, mas não era impossível. — A senhora tem algum irmão mais novo?

— Não, sou filha única. Talvez por isso tenha tido sempre muito carinho pela casa. Era minha, entende? Só minha. Eu adorava-a. — Fez um esgar. — Quando era miúda, os meus amigos tinham algum receio dela.

— Porquê?

— Oh, é pelo tipo de casa. Tem um ar um pouco estranho, não lhe parece?

— Penso que sim. — A Karen dissera-me o mesmo no dia anterior. Repeti o que lhe respondera a ela, embora, sinceramente, começasse a soar um pouco superficial. — Tem personalidade.

— Exatamente! — A Sra. Shearing pareceu ficar satisfeita. — Foi exatamente isso que sempre pensei. E por isso é que estou contente por ela estar novamente em mãos seguras.

Engoli em seco, pois a casa não me parecia minimamente segura. Contudo, tal como eu suspeitava, fosse quem fosse o homem que lá aparecera mentira quando dissera que tinha crescido ali. A escolha de palavras da Sra. Shearing despertou o meu interesse. «Novamente em mãos seguras.» Quisera que a casa «acabasse por ir parar às mãos de alguém simpático».

— Não estava em mãos seguras antes?

Ela pareceu ficar de novo pouco à vontade.

— Não particularmente, não. Digamos que não tive os melhores inquilinos no passado. Mas é tão difícil de perceber, não é? As pessoas podem aparentar ser muito simpáticas quando as conhecemos. E eu nunca tive nenhuma razão de queixa concreta. Eles pagavam a renda a tempo e horas. E cuidavam relativamente bem da propriedade...

Calou-se, como se não quisesse explicar quais haviam sido, concretamente, os problemas e preferisse ficar por ali. No entanto, se ela podia dar-se a esse luxo, eu não.

— Mas...?

— Oh, sei lá... Nunca tive nada de concreto que pudesse utilizar contra eles; caso contrário, nem teria hesitado. Apenas algumas suspeitas. De que, de vez em quando, ficavam lá outras pessoas também.

— Eles alugavam quartos?

— Sim. E por vezes passavam-se lá coisas desagradáveis. — Fez um esgar. — A casa costumava ter um cheiro esquisito quando eu lá ia; mas, claro, hoje em dia não se pode aparecer sem avisar. Dá para acreditar numa coisa dessas? Sermos obrigados a marcar uma hora para podermos entrar na nossa própria propriedade. Um aviso prévio, é o que é. A única vez em que apareci sem avisar, ele não me deixou entrar.

— Refere-se ao Dominic Barnett?

Ela hesitou.

— Sim. Esse. Apesar de o outro antes não ter sido muito melhor. Acho que tive uma levada de muito má sorte com aquela casa.

Má sorte essa que agora passou para mim.

— Está a par do que aconteceu ao Dominic Barnett? — perguntei.

— Sim, claro. — Baixou o olhar para as mãos, pousadas correta e delicadamente no colo, e ficou em silêncio por alguns instantes. — Uma coisa terrível, como é óbvio. Não desejava esse destino a ninguém. Mas, segundo o que ouvi dizer mais tarde, andava envolvido com esse tipo de gente.

— Drogas — disse eu, sem rodeios.

Outro momento de silêncio. Então soltou um suspiro, como se

estivéssemos a falar sobre aspetos do mundo que lhe eram totalmente alheios.

— Nunca se provou que as vendia na minha propriedade. Mas sim. Foi muito triste. Podia ter procurado outro inquilino depois da morte dele, mas já estou velha, pelo que decidi não o fazer. Achei que estava na altura de vender a casa e pôr um fim a tudo isso. Assim, daria à minha casa uma nova oportunidade com outras pessoas. Alguém que se saísse melhor com ela do que eu me saí.

— Eu e o Jake.

— Exatamente! — O rosto dela iluminou-se perante a ideia. — O senhor e o seu lindo menino! Tive ofertas melhores, mas o dinheiro não me interessa, e vocês pareceram-me perfeitos. Agradou-me a ideia de a minha antiga casa ir para uma família jovem, para que houvesse novamente crianças lá a brincar. Queria sentir que poderia voltar a encher-se de alegria e amor. Cheia de cor, tal como quando eu era menina. Fico muito contente por saber que são felizes lá.

Recostei-me.

Eu e o Jake não éramos felizes lá, claro, e uma parte de mim estava muito aborrecida com a Sra. Shearing. Achava que a história da casa era algo que ela deveria ter partilhado comigo na altura. Contudo, também me parecia genuinamente satisfeita, como se estivesse convencida de que havia feito algo positivo. Compreendia a motivação dela para me escolher a mim e ao Jake para ficarmos com a propriedade, em vez de...

Franzi o sobrolho.

— Disse que tinha tido ofertas melhores pela casa?

— Oh, sim; muito melhores, aliás. Um homem estava disposto a pagar muito mais do que o valor que eu estava a pedir por ela. — Franzziu o nariz e abanou a cabeça. — Mas não gostei nada dele. Fazia-me lembrar um pouco os outros. E foi muito persistente também, o que me deixou de pé atrás. Não gosto de ser importunada.

Inclinei-me novamente para a frente.

Alguém estivera disposto a oferecer muito mais do que o valor de venda da casa e a Sra. Shearing recusara. Essa pessoa fora persistente e insistente.

E ela ficara de pé atrás com ela.

— Esse homem — disse eu, cautelosamente. — Como é que ele era? Baixinho? Careca aqui em cima, com o cabelo grisalho a toda a volta?

Apontei para a minha cabeça, mas ela já se encontrava a acenar afirmativamente.

— Sim, precisamente. Sempre impecavelmente vestido. — Fez mais um esgar, como se, tal como eu, não se tivesse deixado enganar pelo ar de respeitabilidade do homem. — Sr. Collins — acrescentou. — Norman Collins.

De regresso a casa, estacionei o carro e fiquei a contemplar o caminho de acesso.

Estava a pensar — ou pelo menos a tentar. Tinha a sensação de ter factos, ideias e explicações a rodopiar dentro da cabeça como pássaros, lentos o suficiente para os ver, mas demasiado rápidos para os conseguir apanhar.

O homem que andara por ali a bisbilhotar chamava-se Norman Collins. Não obstante o que me dissera, não crescera naquela casa, e, no entanto, por alguma razão, estivera disposto a pagar muito mais por ela do que o valor pedido. Era óbvio que a propriedade era importante para ele.

Mas porquê?

Contemplei a garagem ao fundo do caminho de acesso.

Fora onde o Collins andara a espiar quando o vira pela primeira vez. A garagem, repleta de coisas retiradas da casa antes de eu me ter mudado para lá, algumas das quais, presumivelmente, do Dominic Barnett. Teria sido o Collins à nossa porta, na noite anterior, a tentar convencer o Jake a abri-la? Se assim fosse, talvez o Jake não corresse verdadeiramente perigo; talvez o Collins andasse realmente à procura de algo.

Da chave da garagem, possivelmente.

Ficar a pensar não me levaria muito longe. Saí do carro e dirigi-me para a garagem; destranquei-a e abri uma das portas, fixando-a com uma lata de tinta velha.

Entrei.

A tralha continuava toda lá, claro: a mobília antiga, o colchão imundo; as pilhas desorganizadas de caixas de cartão, ao centro, cheias de humidade. Baixando o olhar para a minha direita, vi que a aranha continuava a tecer a sua grossa teia, rodeada de mais restos do que antes. Borboletas, possivelmente, mastigadas até se transformarem em minúsculos e pálidos

molhos de fio.

Olhei em redor. Uma das borboletas continuava delicadamente pousada na janela. Outra descansava na lateral da caixa dos enfeites de Natal, as asas batendo ligeiramente. Fizeram-me lembrar o desenho do Jake — e o facto de ser impossível que ele as tivesse visto ali dentro. Contudo, esse era um mistério que eu não tinha como resolver naquele momento.

E tu, Norman? Do que andarias à procura aqui dentro?

Afastei umas folhas secas com o pé, para criar um espaço limpo, peguei na caixa com os enfeites e comecei a vasculhá-la.

Demorei cerca de meia hora a revolver todas as caixas, esvaziando-as uma a uma e espalhando o respetivo conteúdo no chão. Ajoelhado no meio de toda aquela tralha, o chão de pedra da garagem parecia-me gelado, como se a zona dos joelhos das calças de ganga estivesse a absorver ovais de humidade.

A porta da garagem fez barulho e eu olhei rapidamente para trás, assustado. Porém, o caminho de acesso estava vazio e iluminado pelo Sol. Havia apenas uma brisa quente, a fazer vibrar a porta contra a lata.

Foquei novamente a minha atenção no que encontrara.

Na verdade, não encontrara nada. Todas as caixas continham tralha sem qualquer utilidade imediata, mas que, ainda assim, não se deitava fora. Havia enfeites de Natal — encontrava-me rodeado de fitas brilhantes, as suas cores desbotadas e carcomidas pelo tempo; revistas e jornais, sem nada de óbvio que pudesse ligar as várias datas ou edições; roupa que fora dobrada e armazenada e que cheirava a mofo; extensões elétricas carregadas de pó. Nada daquilo parecia ter sido deliberadamente escondido, antes pelo contrário: parecia ter sido naturalmente guardado e esquecido.

Tentei combater a frustração. Não havia respostas ali.

A minha investigação perturbara, contudo, mais uma série borboletas. Cinco ou seis moviam-se lentamente sobre a tralha que eu retirara das caixas, com as antenas a vibrarem, e outras duas esvoaçavam diante da janela. Observei uma borboleta pousada sobre uma fita de Natal levantar voo e passar por mim, em direção à porta aberta; depois a palerma voltou a entrar e pousou no chão, à minha frente, sobre um dos tijolos.

Observei-a por mais alguns instantes, admirando novamente as cores ricas e distintas das suas asas. Ela moveu-se calmamente sobre a superfície dos tijolos e desapareceu numa fenda entre eles.

Fitei o chão da garagem.

Uma grande parte da superfície à minha frente era feita de tijolos, dispostos de forma irregular, e demorei algum tempo a reconhecer o que estava a ver. Uma antiga fossa, para onde era possível descer e trabalhar sob um automóvel. Fora preenchida com tijolos para criar uma superfície lisa.

Hesitante, levantei o tijolo onde estivera a borboleta. Este soltou-se do chão, coberto de pó e de teias de aranha antigas, a borboleta pousada, obstinadamente, na parte lateral.

No buraco deixado pelo tijolo, vislumbrei a tampa do que me parecia ser mais uma caixa de cartão, lá em baixo.

A porta da garagem tornou a bater atrás de mim.

Santo Deus!

Dessa vez levantei-me e fui espreitar o caminho de acesso. Não se via ninguém, mas, nesses últimos minutos, o Sol desaparecera atrás de uma nuvem, deixando o mundo mais escuro e frio. A brisa começava a soprar com mais força. Baixei o olhar e reparei que ainda tinha o tijolo na mão, e que esta tremia ligeiramente.

De volta à garagem, pousei o tijolo de lado e comecei a retirar mais tijolos da fossa, revelando, gradualmente, a caixa escondida no interior do buraco. Era do mesmo tamanho que as outras, mas fora selada por cima com fita-cola. Saquei das minhas chaves e escolhi a que tinha a ponta mais aguçada. O meu coração batia com força.

Era disto que andavas à procura, Norman?

Deslizei a ponta da chave sobre o meio da fita-cola e enfiei os dedos para levantar as abas da tampa. Estas soltaram-se com um leve estalido em cada extremidade. Então espreitei o interior.

Sentei-me sobre os calcanhares, sem conseguir ou querer compreender o que estava a ver. Os meus pensamentos remeteram-me para o que o Jake dissera na noite anterior, depois de ter estado a falar sozinho na sala de estar. «Eu quero assustar-te.» Isso fora quando eu julgava que a menina

imaginária havia voltado a aparecer nas nossas vidas.

Ouvi a porta de um carro a bater. Olhei rapidamente para trás e vi um veículo estacionado ao fundo do caminho de acesso e um casal a caminhar na minha direção.

«Não era ela», dissera-me o meu filho. «Era o menino no chão.»

— Sr. Kennedy? — disse a mulher.

Em vez de lhe responder, voltei novamente a minha atenção para a caixa diante de mim.

Para os ossos no seu interior.

Para o pequeno crânio que parecia fitar-me.

E para a borboleta de cores maravilhosas que pousara em cima dele, as asas a moverem-se delicadamente, como o batimento cardíaco de uma criança adormecida.

Naquela época, Pete cruzara-se com Norman Collins em inúmeras ocasiões, mas nunca tivera motivos para ir a casa do homem. Sabia qual era, contudo: uma casa geminada que, em tempos, pertencera aos pais de Collins e da qual ele nunca saíra. Após a morte do pai, ficara lá a morar com a mãe, durante uma série de anos, e lá permanecera depois da morte dela.

Não havia nada de mal nisso, claro, mas, ainda assim, a ideia deixava Pete algo inquieto. As crianças deviam crescer, sair de casa e construir as suas próprias vidas; o contrário sugeria algum tipo de dependência pouco saudável ou alguma deficiência. Talvez fosse simplesmente porque Pete conhecera Collins. Recordava-o como um homem de aspeto mole e pastoso, sempre transpirado, como se tivesse algo podre dentro de si a verter constantemente para fora. Era o tipo de homem que se imaginava que tivesse mantido o quarto da mãe cuidadosamente preservado ao longo dos anos, ou que tivesse passado a dormir na cama dela.

No entanto, por muito que Pete suspeitasse dele, Norman Collins não revelara ser o cúmplice de Frank Carter.

Havia um certo consolo nesse facto. Qualquer que fosse o envolvimento de Collins agora, naquela altura não passara despercebido a Peter. Embora o homem nunca tivesse sido oficialmente um suspeito, suspeitaram, e muito, dele. No entanto, os seus álibis eram fidedignos.

Se alguém ajudara realmente Frank Carter, era fisicamente impossível que tivesse sido Norman Collins.

Então o que teria ele ido fazer à prisão?

Talvez nada. Todavia, Carter obtivera claramente informações sobre o mundo exterior de alguma maneira. Pete sentiu uma pontada de entusiasmo, enquanto estacionava diante da casa de Collins. Era melhor não alimentar grandes esperanças, claro. De qualquer modo, continuava convencido de

que se encontravam no caminho certo, ainda que não fosse totalmente claro para onde é que os conduziria.

Aproximou-se da casa. O pequeno jardim da frente estava negligenciado e coberto de ervas daninhas, cheio de espirais de relva que se sobrepunham umas às outras. Um arbusto próximo da casa estava tão desenvolvido que Pete teve de se esgueirar de lado para alcançar a porta. Bateu. A madeira sob os nós dos seus dedos era fraca e frágil, meio carcomida. A parte da frente da casa fora pintada de branco em tempos, mas, desde então, a tinta escamara tanto que lhe fazia lembrar o rosto de uma idosa coberto de base mal aplicada.

Estava prestes a bater outra vez quando ouviu movimento no outro lado da porta. Esta abriu-se, mas só até ao limite da corrente de segurança. Não a ouvira a ser colocada, o que significava que Collins gostava de manter a propriedade segura, mesmo quando se encontrava em casa.

— Sim?

Norman Collins não reconheceu Pete, mas este reconheceu-o de imediato. Pouco mudara em 20 anos, à exceção do cabelo estilo monge, que agora estava grisalho. O cocuruto da cabeça estava manchado e vermelho, como algo furioso a necessitar de rebentar. Embora se encontrasse em casa, provavelmente a descansar, estava vestido com uma formalidade quase absurda, com um elegante fato com colete.

Pete mostrou-lhe a sua identificação.

— Boa tarde, Sr. Collins. Sou o inspetor Peter Willis. Talvez não se recorde de mim, mas cruzámo-nos aqui há uns anos.

O olhar de Collins desviou-se do distintivo para o rosto de Pete, e a sua expressão tornou-se séria e tensa. Lembrava-se, sim.

— Oh, sim. Claro.

Pete guardou a identificação.

— Posso entrar para falar consigo? Tentarei não lhe tomar muito tempo.

Collins hesitou, olhando de relance para trás, para as profundezas escuras da casa. Pete viu gotas de transpiração começarem a surgir-lhe na testa.

— Não é uma altura muito conveniente. Do que se trata?

— Preferia falar consigo dentro de casa, Sr. Collins.

Aguardou.

Collins era um homenzinho enfadonho, e Pete estava confiante de que ele não iria querer que o silêncio se tornasse constrangedor. Após alguns segundos, cedeu.

— Muito bem.

A porta fechou-se e, de seguida, abriu-se por completo. Pete entrou para um *hall* minúsculo e de aspeto pesado, com escadas que conduziam a um patamar indistinto. O ar cheirava a velho e a bafio, mas com algo adocicado à mistura. Fez-lhe lembrar as mesas antigas da escola da sua infância, em que ele abria a tampa e sentia o odor a madeira e a pastilha elástica velha.

— Em que posso ajudá-lo, inspetor Willis?

Estavam parados ao fundo das escadas, demasiado próximos para o gosto de Pete. Àquela distância, sentia o cheiro de Collins, que transpirava profusamente sob o fato. Fez sinal para uma porta aberta que dava para o que era claramente a sala de estar.

— E se fôssemos até ali?

Collins hesitou de novo.

Pete franziu o sobrolho.

O que é que estás a esconder, Norman?

— Com certeza — respondeu Collins. — Venha, por favor — disse, conduzindo-o para a sala.

Pete estava à espera de se deparar com um pardieiro, mas a divisão encontrava-se arrumada e limpa, e o mobiliário era mais recente e menos antiquado do que teria imaginado. Havia um enorme ecrã plasma numa das paredes e as restantes estavam repletas de quadros e pequenos expositores de vidro.

Collins deteve-se no centro da sala, hirto, com as mãos cruzadas à frente, como um mordomo. Algo nos seus maneirismos estranhamente formais fez eriçar os pelos no pescoço de Pete.

— Está... tudo bem, Sr. Collins?

— Oh, sim. — Collins assentiu bruscamente com a cabeça. — Posso saber do que se trata?

— Há cerca de dois meses o senhor visitou um recluso chamado Victor

Tyler na Prisão de Whitrow.

— É um facto, sim.

— Qual foi o propósito da sua visita?

— Falar com ele. O mesmo propósito das visitas anteriores.

— Já o visitara antes?

— Com certeza. Várias vezes.

Collins permanecia imóvel, como se tivesse sido posto em pose. E continuava a sorrir educadamente.

— Posso saber sobre o que conversou com o Victor Tyler?

— Bem, sobre o crime dele, obviamente.

— A menina que ele matou?

Collins assentiu com a cabeça.

— A Mary Fisher.

— Sim, eu sei o nome dela.

Um ladrão de túmulos. Fora isso que Collins sempre parecera a Pete — um homenzinho estranho, obcecado com o tipo de obscuridade do qual a maioria das pessoas fugia a sete pés. Continuava ali espedado, a sorrir, como se aguardasse pacientemente o fim da conversa e que Pete se fosse embora. Porém, havia algo de errado no sorriso dele. Ele estava nervoso, pensou Pete. Escondia alguma coisa. Reparou que ele próprio permanecia completamente imóvel — que havia uma inquietante falta de movimento na divisão —, pelo que se aproximou de uma das paredes e examinou despreocupadamente algumas das imagens emolduradas e itens expostos.

Os desenhos pareciam estranhos. De perto, percebia-se quão infantis muitos deles eram. Perscrutou-os com o olhar, bonecos-palito e aguarelas amadoras. Depois a sua atenção centrou-se em algo mais invulgar. Uma máscara de Diabo de plástico vermelha. Era o tipo de artigo que se encontrava em lojas de fantasias baratas, mas, por alguma razão, Collins colocara-a num retângulo de vidro fino e pendurara-a na parede.

— É uma peça de coleção.

De repente, Collins estava ao seu lado. Pete conseguiu evitar dar um grito, mas recuou um passo.

— Uma peça de coleção?

— Exatamente. — Collins assentiu com a cabeça. — Foi usada por um assassino relativamente famoso durante os crimes que cometeu. Custou-me uma pequena fortuna, mas é uma peça elegante, e a origem e a papelada de autenticação são fidedignas. — Virou-se rapidamente para Pete. — Tudo completamente legal e honesto, garanto-lhe. Mais alguma coisa em que possa ajudá-lo?

Pete abanou a cabeça, tentando interiorizar o que Collins acabara de lhe dizer. Contemplou outros itens expostos na parede. Não se tratava apenas de desenhos, constatou. Várias molduras continham apontamentos e cartas. Alguns eram claramente documentos e relatórios oficiais, e outros haviam sido escritos à mão, escrevinhados em papel barato. Fez sinal para a parede, sentindo-se ligeiramente impotente.

— E... estes aqui?

— Correspondência — respondeu Collins, num tom jovial. — Alguma pessoal, outra adquirida. E também impressos e papelada de vários casos.

Pete deu mais um passo atrás, desta vez recuando até ao centro da sala. Olhou em redor. Assim que compreendeu o que estava a ver, a sensação de mal-estar intensificou-se, apoderando-se dele, sugando-lhe todo o calor da pele.

Desenhos, recordações, correspondência.

Artefactos de morte e de homicídios.

Sempre soubera que existiam pessoas no mundo que gostavam de adquirir esse tipo de objetos macabros e que havia, inclusivamente, mercados online dedicados a essa atividade, mas nunca estivera diante de uma dessas coleções. A divisão à sua volta parecia pulsar de perigo: aquilo não era, claramente, apenas uma coleção, mas sim uma celebração. Percebia-se uma certa reverência na maneira como as coisas haviam sido expostas.

Olhou para Norman Collins, que permanecia parado junto à parede. O sorriso desaparecera do rosto do homem, a sua expressão substituída por algo bastante mais estranho e reptiliano. Collins não quisera deixar entrar Pete e contara, claramente, concluir a conversa sem que este tivesse reparado naquelas imagens e ornamentos. Contudo, o seu rosto revelava

agora um esgar orgulhoso — a sua expressão indicava que sabia quão abominável Pete considerava a sua coleção, e uma parte de si comprazia-se nisso. Achava-se, em certa medida, superior a Pete.

«Tudo completamente legal e honesto, garanto-lhe.»

Pete deixou-se ficar parado por alguns instantes, sem saber o que fazer, duvidando que houvesse algo que pudesse realmente fazer. Então o seu telemóvel tocou, sobressaltando-o. Tirou-o do bolso e virou-se de costas, falando em voz baixa, com o aparelho encostado ao ouvido.

— Daqui fala o Willis.

— Pete? Onde é que está? — Era Amanda.

— Estou onde lhe disse que iria estar. — Percebeu a urgência na voz dela.
— Onde é que você está?

— Estou na casa da Garholt Street. Temos mais um cadáver.

— Mais um?

— Sim. Mas estes restos mortais são bastante mais antigos; parecem ter estado escondidos durante muito tempo. — Pete tentou interiorizar o que estava a ouvir. — Esta casa foi vendida recentemente. — Amanda soava ofegante, como se ela própria ainda estivesse a tentar processar toda a informação. — O novo proprietário encontrou o cadáver numa caixa, na garagem. E também apresentou queixa por alguém ter tentado raptar o filho dele ontem à noite. E o nosso homem, o Norman Collins... parece que andou a bisbilhotar a propriedade dele. O proprietário diz que o viu no local. Acho que o Collins sabia que o corpo estava aqui.

Pete virou-se rapidamente — de súbito ciente de uma presença. Collins aproximara-se de novo, como que por magia. Encontrava-se parado ao seu lado, o rosto tão perto que lhe conseguia ver os poros na pele e a inexpressividade no olhar. O ar tresandava a perigo.

— Mais alguma coisa, inspetor Willis? — sussurrou Collins.

Pete deu um passo atrás, o coração a bater furiosamente.

— Traga-o cá — disse-lhe Amanda.

Estacionei a uma rua de distância da escola do Jake, pensando que deveria sentir-me tranquilizado por ter um agente da polícia comigo no carro.

Ficara frustrado por, nessa manhã, não terem levado a sério o meu visitante noturno e a tentativa de rapto do meu filho. Isso mudara por completo entretanto, mas não havia nada de reconfortante nesse facto. Apenas significava que aquilo estava realmente a acontecer. Significava que o perigo para o Jake era real.

O agente Dyson ergueu o olhar:

— Chegámos?

— É ao virar daquela esquina.

Ele enfiou o telemóvel no bolso das calças do fato. Tinha mais de 50 anos, mas passara toda a viagem desde a esquadra silenciosamente entretido com algo no telemóvel, como um adolescente.

— Certo — disse ele. — Quero que se comporte com naturalidade. Vá buscar o seu filho. Converse com os outros pais ou faça o que sempre faz. Demore o tempo que for necessário. Estarei a vigiá-lo, bem como a vigiar todas as outras pessoas presentes.

Tamborilei no volante.

— A inspetora Beck disse-me que já tinham detido o homem responsável.

— Exato. — O agente Dyson encolheu os ombros. A julgar pelos seus modos, estava apenas a cumprir ordens e a fazer o que tinha de fazer. — É uma mera precaução.

«Uma precaução.» Fora a mesma expressão que a inspetora Amanda Beck empregara na esquadra. As coisas haviam avançado rapidamente depois de a polícia ter chegado a minha casa e de eu lhes ter mostrado o que encontrara. Entretanto, o Norman Collins fora detido, fazendo-me pensar novamente no que poderia ter acontecido ao Jake na noite anterior. Porém,

com o Collins sob custódia policial, o meu filho deveria estar em segurança.

Então porquê a escolta?

Por mera precaução.

Isso não me tranquilizara na esquadra, nem me tranquilizava agora. A polícia era um recurso poderoso e competente para ter comigo, mas sentia que o Jake só estaria seguro quando estivesse ao meu lado. De alguma maneira, eu saberia protegê-lo.

O agente Dyson ficou para trás, enquanto caminhei em direção à escola. Era surreal pensar que estava a ser dissimuladamente vigiado por um agente da polícia. Na verdade, o dia inteiro fora estranho e irreal. Com os acontecimentos a sucederem-se tão velozmente, ainda não processara o facto de ter encontrado restos humanos, muito provavelmente pertencentes a uma criança, na minha propriedade. A realidade disso ainda não me atingira por completo. Prestara calmamente declarações na esquadra, que seriam passadas para computador e depois impressas para que as assinasse após ter ido buscar o Jake. Continuava sem saber o que iria acontecer a seguir.

«Comporte-se com naturalidade», dissera o agente Dyson, uma instrução absolutamente impossível de seguir dadas as circunstâncias. Porém, assim que cheguei ao recreio, vi a Karen encostada ao gradeamento, de mãos enfiadas nos bolsos do seu sobretudo, e calculei que falar com ela seria a coisa mais natural a fazer. Entrei e encostei-me ao gradeamento, ao lado dela.

— Olá — cumprimentou-me. — Como vão as coisas?

— Vão indo.

— Ah! Ah! Ah! — Olhou para mim. — Embora não tenha graça nenhuma, a julgar pela tua cara. Tiveste um dia complicado?

Exalei lentamente. A polícia não me dissera explicitamente que não deveria partilhar com ninguém os acontecimentos desse dia, mas calculei que seria sensato da minha parte não o fazer por enquanto. Até porque não faria a mínima ideia por onde começar.

— Pode dizer-se que sim. Têm sido umas 24 horas muito complicadas. Conto-te tudo noutra altura.

— Bem, fico à espera. Mas sentes-te mesmo bem? Não fiques ofendido, mas estás com um aspeto de merda. — Ela refletiu sobre as suas palavras. — Embora isso seja realmente bastante ofensivo de se dizer, não é? Desculpa. Digo sempre o que não devo. Maus hábitos.

— Tudo bem. Só não dormi muito bem ontem à noite.

— Os amigos imaginários do teu filho mantêm-te acordado?

Dei uma risada.

— Isso está mais próximo da verdade do que imaginas.

O rapaz no chão.

Pensei nos ossos de aspeto ferrugento e no crânio de olhos ocos, a crista com fendas irregulares. Nas cores lindíssimas das borboletas que o Jake não poderia ter visto, mas que, por alguma razão, desenhara. Por muito que o quisesse ter comigo, também me sentia ligeiramente receoso. Receoso dele, o meu filho sensível, com o seu sonambulismo, os seus amigos imaginários e o facto de falar com pessoas que não existiam, que entoavam rimas assustadoras e o tentavam assustar.

E que me assustavam também a mim.

A porta abriu-se. A professora Shelley surgiu e, olhando para os pais, foi chamando os nomes das crianças por cima do ombro. O seu olhar incidiu sobre mim e a Karen.

— Adam — disse ela, passando de imediato a outro menino.

— Ai, ai! Parece que estás metido em sarilhos outra vez — comentou a Karen.

— Depois do dia que tive, não me admirava nada.

— Até parece que voltámos a ser crianças, não é? A maneira como às vezes falam connosco...

Assenti com a cabeça. Apesar de não estar com muita paciência para isso hoje.

— Bem, cuida de ti — disse ela, assim que o Adam chegou.

— Assim farei.

Fiquei a vê-los afastarem-se e aguardei, enquanto o resto das crianças ia saindo. Pelo menos o agente Dyson estava a ter uma boa oportunidade para «tomar precauções». Esse pensamento fez-me perscrutar os rostos presentes

no recreio.

Não servia de nada. Já conseguia reconhecer alguns dos pais, mas não mais de meia dúzia. Aos olhos deles, talvez eu próprio tivesse um ar suspeito.

Quando já só faltava o Jake, a professora fez-me sinal para que me aproximasse. O Jake surgiu ao lado dela, novamente cabisbaixo. Tinha um ar tão vulnerável que me apeteceu salvá-lo — pegar nele ao colo e levá-lo para um local seguro. Senti uma explosão de amor por ele. Talvez fosse demasiado frágil para ser normal, para se conseguir encaixar e ser aceite. Porém, depois de tudo o que acontecera, o que é que isso importava?

— Houve chatice outra vez? — perguntei.

— Infelizmente, sim. — A professora esboçou um sorriso triste. — Hoje o Jake passou para o vermelho. Teve de ir falar com a diretora Wallace, não foi, Jake?

O Jake assentiu com a cabeça, com um ar miserável.

— O que é que aconteceu?

— Bateu num menino da turma.

— Oh!

— Foi o Owen que começou! — O Jake parecia prestes a chorar. — Estava a tentar tirar-me a Caixa das Coisas Especiais. Eu não queria bater-lhe.

— Pois, pois... — A professora cruzou os braços e olhou diretamente para mim. — Seja como for, não me parece que essa caixa seja algo próprio para uma criança da tua idade trazer para a escola.

Eu não fazia ideia do que dizer. O convencionalismo social ditava que me pusesse do lado do adulto, o que significava que deveria dizer ao Jake que não se batia em ninguém e que talvez a professora estivesse certa em relação à caixa. Mas não fui capaz. De repente, aquilo pareceu-me risivelmente trivial. A merda do sistema de semáforos. O terror que era a diretora Wallace. E, acima de tudo, a ideia de ralhar com o Jake porque um merdas qualquer se metera com ele e muito provavelmente tivera o que merecia.

Olhei para o meu filho, ali parado com um ar tão tímido, provavelmente à

espera de que eu ralhasse com ele também, quando, na verdade, me apetecia dizer-lhe: «É assim mesmo! Eu nunca tive coragem de fazer isso quando tinha a tua idade. Espero que lhe tenhas acertado uma valente.» No entanto, o convencionalismo social ganhou.

— Eu falo com ele — disse, simplesmente.

— Ótimo. Porque não tem sido um grande início de ano, pois não, Jake?

A professora despenteou-lhe o cabelo, e o meu convencionalismo social foi por água abaixo.

— Não toque no meu filho — disse-lhe.

— Desculpe?

Ela afastou a mão, como se o Jake estivesse ligado à eletricidade. Senti uma certa satisfação nisso, apesar de as palavras me terem saído sem pensar e não fazer a mínima ideia do que iria dizer a seguir.

— A senhora ouviu o que eu disse — insisti. — Não pode pô-lo no seu sistema de semáforos e depois fingir-se simpática. Se quer que lhe diga, parece-me terrível fazer-se isso a qualquer criança, quanto mais a uma criança que anda claramente a ter problemas.

— Que problemas? — Ela estava corada. — Se há problemas, podemos discuti-los.

Eu sabia que era um disparate ser tão conflituoso, mas, ainda assim, dava-me um certo prazer defender o meu filho. Tornei a olhar para o Jake, que me fitava com uma expressão de curiosidade, como se não percebesse muito bem o que se estava a passar. Sorri-lhe. Sentia-me satisfeito por ele se ter defendido, por ter criado um impacto no mundo.

Voltei a olhar para a professora.

— Irei falar com ele — disse-lhe. — Porque não se deve bater em ninguém. Por essa razão, eu e ele teremos uma longa conversa sobre outras maneiras de fazer frente a um *bully*.

— Bem... folgo em sabê-lo.

— Ainda bem. Tens tudo, filhote? — O Jake assentiu com a cabeça. — Ótimo — respondi-lhe. — É que acho que não vamos poder voltar para casa hoje.

— Porquê?

Por causa do menino no chão.

Mas não o disse. O mais estranho era que me parecia que ele já sabia a resposta à sua própria pergunta.

— Vamos — disse-lhe, calmamente.

Encontraram-no, pensou Pete.

Depois deste tempo todo.

Encontraram o Tony.

Sentado no carro, observou os agentes forenses a entrarem na propriedade de Norman Collins. Por enquanto, essa era a única atividade visível na rua. Não obstante a presença policial cada vez maior, os meios de comunicação social ainda não tinham chegado e quaisquer vizinhos que se encontrassem em casa mantinham-se longe de vista, pelo menos de momento. Um elemento da equipa forense saiu para a entrada da casa, levou as mãos à base das costas e esticou-se.

Algemado e encolhido no banco de trás, também Collins observava a atividade.

— Não têm autoridade nenhuma para fazer isto — disse ele.

— Silêncio, Norman.

No interior do carro, Pete não podia evitar o cheiro do homem, mas não tinha qualquer intenção de falar com ele. Uma vez que a situação ainda se estava a desenrolar, detivera Collins por suspeita de aquisição de material roubado, apenas porque, tendo em conta o teor de alguns dos artigos da coleção do homem, se tratava de uma acusação que decerto conseguiriam sustentar e que lhes daria autoridade para revistarem a casa do homem. Contudo, pretendiam, obviamente, acusá-lo de muito mais do que isso. Por muitas perguntas que Pete tivesse, não iria pôr em causa a investigação ao interrogar já Collins. Isso teria de ser feito na esquadra. Gravado e com todo o rigor.

— Não vão encontrar nada — disse Collins.

Pete ignorou-o. Porque, na verdade, já tinham encontrado algo, e Collins parecia estar implicado nisso. Fora encontrado um segundo e mais antigo

conjunto de restos mortais. Collins fora sempre obcecado por Carter e pelos crimes deste; visitara o amigo de Carter na prisão e andara a bisbilhotar a casa onde o segundo cadáver fora encontrado. Sabia que o cadáver estava lá. Pete tinha a certeza disso, e, mais importante ainda, embora a identificação oficial ainda estivesse por confirmar, tinha igualmente a certeza de que os restos mortais pertenciam a Tony Smith.

Ao fim de 20 anos, foste finalmente encontrado.

Independentemente de tudo o resto, esse recente desenvolvimento deveria ter-lhe proporcionado uma sensação de alívio e de conclusão, uma vez que procurara o menino durante tanto tempo, mas tal não acontecera. Não parava de pensar em todas as suas buscas que realizara aos fins de semana, passando a pente fino vedações de arbustos e florestas a imensos quilómetros dali, quando, afinal, Tony se encontrava bem mais próximo de casa do que alguém imaginava.

O que significava que, decerto, algo lhe escapara 20 anos antes.

Baixou o olhar para o tablet que tinha no colo.

Caramba, a vontade que tinha de beber nesse momento! Não era estranha a forma como as coisas funcionavam? As pessoas costumavam ver o álcool como uma espécie de amortecedor contra os horrores do mundo. No entanto, o cadáver de Tony Smith fora encontrado, e era muito possível que o homem responsável pelo homicídio de Neil Spencer estivesse sob custódia policial, sentado atrás de si, nesse preciso momento, e, ainda assim, a vontade de beber era mais forte do que nunca. Na verdade, havia sempre tantos motivos para beber. E apenas uma verdadeira razão para não o fazer.

Podes beber mais tarde. Tanto quanto quiseres.

Aceitou, na sua mente, que o iria fazer. O importante era que o truque resultasse — tão simples quanto isso.

Numa guerra, servíamo-nos de qualquer arma que estivesse ao nosso alcance para ganharmos uma batalha individual, e depois reagrupávamo-nos e travávamos a seguinte. E outra depois dessa. E todas as que se seguissem.

O importante era que resultasse.

— Não fiz nada de mal — insistiu Collins.

— Cala-te.

Pete focou-se no tablet. Não havia como evitá-lo: precisava de descobrir o que lhe escapara tantos anos antes e porquê, e a casa na Garholt Street, onde os restos mortais de Tony haviam sido encontrados, era o ponto de partida.

Perscrutou os pormenores. Até recentemente, a casa fora propriedade de uma mulher chamada Anne Shearing. Herdara-a dos pais, mas não morava lá há várias décadas, tendo arrendado a habitação ao longo dos anos a inúmeros indivíduos.

Havia uma longa lista de inquilinos registados, mas Pete presumiu que poderia excluir os ocupantes anteriores a 1997, o ano em que Frank Carter cometera os homicídios. O inquilino dessa época chamava-se Julian Simpson. Alugara a propriedade quatro anos antes e continuara a morar lá até 2008. Abrindo um novo separador no ecrã, Pete fez uma pesquisa e descobriu que Julian Simpson morreria de cancro nessa altura, aos 70 anos. Voltou ao separador anterior. O inquilino seguinte fora um homem chamado Dominic Barnett, que ocupara a casa até início do corrente ano.

Dominic Barnett.

Pete franziu o sobrolho. Aquele nome não lhe era estranho. Ao fazer uma nova pesquisa, foi-se recordando dos pormenores, embora não tivesse trabalhado pessoalmente no caso. Barnett fora uma figura menor do mundo do crime, que andara envolvida em drogas e extorsão, conhecido da polícia, mas considerado peixe miúdo no contexto geral. Não tivera condenações nos últimos dez anos, mas isso não significava que tivesse endireitado a vida, e ninguém ficara minimamente surpreendido quando aparecera morto. A arma do crime — um martelo — fora encontrada com impressões digitais parciais, mas não fora encontrado qualquer equivalente na base de dados. As subseqüentes investigações não surtiram qualquer resultado em termos de um suspeito credível, mas pelo menos o público sentira-se tranquilizado. Não obstante a inexistência de uma detenção, a polícia acreditara tratar-se de um incidente isolado e direcionado, e qualquer pessoa que lesse nas entrelinhas teria deduzido o que estivera, provavelmente, por trás do crime.

Quem com ferro mata com ferro morre.

O próprio Pete não prestara grande atenção ao caso, pois presumira o mesmo. Porém, agora tinha as suas dúvidas. As drogas continuavam a ser o motivo mais provável para o homicídio, mas Barnett morara numa casa onde se encontravam escondidos restos mortais, e parecia-lhe pouco provável o homem não ter tido conhecimento disso. Seria possível que o motivo tivesse sido outro?

Ergueu o olhar e observou, por instantes, Norman Collins pelo espelho retrovisor. Este olhava pela janela para a sua casa, com uma expressão vazia no rosto.

Havia três homens a considerar: Julian Simpson e Dominic Barnett, que tinham morado na propriedade, e Norman, que parecia estar a par do que lá fora escondido. Qual seria a ligação entre os três? O que é que acontecera 20 anos antes e desde então?

Pete abriu um mapa de Featherbank.

A Garholt Street ficava num trajeto normal entre o local do rapto de Tony Smith e a direção em que Frank Carter fugira. Naquela altura, a perícia forense determinara que Tony estivera no veículo de Carter, mas, se este tivesse sido informado de que a sua casa estava a ser revistada, poderia ter deixado o corpo do menino na Garholt Street antes de fugir. Julian Simpson morava lá nessa altura.

Pete não precisava de consultar o ficheiro desse caso para saber que Simpson não constara da investigação. Todos os conhecidos de Carter haviam sido cuidadosamente investigados. O nome de Simpson não estivera incluído.

E, no entanto...

Simpson teria cerca de 50 anos na altura dos raptos, o que significava que a sua idade batia certo com a descrição contraditória constante da declaração de uma das testemunhas. Talvez tivesse sido cúmplice de Carter. Se assim fosse, deveria existir alguma ligação entre os dois homens, por muito oblíqua que fosse, que Pete não descobrira.

A sensação de fracasso atingiu-o com força.

Devias tê-lo encontrado mais cedo.

Independentemente do que fizera ou não fizera, a culpa continuaria a ser

sua. Sabia que arranjará sempre maneira de contornar a situação para que a culpa fosse sua.

A sensação persistia.

Um ser desprezível.

Inútil.

Podes beber mais tarde.

O telemóvel dele tocou. Era novamente Amanda.

— Willis — atendeu ele. — Ainda estou em casa do Collins. Daqui a um minuto volto para aí.

— Como é que está a correr a busca?

— Está a correr.

Olhou de relance para a casa, ciente de que deveria concentrar-se nela. A prioridade, nesse momento, era provar o envolvimento de Collins, e não tentar perceber o que deixara ou não escapar 20 anos antes. Essa dissecação poderia ficar para mais tarde.

— Está bem — respondeu Amanda. — Tenho aqui o proprietário da casa e o filho, e preciso de alguém que me ajude com eles. Que trate da sua acomodação para esta noite, esse género de coisas.

Pete franziu o sobrolho. Aquilo era trabalho de sapa, e ele sabia quais eram as implicações: Amanda iria conduzir o interrogatório a Norman Collins. Talvez fosse melhor assim. Mais limpo. Não podiam correr o risco de o passado de Pete com o homem afetar a investigação atual. As respostas às suas questões acabariam por surgir, e não era necessário ser ele a colocá-las. Ligou o motor do carro.

— Vou já para aí.

— O tipo chama-se Tom Kennedy — disse Amanda. — O filho chama-se Jake. Primeiro traga cá o Collins e depois vá ter com eles. Estão num dos gabinetes de acolhimento.

Pete não lhe respondeu de imediato. Tinha a mão livre pousada no volante. Olhava-a fixamente e reparou que começara a tremer.

— Pete? — disse Amanda. — Está aí?

— Sim. Vou já para aí.

Desligou a chamada e atirou o telemóvel para o lugar do passageiro.

Porém, em vez de arrancar com o carro, desligou o motor e pegou novamente no tablet. Estivera demasiado imerso no passado para analisar o presente. Nem sequer pensara no atual proprietário da casa.

Estava a falhar, como de costume.

Clicou várias vezes no ecrã até chegar ao relatório, interrogando-se se não teria percebido mal o que Amanda dissera. Mas ali estava.

Tom Kennedy.

Finalmente. Um nome que ele reconhecia.

— Encontraram-no, papá? — perguntou-me o Jake.

Eu estava a andar de um lado para o outro na sala da esquadra da polícia, à espera de que a inspetora Amanda Beck trouxesse a declaração para eu assinar, mas as palavras do meu filho fizeram-me parar.

Ele estava sentado numa cadeira demasiado grande, a balançar ligeiramente as pernas, com uma garrafa de sumo de laranja ainda intacta sobre a mesa ao seu lado. Fora um presente do agente Dyson logo após a nossa chegada. Ao que parecia, iriam trazer-me um café, mas já ali estávamos há 20 minutos e o café parecia tão provável de chegar a qualquer instante como a inspetora Beck. Eu e o Jake mal tínhamos falado durante esse tempo. Eu não sabia o que lhe dizer, e começara a andar de um lado para o outro para preencher quer o espaço quer o silêncio na sala.

«Encontraram-no, papá?»

Aproximei-me dele e ajoelhei-me à sua frente.

— Sim. Encontraram o homem que foi a nossa casa.

— Não foi isso que eu quis dizer.

O menino no chão.

Fitei o meu filho durante alguns segundos, mas ele olhava para mim sem qualquer receio ou preocupação aparentes. Era impressionante como conseguia encarar tudo aquilo com calma, como se fosse perfeitamente normal — como se estivéssemos a conversar sobre um menino que estivera a brincar às escondidas, e não sobre restos mortais guardados na nossa garagem, sabia-se lá há quantos anos, e em relação aos quais era impossível ele ter conhecimento.

Tratava-se de um assunto sobre o qual não deveríamos estar a conversar. Não ali. O meu depoimento à polícia fora sincero, mas incompleto. Não fizera referência aos desenhos das borboletas, nem lhes dissera que o Jake

me falara do menino no chão. Não sabia bem porquê, a não ser, talvez, porque eu próprio não compreendia muito bem aquilo e queria proteger o meu filho. Eram coisas de adultos, e não para uma criança de 7 anos.

— Sim, Jake — respondi. — Foi exatamente isso que quiseste dizer. Está bem? Isto é muito sério.

Ele pensou por um momento.

— Está bem.

— Sobre a outra coisa falamos mais tarde. — Levantei-me, percebendo que o que lhe dissera não era suficiente e que ele merecia saber mais. — Mas sim, encontraram-no.

Eu encontrei-o.

— Ainda bem — respondeu o Jake. — Ele andava a deixar-me um bocadinho assustado.

— Eu sei.

— Mas acho que não era de propósito. — O Jake franziu o sobrolho. — Acho que só estava magoado e sozinho, e isso fazia como que fosse um bocadinho mau. Mas encontraram-no, por isso agora já não está sozinho, pois não? Já pode ir para casa. Para deixar de ser mau.

— Era tudo imaginação tua, Jake.

— Não, não era.

— Falamos sobre isso mais tarde, está bem?

Lancei-lhe o olhar sério a que costumava recorrer sempre que queria pôr um ponto final numa conversa. Por norma, não tinha qualquer autoridade, e um minuto depois um de nós acabava por desatar aos gritos, mas, desta vez, ele assentiu com a cabeça. Girou na cadeira, pegou no sumo e começou a bebê-lo, descontraidamente.

A porta abriu-se atrás de mim e virei-me, vendo entrar o agente Dyson com duas chávenas de café. Segurou a porta com as costas para a inspetora Beck, que entrou rapidamente atrás dele. Trazia uma série de papelada e tinha um ar tão cansado como eu próprio me sentia: uma mulher com um milhão de coisas para fazer, decidida a fazê-las todas sozinha.

— Sr. Kennedy — disse ela —, lamento imenso ter estado à espera. Ah... este deve ser o Jake.

Ainda distraído com o sumo, o meu filho ignorou-a.

— Jake? — insisti. — Importas-te de dizer olá, por favor?

— Olá.

Voltei-me novamente para a inspetora Beck.

— Está a ser um dia bastante longo.

— Compreendo perfeitamente. Isto deve ser tudo muito estranho para ele.

— Inclinou-se para o Jake, pousando as mãos nos joelhos, num gesto algo desajeitado, como se não soubesse bem como se dirigir a uma criança. — Já tinhas estado numa esquadra da polícia, Jake? — Ele negou com a cabeça, mas não falou. — Pois. — Ela deu uma risada pouco à vontade e endireitou-se. — Esperemos que seja a primeira e a última vez. Ora bem, Sr. Kennedy, tenho aqui o seu depoimento. Peço-lhe, então, que o leia, para ter a certeza de que está tudo em ordem, e que depois o assine. E aqui tem também o seu café.

— Obrigado.

O agente Dyson estendeu-me a chávena e fui bebericando enquanto lia o depoimento. Falara-lhes sobre o Norman Collins, sobre o que a Sra. Shearing me contara em relação a ele e ao Dominic Barnett, e sobre o homem que estivera à minha porta a sussurrar ao Jake, na noite anterior. Tudo factos que me tinham levado a investigar a garagem, interrogando-me sobre o que o Collins poderia andar à procura. Fora por essa razão, e dessa maneira, que encontrara os restos mortais.

Olhei de relance para o Jake, que bebia o resto do sumo, fazendo barulho com a palhinha no fundo da garrafa. Assinei a última página.

— Infelizmente, não vão poder regressar a casa esta noite — disse a inspetora Beck.

— Está bem.

— E, possivelmente, amanhã também não. Teremos, obviamente, todo o gosto em proporcionar-vos uma acomodação alternativa durante esse período. Temos um alojamento provisório de proteção policial aqui perto.

A caneta ficou a pairar, na minha mão, sobre a assinatura.

— Por que razão haveríamos de precisar de proteção policial?

— Não precisam — apressou-se ela a responder. — É apenas uma

propriedade que temos disponível. Mas vou deixar que o meu colega, o inspetor Pete Wills, fale consigo sobre isso. Deve estar praticamente a chegar, e eu depois deixar-vos-ei em paz. Aliás, cá está ele.

A porta tornou a abrir-se e entrou outro homem.

— Pete — disse a inspetora Beck —, estes são o Tom e o Jake Kennedy.

Olhei para o homem e tudo à minha volta pareceu desaparecer. Passara muito tempo, e os anos haviam sido simpáticos com ele, mas, embora parecesse mais magro e saudável do que o recordava, os adultos mudavam bastante menos do que as crianças, pelo que o reconheci de imediato. Um safanão de reconhecimento no meu coração, seguido de uma centena de recordações sepultadas a virem ao de cima e a brotarem-me na cabeça.

Ele também me reconheceu. Claro que sim. Por essa altura, já deveria ter ouvido o meu nome e tivera tempo para se preparar. Quando me abordou, com uma postura profissional e formal, calculei que mais ninguém tivesse reparado na expressão angustiada no seu rosto.

Um vidro a partir-se.

A minha mãe a gritar.

— Sr. Kennedy — disse o meu pai.

Fora um dia bastante confuso, pensou Jake.

Sentia-se extremamente cansado, devido ao que acontecera durante a noite, embora, na verdade, não se lembrasse muito bem disso. Na altura, estava meio ensonado. Sentia-se também zangado com o pai por causa do que ele escrevera, e, quando a polícia estivera lá em casa e o pai lhes dissera que a mãe tinha morrido, como se nada fosse, Jake perdera a calma. Não o devia ter feito, mas não se conseguira controlar.

A raiva, porém, fora esmorecendo ao longo do dia, o que, por si só, era confuso. Às vezes, as discussões desapareciam no ar, como a neblina que costumava surgir de manhã.

Na sala de aula, sentira-se sozinho e apeteceu-lhe, ainda mais, abraçar o pai e pedir-lhe desculpa, e ouvi-lo pedir-lhe desculpa também.

Tivera a sensação de que as coisas talvez fossem melhorar, mas depois Owen fizera o que fizera, e Jake também, e, como resultado, tivera de ir ao gabinete da diretora Wallace. Não fora assim tão mau, a não ser por dois grandes motivos.

Primeiro, a Caixa das Coisas Especiais ficara na sala de aula, o que significava que poderia estar à mercê do malvado do Owen, um pensamento horrível. «Podes olhar para mim, por favor?» A diretora Wallace tivera de lho dizer duas vezes, porque Jake não conseguia tirar os olhos da porta fechada.

A razão número dois: sabia que o pai iria ficar desapontado e zangado com ele por se ter metido novamente em sarilhos, o que significava que as coisas não iriam melhorar durante muito tempo. Ou talvez nunca, por aquele andar.

Talvez o pai também escrevesse palavras horríveis sobre ele. Jake desconfiava que tinha vontade disso.

Contudo, quando regressara à sala de aula, a caixa parecera-lhe intocada, e ocorreu-lhe que talvez devesse começar a bater nas pessoas com mais frequência. Depois, à saída, o pai não lhe parecera nada zangado. Até discutira com a professora Shelley! Era preciso muita coragem para tal, pensou Jake. Mas, mais importante ainda, o pai ficara do lado dele! Mesmo que não o tivesse dito diretamente, Jake sabia que sim. Embora não tivesse recebido um abraço, fora bastante parecido.

E agora estavam na esquadra da polícia.

Ao início, fora divertido, porque era muito interessante, em especial tendo em conta que todos haviam sido muito simpáticos consigo, mas agora apetecia-lhe mesmo ir-se embora. Depois acontecera outra coisa — aparecera o novo polícia —, e tornara-se tudo ainda mais confuso, devido à maneira como o pai se estava a comportar. Parecera bem com os outros agentes, mas, de repente, ficara pálido, com um ar assustado, como se estivesse numa sala de aula e o novo polícia fosse alguém como a professora Shelley.

A bem dizer, o novo polícia também parecia pouco à vontade. Depois de a inspetora se ter ido embora, levando consigo o depoimento que o pai assinara, a porta fechou-se atrás dela, e o ambiente na sala ficou mesmo muito estranho. Era como se houvesse uma espécie de cola a segurar tudo.

Então o novo polícia aproximou-se calmamente de Jake e fitou-o.

— Tu deves ser o Jake — disse.

— Sim. — Isso era claramente verdade. — Sou o Jake.

O homem sorriu-lhe, embora fosse um sorriso estranho. Tinha uma cara bastante simpática, mas o seu sorriso parecia transtornado. Estendeu-lhe a mão, e Jake apertou-lha, educadamente. A mão era grande e quente, agarrando a sua com muito cuidado.

— Prazer em conhecer-te, Jake. Podes tratar-me por Pete.

— Olá, Pete — respondeu Jake. — Prazer em conhecer-te também. Porque é que não podemos ir para casa? Um dos outros polícias disse ao meu pai que não podíamos.

Pete franziu o sobrolho e ajoelhou-se diante dele, olhando-o nos olhos, como se estivesse à procura de um segredo. Jake susteve-lhe igualmente o

olhar, para lhe mostrar que não tinha nada a esconder. *Aqui não há segredos, senhor.*

— É muito complicado — respondeu-lhe Pete. — Temos de fazer algumas investigações na vossa casa.

— Por causa do menino no chão?

— Sim.

Ao ver o olhar de Pete desviar-se para o pai, Jake lembrou-se de que não deveria ter falado nisso. Contudo, o ambiente estava tão esquisito que era fácil esquecer-se dessas coisas.

— Eu contei-lhe o que encontrei — esclareceu o pai.

— Mas como é que sabia que se tratava de um rapaz?

O pai parecia paralisado, como se quisesse mover-se para a frente ou para trás e se tivesse esquecido de como é que o corpo funcionava. Jake teve a desconfortável sensação de que, se o pai se tivesse mexido, teria avançado para a frente — e de uma maneira bastante agressiva.

— Não sabia — respondeu o pai. — Eu disse «corpo». Ele deve ter percebido mal.

— É verdade — acrescentou Jake, rapidamente. Não queria que o pai batesse em ninguém, muito menos num polícia, pois parecia prestes a fazê-lo.

Pete levantou-se calmamente.

— Certo. Bem, tratemos, então, de alguns pormenores. São só vocês dois?

— Sim — respondeu o pai.

— E a mãe do Jake...?

O pai ainda parecia zangado.

— A minha mulher morreu no ano passado.

— Lamento. Deve ter sido complicado para vocês.

— Estamos bem.

— Sim, estou a ver que sim.

Tão confuso! Jake tinha vontade de abanar a cabeça. Agora era Pete que parecia não conseguir encarar o pai. Porém, Pete era polícia, e isso significava que era ele que mandava, não era?

— Podemos proporcionar-vos acomodação — disse Pete —, mas talvez não queiram. Tem algum familiar com quem prefira ficar?

— Não — respondeu o pai. — Os meus pais já faleceram.

Pete hesitou.

— Certo. Também lamento sabê-lo.

— Tudo bem. — O pai deu um passo em frente. Jake susteve a respiração. Contudo, ao que parecia, o pai tinha apenas vontade de bater em alguém, mas não o ia fazer, na verdade. — Já foi há muito tempo.

— Certo. — Pete respirou fundo, sem encarar o pai, olhando fixamente para a parede. Jake achou, de repente, que ele parecia mais velho do que quando entrara na sala. — Nesse caso, podemos arranjar-vos um sítio onde ficar, entretanto.

— Seria bom, sim.

— E de certeza que vão precisar de algumas coisas. Posso ir consigo a sua casa, se quiser, para trazer algumas coisas de que ambos possam precisar. Roupa e outras coisas.

— Tem de ir comigo?

— Sim, lamento. É o local de um crime. Tenho de anotar tudo o que for retirado da casa.

— Está bem. Não é propriamente uma situação ideal...

— Eu sei. — Pete olhou finalmente para o pai. — Lamento.

O pai encolheu os ombros, ainda de olhos brilhantes.

— É o que é. Vamos lá despachar isto, então, sim? Jake, vais ter de pensar nos brinquedos que queres trazer, está bem?

— Está bem. — Jake olhou para os dois homens, mas ninguém se mexia, nem parecia saber como agir a seguir, pelo que decidiu fazer ele alguma coisa. Pousou a garrafa de sumo vazia sobre a mesa com uma pancada forte e decisiva. — As minhas coisas para desenhar, papá — disse. — Só quero isso.

Pequenos triunfos em dias terríveis. Tínhamos de nos agarrar a eles, pensou Amanda, enquanto voltava a sentar-se na sala de interrogatório, diante de Norman Collins. Depois dos horrores a que assistira na noite anterior, e com o fracasso que sentia por não ter encontrado Neil Spencer a tempo, estava preparada para um pouco de sangue. Muitas vezes, só se conseguiam pequenas vitórias.

— Peço desculpa pela interrupção, Norman — disse ela. — Vamos então continuar.

— Acho bem. Vamos lá concluir isto rapidamente, sim?

— Sem dúvida. — Ela esboçou um sorriso educado. — Vamos lá.

Collins cruzou os braços sobre o peito, exibindo um leve sorriso cínico. Amanda não se surpreendeu. Assim que pusera os olhos nele, percebera o que Pete quisera dizer, exatamente, com haver algo estranho em relação ao homem. Era o tipo de pessoa que nos fazia, instintivamente, mudar de passeio, para evitar um confronto. A formalidade exagerada da sua indumentária parecia uma espécie de disfarce, uma tentativa de aparentar respeitabilidade, embora sem conseguir disfarçar o caráter desagradável que pretendia ocultar. Além disso, era evidente, pelos seus maneirismos, que o homem se sentia diferente das outras pessoas, superior, até.

Decorridos 20 minutos do interrogatório, com uma resposta para cada pergunta que Amanda lhe fizera, Collins continuava a ter todos os motivos para se sentir superior. Porém, entretanto, Steph batera à porta, espreitando para o interior da sala, e Amanda fizera sinal para um intervalo.

De volta, inclinou-se para a frente, ligou novamente o equipamento de gravação e reviu os preliminares.

Collins suspirou alto, para si próprio, num gesto teatral.

Amanda baixou o olhar para o papel que trouxera consigo quando entrara.

Seria um prazer fazer desaparecer aquele sorrisinho cínico do rosto daquele merdas tenebroso.

Mas cada coisa a seu tempo.

— Sr. Collins — disse ela —, por uma questão de clareza, vamos rever rapidamente algumas das coisas que já cobrimos. Em julho deste ano, visitou o Victor Tyler na Prisão de Whitrow. Qual foi o propósito dessa visita?

— Interesse-me por crimes. Em certos meios, sou considerado um perito. Quis falar com o Sr. Tyler sobre os seus atos. Tal como imagino que a polícia tenha falado com ele, ao longo dos anos.

Não é bem a mesma coisa, pensou Amanda.

— Na vossa conversa, foi mencionado o Frank Carter?

— Não.

— Sabia que o Tyler era amigo do Carter?

— Não sabia.

— Parece-me estranho. Sendo o senhor um perito e tudo o mais...

— Não se pode saber tudo. — Collins sorriu.

Amanda tinha a certeza de que ele estava a mentir, mas a conversa entre Collins e Tyler não fora gravada, pelo que não o podia provar.

— Certo — respondeu ela. — Onde é que estava na tarde e noite de domingo, dia 30 de julho deste ano, a noite em que o Neil Spencer foi raptado?

— Já lhe disse. Passei a maior parte da tarde em casa. Depois, fui à Town Street e jantei no restaurante que há lá.

— Ainda bem que se recorda tão claramente.

Collins encolheu os ombros.

— Sou uma criatura de hábitos. Era sábado. Quando a minha mãe era viva, íamos juntos. Agora janto sempre sozinho.

Amanda acenou com a cabeça para si própria. O proprietário do restaurante já o confirmara, o que significava que Collins parecia ter um álibi consistente para o período de tempo em que Neil Spencer fora raptado. E, embora as buscas à casa dele ainda estivessem a decorrer, os agentes não haviam encontrado nada que sugerisse que o menino tivesse lá estado. Ela

tinha a certeza de que, de alguma maneira, Collins estava metido até ao pescoço em tudo aquilo, mas, para já, parecia não estar diretamente envolvido no rapto.

— O número 13 da Garholt Street — disse ela.

— Sim?

— Tentou comprar essa propriedade.

— Exatamente. Estava à venda. Não vejo por que razão isso possa ser considerado um crime.

— Eu não disse que era.

— A casa encontrava-se à venda. Há imenso tempo que moro na casa onde estou, e achei que deveria expandir os meus horizontes. Aventurar-me sozinho, por assim dizer.

— E depois, como não a conseguiu comprar, decidiu andar a bisbilhotar a propriedade.

Collins abanou a cabeça.

— De modo algum.

— O Sr. Kennedy diz que tentou arrombar-lhe a garagem.

— Ele está enganado.

— A garagem onde foram encontrados os restos mortais de uma criança.

Amanda sentia-se obrigada a reconhecer a competência de Collins. Embora não tivesse qualquer dúvida de que ele sabia perfeitamente o que fora encontrado, o homem lembrou-se de pelo menos fingir surpresa. Não foi minimamente convincente, mas fê-lo.

— Isso é... chocante — respondeu ele.

— Não sei se acredito em si, Norman.

— Eu não tinha conhecimento de nada disso. — Ele franziu o sobrolho.

— Já falaram com a vendedora? Talvez devessem.

— Neste momento, estou mais interessada em saber porque é que o Norman estava tão interessado na propriedade.

— Já lhe disse: não estava. Esse tal de... Kennedy, não é? Está enganado. Nunca estive sequer perto da casa dele.

Amanda fitou-o, e Collins susteve implacavelmente o olhar dela. A palavra de uma pessoa contra a de outra. Mesmo que alinhassem um grupo

de suspeitos para identificação e Kennedy identificasse Collins, não lhe parecia que fosse suficiente para justificar uma acusação. Na verdade, não havia como provar que Collins sabia da existência dos restos mortais na garagem. Além de que tinha um álibi para o rapto de Neil Spencer. Considerando alguns dos itens da sua coleção, talvez o pudessem acusar de ter recebido material roubado, ou nem isso.

E o presunçoso de merda sabia-o perfeitamente.

Ou assim achava.

Amanda tornou a baixar o olhar para o papel que Steph lhe dera — o resultado da verificação feita às impressões digitais tiradas a Norman Collins aquando da sua chegada. Embora não estivesse mais perto de o acusar do rapto de Neil Spencer, sentia, ainda assim, um certo entusiasmo. Vivia para momentos como aquele. Desejou que Pete estivesse presente para desfrutar daquele momento com ela. Bem o merecia.

— Sr. Collins, pode dizer-me onde é que estava na noite de terça-feira, dia 4 de abril deste ano?

Ele hesitou.

— Desculpe? — disse. Amanda aguardou, sem tirar os olhos do papel. Captara finalmente a atenção dele. Provavelmente, Collins antecipara mais perguntas sobre os seus movimentos no dia do rapto de Neil Spencer, algo que julgava ser terreno seguro. Porém, ela sabia que aquela nova data era um imenso buraco negro sob os pés dele. — Não sei se me recordo — respondeu ele, cuidadosamente.

— Deixe-me ajudá-lo. Esteve algures perto de Hollingbeck Wood?

— Não me parece.

— Pois, mas as suas impressões digitais estiveram. E o resto do seu corpo?

— Eu não...

— As suas impressões digitais foram encontradas no martelo utilizado para matar o Dominic Barnett, nessa noite.

Amanda ergueu o olhar, satisfeita por ver a transpiração começar a formar-se na testa de Collins. Um homem arrogante e difícil, mas facilmente desestabilizado. Era interessante observá-lo a ponderar as suas

opções, a procurar uma saída e, aos poucos, a concluir que estava metido num sarilho bem maior do que inicialmente imaginara.

— Sem comentários — respondeu ele.

Amanda abanou a cabeça. Estava no direito dele, claro, mas aquela expressão sempre a irritara. Apetecia-lhe responder às pessoas: «Não, não tem o direito de permanecer em silêncio.» Queria que Collins admitisse o que fizera, em vez de se esconder, pois havia outras vidas em jogo.

— Neste momento, é do seu interesse contar-me tudo o que sabe, Norman. — Pousou os braços sobre a mesa e tentou soar mais compreensiva do que realmente se sentia. — E não só do seu interesse. Diz que não esteve envolvido no rapto do Neil Spencer. Se estiver a dizer a verdade, isso significa que continua a haver um assassino à solta por aí.

— Sem comentários.

— E, a não ser que o encontremos, essa pessoa vai matar mais crianças. Acho que sabe bastante mais sobre essa pessoa do que me está a dizer.

Collins fitou-a, o seu rosto completamente pálido. Amanda tinha a sensação de que nunca vira um homem ir-se abaixo ou passar de um estado de autoconfiança arrogante para uma autocomiseração miserável em tão curto espaço de tempo.

— Sem comentários — sussurrou ele.

— Norman...

— Quero um advogado.

— Bem, podemos tratar já disso. — Ela levantou-se rapidamente, sem disfarçar a raiva que sentia, o desdém. — Talvez então compreenda o sarilho em que está metido e que o melhor que tem a fazer é colaborar connosco.

— Sem comentários.

— Sim, já sei.

Pequenas vitórias.

Contudo, enquanto detinha formalmente Norman Collins pelo homicídio de Dominic Barnett, pensou em tudo o que ele lhe dissera. Se estivesse a dizer a verdade sobre não ter matado Neil Spencer, um assassino de crianças continuava à solta — o que significava que poderia morrer mais

um menino debaixo do seu nariz.

Recordou a imagem de Neil Spencer na noite anterior, estendido no terreno baldio, e qualquer júbilo que pudesse estar a sentir nesse momento desvaneceu-se por completo.

Uma pequena vitória não era suficiente.

A presença da polícia na casa intensificara-se durante a minha ausência. Quando chegámos, deparámo-nos com dois carros e uma carrinha estacionados à entrada, com agentes e investigadores forenses a trabalhar no caminho de acesso, vedado com fita. O foco da atividade parecia ser a garagem, mas havia dois agentes no passeio, de vigia a toda a propriedade. A porta da rua encontrava-se aberta, uma visão incongruente para quem chega a casa, algo invasivo e errado.

Estacionei atrás dos outros veículos. O carro do meu pai prosseguiu, estacionando à frente do meu.

O meu pai não, recordei a mim próprio. O inspetor Pete Willis.

Não havia necessidade de o reconhecer como outra coisa senão isso, pois não? À exceção da maneira como se ajoelhara junto do Jake e o olhara, não havia sinal de que ele próprio o desejasse, uma situação com a qual eu não me importava minimamente de compactuar.

Já ultrapassara um pouco o choque, mas essa pausa assemelhava-se aos instantes de silêncio imediatamente após um terramoto, antes de a gritaria começar. Ainda recordava o que sentira na esquadra, o meu pai ali parado, a olhar para mim, a fitar-me. A minha mente regressara de imediato ao instante longínquo da última vez que o vira, em que me sentira pequeno e impotente. Fora transportado no tempo. O medo e a ansiedade. O desejo de me tornar tão pequeno que talvez ele não desse por mim. Depois, a raiva que me assaltara. Ele não tinha o direito de falar com o meu filho, merda! De seguida, o ressentimento. O facto de ele estar envolvido na minha vida — numa posição de poder, até — parecia-me profundamente injusto, quase impossível de suportar.

— Estás bem, papá?

— Estou sim, filhote. — Eu continuava a olhar fixamente para o carro à

minha frente, para o homem sentado no lugar do condutor. *O nome dele é inspetor Pete Willis, recordei a mim próprio, e ele não significa nada para ti. Absolutamente nada.* Desde que eu assim o quisesse. — Ora bem — disse —, vamos lá despachar isto.

Ele foi ter connosco à fita de isolamento, mostrou a identificação aos agentes presentes e conduziu-nos ao interior da casa sem dizer uma palavra. O meu ressentimento veio novamente ao de cima. Precisava da autorização dele para entrar na merda da minha própria casa! Parecia-me humilhante seguir atrás dele, como um menino que tinha de fazer o que lhe mandavam. E o pior era ele parecer indiferente a tudo isso.

Empunhava um bloco de notas com mola e uma caneta.

— Preciso de saber o que é que lhe pertence e o que já cá estava quando se mudou e em que ainda não tocou.

— Tudo o que aqui está é meu — respondi-lhe. — De qualquer maneira, a Sra. Shearing tinha limpado todas as divisões.

— Iremos confirmar com ela, não se preocupe.

— Não estou preocupado.

Fomos de divisão em divisão, reunindo alguns pertences básicos: produtos de higiene pessoal, roupa para mim e para o Jake, alguns brinquedos do quarto dele. Incomodou-me imenso ter de pedir permissão ao meu pai por cada uma destas coisas, mas ele limitou-se a assentir com a cabeça e a tomar nota de cada item, pelo que acabei por deixar de lhe perguntar. Se isso o deixou aborrecido, não me disse nada. Aliás, mal olhou para mim. Interroguei-me sobre o que estaria a pensar ou a sentir, mas depois afastei esse pensamento da cabeça, porque não importava.

Acabámos no meu escritório, no piso inferior.

— Preciso do meu portátil... — comecei por dizer, mas o Jake interrompeu-me.

— Quem é que o meu pai encontrou na garagem? Foi o Neil Spencer?

O meu pai pareceu ficar atrapalhado.

— Não. Aqueles restos mortais eram muito mais antigos.

— De quem eram?

— Bom, aqui entre nós, acho que pertencem a outro menino. Um que

desapareceu há muito tempo.

— Há quanto tempo?

— Há 20 anos.

— Ena... — O Jake fez uma pausa para interiorizar essa extensão de tempo.

— Sim. E espero mesmo que sejam, pois ando à procura dele desde essa altura.

O Jake pareceu ficar impressionado, como se se tratasse de um feito qualquer, o que não me agradou nada. Não o queria interessado naquele homem, e muito menos impressionado com ele.

— Eu já teria desistido.

O meu pai esboçou um sorriso triste.

— Foi sempre muito importante para mim. Toda a gente deveria poder voltar para casa, não achas?

— Posso levar isto, inspetor Willis? — Comecei a desligar o meu portátil, tentando pôr um fim à conversa. — Preciso dele para trabalhar.

— Sim — respondeu, virando-nos as costas. — Claro que sim.

O alojamento provisório era apenas um apartamento localizado sobre uma tabacaria, no fim da Town Street. Visto da rua, não parecia grande coisa, e ainda menos quando o inspetor Willis nos conduziu ao seu interior.

Uma escadaria subia da entrada até um patamar onde se viam quatro portas. Havia uma sala de estar, uma casa de banho, uma cozinha e um quarto com duas camas de solteiro, tudo parcamente mobiliado. O único indício de que era utilizado pela polícia, em vez de ser alugado por tuta-e-meia, eram as câmaras de videovigilância subtilmente posicionadas na parede exterior, os botões de pânico no interior e o sem-fim de ferrolhos no interior da porta da rua.

— Lamento, mas vão ter de partilhar o quarto.

O inspetor Willis entrou no quarto, trazendo lençóis e cobertores que fora buscar a um armário. Eu estava a tirar a nossa roupa da mala e a empilhá-la sobre a cómoda velha, depois de ter limpado a camada de poeira que a cobria. Era óbvio que o apartamento não era limpo há muito tempo, e o ar

estava carregado de pó.

— Tudo bem.

— Eu sei que é pequeno. Utilizamo-lo para as testemunhas, às vezes, mas são essencialmente mulheres e crianças. — Ele parecia prestes a acrescentar algo, mas depois abanou a cabeça. — Costumam querer ficar no mesmo quarto.

— Violência doméstica, imagino. — O meu pai não respondeu; porém, a tensão intensificou-se e percebi que o tiro fora certo. O que existia entre nós permanecia tácito, mas ia-se pronunciando cada vez mais alto, como acontece por vezes com o silêncio. — Tudo bem — disse novamente. — Quanto tempo teremos de ficar aqui?

— Não deverá ser mais de um ou dois dias. Talvez nem isso. Trata-se de um caso potencialmente importante. Temos de nos certificar de que não nos escapa nada.

— Acha que o homem que prenderam matou o Neil Spencer?

— Possivelmente. Como lhe disse, penso que os restos mortais que encontramos na sua casa provêm de um crime semelhante. Houve sempre alguma especulação de que o Frank Carter, o homicida daquela altura, talvez tivesse uma espécie de cúmplice. O Norman Collins nunca foi considerado oficialmente suspeito, mas estava demasiado interessado no caso. Nunca pensei que estivesse diretamente implicado, mas...

— Mas...?

— Talvez me tenha enganado.

— Pois, talvez se tenha enganado.

O meu pai não respondeu. A ideia de que o pudesse ter magoado causava-me um certo prazer, embora um prazer pequeno e desapontante. Ele parecia tão desgastado e pouco à vontade. À sua maneira, talvez se sentisse tão impotente como eu me sentia nesse momento.

— Certo.

Regressámos à sala de estar, onde o Jake estava ajoelhado no chão, a desenhar. Havia um sofá e uma poltrona, uma mesa de apoio com rodas e um velho televisor equilibrado em cima de uma cómoda de madeira, com uma confusão de fios elétricos por trás. O apartamento era frio e sombrio.

Tentei não pensar no que estava a acontecer na nossa casa — a nossa casa a sério — nesse momento. Independentemente dos problemas que levantara, era um paraíso quando comparada com aquilo.

Mas tu vais conseguir lidar com isso. Em breve, tudo isto terá terminado.

E o Pete Willis voltaria a desaparecer da minha vida.

— Vou deixar-vos em paz — disse ele. — Jake, foi um prazer conhecerte.

— Igualmente, Pete — respondeu o Jake, sem erguer o olhar do desenho. — Obrigado por este apartamento encantador.

Ele hesitou.

— De nada.

No patamar, fechei a porta da sala de estar atrás de mim. Havia uma janela, mas a noite já começara a cair, e a luz que entrava era ténue. O inspetor Willis parecia relutante em ir-se embora, pelo que ficámos parados na penumbra por um momento, o rosto dele carregado de sombras.

— Tens tudo o que precisas? — perguntou-me, por fim.

— Acho que sim.

— O Jake parece ser um bom miúdo.

— Sim — respondi. — É, sim.

— É criativo. Como tu. — Não lhe respondi. O silêncio entre nós tornara-se um zunido. Tanto quanto me era possível ver à meia-luz, o inspetor Willis parecia arrependido de ter falado, mas justificou-se de seguida. — Vi os livros que escreveste, lá em tua casa.

— Ainda não sabias? — Ele negou com a cabeça. — Seria de esperar que tivesses tido algum interesse — comentei. — Que talvez me tivesses procurado online ou algo do género.

— Tu procuraste-me?

— Não, mas é diferente.

Assim que o disse, odiei-me por isso, pois era reconhecer novamente aquele equilíbrio de poder — a ideia de que ele deveria ter-me procurado, estar preocupado comigo, querer saber de mim, em vez do contrário. Não queria que pensasse que isso era verdade. Não era. Ele não significava nada para mim.

— Há muito tempo — disse ele —, decidi que seria melhor para mim manter-me afastado da tua vida. Eu e a tua mãe decidimo-lo entre nós.

— É uma maneira de pôr as coisas...

— Talvez. É a minha maneira de pôr as coisas. E honrei-a. Nem sempre foi fácil. Muitas vezes me interroguei. Mas tem sido melhor assim... — Calou-se, parecendo, de súbito, mais frágil do que nunca.

Poupa-me à tua autocomiseração, pensei.

Mas não o disse. Independentemente do que o meu pai fizera no passado, era evidente que seguira em frente. Já não parecia nem cheirava a alcoólico. Estava em boa forma física. E, não obstante o cansaço, aparentava uma certa calma. Fiz por me recordar novamente que eu e aquele homem éramos dois autênticos estranhos. Não éramos pai e filho. Não éramos inimigos.

Não éramos nada.

Ele deixou-se ficar a olhar na direção da janela, para o dia que se extinguia lentamente lá fora.

— A Sally... A tua mãe, quero dizer. O que é feito dela?

Um vidro a partir-se.

A minha mãe a gritar.

Pensei em tudo o que se seguira. O facto de ela ter feito tudo por mim, apesar de todas as dificuldades por que passara como mãe solteira. A dor e a desonra da morte dela. Tal como a Rebecca, levada demasiado jovem, muito antes de eu ou ela termos merecido tal perda.

— Morreu — respondi.

Ele ficou em silêncio. Por instantes, pareceu-me até destroçado. Porém, depois recompôs-se.

— Quando?

— Não tens nada que ver com isso.

A raiva presente na minha voz surpreendeu-me. Pelos vistos, ao meu pai não. Permaneceu ali, a absorver a potência do golpe.

— Não — disse em surdina. — Calculo que não.

Começou a descer as escadas, em direção à porta da rua. Fiquei a vê-lo. Quando ia a meio, tornei a falar, somente alto o suficiente para que ele me ouvisse.

— Ainda me lembro daquela última noite, sabes? A noite antes de te teres ido embora. A última vez que me viste. Lembro-me de quão bêbedo estavas. De quão vermelha estava a tua cara. Do que fizeste. De lhe teres atirado o copo daquela maneira. De como ela gritou. — Ele deteve-se nas escadas, completamente imóvel. — Lembro-me de tudo — disse-lhe. — Portanto, como é que te atreves a perguntar por ela agora?

Ele não respondeu.

Continuou a descer as escadas em silêncio, deixando-me a sós com a batida angustiada e furiosa do meu coração.

Depois de ter saído do apartamento, Pete conduziu a toda a velocidade pelas ruas vazias, em direção a casa. O armário da cozinha chamava por si, e ele tencionava render-se. Agora que a decisão estava tomada, a vontade era mais forte do que nunca, e parecia que toda a sua vida dependia de chegar a casa o mais depressa possível.

Em casa, trancou a porta e fechou os cortinados. A habitação estava sossegada e silenciosa, e parecia tão vazia com ele ali parado como decerto parecera antes da sua chegada. Porque, afinal, o que é que ele acrescentava? Olhou em redor, para a simplicidade austera da sala de estar. O mesmo se aplicava ao resto da casa — cada espaço igualmente ascético e cuidadosamente organizado. Na verdade, morara numa casa vazia durante muitos anos. Os escassos detritos de uma vida que mal fora vivida, de uma vida real evitada, não eram menos tristes por estarem arrumados e limpos.

Vazio. Sem sentido.

Um ser desprezível.

A voz soava satisfeita na sua vitória. Pete permaneceu parado, respirando devagar, ciente do bater furioso do seu coração. Já estivera naquela situação inúmeras vezes, e era assim que as coisas de desenrolavam. Quando a compulsão para beber se encontrava no seu ponto máximo, tudo a incentivava. Qualquer observação ou acontecimento, bom ou mau, poderia ser transformado por forma a encaixar-se.

Mas era tudo ilusório.

Já passaste por isto antes.

Tu consegues.

A vontade calou-se por instantes; depois começou a uivar-lhe dentro da cabeça, consciente do truque a que ele recorrera. Deixara-a conduzi-lo a casa, em piloto automático, e fizera-a acreditar que estava a ceder, mas

agora estava a tomar novamente as rédeas.

A dor andava às voltas dentro do seu peito, rodopiante e absolutamente insuportável.

Já passaste por isto antes.

Tu consegues.

A mesa. A garrafa e a fotografia.

Nessa noite, acrescentou um copo, e, após alguns instantes de hesitação, abriu a garrafa e encheu-o com dois dedos de vodca. Porque não? Ou beberia ou não beberia. Não se tratava de quão longe chegara, mas se chegara ao fim.

O telemóvel emitiu um zunido. Pegou nele e deparou-se com uma mensagem de Amanda, pondo-o ao corrente do interrogatório a Norman Collins. Segundo parecia, tinham acusado Collins da morte de Dominic Barnett, mas a situação com Neil Spencer era mais complicada, e Collins decidira chamar um advogado.

«Acha que o homem que prenderam matou o Neil Spencer?», perguntara Tom. «Possivelmente», respondera-lhe. Era evidente que Collins estava envolvido de alguma maneira. Contudo, se não fora ele quem raptara e matara Neil, o verdadeiro assassino continuava à solta. O alívio que Pete sentira após a detenção de Collins dissipara-se totalmente perante esse pensamento, tal como acontecera 20 anos antes, quando vira Miranda e Alan Smith na zona da receção da esquadra e percebera que o pesadelo estava longe de ter terminado.

Aquilo não deveria ser um problema dele agora. Tom era seu filho, ainda que há muito afastado, e esse conflito de interesses significava que deveria falar com Amanda no dia seguinte e retirar-se da investigação. Imaginava que isso lhe traria um certo alívio, ficar livre de toda aquela pressão. No entanto, depois de ter sido arrastado para a situação daquela maneira — de ter sido forçado a confrontar novamente Carter e a olhar para o cadáver de Neil Spencer naquele terreno baldio na noite anterior —, desejava levar aquilo até ao fim, por muitos danos que isso lhe pudesse causar.

Pousou o telemóvel e fitou o copo, tentando analisar o que sentia após ter visto Tom ao fim de tanto tempo. O encontro deveria tê-lo abalado

profundamente, e, no entanto, sentia-se estranhamente calmo. Ao longo dos anos, fora ficando indiferente à sua paternidade, como se se tratasse de algo que aprendera na escola e que já não tinha qualquer peso na sua vida. As recordações de Sally, apesar de profundamente dolorosas, eram suportáveis, mas o seu fracasso no que dizia respeito a Tom fora absoluto, e Pete sempre fizera os possíveis para não pensar nesse assunto. Era preferível não ter qualquer ligação com a vida do filho, e, sempre que dava por si a imaginar o tipo de homem em que Tom se teria tornado, afastava rapidamente esses pensamentos da mente. Eram demasiado dolorosos.

Agora já sabia.

Não tinha o direito de se ver como pai, mas era impossível não avaliar o homem que conhecera nessa tarde. Um escritor. Fazia todo o sentido, claro. Tom sempre fora bastante criativo em criança — sempre a inventar histórias que Pete não conseguia acompanhar ou a representar elaborados cenários com os brinquedos. Jake parecera-lhe muito semelhante a Tom com a mesma idade: uma criança sensível e inteligente. Do pouco que Pete conseguira apurar, era por demais evidente que Tom sofrera dificuldades e tragédias durante toda a vida, e, no entanto, estava a criar Jake sozinho, capazmente. Não restavam dúvidas de que o seu filho se transformara num bom homem.

Não era um ser desprezível. Não era um inútil, nem um fracassado.

O que era bom.

Contornou o rebordo do copo com a ponta do dedo. Ainda bem que Tom conseguira superar a infância miserável que Pete lhe oferecera. Ainda bem que se retirara da vida de Tom antes de lha envenenar ainda mais. Porque era óbvio que o fizera. Mesmo ao fim de tanto tempo, Tom ainda se lembrava. O impacto fora tão terrível que deixara uma marca indelével.

«Ainda me lembro daquela última noite.»

Visualizou novamente o olhar de ódio estampado no rosto do filho ao dizer-lho. Pegou no copo. Tornou a pousá-lo. Não era justo, pois não? Pete merecia esse ódio — tinha perfeita noção disso —, mas o ódio devia ser justo. Já bebia regularmente quando Sally e Tom finalmente o deixaram, e esses dias e noites fundiam-se numa enorme mancha confusa, mas

recordava-se dessa noite em particular com uma clareza absoluta. A descrição de Tom do que acontecera era impossível.

Mas isso teria importância?

Talvez não. A memória do seu filho talvez não correspondesse literalmente à realidade, mas, à semelhança dos sentimentos de fracasso do próprio Pete, sentia-a como sendo verdadeira, e esse era o tipo de verdade que mais importava.

Olhou para a fotografia dele e de Sally. Fora tirada antes de Tom ter sido concebido, mas Pete achava que havia uma noção de paternidade iminente na expressão daquele homem jovem. O olhar semicerrado por causa do sol. O meio sorriso que parecia prestes a dissipar-se. Era como se o homem na fotografia já soubesse que estava prestes a falhar redondamente e a perder tudo.

Sally continuava a parecer imensamente feliz.

Perdera-a há muito tempo, mas mantivera sempre a fantasia de que ela estaria viva algures, levando uma vida de afetos e alegrias, preservando, assim, a miserável crença de que a sua própria perda fora a sorte dela e de Tom. Contudo, agora sabia a verdade. Não tinha havido sorte nenhuma. Sally morrera. Pete tinha a sensação de que tudo o resto morrera com ela.

Pegou de novo no copo, mas, dessa vez, manteve-o na mão, observando o líquido sedoso a enrolar-se sobre si mesmo. Tinha um aspeto tão inocente até fazer isso — fazia lembrar água, até o mexermos e vislumbrarmos a neblina que nele se escondia.

Já passara por aquilo antes. Conseguiria sobreviver.

Mas porquê dar-se a esse trabalho?

Olhou em redor da sala, avaliando novamente o vazio da sua existência. Ele não era nada. Era um homem feito de ar. Uma vida sem importância. Não havia nada no seu passado que pudesse ser resgatado, e nada no seu futuro que valesse a pena tentar salvar.

Porém, isso não era totalmente verdade, pois não? O assassino de Neil talvez ainda estivesse à solta. Se o homicídio do menino se devesse a alguma falha sua no passado, era sua responsabilidade corrigir a situação, independentemente das repercussões pessoais. Quer isso lhe agradasse quer

não, estava de volta ao pesadelo, e sentia que precisava de ir até ao fim, mesmo que isso o destruísse. Havia um conflito de interesses, sim, mas, se tivesse cuidado, talvez ninguém viesse a descobrir. Duvidava que Tom quisesse que o passado deles viesse a lume.

Esse era um motivo para permanecer sóbrio.

E também...

«Obrigado por este apartamento encantador.»

Pete sorriu ao recordar as palavras de Jake. Fora uma coisa tão estranha de se dizer, mas, ao mesmo tempo, fora curioso. Ele era um miúdo curioso. Um bom miúdo. Era criativo. Tinha personalidade. Provavelmente, não era nada fácil lidar com ele, tal como acontecera por vezes com Tom.

Pete permitiu-se pensar em Jake durante mais alguns instantes. Imaginava-se a sentar-se à conversa com o menino, a brincar com ele, tal como talvez tivesse feito — e devesse ter feito — com Tom quando ele era criança. Um perfeito disparate, claro. Não havia nada ali. Dentro de alguns dias, o seu envolvimento com os dois chegaria ao fim, e o mais certo seria nunca mais voltar a vê-los.

Porém, ainda assim, decidiu que não iria beber.

Não nessa noite.

Era fácil atirar o copo, claro. Era sempre fácil fazê-lo. Em vez disso, levantou-se, dirigiu-se à cozinha e despejou-o lentamente no lava-louça. Viu o líquido escorrer pelo ralo, e, com uma ânsia no peito, pensou novamente em Jake, sentindo algo que não experienciava há muitos anos. Não tinha lógica. Não fazia sentido. No entanto, ali estava.

Esperança.

PARTE QUATRO

Na manhã seguinte, quando deixei o Jake na escola, continuava intimamente estupefacto com a facilidade com que ele se adaptara às novas circunstâncias. Na noite anterior, no apartamento provisório da polícia, adormecera sem problemas, permitindo-me ficar na sala de estar, sozinho, com o meu portátil e os meus pensamentos. Quando me fora finalmente deitar, olhara para ele, e o seu rosto parecera-me tão sereno que me interrogara se não estaria mais em paz ali do que na nossa casa nova. Questionara-me sobre com que estaria ele a sonhar, caso estivesse a sonhar com alguma coisa.

Contudo, na verdade, era algo em que eu pensava com bastante frequência.

Não obstante o cansaço que sentira, o ambiente pouco familiar dificultara-me imenso o sono, pelo que fora um alívio quando o Jake se comportara bem nessa manhã. Talvez estivesse a encarar a situação como uma espécie de aventura entusiasmante. Fosse qual fosse o motivo, sentia-me grato por isso. Estava tão exausto e tinha os nervos tão em franja que não me achava capaz de lidar com quaisquer dificuldades.

Fomos de carro para a escola e depois acompanhei-o a pé até ao pátio do recreio.

— Estás bem, filhote?

— Estou, papá.

— Ainda bem. Chegámos. — Estendi-lhe a garrafa de água e a mochila.
— Adoro-te.

— Eu também te adoro.

Afastou-se na direção da porta, a mochila a baloiçar-lhe de lado, junto à perna. A professora Shelley estava à espera. Eu não tivera a conversa que prometera ter com o Jake. Restava-me esperar que aquele dia lhe corresse

um pouco melhor, ou pelo menos que ele não batesse em ninguém.

— Continuas com mau aspeto como a merda.

A Karen surgiu ao meu lado quando transpus os portões para sair. Teimava em trazer aquele sobretudo enorme, não obstante o calor da manhã.

— Ontem ficaste com receio de me ter ofendido quando disseste isso.

— Sim, mas não ofendi, pois não? — Ela encolheu os ombros. — Pensei melhor e achei que não tinha mal nenhum.

— Então deves ter dormido melhor do que eu.

— Pois, dá para ver. — Ela enfiou as mãos nos bolsos. — O que é que vais fazer agora? Queres ir beber um café, ou estás com pressa para te ires sentir cansado para outro sítio qualquer?

Hesitei. Não tinha nada para fazer. Dissera ao meu pai que precisava do portátil para trabalhar, mas as probabilidades de conseguir fazer alguma coisa naquele estado eram ínfimas. O mais certo seria passar o dia inteiro à espera de que algo me surgisse — a matar o tempo, essencialmente —, e, olhando para a Karen, ocorreu-me que havia piores maneiras de o fazer.

— Está bem — respondi. — Boa ideia.

Caminhámos até à rua principal e ela conduziu-me para lá da pequena loja de esquina que funcionava também como posto de correio, em direção a uma delicatessen chamada O Porco Feliz, com paisagens rurais pintadas nas montras e um interior de aspeto rústico, a abarrotar de mesas de madeira, fazendo lembrar a cozinha de uma quinta.

— É um pouco pretensioso. — Ela empurrou a porta, fazendo soar uma sineta. — Mas o café é aceitável.

— Desde que tenha cafeína...

Cheirava realmente bem. Fizemos o pedido ao balcão, parados lado a lado, pouco à vontade, enquanto aguardávamos em silêncio. Depois levámos os cafés para uma mesa e sentámo-nos.

A Karen despiu o casaco. Trazia uma blusa branca e calças de ganga, e fiquei surpreendido ao ver quão magra era sem a armadura. Seria uma armadura? Parecia-me que sim. Usava uma série de pulseiras de madeira, que fizeram barulho quando ela ergueu os braços para prender o cabelo num

rabo de cavalo meio solto.

— E então? — perguntou-me. — O que é que se passa contigo afinal?

— É uma longa história. O que é que queres saber?

— Oh, tudo.

Pensei um pouco. Enquanto escritor, sempre acreditara que nunca devíamos revelar as nossas histórias até estarem concluídas. Se o fizéssemos, perderíamos um pouco a vontade de as transcrever para o papel, quase como se a história precisasse de ser contada de uma certa maneira, e, quanto mais vezes a contássemos, menos pressão sentiríamos.

Como tal, com isso em mente, decidi contar tudo à Karen. Ou quase tudo, pelo menos.

Ela já tinha conhecimento da tralha na minha garagem e da visita do homem que se revelara ser o Norman Collins, mas o quase rapto do Jake a meio da noite fê-la arquear as sobrancelhas. Em seguida, contei-lhe o que descobrira através da Sra. Shearing e os acontecimentos que se haviam desenrolado no dia anterior: a descoberta do cadáver, o alojamento provisório de proteção policial.

E, por último, o meu pai.

Até então, ficara com a impressão de que a Karen era relativamente frívola, dada a sarcasmos divertidos e a apartes engraçados. Porém, quando acabei de falar, parecia horrorizada e tremendamente séria.

— Que grande merda! — exclamou ela, em voz baixa. — Ainda não foram divulgados quaisquer pormenores à imprensa, apenas que tinham sido encontrados restos mortais numa propriedade. Não fazia ideia de que era a tua.

— Acho que estão a abafar o assunto o mais possível. Tanto quanto consegui perceber, estão convencidos de que se trata dos restos mortais de um miúdo chamado Tony Smith. Foi uma das vítimas do Frank Carter.

— Pobres pais da criança! — A Karen abanou a cabeça. — Vinte anos. Embora já devessem saber há muito tempo. Talvez seja até um alívio para eles, terem finalmente um desfecho.

Recordei as palavras do meu pai.

— Toda a gente merece voltar para casa — disse eu.

A Karen desviou o olhar. Parecia querer fazer mais perguntas, mas, por alguma razão, não sabia se deveria.

— Esse homem que eles prenderam... — começou ela.

— O Norman Collins.

— O Norman Collins, exato. Como é que ele sabia?

— Não faço ideia. Ao que parece, sempre teve interesse no caso. — Beberiquei o meu café. — O meu pai acha que talvez tenha sido cúmplice do Carter.

— E também matou o Neil Spencer?

— Não tenho a certeza.

— Espero que sim... Quero dizer — ela apressou-se a corrigir as suas palavras —, sei que é uma coisa terrível de se dizer, mas pelo menos assim teriam apanhado o sacana. Meu Deus, se não tivesses acordado...

— Eu sei. Nem quero pensar nisso.

— É mesmo assustador!

Era mesmo. No entanto, não querer pensar nisso não significava, obviamente, que conseguisse fazê-lo.

— Ontem à noite estive a ler sobre ele — disse-lhe. — Sobre o Carter, quero eu dizer. É um pouco mórbido, mas senti que precisava de saber. O Homem dos Sussurros. Alguns dos pormenores são absolutamente horrendos.

A Karen acenou com a cabeça.

— «Se deixares uma porta entreaberta, ouvirás os sussurros na certa.» Perguntei ao Adam sobre isso, depois de o teres mencionado. É uma rima que alguns dos miúdos costumam dizer. Ele nem nunca ouviu falar do Carter, claro, mas a rima deve vir daí, transmitida de pessoa em pessoa.

— Um alerta contra o papão.

— Sim. Só que este é real.

Pensei na rima. O Adam ouvira-a sem saber o seu significado; talvez se estendesse além de Featherbank. Era frequente esse tipo de coisas serem difundidas pelas crianças, pelo que talvez um dos miúdos na escola antiga do Jake a tivesse repetido e ele a tivesse ouvido.

Só podia ser essa a explicação. Não fora a menina a ensinar-lha porque

ela não era real.

Porém, isso não explicava as borboletas. Nem o menino no chão.

A Karen pareceu ler-me os pensamentos.

— E o Jake? Como é que ele está a reagir?

— Bem, penso eu. — Encolhi os ombros, num gesto de impotência. — Sei lá. Eu e ele... às vezes temos alguma dificuldade em comunicar um com o outro. O Jake não é um miúdo fácil.

— Isso é coisa que não existe — retorquiu ela.

— E eu também não sou um homem fácil.

— Outra coisa que não existe. Mas e como é que tu estás? Deve ter sido estranho ver o teu pai ao fim de tanto tempo. A sério que não tinhas tido nenhum contacto com ele?

— Nenhum. A minha mãe saiu de casa comigo quando as coisas ultrapassaram os limites. Não o via desde essa altura.

— Ultrapassaram os limites?

— A bebida — respondi. — A violência...

Depois calei-me. Era mais fácil explicá-lo assim do que entrar em pormenores, mas, na verdade, à exceção daquela última noite, não me lembrava de o meu pai ser fisicamente agressivo comigo ou com a minha mãe. Da bebida sim, embora não o compreendesse muito bem na altura; apenas sabia que ele estava sempre zangado, que desaparecia durante dias a fio, que havia pouco dinheiro e que os meus pais discutiam ferozmente. E lembrava-me do ressentimento e da amargura que emanavam dele, da sensação de ameaça que pairava no ar, como se algo mau pudesse acontecer a qualquer instante. Lembrava-me de sentir medo, mas violência propriamente dita talvez fosse um exagero.

— Lamento — disse a Karen.

Tornei a encolher os ombros, sentindo-me pouco à vontade.

— Obrigado. Mas sim, foi estranho vê-lo. Lembrava-me dele, claro, mas já não está igual. Já não parece um alcoólico. Toda a sua postura é completamente diferente. Mais calma.

— As pessoas mudam.

— É um facto. E ainda bem. Somos ambos pessoas completamente

diferentes agora. Eu já não sou um miúdo, e ele não é verdadeiramente meu pai. Já não importa.

— Não sei se acredito em ti.

— Pois, mas é o que é.

— Nisso acredito. — A Karen acabara de beber o seu café e estava a vestir o casaco. — E, posto isso, desculpa a pressa, mas, infelizmente, tenho de ir.

— Tens de ir sentir-te cansada para outro lugar?

— Não, eu dormi bem, lembras-te?

— Certo. — Agitei as borras do meu café. Ela não parecia interessada em dizer-me aonde ia, e ocorreu-me que, na verdade, eu não sabia praticamente nada sobre ela. — Reparaste que passámos o tempo todo a falar de mim? Não me parece justo.

— Porque és muito mais interessante do que eu, especialmente agora. Talvez possas escrever sobre isto num dos teus livros.

— Talvez.

— Pois, desculpa. Pesquisei-te online. — Ela pareceu ficar momentaneamente embaraçada. — Sou boa a descobrir coisas. Não digas a ninguém.

— O teu segredo está seguro comigo.

— Folgo em sabê-lo. — Ela fez uma pausa, como se quisesse dizer mais alguma coisa, mas depois abanou a cabeça, claramente desistindo. — Vemo-nos logo?

— Sim. Fica bem.

Bebi o resto do café quando ela se retirou, interrogando-me sobre o que poderia ter estado prestes a dizer-me. E pensei no facto de me ter pesquisado online. O que é que isso quereria dizer?

Seria errado ter-me agradado bastante?

— Já terminou?

O homem abanou a cabeça, sem saber, por momentos, onde estava e o que lhe estavam a perguntar. Então viu a empregada a sorrir para si, baixou o olhar para a mesa e percebeu que terminara o seu café.

— Sim. — Recostou-se. — Peço desculpa, estava a milhas daqui.

Ela tornou a sorrir, pegando na chávena vazia.

— Quer que lhe traga mais alguma coisa?

— Talvez daqui a pouco.

Não fazia tenções de pedir mais nada, mas, apesar de o espaço se encontrar apenas meio cheio, tinha de ser educado e cumprir as normas sociais. Não queria ser recordado como alguém que permanecera ali demasiado tempo. Não queria ser recordado de todo.

Era bom nisso, embora fosse verdade que as pessoas lhe facilitavam a vida. Muitas delas pareciam perdidas no ruído da sua existência, avançando pela vida num estado de autêntico sonambulismo, completamente abstraídas do mundo em redor, hipnotizadas pelos telemóveis, ignorando aqueles com quem se cruzavam. As pessoas eram egocêntricas e indiferentes, e não prestavam qualquer atenção ao que se passava à sua volta. Quem não se destacasse desaparecia da sua mente com a rapidez de um sonho.

Olhou para Tom Kennedy, sentado a duas mesas de distância.

Kennedy estava de costas voltadas para ele, e, agora que a mulher se fora embora, podia observá-lo à vontade. Enquanto ela estivera ali sentada, de frente para si, bebera o café e fingira estar entretido com o telemóvel, fundindo-se, assim, no cenário do café. Contudo, sempre à escuta, claro. As conversas podiam misturar-se à nossa volta se o deixássemos, tornando-se um impenetrável ruído de fundo; porém, se nos concentrássemos, conseguiríamos apanhar uma delas e segui-la com facilidade. Bastava

alguma concentração, quase como sintonizar um rádio até a estática desaparecer e obtermos um sinal claro.

Estava tão certo, pensou. «Às vezes temos alguma dificuldade em comunicar um com o outro. O Jake não é um miúdo fácil.»

Bem, tinha a certeza de que Jake se desenvolveria lindamente ao seu cuidado. Daria ao menino a casa que ele merecia e proporcionar-lhe-ia o amor e a atenção de que ele necessitava. Depois também ele próprio se sentiria restabelecido e completo.

E, se assim não fosse...

O tempo tinha o poder de entorpecer as sensações. Já não lhe custava tanto pensar no que fizera a Neil Spencer. Há muito que os tremores que experienciara imediatamente a seguir tinham desaparecido, e já conseguia lidar com as recordações com maior frieza — aliás, quase sentia prazer ao fazê-lo. Porque, na verdade, o miúdo merecera-o, certo? E, embora tivessem existido momentos de tranquilidade e de felicidade ao longo desses dois meses, quando tudo parecera estar bem, também o assolara uma sensação de calma e de justiça no rescaldo desse último dia, reconfortante à sua maneira.

Mas não.

Não chegaria a esse ponto.

Tom Kennedy levantou-se e dirigiu-se para a porta. O homem baixou o olhar para o telemóvel, carregando calmamente no ecrã, enquanto Kennedy passava por ele.

Deixou-se ficar sentado mais alguns segundos, pensando nas outras coisas que ouvira. Quem seria Norman Collins? O nome não lhe dizia absolutamente nada. Devia ser um dos outros, calculou, mas não fazia ideia por que motivo esse Collins fora detido. De qualquer forma, dava-lhe imenso jeito. A polícia andaria distraída e Kennedy estaria menos alerta, o que significava que bastar-lhe-ia escolher o momento certo, e tudo iria correr de feição.

Levantou-se.

Quanto maior o ruído, mais fácil seria escapulir-se silenciosamente sem que ninguém reparasse em si.

Há tanto tempo que te procuro.

Pete saiu do carro e entrou no hospital, apanhando o elevador rumo à cave, onde ficava o departamento de patologia. Uma das paredes do elevador era espelhada, e ele achou-se com bom ar, sereno até. Por dentro, as peças podiam estar partidas, mas, por fora, parecia um presente cuidadosamente embrulhado, que só faria barulho se alguém o agitasse.

Não se lembrava de alguma vez se sentir tão apreensivo como nesse momento.

Procurara Tony Smith durante 20 anos. Interrogava-se se, de certo modo, a ausência do rapaz o teria ajudado — se lhe teria dado um propósito e uma razão para continuar, ainda que escondida algures por detrás dos seus pensamentos. Não obstante, por muito que tivesse tentado não pensar no assunto, nunca considerara o caso encerrado.

Como tal, tinha de estar presente quando isso acontecesse.

Sempre detestara as salas de autópsia naquele lugar. O cheiro a antisséptico nunca conseguia disfarçar o fedor subjacente, e a luz dura e as superfícies metálicas polidas apenas serviam para enfatizar os corpos mosqueados em exposição. Ali a morte era palpável — exposta e tornada banal. Aquelas salas tinham que ver com pesos e ângulos, com pranchetas escrevinhadas com pormenores parcos de química e biologia, tudo tão frio e clínico. Sempre que as visitava, percebia que as partes mais importantes da vida humana — as emoções, a personalidade, as experiências — se destacavam pela sua ausência.

Chris Dale, o médico-legista, conduziu-o a uma maca na extremidade oposta da sala. Enquanto o seguia, Pete sentia-se leve e fraco, e teve de lutar contra a vontade de dar meia-volta.

— Aqui está o nosso miúdo.

Dale falou em voz baixa. Era conhecido em toda a divisão pelos seus modos bruscos e indiferentes no que tocava a lidar com a polícia, guardando o seu respeito para aqueles a quem se referia sempre como os seus pacientes.

«O nosso miúdo.»

A maneira como Dale o dissera deixava bem claro que os restos mortais estavam agora sob a sua proteção. As indignidades a que haviam sido sujeitos tinham chegado ao fim, e, de agora em diante, iriam ser protegidos.

O nosso miúdo, pensou Pete.

Os ossos estavam dispostos na forma de uma pequena criança, mas o tempo separara muitos deles e não havia um único pedaço de carne. Pete vira uma série de esqueletos ao longo dos anos. Em certa medida, eram mais fáceis de contemplar do que as vítimas falecidas recentemente, que se assemelhavam a seres humanos, mas, na sua imobilidade sinistra, acabavam por não o ser. Um esqueleto era algo tão afastado das experiências do quotidiano que podia ser encarado com menos emoção. Contudo, a realidade assaltava-nos sempre: o facto de que as pessoas morrem, e, ao fim de um curto período de tempo, restam somente objetos, os ossos, quase como diminutos pertences espalhados, abandonados onde caem.

— Ainda não fizemos uma autópsia completa — disse Dale. — Está agendada para mais tarde. O que lhe posso dizer entretanto é que estes são os restos mortais de uma criança do sexo masculino que tinha cerca de 6 anos quando morreu. Por enquanto, ainda não sei precisar a causa de morte, e talvez nunca venhamos a saber, mas está morto há algum tempo.

— Há 20 anos?

— Possivelmente. — Dale hesitou, ciente do que Pete lhe estava a perguntar. Depois fez sinal para uma segunda maca, ao lado deles. — Temos também estes itens adicionais, que foram encontrados no mesmo local: a caixa em si, claro, onde foram transportados os restos mortais para ajudar a preservá-los; e as peças de roupa que estavam por baixo dos ossos.

Pete deu um passo em frente. As peças de roupa eram velhas e estavam cheias de teias de aranha, mas Dale e a sua equipa tinham-nas extraído cuidadosamente do local, pelo que se encontravam numa pilha intacta e

impecavelmente dobrada, tal como haviam sido guardadas. Não precisou de lhes mexer para ver do que se tratava.

Calças de fato de treino azuis. Um pequeno polo preto.

Virou-se para trás e tornou a olhar para os restos mortais. O caso exercera uma influência imensa em si durante todos aqueles anos, e, no entanto, era a primeira vez que estava diante de Tony Smith. Até então, tinham sido apenas as fotografias de um menino, eternamente congeladas no tempo. Bastaria uma ligeira diferença de circunstâncias para Pete poder ter-se cruzado na rua com um Tony Smith de 26 anos, sem nunca sequer ter ouvido falar nesse nome. Baixou o olhar para a estrutura pequena e destruída que em tempos suportara e encerrara um ser humano, juntamente com as possibilidades inerentes daquilo que ele se poderia ter tornado.

«Tantas esperanças e sonhos que eles tinham, e eu dei cabo de tudo.»

Pete afastou as palavras de Frank Carter da mente e manteve-se em silêncio durante alguns segundos, desejando interiorizar a enormidade do momento. Porém, percebeu que não estava ali, tal como o próprio Tony Smith não estava presente naquela carapaça vazia de ossos sobre uma maca. Pete estivera suspenso, em órbita, durante imenso tempo por causa daquele menino desaparecido; toda a sua vida girara em torno do mistério do seu paradeiro. Esse centro de gravidade desaparecera, e, no entanto, a sua trajetória permanecia inalterada.

— Encontrámos imensas dentro da caixa — disse Dale.

Pete virou-se, vendo-o inclinado para a frente, com as mãos enfiadas nos bolsos, fitando a caixa de cartão dentro da qual Tony Smith fora encontrado. Ao aproximar-se, percebeu que a atenção de Dale estava focada numa borboleta, presa nas teias de aranha. Encontrava-se claramente morta, mas os padrões coloridos das asas continuavam nítidos e vívidos.

— Borboleta-do-cadáver — observou Pete.

O médico-legista olhou para ele com uma expressão de surpresa.

— Nunca pensei que fosse um fã de borboletas, inspetor.

— Vi um documentário, uma vez. — Pete encolheu os ombros. Sempre achara que via televisão e lia apenas para matar o tempo, pelo que ficou surpreendido consigo próprio ao constatar que retivera parte desse

conhecimento. — Tenho muitos serões livres.

— Imagino que sim.

Pete vasculhou a memória. Aquela espécie de borboleta era nativa do país, mas relativamente rara. O programa que vira acompanhara uma equipa de homens excêntricos por entre campos e arbustos, na tentativa de a avistarem. No final, tinham conseguido encontrar uma. A borboleta-do-cadáver era atraída por carne putrefacta. Pete nunca vira nenhuma ao vivo, mas, desde que assistira a esse documentário, dava por si a perscrutar as estradas de terra e os arbustos que vasculhava aos fins de semana, interrogando-se se uma eventual presença delas poderia indicar que estava a procurar no local certo.

O seu telemóvel emitiu um zunido dentro do bolso. Tirou-o e viu que se tratava de uma mensagem de Amanda. Leu-a rapidamente: era uma atualização do caso. Depois de uma noite passada na prisão, parecia que Norman Collins reconsiderara a sua posição de «sem comentários» e estava preparado para falar com ambos. Ela queria que Pete regressasse assim que possível.

Guardou o telemóvel, mas deixou-se ficar mais alguns instantes, a fitar a caixa de cartão à sua frente. Fora fechada com várias voltas de fita-cola castanha, tendo sido claramente selada, reaberta e tornada a selar, diversas vezes, ao longo dos anos. A caixa seria agora enviada para análise forense, na esperança de se encontrarem impressões digitais. O olhar de Pete desviou-se para a sua superfície, imaginando as mãos invisíveis que lhe teriam tocado. Visualizou pessoas a pressionar as pontas dos dedos contra o cartão, uma pele substituta que envolvia os ossos escondidos no interior.

Muito apreciados entre colecionadores.

Por momentos, interrogou-se se essas pessoas teriam imaginado um batimento cardíaco. Ou se se teriam rejubilado com a sua ausência.

Sentado em frente a Amanda e Pete, na sala de interrogatório, o advogado de Norman Collins soltou um suspiro profundo.

— O meu cliente está preparado para admitir ter cometido o homicídio do Dominic Barnett — disse ele. — Nega categoricamente, porém, qualquer envolvimento no rapto e homicídio do Neil Spencer. — Amanda olhou-o fixamente, aguardando que ele terminasse. — Está, igualmente, disposto a prestar um depoimento sincero e completo relativamente ao que sabe acerca dos restos mortais encontrados ontem na Garholt Street. Não quer que a polícia desperdice recursos com ele, pondo potencialmente em perigo outra criança, e acredita que o que tem a dizer talvez ajude a localizar o indivíduo responsável pelo homicídio.

— Algo pelo qual lhe ficamos muito gratos.

Amanda esboçou um sorriso educado, apesar de aquilo lhe cheirar a conversa da treta. Sentado em silêncio, do outro lado da mesa, Collins parecia franzino e melindrado. Não era um homem com arcabouço para a prisão, e uma noite passada na cela dissipara toda a presunção que exibira no dia anterior. O facto de ir finalmente falar não lhe causava grande prazer, pois era claramente motivado por interesses próprios, e não por um verdadeiro desejo de salvar vidas. Não se tratava de bom carácter; apenas tivera tempo para perceber que falar com eles — dar-lhes o seu lado da história — talvez o beneficiasse a longo prazo, melhorando a sua situação se cooperasse e parecesse que os estava a ajudar.

Contudo, aquele não era o momento indicado para demonstrar repugnância. Não se ele pudesse realmente ajudar.

Amanda recostou-se.

— Então... fale lá connosco, Norman.

— Não sei por onde começar.

— Sabia que os restos mortais do Tony Smith estavam naquela casa, não sabia? Começemos por aí.

Collins ficou em silêncio durante alguns segundos, fitando o tampo da mesa entre eles, tentando manter a calma. Amanda olhou de relance para Pete, sentado ao seu lado, e apercebeu-se de que ele se esforçava por fazer o mesmo. Estava preocupada com ele. Tinha um ar mais deprimido do que nunca, e mal se dirigira a ela desde que chegara à esquadra. Parecera-lhe haver algo que ele estivera prestes a dizer-lhe, mas depois, por alguma razão, contivera-se.

Aquilo iria ser complicado para ele, tinha perfeita noção disso. Pete estivera perante o que eram, quase de certeza, os restos mortais de Tony Smith, um menino que procurara durante tanto tempo, e estava prestes a ouvir a verdade sobre o que acontecera. Os anos podiam tê-lo endurecido por fora, mas ela nem queria imaginar as várias feridas antigas que se iriam voltar a abrir.

— Percebo a vossa opinião em relação aos meus interesses — disse-lhes Collins, em voz baixa. Amanda focou a sua atenção novamente nele. — E percebo o que muitas pessoas pensam deles. Mas é um facto que sou bastante respeitado nesta área, e, ao longo dos anos, fui conquistando uma boa reputação enquanto colecionador.

Um colecionador.

Collins fê-lo soar como algo benigno — quase respeitável —, mas Amanda vira pormenores da coleção dele. Que tipo de pessoa se sentia atraída pelo material que ele passara tantos anos a colecionar? Via-o, e a outros como ele, como se fossem ratazanas, a correr de um lado para o outro nos recantos obscuros da Internet, fazendo os seus negócios e traçando os seus planos, roendo os cabos da sociedade. Quando Collins ergueu o olhar para Amanda, o desdém que ela sentia estava-lhe certamente estampado no rosto.

— Não é assim tão diferente dos interesses que as outras pessoas têm — prosseguiu ele, num tom defensivo. — Percebi, há muito tempo, que o meu passatempo era considerado exclusivo pela maioria e abominável por uma minoria. Mas há outras pessoas que partilham este meu interesse, e, ao

longo dos anos, provei ser de confiança, o que me permitiu um acesso restrito a peças mais importantes.

— É um negociante a sério?

— Um negociante a sério que lida com coisas sérias. — Passou a língua nos lábios. — E, à semelhança de qualquer outro negócio, existem fóruns públicos e fóruns privados. O meu interesse no caso do Homem dos Sussurros era sobejamente conhecido nesses últimos, e, há muitos anos, tomei conhecimento de que uma certa... experiência talvez estivesse ao meu alcance, partindo do pressuposto de que estaria disposto a pagar, claro.

— Que experiência era essa?

Ele fitou Amanda por alguns instantes e depois respondeu como se fosse a coisa mais natural do mundo.

— Passar tempo com o Tony Smith, claro.

Seguiu-se um momento de silêncio.

— Como? — perguntou ela.

— Na primeira vez, foi-me dito que fosse visitar o Victor Tyler à prisão, que tudo seria combinado por intermédio dele. O Frank Carter sabia disso, mas não tinha qualquer interesse em envolver-se diretamente. O Tyler iria fazer uma seleção de entre as pessoas que o visitavam, e fiquei contente por ter passado esse teste em específico. Depois de ter pago um valor à mulher do Tyler, fui direcionado para uma morada. — Collins fez um esgar. — Não fiquei nada surpreendido quando me mandaram para casa do Julian Simpson.

— Porquê?

— Era uma personagem desagradável. Sem qualquer tipo de higiene pessoal. Não batia bem daqui. — Deu uma pancadinha na cabeça. — As pessoas costumavam gozar com ele, mas, na verdade, toda a gente o temia. E a casa também. Tem um aspeto muito estranho, não acham? Lembro-me de que as crianças costumavam desafiar-se umas às outras a entrarem no jardim. Depois tiravam fotografias. Já nessa altura, era eu miúdo, as pessoas achavam a casa assustadora.

Amanda olhou novamente de relance para Pete. O rosto dele estava insondável, mas conseguia imaginar o que ele estaria a pensar. Naquela

altura, o nome de Julian Simpson nunca surgira associado ao caso. A polícia não tinha conhecimento do homem nem da casa de aspeto assustador. O que era perfeitamente compreensível. Havia pessoas como Simpson em todas as comunidades, e a reputação delas entre os mais novos nem sempre se baseava, necessariamente, em algo palpável, e, definitivamente, nunca ao ponto de os adultos se preocuparem.

Ainda assim, Amanda sabia que Pete se culparia por isso.

— O que é que aconteceu a seguir? — perguntou ela a Collins.

— Fui à casa na Garholt Street — respondeu ele. — Tive de pagar mais alguma coisa ao Simpson e fizeram-me esperar numa sala, no piso de baixo. Passado algum tempo, ele apareceu com uma caixa de cartão selada. Cortou a fita com muito cuidado. E... lá estava ele.

— O nome, Norman, para que conste do depoimento.

— O Tony Smith.

Amanda mal conseguiu formular a pergunta seguinte.

— E o que é que fez com os restos mortais do Tony?

— O que é que eu fiz? — Collins soava genuinamente chocado. — Não fiz nada. Não sou nenhum monstro; não como alguns dos outros. E também não iria querer danificar uma prova daquelas, mesmo que me tivesse sido permitido. Não, apenas fiquei a olhar, a prestar-lhe a minha homenagem. A absorver todo aquele ambiente. Podem não compreender, mas foi um dos momentos mais poderosos da minha vida.

Meu Deus!, pensou Amanda.

Ele parecia um homem a recordar um amor perdido.

De todos os cenários que ela considerara, a resposta dele era, simultaneamente, a mais banal e a mais horripilante. O tempo passado com o cadáver de um menino assassinado fora, claramente, uma espécie de experiência religiosa para ele, e imaginá-lo lá especado, convencido de que tinha alguma ligação especial com os tristes restos mortais dentro de uma caixa aos seus pés, era absolutamente horrível.

Ao seu lado, Pete inclinou-se lentamente para a frente.

— Disse «não como alguns dos outros». — Independentemente do impacto que o relato estivesse a ter nele, Pete soava esgotado, cansado até à

alma, pensou Amanda. — Quem eram os outros, Norman? E o que é que eles fizeram?

Collins engoliu em seco.

— Isso foi depois de o Dominic Barnett ter assumido o comando, depois da morte do Julian. Acho que eles eram amigos, mas o Barnett não tinha o mesmo nível de respeito. As coisas deterioraram-se sob os cuidados dele.

— Foi por isso que o matou? — perguntou Amanda.

— Para proteger a prova! E porque o Barnett não me deixava ter mais acesso; não depois da última vez. O Tony precisava de ser guardado em segurança.

— Fale-nos sobre os outros, Norman — pediu Pete, com toda a paciência.

— Foi depois de o Barnett ter assumido o comando. — Collins hesitou. — Eu tinha feito várias visitas ao longo dos anos, mas, para mim, era sempre a mesma coisa. Estava a prestar a minha homenagem e queria ficar sozinho com o Tony. Porém, quando o Barnett assumiu o comando, começaram a aparecer outros também, e não eram tão respeitosos como eu.

— O que é que eles fizeram?

— Eu não vi nada — respondeu Collins. — Vim-me embora; fiquei enjoado. E o Barnett recusou-se a devolver-me o dinheiro. Inclusivamente, fez troça de mim. Mas o que é que eu podia fazer?

— Porque é que ficou tão enjoado? — indagou Pete.

— Na última noite em que lá fui, estavam presentes cinco ou seis pessoas. Tudo gente com um fascínio pelo caso. Todo o género de indivíduos. Sinceramente, ficariam admirados com alguns deles. Deu-me a impressão de que havia quem tivesse vindo de bastante longe. Éramos todos desconhecidos uns dos outros, mas era óbvio que alguns estavam ali por motivos totalmente diferentes dos meus. — Collins engoliu em seco. — O Barnett tinha colocado um colchão na sala... e uma lâmpada vermelha. Aquilo era...

— De teor sexual? — sugeriu Amanda.

— Sim. Presumo que sim. — Collins abanou a cabeça e baixou o olhar para a mesa, como se aquele cenário fosse além da sua capacidade de compreensão. — Não com o cadáver; entre eles. Mas já era mau o

suficiente. Eu não podia participar numa coisa daquelas.

— Por isso foi-se embora?

— Sim. No passado, quando lá ia, era como estar numa igreja. Era sossegado, belo. Sentia a presença de Deus. Mas dessa vez, com a luz e aquelas pessoas... — Calou-se novamente.

— Norman?

Por fim, ele ergueu o olhar:

— Era como estar em pleno Inferno.

— Acredita nele? — perguntou Amanda.

Estavam de volta à sala de operações. Pete encontrava-se inclinado sobre a secretária, a examinar atentamente as fotografias das câmaras de videovigilância das pessoas que tinham visitado Victor Tyler na prisão ao longo dos anos. Ela perscrutou-as com o olhar. Eram homens e mulheres. Havia jovens e velhos.

«Todo o género de indivíduos», dissera-lhes Collins. «Ficariam admirados com alguns deles.»

— Acredito que o Collins não matou o Neil Spencer. Mas, em relação a isto... — Pete fez um gesto com a mão por cima das fotografias. Depois calou-se, expressando a mesma incredulidade que a própria Amanda sentia.

No decorrer da sua carreira, ela testemunhara tantos horrores que a capacidade de crueldade das pessoas já não a chocava. Estivera em locais de crime e de acidentes, e observara as multidões que se reuniam, ou os veículos que passavam devagar para conseguirem vislumbrar a desgraça. Compreendia a atração da morte. Mas não aquilo.

— Sabe porque é que lhe chamaram o Homem dos Sussurros? — perguntou-lhe Pete, em voz baixa.

— Por causa do Roger Hill.

— Exatamente — disse ele, acenando lentamente com a cabeça. — O Roger foi a primeira vítima do Carter. A casa da família estava a ser restaurada na altura, e o Roger disse aos pais que ouvira alguém sussurrar à janela do seu quarto, antes de ter sido raptado. O Carter era o dono da empresa de andaimes que andava a trabalhar na casa. Foi isso que nos

chamou à atenção para ele.

— Andava a preparar a sua vítima.

— Sim. O Carter teve aí a sua oportunidade, mas o curioso é que os pais de todos os outros meninos disseram que os filhos também tinham ouvido os sussurros. Não havia qualquer ligação óbvia ao Carter, mas, ainda assim, eles ouviram-nos.

— Talvez tivessem ouvido.

— Talvez. Ou talvez o nome tivesse aparecido nos jornais na altura e tenha acabado por pôr ideias na cabeça das pessoas. Quem sabe? Seja como for, a alcunha ficou. O Homem dos Sussurros. Sempre detestei esse nome. — Amanda esperou que ele prosseguisse. — Porque queria que ele fosse esquecido, entende? Não queria que tivesse um título. Mas agora parece encaixar-lhe na perfeição. Porque, durante todo este tempo, ele tem estado a sussurrar. E as pessoas, estas pessoas, têm estado à escuta. — Espalhou as fotografias sobre a mesa. — E uma delas mais atentamente do que as outras.

Amanda olhou de novo para as fotografias. Ele tinha razão, pensou. A julgar pelo que Collins dissera, era óbvio que muitos daqueles indivíduos diante de si tinham percorrido uma grande distância no caminho da maldade pura. Não seria demasiado forçado acreditar que um deles, levado ainda mais longe pelos sussurros de Frank Carter, tivesse percorrido uma maior distância do que os outros. Aqueles indivíduos eram bajuladores horrendos, mas um deles era algo bem pior.

Um discípulo.

Algures no meio daquelas pessoas, pensou ela, encontrariam o assassino de Neil Spencer.

Nessa noite, depois de o Jake se ter ido deitar, sentei-me na sala de estar do apartamento com um copo de vinho branco e o meu portátil.

Apesar de ainda estar a tentar processar os acontecimentos dos últimos dias, tinha plena consciência de que precisava de escrever. Parecia-me impossível naquele contexto, mas o dinheiro que me restava não duraria para sempre. Além disso, era importante estar a trabalhar em algo, não apenas para me distrair, mas porque sempre assim fora. Essa era a pessoa que eu era, e precisava de a recuperar.

«Rebecca.»

Apaguei o resto que havia escrito e olhei fixamente para o nome dela. A minha ideia, no outro dia, fora começar a escrever sobre os meus sentimentos, na esperança de que alguma narrativa acabasse por emergir de entre a neblina. Contudo, já era complicado definir os meus sentimentos nesse momento, quanto mais tentar traduzi-los em algo tão simples como palavras.

A minha mente recordou o que a Karen dissera no café, nessa manhã: «Talvez possas escrever sobre isto num dos teus livros.» E o facto de ela me ter pesquisado online. Sabia o que sentia em relação a isso, pois o pensamento viera acompanhado de uma ponta de entusiasmo. Ela estava interessada em mim. Sentir-me-ia fisicamente atraído por ela? Sim. Só não tinha a certeza se me poderia permitir tal sentimento. Olhei para o nome da Rebecca no ecrã. O entusiasmo dissipou-se, sendo substituído por um sentimento de culpa.

«Rebecca.»

Escrevi rapidamente.

Sei exatamente o que pensarias sobre isto, porque sempre foste muito mais prática do que eu. Irias querer que eu seguisse

em frente com a minha vida. Irias querer que fosse feliz. Ficarias triste, claro, mas dir-me-ias que a vida é mesmo assim. Aliás, o mais certo seria dizeres-me para não ser um parvo de merda.

A questão é que não sei se já estarei preparado para te deixar ir.

Talvez eu esteja convencido de que não deveria ser feliz, que não mereço...

A campainha soou.

Fechei o portátil e desci as escadas, ansioso, com receio de que a campainha voltasse a tocar e acordasse o Jake. Esfreguei ligeiramente os olhos, aliviado por não ter começado a chorar ao escrever aquelas palavras à Rebecca. Principalmente quando abri a porta e me deparei com o meu pai ali parado.

— Inspetor Willis — disse eu.

Ele acenou com a cabeça.

— Posso entrar?

— O Jake está a dormir.

— Já calculava. Mas não vou demorar muito tempo. E não farei barulho, prometo. Só queria pôr-te ao corrente da situação.

Uma parte de mim não o queria deixar entrar, mas isso seria infantil — e, de qualquer maneira, ele era apenas um agente da polícia. Quando aquela situação chegasse ao fim, não teria de o voltar a ver.

O facto de ele ter um ar tão desgastado, quase deferente, também ajudava. Nesse momento, aliás, sentia-me o mais poderoso dos dois. Abri mais a porta.

— Está bem.

Ele seguiu-me escadas acima e entrámos na sala de estar.

— Estamos a terminar a investigação na casa — informou ele. — Tu e o Jake poderão voltar para lá amanhã de manhã.

— Ainda bem. E o Norman Collins?

— Acusámo-lo do homicídio do Dominic Barnett. Ele confirmou que os restos mortais encontrados na casa pertencem à única vítima do Carter que nunca conseguimos encontrar. O Tony Smith. O Collins sempre soube.

— Mas como?

— É uma longa história. Os pormenores não interessam agora.

— Não? Bem, e quanto ao Neil Spencer? E a tentativa de rapto de que o Jake foi alvo?

— Estamos a trabalhar nisso.

— Fico muito mais descansado. — Peguei no meu copo de vinho e bebi um trago. — Peço desculpa; que falta de educação a minha. Queres tomar algo?

— Não bebo.

— Antigamente bebias.

— Por isso é que agora não bebo. Há pessoas que sabem beber e outras que não. Demorei algum tempo a perceber isso. Imagino que sejas das pessoas que sabem.

— Sim.

Ele suspirou.

— E também imagino que, com tudo o que se passou ao longo dos anos, não tenha sido nada fácil para ti. Mas pareces ser um homem capaz de fazer muita coisa bem. Isso é bom. Fico contente. — Apetecia-me contestar aquilo. Não apenas o facto de ele não ter o direito de fazer juízos em relação a mim, mas também as próprias palavras. Estava redondamente enganado: eu não conseguia fazer nada bem, nem estava a lidar nada bem com a vida. Porém, claro, de modo algum iria demonstrar qualquer tipo de fraqueza à frente do meu pai, pelo que não disse nada. — Seja como for... — prosseguiu ele. — Sim, antigamente bebia. Havia muitos motivos para isso; motivos e não desculpas. Naquela época via-me aflito com muitas coisas.

— Com ser um bom marido, por exemplo.

— Sim.

— E com a paternidade.

— Também. Com a responsabilidade disso. Nunca soube ser pai. Na verdade, nunca quis ser pai. E tu foste um bebé complicado; mas melhoraste à medida que foste crescendo. Foste sempre muito criativo. Já naquela altura costumavas inventar histórias.

Não me lembrava nada disso.

— Ah, sim?

— Sim. Eras sensível. O Jake é muito parecido contigo.

— O Jake é demasiado sensível, acho eu.

O meu pai abanou a cabeça.

— Não existe tal coisa.

— Existe sim, se tornar a vida mais complicada. — Pensei em todos os amigos que nunca fiz, ou naqueles que nunca quiseram ser meus amigos. — Mas o que é que tu sabes? Não estavas lá.

— Pois não, não estava. E, como já disse, ainda bem que assim foi.

— Ora aí está algo com o qual ambos concordamos.

Parecia que não restava mais nada a dizer. Ele deu meia-volta, como se fosse retirar-se, mas depois hesitou e virou-se novamente para mim.

— Estive a pensar no que disseste ontem à noite. Sobre teres-me visto a atirar o copo à tua mãe antes de me ir embora.

— E...?

— Não viste — disse ele. — Isso não aconteceu. Não estavas em casa nessa noite. Tinhas ido dormir a casa de um amigo da escola.

Estava prestes a responder-lhe, mas calei-me. Era a minha vez de hesitar. O meu primeiro instinto foi pensar que o meu pai estava a mentir — que só poderia estar a mentir, pois eu lembrava-me dessa noite com toda a clareza. E também de que não tinha amigos naquela altura. Contudo, seria mesmo verdade? Não obstante o que o meu pai tivesse sido no passado, não me parecia que agora fosse um mentiroso. Aliás, por muito que me custasse admiti-lo, tinha o ar de alguém que se tornara escrupulosamente sincero consigo próprio no que dizia respeito aos seus defeitos. Talvez ao longo dos anos tivesse sentido essa necessidade.

Revi a recordação na minha mente.

Um vidro a partir-se.

A minha mãe a gritar.

O meu pai aos berros.

Via a imagem com toda a clareza na minha mente, mas seria possível que estivesse enganado? A imagem era mais vívida do que qualquer outra recordação de infância. Não seria demasiado vívida? Seria possível tratar-se

de uma emoção, e não de uma recordação? Um resumo do que eu sentira, ao invés de um acontecimento específico que tivesse realmente ocorrido.

— Mas, seja como for, foi mais ou menos isso que aconteceu — continuou o meu pai, em surdina. — Para minha eterna vergonha, foi isso que fiz. Não lhe atirei o copo. Por mais ridículo que pareça, era com o copo que eu estava zangado. Mas foi quase.

— Lembro-me de o ter visto.

— Não sei. Talvez a Sally to tenha contado.

— Ela nunca falou mal de ti. — Abanei a cabeça. — Tens noção disso, não tens? Mesmo depois de tudo.

Ele esboçou um sorriso triste. Era óbvio que sim, sabia-o, e isso fazia-o pensar no quanto perdera.

— Então não sei — respondeu ele. — Mas queria dizer-te outra coisa também, que vale o que vale. Não que valha muito, mas enfim... Disseste que foi a última vez que te vi. Isso também não é verdade.

Fiz sinal com a mão para o espaço envolvente.

— Como é óbvio...

— Refiro-me àquela altura. A tua mãe pôs-me na rua, e foi o melhor que ela fez. Respeito isso. Para ser sincero, para mim foi quase um alívio; ou pelo menos achava que o merecia. Mas houve alturas depois disso, antes de vocês se terem mudado para longe, em que, quando estava sóbrio, a Sally deixava-me ir lá a casa. Ela não queria perturbar-te, nem criar qualquer confusão, e eu também não. Por isso, era sempre depois de teres ido para a cama. Ia ao teu quarto quando estavas a dormir e dava-te um abraço. Nunca acordaste. Nunca soubeste. Mas fi-lo.

Fiquei em silêncio.

Não acreditava, novamente, que o meu pai estivesse a mentir, e as palavras dele abalaram-me. Recordei o Sr. Noite, o meu amigo de infância imaginário. O homem invisível que aparecia no meu quarto à noite e me abraçava enquanto eu dormia. Pior ainda, lembrava-me de quão reconfortante isso fora, que era algo do qual não tinha medo nenhum, e que, quando o Sr. Noite desaparecera da minha vida, ficara completamente de rastos, como se tivesse perdido uma parte importante de mim.

— Não estou a arranjar desculpas — disse o meu pai. — Só queria que soubesses que as coisas eram complicadas. Que eu era complicado. E que lamento.

— Está bem.

Aí sim, não havia mais nada a dizer.

Começou a descer as escadas. Eu continuava demasiado abalado para conseguir fazer outra coisa senão deixá-lo ir.

Na manhã seguinte, certifiquei-me de que o Jake se despachava mais cedo do que o habitual para termos tempo de passar em casa antes de o levar à escola. O meu pai já estava lá fora, à nossa espera dentro do carro. Baixou o vidro assim que nos aproximámos.

— Olá — cumprimentou-nos.

— Bom dia, Pete — cumprimentou-o o Jake, num tom sério. — Está tudo bem?

O rosto do meu pai iluminou-se ligeiramente, divertido com o tom excessivamente formal que o meu filho por vezes empregava. Respondeu-lhe à letra.

— Sim, muito obrigado. E contigo, Jake?

— Está tudo bem. Foi interessante ficar nesta casa, mas estou ansioso por voltar para a minha.

— Calculo que sim.

— Ir para a escola a seguir é que já não.

— Pois, também calculo que não. Mas a escola é muito importante.

— Sim — retorquiu o Jake. — Dizem que sim.

O meu pai começou a rir-se, mas depois olhou de relance para mim e calou-se. Talvez receasse que interagir com o Jake daquela maneira pudesse irritar-me. O mais curioso era que, apesar de me ter realmente irritado naquela primeira tarde na esquadra, agora já não. Eu gostava quando as pessoas ficavam impressionadas com o meu filho; fazia-me sentir extremamente orgulhoso. Era absurdo pensar assim, claro — o Jake era uma pessoa independente de mim, não era um feito meu —, mas a sensação estava sempre presente, e, em relação ao meu pai, era ainda mais forte. Não sabia bem porquê. Queria eu esfregar-lhe a paternidade na cara, ou seria um desejo subconsciente de o impressionar? Não me agradava o que

qualquer uma das opções revelava sobre mim.

— Encontramo-nos lá. — Dei meia-volta. — Vamos, Jake.

O percurso não era longo, mas demorámos um pouco devido ao trânsito matinal. Sentado no banco de trás, o Jake passou a maior parte do tempo a pontapear incessantemente o banco do passageiro, assobiando uma melodia para si próprio. De vez em quando, eu espreitava pelo espelho retrovisor e via-o, de cabeça virada para o lado, a olhar pela janela com os olhos semicerrados, como era seu hábito, como se lhe fizesse confusão ver todo aquele mundo lá fora, mas, simultaneamente, não estivesse muito interessado nele.

— Porque é que não gostas do Pete, papá?

— O inspetor Willis, queres tu dizer. — Virei o carro para a nossa rua. — E não é uma questão de gostar dele ou não. Não o conheço. Ele é um polícia, não é um amigo.

— Mas é simpático. Eu gosto dele.

— Tu também não o conheces.

— Mas se não o conheces e não gostas dele, porque é que eu não posso não o conhecer e gostar dele?

Sentia-me demasiado cansado para tais divagações.

— Não é que não goste dele.

O Jake não respondeu, e eu não tinha vontade nenhuma de continuar a discutir aquele assunto. As crianças captavam facilmente as coisas, e o meu filho era ainda mais sensível do que a maioria. Provavelmente, era por demais óbvio para ele que eu estava a mentir.

Seria, no entanto, realmente uma mentira? A conversa da noite anterior não me saía da cabeça, e, talvez por causa disso, tornara-se mais fácil identificar-me com o meu pai — encará-lo como um homem que, tal como eu, se vira aflito com a paternidade. Não obstante, nem ele era já o homem que eu recordava, nem eu era aquela criança.

Quanto tempo seria necessário, e quanto é que uma pessoa teria de mudar, para deixarmos de odiar alguém? O Pete era agora outra pessoa.

Eu não desgostava dele. Na verdade, não o conhecia de todo.

Quando chegámos a casa, não havia qualquer vestígio da atividade da polícia — até a fita separadora fora retirada. Também não se via a multidão de jornalistas que eu rezeira encontrar à nossa espera: apenas um pequeno grupo de pessoas a conversar. Não pareciam estar particularmente interessadas, ao ver-me estacionar no caminho de acesso. O Jake, porém, estava.

— Vamos aparecer na televisão? — perguntou ele, entusiasmado.

— De modo algum.

— Oh...

O Pete viera atrás de nós o caminho todo. Estacionou o carro a seguir ao nosso e saiu rapidamente. Os jornalistas abordaram-no, e eu fiquei a vê-lo falar com eles.

— O que é que se passa, papá?

— Espera.

O Jake estava a tentar espreitar também.

— Está ali...? — disse ele.

— Oh, foda-se!

Seguiu-se um instante de silêncio dentro do carro. Observei o pequeno grupo que se reunira à volta do meu pai, vagamente consciente de que ele lhes sorria educadamente, explicando-lhes a situação com um encolher de ombros conciliatório. Alguns dos jornalistas acenavam com a cabeça. A minha atenção estava concentrada num deles em particular.

— Disseste a palavra começada por «F», papá. — O Jake soava impressionado.

— Pois disse. — Desviei o olhar da Karen, parada entre os jornalistas, com um bloco de notas na mão. — E sim, está ali a mãe do Adam.

— Vamos aparecer na televisão, Pete? — perguntou-lhe o Jake.

Fechei a porta da rua atrás de nós e pus a corrente de segurança.

— Já te respondi a isso, Jake — intervim eu. — Não, não vamos.

— Estava só a perguntar ao Pete também.

— Não — respondeu o Pete. — Não vão. Tal como o teu pai disse. Por isso é que estive a falar com aquelas pessoas ali fora. São jornalistas e estão

interessados no que aconteceu aqui, mas lembrei-os de que é um assunto que nada tem que ver com vocês os dois.

— Tem mais ou menos — disse o Jake.

— Sim, mais ou menos. Mas não precisamente. Se soubessem mais alguma coisa ou se estivessem mais envolvidos, então aí sim, as coisas seriam diferentes.

Lancei rapidamente um olhar ao Jake, na esperança de que ele percebesse, pela minha expressão, que não era altura para falar sobre o menino no chão. Ele olhou para mim e acenou com a cabeça, embora não tencionasse deixar o assunto ficar por ali.

— Mas foi o meu pai que o encontrou.

— Sim — retorquiu o Pete. — Mas essa informação não foi facultada àquelas pessoas ali fora. Tanto quanto sabem, vocês os dois não fazem parte da história. E é melhor que assim continue, na minha opinião.

— Está bem. — O Jake soou desiludido. — Posso ir dar uma vista de olhos e ver o que é que a polícia fez?

— Claro.

Ele desapareceu em direção ao piso de cima. Eu e o Pete ficámos parados junto à porta da rua.

— Estava a falar a sério — disse ele, após alguns segundos. — Não precisas de te preocupar. A imprensa não vai querer prejudicar qualquer julgamento. Não te posso impedir de falares com eles, como é óbvio, mas a única coisa que sabem é que os restos mortais foram encontrados aqui, pelo que duvido que estejam interessados em vocês. E vão ser muito cuidadosos perto do Jake.

Assenti com a cabeça, sentindo-me nauseado. A imprensa oficial talvez soubesse apenas isso, mas eu contara tanta coisa à Karen no dia anterior que já me perdera. Ela tinha conhecimento do visitante noturno que tentara raptar o Jake, do facto de ter sido eu a encontrar o corpo, de que o Pete era meu pai — um pai agressivo. E tinha a certeza de que lhe dissera muitas outras coisas de que nem sequer me lembrava de momento.

«Sou boa a descobrir coisas», dissera ela.

Na altura, fora apenas uma conversa com uma amiga; não fazia ideia de

que estava a contar a minha vida à merda de uma jornalista.

E isso magoava-me.

Ela deveria ter-me dito. Ficara com a ideia de que estava genuinamente interessada em mim, mas já não tinha tanta certeza disso. Por um lado, ela não tinha, inicialmente, como saber que eu estava associado ao caso, mas, por outro, nunca, durante a nossa conversa, deixara transparecer não ser a pessoa indicada a quem eu devesse estar a contar tudo.

O meu pai franziu o sobrolho.

— Estás bem?

— Sim. — Teria de confirmar os danos dessa conversa mais tarde. Entretanto, não tencionava, de modo algum, falar sobre isso ao meu pai. — Estamos em segurança aqui? — perguntei-lhe.

— Sim. O Norman Collins não vai ser libertado tão depressa, e, mesmo que fosse, já não está cá nada que lhe interesse. E aos outros também não.

— Aos outros?

Ele hesitou.

— Sempre houve interesse por esta casa. O Collins disse que era a casa assustadora aqui do bairro. Os miúdos faziam apostas para ver quem é que tinha coragem para se aproximar dela. Tiravam fotografias e tal.

— A casa assustadora. Estou cansado de ouvir isso.

— São só coisas de miúdos — retorquiu o Pete. — Os restos mortais do Tony Smith já não estão aqui. O Collins só estava interessado nisso. Não em ti ou no Jake.

Não em mim ou no Jake. Contudo, a minha mente não parava de rever o Jake ao fundo das escadas naquela noite, o homem a falar com ele através da abertura do correio. Não me lembrava das palavras exatas que ouvira, mas recordava o suficiente para saber que ele estava a tentar convencer o Jake a abrir a porta, e não me parecia que estivesse apenas interessado nas chaves da garagem.

— E em relação ao Neil Spencer? — perguntei-lhe. — O Collins foi acusado do homicídio dele?

— Não. Mas temos agora uma série de suspeitos. Estamos perto de resolver o caso. Acredita que não permitiria que voltassem para cá se não

achasse que seria seguro.

— Também não poderias impedir-me de o fazer.

— Pois não. — Ele desviou o olhar. — Mas tentaria demover-te, em especial estando o Jake aqui também. O rapto do Neil Spencer foi um ato oportunista; o menino estava sozinho. Isto não é um ato de um homem que procure atenção. Obviamente que deverás vigiar o Jake, mas não há motivos para pensar que qualquer um de vocês corra algum perigo.

Estaria ele convencido do que estava a dizer? Eu não tinha a certeza; era difícil lê-lo. Parecia exausto. Quando o vira pela primeira vez, percebia-se que estava em boa forma física, mas hoje aparentava mesmo a idade que tinha.

— Pareces cansado — disse-lhe.

Ele assentiu com a cabeça.

— Estou cansado. E tenho de fazer algo que não me apetece nada fazer.

— O quê?

— Não interessa — respondeu simplesmente. — O que interessa é que tem de ser feito.

Aquele caso afetara-o profundamente, e isso era por demais evidente na sua conduta. «O que interessa é que tem de ser feito.» Via diante de mim um homem com um peso imenso às costas, esforçando-se por lidar com o seu fardo. O aspeto dele coincidia com a forma como eu me sentia muitas vezes.

— A minha mãe — disse-lhe, repentinamente. Ele olhou para mim e aguardou, sem colocar a pergunta. — Ela morreu.

— Já me tinhas dito.

— Querias saber o que se passou. Ela teve uma vida complicada, mas era boa pessoa. Eu não podia ter pedido uma mãe melhor. Foi um cancro. Ela não merecia o que lhe aconteceu, mas também não sofreu. Foi tudo muito rápido.

Era mentira — a morte da minha mãe fora prolongada e dolorosa —, e eu não fazia ideia por que razão dissera aquilo. Não me competia fazer o Pete sentir-se melhor ou aliviar qualquer sofrimento ou sentimento de culpa que porventura o assolasse. No entanto, uma parte de mim ficou satisfeita ao ver

o peso que ele carregava aliviar-se um pouco.

— Quando?

— Há cinco anos.

— Então ela chegou a conhecer o Jake?

— Sim. Ele não se lembra dela, mas sim.

— Bem, fico contente por isso.

Seguiu-se um momento de silêncio. Depois o Jake desceu as escadas e ambos virámos ligeiramente as costas um ao outro em simultâneo, como se uma qualquer tensão entre nós se tivesse quebrado.

— Está tudo exatamente na mesma, papá. — O Jake soava quase desconfiado.

— Somos muito bons a vasculhar tudo com cuidado — disse o Pete. — E também a arrumar tudo depois.

— Impressionante.

O Jake deu meia-volta e entrou na sala de estar.

O Pete abanou a cabeça.

— Ele é uma personagem e peras!

— Se é!

— Se houver mais algum desenvolvimento, informo-te — disse ele. — Entretanto, se precisarem de alguma coisa, seja o que for, aqui estão os meus contactos.

— Obrigado.

Fiquei a ver o meu pai descer o caminho de acesso, ligeiramente cabisbaixo, e virei o cartão de visita que tinha na mão. Quando ele entrou no carro, olhei para lá dele, para o grupo de jornalistas ali reunido. A maioria já se fora embora. Perscrutei os rostos que restavam, à procura da Karen.

Porém, ela já não estava ali.

Esta será a última vez, disse Pete para consigo. *Lembra-te disso*.

Esse pensamento era algo a que se agarrar, enquanto aguardava na sala de interrogatório muito branca da prisão, à espera de que o monstro chegasse. Estivera ali tantas vezes ao longo dos anos, e, de todas as vezes, ficara bastante abalado. Porém, a partir daquele dia, não haveria mais motivos para lá voltar. Tony Smith — sempre o foco dessas visitas, no passado — fora encontrado, e Pete decidira que, se Frank Carter se recusasse a falar sobre o homem que procuravam agora, sairia daquela sala sem olhar para trás. E nunca mais voltaria a passar pelo desagradável rescaldo de ter estado na presença de Carter.

Esta será a última vez.

Esse pensamento ajudava, mas apenas um pouco. O ar na sala silenciosa estava carregado de antecipação e de ameaça, a porta trancada, ao fundo, vibrando de perigo. Carter também teria, certamente, a noção de que aquele seria o último encontro entre eles, e Pete sabia que ele iria fazer tudo para o tornar memorável. Até então, o medo desses encontros fora sempre mental e emocional; nunca sentira medo físico. Contudo, nesse momento sentia-se grato pelo comprimento da mesa que dividia a sala e pela força das algemas que o homem traria. Interrogava-se, inclusivamente, se, a um nível subconsciente, todas aquelas horas passadas no ginásio não teriam sido para se preparar para uma qualquer eventualidade.

O seu coração deu um salto assim que ouviu o barulho da porta a ser destrancada.

Mantém-te calmo.

A rotina habitual desenrolou-se: os guardas entraram primeiro; Carter demorou-se. Pete manteve-se sereno, concentrado no envelope que trouxera consigo e que pousara sobre a mesa. Fitou-o e aguardou, ignorando o

homem corpulento que se aproximou finalmente e se sentou pesadamente à sua frente. Desta vez, iria virar o jogo — era a vez de Carter esperar. Pete permaneceu em silêncio até os guardas se terem retirado e ter ouvido a porta a fechar-se. Só então ergueu o olhar.

Carter fitava o envelope também, com uma expressão de curiosidade no rosto.

— Escreveste-me uma carta, Peter? — Pete não lhe respondeu. — Muitas vezes pensei em escrever-te. — Carter ergueu o olhar e sorriu. — Gostarias que o fizesse? — Pete reprimiu o arrepio que sentiu. Havia poucas hipóteses de Carter vir alguma vez a descobrir a sua morada pessoal, mas a ideia de receber correspondência dele, mesmo que reencaminhada, era absolutamente insuportável. Não lhe respondeu, novamente. Carter abanou a cabeça, num gesto reprovador. — Já te disse da última vez, Peter. O teu problema é mesmo esse, sabes? Faço um esforço enorme para falar contigo. Dou-me ao trabalho de te contar coisas e de ser útil, e às vezes fico com a sensação de que nem sequer me estás a ouvir.

— «Acaba onde começa» — disse Pete. — Agora já compreendo o que significa.

— Um pouco tarde demais para o Neil Spencer.

— O que eu gostava de saber é como é que tu sabias isso, Frank.

— E, como já te disse, o teu problema é mesmo esse. — Carter recostou-se. O seu peso fez ranger a cadeira. — Não ouves. Sinceramente, achas que estou interessado na merda de um miúdo? Nem sequer era disso que eu estava a falar.

— Não?

— De maneira nenhuma. — Tornou a inclinar-se para a frente, de repente mais interessado, e Pete resistiu à vontade de se encolher. — Ouve, toma lá mais esta: lembras-te do que disseste sobre as pessoas no mundo lá fora me terem esquecido?

Pete pensou um pouco e assentiu com a cabeça.

— Disseste-me que não era verdade.

— Exatamente. Ah! Ah! Agora já compreendes, imagino? Agora vês como estavas enganado. Porque, na verdade, havia um grupo de pessoas lá

fora do qual não tinhas qualquer conhecimento e que continuou sempre muito interessado em mim.

Os olhos de Carter brilharam. Pete imaginava o prazer imenso que aquele homem sentira ao longo dos anos, sabendo que tinha fãs como Norman Collins a visitar a casa onde os restos mortais de Tony Smith haviam sido deixados, tratando o local como uma espécie de santuário. Mais do que isso, decerto se deleitara por ter conseguido guardar esse segredo de Pete durante tanto tempo, sabendo que, enquanto este procurara incessantemente a criança desaparecida, outros tinham-na encontrado com muita facilidade.

— Sim, Frank. Estava enganado. Agora já sei. E imagino que toda a experiência tenha sido extremamente lisonjeadora para ti. O Homem dos Sussurros. — Esboçou um esgar. — A tua lenda continua viva.

Carter sorriu.

— Em vários aspetos.

— Falemos, então, sobre algumas dessas pessoas. — Carter ficou em silêncio, baixando o olhar para o envelope e esboçando um sorriso rasgado. Não iria deixar-se convencer a falar sobre o assassino de Neil Spencer. Pete sabia que, se queria descobrir alguma coisa, teria de ler nas entrelinhas, e isso implicava fazer o homem falar. Embora Carter pudesse ser deliberadamente vago em relação a alguns assuntos, Pete tinha a certeza de que iria querer falar sobre os visitantes à casa ao longo dos anos, pelo menos agora que o segredo fora descoberto. — Ora bem — prosseguiu —, porquê o Victor Tyler?

— Ah, o Vic é boa pessoa.

— É uma maneira interessante de o descrever. Mas eis onde eu quero chegar realmente: porquê arranjar um intermediário para tratar de tudo?

— De nada serviria se estivesse acessível, pois não, Peter? — Carter abanou a cabeça. — Se toda a gente visse Deus, quantas pessoas se dariam ao trabalho de ir à igreja? É preferível manter alguma distância. E é melhor para eles também, claro. Mais seguro. Imagino que tenhas confirmado todas as minhas visitas ao longo dos anos.

— Sou a única pessoa que te visita.

— E que honra essa, não é? — Carter deu uma risada.

— E o dinheiro?

— O que é que tem?

— O Tyler recebia dinheiro; ou pelo menos a mulher dele recebia. O Simpson também, e, depois dele, o Barnett também. Mas tu não.

— O que é que me interessa o dinheiro? — Carter parecia afrontado. — Tudo o que eu quero na vida é gratuito agora. O Vic, como já disse, é boa pessoa, um homem decente. E o Julian também foi muito correto comigo. Parece-me justo que tenham recebido algo em troca. Nunca conheci o Barnett, nem me interessava. Mas é bom que essas pessoas tenham pago para visitar o local. Acho bem que tenham pago, porra! Eu valho isso, ou não?

— Não.

Carter tornou a rir-se.

— Pode ser que, quando os prenderes, eles acabem todos aqui comigo. Isso, sim, seria do caraças para eles, não achas? Aposto que ficariam todos contentes.

Não tanto quanto tu, pensou Pete.

Pegou no envelope e retirou as fotografias que trouxera consigo: uma pequena pilha de imagens captadas pelas câmaras de videovigilância das visitas que Victor Tyler recebera ao longo dos anos. Uma imagem de Norman Collins encontrava-se no topo da pilha, e Pete empurrou-a cuidadosamente sobre a mesa, na direção de Carter.

— Reconheces este homem?

Carter mal olhou para a fotografia.

— Não.

Mostrou-lhe uma segunda imagem.

— E este?

— Peter, não conheço nenhuma dessas pessoas, porra! — Carter revirou os olhos. — Quantas vezes será preciso dizer-te? Tu não ouves. Se queres saber quem são essas pessoas, pergunta ao Vic.

— E iremos perguntar.

Na verdade, ele e Amanda haviam interrogado Tyler uma hora antes, e a situação agradara-lhe substancialmente menos do que ao seu amigo Carter.

Ficara irritado e recusara-se a colaborar. Pete considerava a reação perfeitamente compreensível, tendo em conta que a mulher dele também estava envolvida, mas o silêncio não iria salvar nenhum deles. Do mesmo modo, os visitantes que foram identificados — entre os quais Pete tinha a certeza encontrar-se o assassino de Neil Spencer — estavam nesse momento prestes a serem apanhados e interrogados.

Todos exceto um.

Pete fez deslizar mais uma fotografia sobre o tampo da mesa. Mostrava um homem novo, na casa dos 20 e muitos ou 30 e poucos anos, de estatura e constituição médias, óculos pretos, cabelo castanho pelos ombros. Visitara Tyler numa série de ocasiões, a mais recente tendo sido na semana anterior ao homicídio de Neil Spencer.

— E este homem?

Carter não olhou para a imagem. Fitou Pete e sorriu.

— É nesse que estás interessado, não é? — Pete não lhe respondeu. — És tão previsível, Peter. Tão óbvio. Mostras-me dois para me distrair e depois apresentas o que te interessa para poderes observar a minha reação. Este é o vosso homem, não é? Ou pelo menos pensam que é...

— És mesmo inteligente, Frank. Reconheces este homem?

Carter continuou a fitar Pete, e, sem desviar o olhar, estendeu as mãos algemadas fazendo deslizar a fotografia para si. Foi um movimento estranho, como se as suas mãos fossem manobradas por algo separado do resto do corpo. Não mexeu a cabeça, e a sua expressão permaneceu inalterada.

Então baixou o olhar, examinando a imagem.

— Ah... — disse, em voz baixa. Pete viu o peito imenso do homem subir e descer, numa respiração lenta, interiorizando os pormenores à sua frente. — Fala-me sobre este homem, Peter — pediu Carter.

— Estou mais interessado no que tu possas saber.

Pete aguardou. Por fim, Carter ergueu o olhar e deu umas leves pancadinhas na fotografia com um dedo enorme.

— Este homem é um pouco mais esperto do que os outros, não é? Usou um nome falso para fazer a visita, mas tinha a devida identificação para o

sustentar. Já investigaste e sabes que não era verdadeira.

Assim era, de facto. O homem apresentara a sua identificação por altura das visitas: chamava-se Liam Adams, tinha 29 anos e morava com os pais, a 50 quilómetros de Featherbank. Os agentes tinham chegado à propriedade nessa manhã e sido recebidos com expressões de incompreensão — e depois de horror — nos rostos dos pais de Liam.

O filho do casal falecera há mais de uma década.

— Continua — disse Pete a Carter.

— Sabes a facilidade com que se compra uma identificação, Peter? É muito mais simples do que julgas. E, como já disse, este aqui é muito esperto. Se queres mandar uma mensagem a alguém nos tempos que correm, tens mesmo de o ser, não é? Este aqui — Carter baixou a voz —, este é um homem zeloso.

— Fala-me mais sobre ele, Frank.

Porém, em vez de lhe responder, Carter baixou novamente o olhar para a fotografia durante alguns segundos, estudando-a. Era como se estivesse a olhar para alguém sobre quem muito ouvira falar e agora se sentisse curioso para ver finalmente de quem se tratava. Depois fungou alto, perdendo, de súbito, o interesse no que vira, e empurrou novamente a fotografia na direção de Pete.

— Já te disse tudo o que sabia.

— Não acredito em ti.

— E, como já disse, foi sempre esse o teu problema. — Carter sorriu-lhe, mas os seus olhos estavam inexpressivos. — Tu não ouves, Peter.

Pete não demonstrou a sua frustração até estar de volta ao carro, onde Amanda o esperava. Entrou para o lugar do passageiro e bateu com a porta, as fotografias que segurava escorregando-lhe das mãos.

— Merda!

Inclinou-se para a frente e apanhou-as, embora apenas uma fosse importante. Voltou a guardar as outras no envelope e deixou-a de fora, pousando-a sobre os joelhos. Um homem com o nome de um adolescente falecido, óculos escuros e cabelo castanho que podia facilmente ser um

disfarce ou ter sido mudado entretanto. O homem podia ter qualquer idade. Podia ser qualquer pessoa.

— Deixe-me adivinhar — disse Amanda —, o Carter não estava muito comunicativo?

— Estava a pessoa encantadora do costume. — Pete passou a mão pelo cabelo, zangado consigo próprio. Fora a última vez, sim, e sobrevivera, mas, como habitualmente, saíra da conversa sem nada, apesar de o Carter saber algo. — Aquele merdas! — exclamou.

— Conte-me tudo — pediu Amanda.

Ele fez uma pausa para se recompor e relatou-lhe a conversa ao pormenor. A ideia de que não ouvia Carter era um disparate; claro que o ouvia com atenção. Todas as conversas com Carter estavam entranhadas em si, cada palavra como uma transpiração invertida, penetrando-lhe na pele, deixando-o suado por dentro.

Quando terminou, Amanda refletiu por alguns instantes.

— Acha que o Carter sabe quem é este homem?

— Não tenho a certeza. — Pete baixou o olhar para a fotografia. — Talvez. De certeza absoluta que sabe algo sobre ele. Ou se calhar não sabe e gosta simplesmente de me ver a esgaravatar, a tentar perceber o que estará por detrás de cada uma da merda das suas palavras.

— Está a praguejar mais do que o habitual, Pete.

— Estou irritado.

«Tu não ouves.»

— Vamos lá rever isso — pediu Amanda, num tom paciente. — Não esta visita, a anterior. Foi em relação a ela que ele comentou que o Pete não o ouvia, não foi?

Pete hesitou; depois tentou recordar.

— «Acaba sempre onde começa» — disse ele. — Começou no terreno baldio; portanto, era lá que o Neil Spencer acabaria sempre por ser deixado. Mas o Carter afirmou que não fora isso que quisera dizer.

— Então o que é que ele terá querido dizer?

— Sabe-se lá! — Pete tinha vontade de atirar as mãos ao ar. — Depois foi o sonho com o Tony Smith. Mas isso não foi real. Inventou-o apenas para

me provocar.

Amanda ficou em silêncio durante alguns segundos.

— Seja como for — disse ela, por fim —, inventou-o de uma maneira específica. E o próprio Pete disse que é por isso que o visita: está sempre à espera de que ele revele algo sem querer.

Pete estava prestes a protestar, mas Amanda tinha razão. Se o sonho não era real, então Carter inventara-o, certamente, escolhendo descrevê-lo daquela maneira. Era possível que uma parte da verdade tivesse escapado por entre as falhas.

Passou a conversa em revista na sua mente.

— Ele não tinha a certeza se era realmente o Tony.

— No sonho.

— Sim. — Pete assentiu com a cabeça. — A t-shirt do miúdo estava puxada sobre o rosto, pelo que não o conseguiu ver devidamente. Disse que era assim mesmo que gostava.

— Tal como o Neil Spencer.

— Sim.

— E nada disso alguma vez foi tornado público. — Amanda abanou a cabeça num gesto de frustração. — E o Carter era um sádico. Então porque é que não haveria de querer ver o rosto das suas vítimas?

Pete não tinha uma resposta para essa questão. Carter recusara-se sempre a discutir a sua motivação. Contudo, embora nunca tivesse existido nenhum elemento sexual aparente relativo aos homicídios, Amanda tinha razão: ele fizera muito mal àquelas crianças, e era, obviamente, um sádico. Quanto a tapar-lhes o rosto, havia um sem-fim de explicações possíveis para isso. Se perguntassem a cinco psicólogos criminais — e na altura tinham-no feito —, obteriam cinco respostas diferentes. Talvez fosse para controlar fisicamente as vítimas. Ou para abafar o som. Ou para as desorientar. Ou para as assustar. Ou para evitar que o vissem. Ou para evitar olhar para elas. Um dos motivos por que a psicologia criminal era uma treta residia precisamente no facto de que criminosos distintos tinham quase sempre motivos absolutamente distintos para o mesmo comportamento, e...

Pete hesitou.

— «Aqueles sacaninhas são todos iguais» — disse, em voz baixa.

— O quê?

— Foi o que o Carter me disse. — Franzuiu o sobrolho. — Ou algo do género. Quando estava a falar sobre qual das crianças aparecera no sonho. «Aqueles sacaninhas são todos iguais, não são? Qualquer um serve.»

— Continue.

Porém, Pete calou-se novamente, tentando pensar nas implicações e na sensação de que algum tipo de compreensão estava subitamente ao seu alcance. Não interessara a Carter quem é que andara a magoar. Mais do que isso, nem sequer quisera ver o rosto das vítimas.

Mas porquê?

Para evitar vê-las.

Seria porque quisera imaginar outra pessoa no lugar delas? Pete baixou novamente o olhar para a fotografia, para o homem que podia ser qualquer pessoa, e recordou a expressão estranha no rosto de Carter. Não conseguira evitar sentir curiosidade em relação ao homem na fotografia. Fora como se estivesse a ver alguém por quem se interessara durante muito tempo, mas só agora conseguira pôr-lhe os olhos em cima. Isso lembrou Pete de outra coisa: o quanto se esforçara para não pensar em Tom ao longo dos anos, e, no entanto, ter sido impossível não o avaliar quando se encontraram. Como se, apesar de ainda existirem vestígios do menino que outrora fora, o homem diante de si fosse demasiado diferente do menino que recordava.

Porque as crianças mudam imenso.

«Já te disse tudo o que sabia.»

Pete recordou, então, uma criança diferente. Outro menino pequeno, acanhado, assustado e malnutrido, escondido atrás das pernas da mãe, enquanto Pete destrancava a porta do anexo de Frank Carter.

Um menino que agora estaria na casa dos 20 e muitos anos.

«Traz-me a minha família», recordou Pete. «Aquele cabra e aquele merdas.»

Ergueu o olhar para Amanda, compreendendo finalmente.

— Foi isso que eu não ouvi.

Pouco antes da hora do almoço, ouvi bater à porta.

Ergui o olhar do portátil. A primeira coisa que fizera depois de ter deixado o Jake na escola, nessa manhã, fora pesquisar a Karen no *Google*. Fora fácil de encontrar: Karen Shaw estava identificada como autora de centenas de artigos online do jornal local, incluindo reportagens sobre o rapto e o homicídio do Neil Spencer. Eu lera tudo com uma crescente sensação de náusea: não só receoso do que ela poderia escrever a seguir, tendo em conta todos os pormenores privados que lhe revelara no café, mas também sentindo-me traído. Permitira-me pensar que ela estava genuinamente interessada em mim, e agora sentia-me estúpido, como se tivesse sido enganado.

A batida na porta tornou a soar: um som baixo e tímido, como se a pessoa que ali estava não tivesse a certeza se queria que eu ouvisse. Tinha uma vaga ideia de quem iria encontrar. Afastei o portátil para o lado e fui abrir a porta.

A Karen, parada no degrau.

Encostei-me à parede e cruzei os braços.

— Estás a usar um microfone debaixo dessa coisa? — perguntei, acenando com a cabeça para o enorme sobretudo. Ela encolheu-se.

— Posso entrar um minutinho?

— Para quê?

— Eu só... queria explicar. Não demoro nada.

— Não há necessidade.

— Eu acho que há.

Parecia arrependida — envergonhada, até —, mas lembrei-me de que a minha mãe costumava dizer que as justificações e as desculpas eram sempre para benefício da pessoa que as apresentava, e senti uma vontade imensa de

dizer à Karen para ir tentar sentir-se melhor para outro lado. Porém, a sua aparente vulnerabilidade contrastava tanto com a sua postura durante as primeiras vezes em que havíamos falado que não fui capaz. Parecia estar ali por ser realmente importante para ela.

Desencostei-me da parede.

— Está bem.

Fomos para a sala de estar. Uma parte de mim ficou ligeiramente embaraçada com o estado da casa: o meu prato sujo do pequeno-almoço estava em cima do sofá, ao lado do portátil, e os marcadores e desenhos do Jake continuavam espalhados no chão. Contudo, não tencionava desculpar-me à Karen pela desarrumação. Não importava o que ela pensava, pois não? Até essa manhã havia importado, de nada servia negá-lo agora. Era um disparate, mas era verdade.

Ela deteve-se na outra ponta da sala, ainda embrulhada no enorme casaco, como se não tivesse a certeza se fora convidada a entrar ou não.

— Queres tomar alguma coisa?

Ela abanou a cabeça.

— Só queria explicar o que se passou esta manhã. Imagino o que te deva ter parecido.

— Não sei bem o que é que me pareceu. Nem o que pensar.

— Desculpa. Deveria ter-te dito.

— Sim.

— E quase o fiz. Podes não acreditar em mim, mas ontem de manhã estava mesmo irritada comigo própria. No café, quero dizer, enquanto me estavas a contar tudo aquilo.

— Mas deixaste-me continuar.

— Bem, tu não me deste grande hipótese. — Ela arriscou um ligeiro sorriso, um vislumbre da Karen a que eu estava mais habituado. — Sinceramente, parecia que precisavas de desabafar, e, nesse sentido, ouvi-te com todo o gosto. Mas, enquanto jornalista, foi um pavor ouvir tudo aquilo.

— Ah, sim?

— Sim. Porque sabia que não poderia utilizar nada.

— Estou certo de que poderias.

— Bem, sim, no sentido em que não foi oficialmente oficioso, julgo que sim. Mas não seria justo para ti ou para o Jake. Não vos faria uma coisa dessas. É mais uma questão de ética pessoal do que profissional.

— Certo.

— O que é mesmo típico, se queres que te diga. — Ela deu uma risada amarga. — Trata-se da maior notícia na história desta região desde que me mudei para cá, tenho acesso a informação que nenhum dos principais jornais tem, mas não a posso utilizar.

Não lhe respondi. Era um facto que ela não a utilizara, pelo menos por enquanto. O seu artigo mais recente fora publicado nessa manhã e incluía apenas os mesmos pormenores básicos que todas as outras agências de notícias. O que eu lhe contara ia muito além do que já fora publicado e fazia claramente parte do furo jornalístico dela. No entanto, por muito tentador que devesse ter sido, até agora não revelara nada em relação a isso. Será que estava a dizer a verdade ao afirmar que não o faria? Pareceu-me que sim.

— Falaste com algum dos outros? — perguntou ela.

— Não. — Estava prestes a repetir a frase do meu pai sobre não saber nada, mas teria sido em vão, tendo em conta as circunstâncias. — Os outros foram-se embora. Recebi algumas chamadas para o número fixo, mas tenho-as ignorado.

— Que irritante!

— Seja como for, também nunca atendo o telefone.

— Eu também não gosto muito de telefones.

— No meu caso é mais porque nunca ninguém me liga. — Não era propriamente uma piada, mas ela sorriu. Não havia problema, pensei. A conversa estava a ficar mais calma, à medida que íamos falando, e uma parte da tensão presente na sala já se dissipara. Constatei, com alguma surpresa, sentir-me aliviado por isso. — Achas que vão continuar a tentar? — perguntei-lhe.

— Depende do que acontecer. Da minha experiência, se não te deixarem em paz, o melhor será aceites falar com um deles. — Ela ergueu a mão. — Não necessariamente comigo. Aliás, por muito que me custe dizê-lo, parte de mim preferia que não fosse eu.

— Porquê?

— Porque somos amigos, Tom, e isso impede-me de ser objetiva. Como já te disse, ontem fiquei irritada comigo própria. Sabes que não te convidei para tomar café porque me tivesse cheirado a peça jornalística, não sabes? O que me contaste foi uma grande surpresa. Como é que eu poderia saber? Mas a questão é: a partir do momento em que deres uma entrevista, o interesse acabará por esmorecer. De qualquer forma, espera até ver o que é que vai acontecer.

Pensei um pouco.

— Mas poderia falar contigo?

— Poderias, sim. E sabes que mais? Este caso à parte, seria agradável ir novamente tomar um café um destes dias, não achas?

— Talvez pudesse sacar-te alguma informação comprometedora.

Ela sorriu.

— Sim, talvez.

Pensei no assunto.

— Tens a certeza de que não podes ficar para tomar algo?

— Infelizmente, não; aquilo há pouco não era uma desculpa. Tenho mesmo de ir andando. — Ela estava prestes a sair da sala, mas ocorreu-lhe algo. — E que tal logo à noite? Posso pedir à minha mãe para tomar conta do Adam. Podíamos ir beber um copo ou algo do género?

Pedir à mãe para tomar conta do filho dela.

Não ao marido, ou ao companheiro.

Eu partira sempre do pressuposto de que ela era solteira, e agora não sabia se aquela confirmação fora deliberada ou accidental. Não obstante, apetecia-me muito aceitar. Caramba, seria tão porreiro ir tomar um copo com uma mulher! Não me lembrava da última vez que o fizera. Mas, mais importante do que isso, percebi que queria muito ir tomar um copo com a Karen, especificamente; que passara a manhã a sentir-me magoado e parvo por uma razão mais do que óbvia.

Porém, claro, não era possível.

— Não seria fácil para mim arranjar uma babysitter — respondi.

— Pois. Eu compreendo. Espera lá. — Ela enfiou a mão dentro do casaco

e retirou um cartão de visita. — Ocorreu-me que não tens os meus contactos. Estão todos aqui. Se os quiseres, claro.

Queria-os, sim.

— Obrigado. — Aceitei o cartão. — Eu não tenho cartão.

— Tonto. Basta mandares-me uma mensagem para eu ficar com o teu número.

— Claro. Sou mesmo tonto.

Ela deteve-se à porta da rua.

— Como é que está o Jake hoje?

— Está bem, surpreendentemente — respondi. — Não percebo como, sinceramente.

— Eu percebo. É como te disse, és demasiado exigente contigo próprio.

Ela começou a descer o caminho de acesso. Fiquei a observá-la a afastar-se, durante alguns instantes, e depois baixei o olhar para o cartão que tinha na mão. A matutar. Era o segundo cartão de visita que recebia nesse dia, e ambos complicados, cada um à sua maneira. Mas tomar um copo com a Karen saber-me-ia tão bem! Sentia que era algo que as pessoas normais faziam, e que deveria ser possível eu fazê-lo também.

Assim que regresssei à sala de estar, peguei no telemóvel e pensei seriamente na situação.

Hesitei, inseguro.

«Basta mandares-me uma mensagem para eu ficar com o teu número.»

Porém, acabou por não ser a primeira mensagem que enviei.

De regresso à esquadra, a sala de operações fervilhava de atividade. Enquanto a maioria dos agentes continuava a levar a cabo as suas funções habituais, um pequeno grupo encontrava-se concentrado na importante tarefa de localizar Francis, o filho de Frank Carter, e essa ideia dera um novo alento a toda a gente. A energia renovada existente na sala era palpável. Ao fim de dois meses às voltas e a seguirem pistas inúteis, a sensação era de que se abria um novo caminho diante deles.

Não que conduzisse necessariamente a algum lado, recordou Amanda a si própria. Era sempre bom não alimentar demasiadas esperanças.

Embora fosse sempre demasiado difícil não o fazer.

— Não — disse Pete, acrescentando mais uma folha à pilha sobre a secretária entre eles.

— Não — respondeu ela, acrescentando também uma folha.

Depois do julgamento e conseqüente condenação de Frank Carter, Francis e a mãe tinham-se mudado para longe, e, devido à infâmia do caso, tinham-lhes sido dadas novas identidades — uma oportunidade para começarem uma vida nova, sem a sombra do monstro com quem haviam morado a pairar sobre eles. Jane Carter passara a chamar-se Jane Parker; Francis tornara-se David. Depois disso, mãe e filho tinham efetivamente desaparecido. Tratava-se de nomes vulgares e anónimos, claramente um dos motivos por que haviam sido escolhidos. A tarefa com que Amanda e Pete se viam a braços agora implicava encontrar o David Parker certo, de entre os milhares que existiam no país.

A folha seguinte. Aquele David Parker tinha 45 anos. O que eles procuravam deveria ter uns 27 anos.

— Não — disse ela.

E assim continuaram.

Procederam à seleção dos nomes praticamente em silêncio. Pete estava focado nas folhas à sua frente, e ela calculou que a concentração dele fosse uma forma de se distrair. A conversa que tivera com Frank Carter decerto abalara-o tanto quanto as anteriores, mas agora percebia-se nele uma tensão adicional. Pete conhecera o filho de Carter quando Francis era uma criança. Na verdade, salvara o rapaz. Conhecendo Pete como ela começava a conhecê-lo, era fácil adivinhar o que lhe iria na cabeça naquele momento. Deveria estar a colocar-se todo o tipo de questões difíceis: e se as ações de Pete naquela altura tivessem plantado uma semente que cresceria e se transformara naquele novo terror?; e se, não obstante todos os seus esforços, tudo aquilo fosse de certa maneira culpa sua?

— Não temos a certeza de que o Francis esteja envolvido — disse ela.

— Pois não.

Pete acrescentou mais uma folha à pilha de papéis.

Amanda suspirou, frustrada com a noção de que nada do que pudesse dizer naquele momento iria resgatar Pete dos seus pensamentos. Porém, o que ela dissera correspondia à verdade. Por muito terrível que tivesse sido a meninice de Francis Carter, vira várias pessoas emergirem de infâncias terríveis e abusivas e transformarem-se em adultos decentes.

Estava, além disso, suficientemente familiarizada com a investigação original para saber que Pete não cometera nenhum erro — trabalhara no caso o melhor possível, indo, inclusivamente, mais além por nunca ter largado Jane Carter. Seguira o seu instinto, concentrara-se em Frank Carter e acabara por apanhar o homem. Não fora capaz de salvar Tony Smith, mas, na verdade, era impossível salvar toda a gente. Haveria sempre erros que nunca eram vistos a tempo.

No que dizia respeito a Neil Spencer, Amanda sabia que tinha de se agarrar a essa mesma ideia. Não queria acreditar que as coisas que nos passavam despercebidas — as coisas que nem sequer tínhamos oportunidade de descobrir — pudessem ter um peso tal que ameaçassem sufocar-nos.

Focou novamente a sua atenção na papelada, esquadrinhando a lista de David Parkers.

— Não.

A pilha ia crescendo.

— Não.

As palavras formavam um padrão de alternância previsível. Não. Não. Não. Só quando percebeu que examinara três nomes seguidos sem que Pete dissesse nada é que reparou que ele estivera calado mais tempo do que o habitual. Ergueu o olhar para ele, esperançosa. Porém, Pete deixara de prestar atenção às fichas sobre a mesa. Ao invés, tinha o telemóvel na mão e olhava fixamente para o ecrã.

— O que foi? — indagou ela.

— Nada.

Era, no entanto, por demais evidente que se tratava de alguma coisa. Aliás, ela mal podia acreditar nos seus olhos. Pete parecia estar a sorrir. Seria realmente possível? Era uma expressão quase impercetível, mas ocorreu-lhe que nunca lhe vira isso sequer. Andava sempre tão carrancudo e sério, tão sombrio, como uma casa em que o obstinado dono se recusava a acender uma única luz. Uma mensagem, calculou ela. Talvez de uma mulher? Ou de um homem, claro; afinal, não sabia praticamente nada sobre a vida pessoal dele. Fosse o que fosse, gostava de ver aquela expressão pouco familiar no rosto de Pete. Era uma agradável pausa da intensidade a que se acostumara e que a deixara tão preocupada com ele.

Desejou que essa nova luz tivesse vindo para ficar.

— O que foi? — insistiu, desta vez num tom de provocação.

— É só alguém a perguntar se estou livre para fazer uma coisa logo à noite. — Pousou o telemóvel sobre a mesa e o sorriso desapareceu. — É óbvio que não estou.

— Que disparate! — Pete olhou para ela. — Estou a falar a sério — retorquiu Amanda. — Para todos os efeitos, este caso é meu, e não seu. Eu vou ficar aqui o tempo que for preciso, mas, quando forem horas, o Pete vai para casa.

— Não.

— Sim. E poderá fazer o que lhe apetecer. Entrarei em contacto consigo se houver alguma novidade.

— Eu é que deveria ficar.

— De modo algum. Mesmo que encontremos o David Parker certo, não fazemos ideia em que medida está ou não envolvido. Será apenas uma conversa. E acho que seria melhor para ele e para o Pete se fosse outra pessoa a tratar disso. Sei que este caso é muito importante para si, mas não podemos viver no passado, Pete. Há outras coisas importantes. — Fez sinal com a cabeça para o telemóvel dele. — Às vezes é preciso deixarmos o trabalho à porta de casa no final do dia. Percebe o que quero dizer?

Pete ficou em silêncio por alguns instantes. Amanda pensou que ele fosse protestar de novo, mas ele assentiu com a cabeça.

— Não podemos viver no passado — repetiu ele. — Tem toda a razão. Mais do que imagina.

— Oh, eu sei bem que tenho razão, acredite.

Ele sorriu.

— Está bem.

Tornou a pegar no telemóvel e começou a escrever uma resposta com gestos algo desajeitados, como se não recebesse muitas mensagens, e, como tal, não estivesse habituado a responder-lhes. Ou talvez estivesse apenas nervoso em relação àquela mensagem em particular. De qualquer modo, Amanda ficou contente por ele. Lá estava novamente aquele sorriso quase impercetível, e que bom era vê-lo. Saber que era possível.

Animado, pensou ela, observando-o. Era exatamente isso.

Depois de tudo aquilo por que passara, Pete parecia agora um homem que tinha, finalmente, algo por que ansiar.

Combinara com o meu pai ele chegar às 19 horas, e foi tão pontual que me interroguei se não teria chegado mais cedo e ficado sentado lá fora a fazer tempo. Talvez por uma questão de respeito para comigo — a ideia de que poderia fazer parte da minha vida e da vida do Jake, mas que teria de agir exatamente de acordo com as minhas condições —, embora, na verdade, me parecesse que ele era assim com toda a gente. Um homem para quem a disciplina era importante.

Estava impecavelmente vestido com calças de fato e camisa, como se tivesse vindo diretamente do trabalho, mas o ar revigorado e o cabelo molhado revelavam que tomara um duche e mudara de roupa. Também não cheirava a álcool. Enquanto o conduzia ao interior da casa, percebi que verificara tudo isso subconscientemente. Se ele ainda bebesse, já teria começado, e ainda não era tarde para eu desistir de tudo.

O Jake encontrava-se ajoelhado no chão da sala de estar, debruçado sobre um desenho.

— O Pete já chegou — disse eu.

— Olá, Pete.

— Podes ao menos fingir levantar a cabeça?

O Jake suspirou e pôs a tampa no marcador que estivera a utilizar. Tinha os dedos sujos de tinta.

— Olá, Pete — tornou ele a dizer.

O meu pai sorriu.

— Boa noite, Jake. Obrigado por me deixares tomar conta de ti esta noite.

— De nada.

— Ficamos ambos gratos — disse eu. — Não devo demorar mais de duas horas, no máximo.

— Demore o tempo que for preciso. Eu trouxe um livro.

Olhei de relance para o livro grosso que ele tinha na mão. Não conseguia ver o suficiente da capa para ler o título, mas vislumbrei uma fotografia a preto-e-branco de Winston Churchill na parte da frente. Era precisamente o tipo de calhamaço conceituado que eu teria tido imensa dificuldade em terminar, e isso deixou-me um pouco constrangido. O meu pai transformara-se, física e mentalmente, num homem discretamente impressionante. Não pude evitar sentir-me algo inadequado em comparação com ele.

O que era um disparate.

«És demasiado exigente contigo próprio.»

O meu pai pousou o livro em cima do sofá.

— Pode mostrar-me a casa?

— Já cá tinha estado.

— Sim, mas noutra posição — respondeu-me ele. — Esta é a sua casa. Preferia que fosse o Tom a mostrar-ma.

— Está bem. Jake, vamos lá acima num instante.

— Sim, eu sei.

Ele já estava novamente a desenhar. Conduzi o meu pai ao piso de cima, indicando-lhe a casa de banho e o quarto do Jake.

— Por norma, ele tomava banho, mas hoje não será preciso — disse eu. — Daqui a meia hora ou isso, ele que venha para cima dormir. O pijama está ali, em cima do edredão. O livro dele está ali em baixo. Costumamos ler um capítulo juntos antes de apagar a luz. Vamos mais ou menos a meio deste.

O meu pai baixou o olhar para o livro, surpreendido.

— *The Power of Three*?

— Sim, de Diana Wynne Jones. Se calhar é um pouco antiquado para ele, mas está a gostar.

— Parece-me bem.

— E, como disse, não irei demorar.

— Vais fazer alguma coisa agradável?

Hesitei.

— Vou só tomar um copo com uma pessoa amiga.

Não quis entrar em mais pormenores. Fazia-me sentir curiosamente adolescente admitir que tinha um compromisso que poderia ser considerado um encontro amoroso. Eu e o meu pai havíamos, obviamente, saltado todo esse período complicado do meu crescimento, pelo que talvez fosse natural sentir-me um pouco estranho. Nunca tivéramos oportunidade de desenvolver a linguagem para falar sobre isso, ou para não falar.

— Tenho a certeza de que será agradável — disse ele.

— Sim.

Eu era da mesma opinião, o que me provocou outra sensação adolescente: um frio na barriga. Não que se tratasse de um encontro amoroso, claro. Seria um disparate pensar que o seria. Era assim que se davam as desilusões. Tanto eu como a Karen tínhamos filhos à nossa espera em casa, pelo que não era como se algo pudesse realmente acontecer entre nós. Como é que as pessoas se desenrascavam nessas situações? Não fazia a mais pequena ideia. Há tanto tempo que não saía com uma mulher que era realmente como se fosse um adolescente.

Frio.

Ocorreu-me que não fechara a porta da rua depois de o meu pai entrar. Era um absurdo, mas o entusiasmo deu, imediatamente, lugar a um acesso de medo.

— Vamos — disse eu. — É melhor descermos.

O teto rangia enquanto o seu pai e Pete andavam lá em cima. Jake sabia que estavam a conversar, mas não conseguia ouvir o que diziam. Era com certeza acerca dele — instruções sobre a hora de deitar e coisas assim. Ainda bem. Queria deitar-se o mais rapidamente possível.

Queria muito que aquele dia chegasse ao fim.

Isso era a melhor parte de ir dormir: apagava as coisas.

As discussões, as preocupações, tudo e mais alguma coisa.

Podíamos estar assustados ou aborrecidos com algo, e podíamos até pensar que não conseguiríamos adormecer, mas acabava sempre por acontecer, e, quando acordávamos de manhã, a sensação já tinha desaparecido, como uma tempestade que acalmara durante a noite. Ou talvez fosse como quando nos punham a dormir antes de uma operação importante. O que às vezes acontecia, explicara-lhe o pai. Os médicos anestesiavam-nos e não dávamos pelas coisas horríveis que nos faziam; depois acordávamos e já estávamos novamente melhor.

Nesse momento, Jake queria que o medo desaparecesse.

Medo não era bem a palavra certa. Quando se tinha medo, era de algo específico — um ralhete, por exemplo —, mas o que ele estava a sentir fazia lembrar um pássaro sem ter onde pousar. Desde manhã que o assolara a sensação de que algo terrível iria acontecer, embora não soubesse o quê. Tinha, contudo, a certeza de uma coisa: não queria que o pai fosse sair nessa noite.

A sensação, porém, não era real, pelo que, quanto mais depressa fosse dormir, melhor. Teria medo — ou fosse qual fosse o nome daquela sensação —, mas, quando acordasse de manhã, o pai estaria em casa, e tudo estaria bem.

— Não, tens toda a razão em ter medo.

Jake deu um salto.

A menina estava sentada ao seu lado, de pernas esticadas para a frente. Ele não a via desde o primeiro dia de escola, e, no entanto, as feridas no joelho dela ainda não haviam sarado. Como de costume, tinha o cabelo puxado para o lado. Percebeu, pela expressão dela, que não estava para brincadeiras — também ela sabia que algo estava errado. Tinha um ar mais assustado do que ele.

— Ele não devia ir sair — disse ela.

Jake baixou o olhar para o desenho. À semelhança do que acontecia em relação à sensação de medo, sabia que a menina não era real. Ainda que aparentasse ser. Ainda que ele quisesse muito que fosse.

— Não vai acontecer nada de mal — sussurrou-lhe ele.

— Vai, sim. Tu sabes que vai.

Ele negou com a cabeça. Era importante ser prático e crescido em relação àquilo, pois o pai estava a contar com que ele se portasse bem. Por isso, continuou a desenhar, como se ela não estivesse ali. E, na realidade, não estava.

Não obstante, sentia a irritação dela.

— Não queiras que ele vá ter com ela — insistiu a menina. Jake continuou a desenhar. — Não queres que substituam a tua mãe, pois não?

Jake parou de desenhar.

Não, claro que não queria! E isso não iria acontecer, pois não? Contudo, não podia negar que houvera algo estranho no comportamento do pai quando lhe explicara o que iria acontecer nessa noite. A sensação que então o assolara também não era suficientemente específica para conseguir dar-lhe um nome, mas tudo lhe parecera inconstante e errado, como se estivessem a omitir-lhe algo. Porém, ninguém iria substituir a mãe. Nem o pai queria nada disso.

Lembrou-se, de repente, das coisas que o pai escrevera.

Mas eles já tinham conversado sobre isso, não tinham? Tal como as coisas que apareciam nos livros, não era real. Além disso, o pai andava tão triste nos últimos tempos que talvez aquilo o ajudasse a sentir-se melhor. Era importante. Jake tinha de deixar o pai ser o pai, para ele próprio voltar a

ser o Jake.

Tinha de ser corajoso.

A menina pousou a cabeça no ombro dele, o cabelo dela hirto e inflexível a roçar-lhe no pescoço.

— Tenho tanto medo — disse ela, em surdina. — Não o deixes ir, Jake.

Parecia prestes a dizer algo mais, mas ouviram-se passos pesados nas escadas, e a menina desapareceu.

Quando descemos, o Jake continuava sentado no chão junto ao seu desenho, com o marcador na mão, mas parara de desenhar e estava a fitar o vazio. Parecia até à beira das lágrimas. Aproximei-me e agachei-me ao lado dele.

— Estás bem, filhote? — Ele assentiu com a cabeça, mas não acreditei nele. — O que é que se passa?

— Nada.

— Hum... — Franzi o sobrolho. — Não sei se acredito em ti. Estás preocupado por causa desta noite?

Ele hesitou.

— Um bocadinho, talvez.

— Bem, é perfeitamente compreensível. Mas tu ficas bem. Para dizer a verdade, pensei que te apetecesse passar tempo com outra pessoa, para variar.

Ele fitou-me. Embora ainda parecesse muito pequenino e frágil, acho que nunca lhe vira uma expressão tão madura no rosto.

— Achas que não quero estar contigo? — perguntou-me.

— Oh, Jake. Anda cá. — Posicionei-me de maneira que ele pudesse sentar-se no meu joelho, para darmos um abraço. Empoleirou-se em cima de mim e encostou o pequeno corpo ao meu. — Não acho nada disso. Não foi isso que eu quis dizer.

Mas fora. Em certa medida, pelo menos. Um dos meus maiores receios desde a morte da Rebecca era não conseguir criar uma ligação com ele. Sermos dois estranhos. Uma parte de mim sentia, de facto, que ele estaria melhor sem mim e sem as minhas tentativas trapalhonas de levar a cabo essa coisa que era a paternidade — que, quando entrava na escola sem olhar para trás, era isso que ele sentia.

Interroguei-me se pensaria o mesmo em relação a mim. Talvez o facto de

eu ir sair nessa noite o fizesse sentir que não queria estar com ele. E que o inscrevera no Clube 567 porque me quisera livrar dele. Embora precisasse, realmente, do meu espaço e tempo, nada poderia estar mais longe da verdade.

Que triste era, pensei. Ambos a sentirmos a mesma coisa. Ambos a tentarmos encontrar-nos a meio caminho, mas, por alguma razão, sem o conseguirmos fazer.

— E eu também quero estar contigo — disse-lhe. — Não me demoro muito, prometo.

Abraçou-me com um pouco mais de força.

— Tens mesmo de ir?

Respirei fundo.

A resposta era não, na verdade; eu não tinha, de facto, mesmo de ir, e sentia-me algo relutante em fazê-lo visto estar a criar-lhe tanta ansiedade.

— Não tenho mesmo de ir — respondi-lhe. — Mas vai correr tudo bem, prometo. Daqui a pouco vais para a cama, adormeces, e, quando acordares, já estarei novamente em casa.

Ele ficou em silêncio, a pensar no que eu acabara de dizer. A sua ansiedade parecia entranhar-se em mim. Apreensão. Temor, quase — o medo súbito de que algo negativo pudesse acontecer. Era um disparate, e não havia motivo para pensar tal coisa. Ainda assim, eu podia ficar em casa. Estava prestes a dizer-lhe isso, mas ele assentiu com a cabeça antes de eu ter oportunidade de falar.

— Está bem.

— Certo — respondi. — Ótimo. Adoro-te, Jake.

— Eu também te adoro, papá.

Libertou-se do meu abraço e eu levantei-me.

O meu pai ficara junto à porta, à espera.

— O Jake está bem?

— Sim. Ele fica bem. Mas, qualquer problema, tens o meu número de telemóvel.

— Tenho, sim. Mas vai correr tudo bem. Imagino que seja um pouco estranho para ele. — Depois, levantando ligeiramente o tom de voz,

acrescentou: — Mas nós vamos dar-nos lindamente, Jake. Vais portar-te muito bem comigo, não vais?

O Jake, que entretanto recomeçara a desenhar, assentiu com a cabeça.

Observei-o por instantes, agachado no chão, concentrado no desenho, e senti uma indiscreta explosão de amor por ele, que deu rapidamente lugar a determinação. Iríamos retomar o nosso caminho. Acabaria tudo por ficar bem entre nós. Eu queria estar com ele e ele queria estar comigo, e, de alguma maneira, entre os dois, iríamos descobrir uma forma de fazer com que as coisas funcionassem.

— Duas horas — disse novamente ao meu pai. — Não mais do que isso.

— Estamos quase lá — disse o agente Dyson.

— Eu sei — respondeu Amanda.

Pedira ao agente Dyson para conduzir, nem que fosse simplesmente para o afastar do telemóvel durante uma hora. Estavam a cerca de 80 quilómetros de Featherbank, circulando paralelamente a um enorme *campus* universitário. A esquina seguinte conduziu-os ao que era claramente o coração estudantil da cidade universitária, residências de tijolo vermelho, lado a lado, em ruas muito estreitas. Cada habitação tinha pelo menos três ou quatro pisos: edifícios onde cinco ou seis pessoas poderiam partilhar casa, ou em que os senhorios poderiam alugar quartos individuais, criando uma série de desconhecidos aleatórios que se mantinham desconhecidos. Pessoas diferentes por metro quadrado. Um local onde era fácil e barato desaparecer.

Fora lá que David Parker, anteriormente conhecido como Francis Carter, escolhera criar o seu lar.

A identificação era incontestável — a idade era a correta e a constituição física batia certo com a do visitante de Victor Tyler na prisão. Tinham-no encontrado uma hora antes de Pete sair de serviço, o que, inicialmente, preocupara Amanda, que receara que ele desmarcasse tudo o que combinara e insistisse em participar. Percebera que, na verdade, o quisera fazer, mas, em vez disso, ficara a observar em silêncio, enquanto ela delineava uma visita à morada, em conjunto com a polícia local, e, quando chegara o momento de se ir embora, fizera-o sem comentários — limitara-se a desejar-lhe boa sorte e a pedir-lhe que o mantivesse informado de quaisquer desenvolvimentos. Estando a decisão tomada, Amanda imaginava que Pete talvez tivesse até ficado aliviado.

Se ao menos ela pudesse dizer o mesmo... Uma parte de si desejava que

Pete estivesse consigo nesse momento. Embora tudo o que tinham discutido na esquadra continuasse a ser verdade — não havia qualquer prova concreta de que Francis Carter estivesse realmente envolvido no caso, pelo que aquela seria só uma visita de rotina —, Amanda sentia uma impressão no estômago, um misto de receio e entusiasmo. Algo lhe dizia que estava perto, que estava prestes a acontecer alguma coisa e que deveria estar atenta e a postos.

Dyson virou para uma descida íngreme. Cada casa era mais baixa do que a anterior, pelo que os telhados faziam lembrar uma lâmina de serra preta contra o céu do anoitecer. Francis Carter — ou David Parker — arrendava um T1 na cave de uma enorme casa partilhada.

Isso encaixar-se-ia no perfil?

Em certos aspetos sim, noutros não. Se Parker era o homem que eles procuravam, iria certamente querer o seu próprio espaço para ter privacidade. Por outro lado, conseguiria manter lá uma criança durante dois meses sem que ninguém visse ou ouvisse algo? Ou teria Neil estado enclausurado noutro lugar?

O carro abrandou.

Estás prestes a descobrir.

Dyson estacionou sob um candeeiro de rua, cuja luz parecia descolorar o mundo, e ambos saíram do veículo. A casa tinha quatro pisos e parecia entalada entre as propriedades adjacentes. Não se via qualquer luz acesa. Havia um muro de tijolo baixo com um portão de ferro enferrujado que Amanda abriu lentamente antes de entrar para o caminho de acesso. À esquerda, via-se um jardim cheio de ervas daninhas, demasiado pequeno e miserável para alguém se ocupar dele, e uns degraus acentuados conduziam à porta do edifício. Logo a seguir ao jardim, um segundo conjunto de degraus conduzia à cave, até uma zona onde mal cabia uma pessoa. Do sítio onde se encontrava, Amanda conseguia ver uma janela lá em baixo. A porta para o apartamento de Parker ficava, presumivelmente, por baixo da porta principal do edifício, longe de vista.

Foi à frente, o jardim erguendo-se acima de si, à sua esquerda, sendo substituído pela parede de tijolo que projetava uma sombra nos degraus. O

ar ali era bastante mais frio; parecia que estava a descer a uma campã. A janela era um quadrado preto imundo, com teias de aranha nos cantos. A porta da rua de Parker era quase invisível nas sombras.

Amanda bateu com força e chamou:

— Sr. Parker? David Parker?

Não obteve resposta.

Deixou passar alguns segundos e tornou a bater.

— David? — chamou ela. — Está aí?

Novamente, nada além de silêncio. Ao seu lado, Dyson tentava espreitar pela janela, com as mãos acima dos olhos, a fazer de pala.

— Não vejo nada — disse, afastando-se da vidraça imunda. — O que é que fazemos agora?

Amanda experimentou a maçaneta da porta, e, para sua surpresa, esta rodou com um rangido. A porta abriu-se ligeiramente. De imediato, o odor forte e carregado a humidade emanou do interior do apartamento.

— Não é nada seguro deixar a porta destrancada neste bairro — observou Dyson.

Porque não estava suficientemente perto para sentir o cheiro que ela sentia, pensou Amanda. «Não é nada seguro.» Porém, talvez não no sentido que Dyson estava a dar-lhe. A divisão encontrava-se às escuras. A impressão no estômago fez-se sentir mais do que nunca; dizia-lhe que algo perigoso aguardava no interior.

— Olhos bem abertos — instruiu a Dyson.

Sacou de uma lanterna e entrou com cuidado, a manga do casaco protegendo-lhe o nariz e a boca, a outra mão apontando o feixe de luz lentamente em redor da divisão. O ar tinha tanto pó que mais parecia areia a rodopiar. Apontou a luz e vislumbrou uma série de tralha: mobiliário cinzento estragado, montes de roupa velha dispersos sobre a alcatifa crespa, papelada espalhada numa mesa de madeira pouco robusta. As paredes e o teto estavam cobertos de humidade. Havia uma espécie de kitchenette à direita, a todo o comprimento da parede, e, ao apontar a luz para a pilha de louça imunda, viu coisas a mexerem-se, fugindo para longe, projetando longas sombras.

— Francis? — chamou.

Era evidente que já não morava ali ninguém. A casa estava abandonada. Alguém se fora embora dali, fechara a porta atrás de si, sem se dar ao trabalho de a trancar, e nunca mais voltara. Experimentou o interruptor ao seu lado, para cima e para baixo. Nada. A renda fora paga um ano adiantado, mas pelos vistos as contas não.

Dyson deteve-se ao lado dela.

— Meu Deus!

— Espere aqui — disse-lhe ela.

Passou cautelosamente por cima da tralha espalhada pela divisão. Viam-se duas portas na parte de trás da sala. Abriu uma delas e deparou-se com a casa de banho, apontando o feixe de luz para um lado e para o outro, tentando combater a vontade de vomitar. O fedor era bastante pior ali do que na sala. O lavatório, ao fundo, estava meio cheio de água estagnada, com toalhas ensopadas enroladas no chão, salpicadas de bolor.

Fechou a porta e dirigiu-se para a outra. Só podia ser a do quarto. Preparando-se para o que ali poderia encontrar, rodou a maçaneta, empurrou a porta e apontou a lanterna para o interior.

— Alguma coisa?

Ela ignorou a pergunta de Dyson e transpôs cuidadosamente a entrada.

Havia, igualmente, imenso pó no ar, mas era óbvio que aquela divisão não fora negligenciada e descuidada como o resto do apartamento. A alcatifa era macia e parecia mais recente do que o mobiliário da sala. Embora não houvesse qualquer peça de mobília no interior da divisão, viam-se as marcas na alcatifa onde os objetos tinham estado: um retângulo grande espalmado que se formara sob o que decerto seria uma cómoda; um quadrado que ela não fazia ideia do que poderia ter sido; quatro pequenos quadrados espaçados o suficiente para poderem ter sido as pernas de uma mesa comprida, encostada a uma das paredes — as marcas eram profundas; a mesa tivera certamente algo pesado em cima.

Porém, não havia indícios óbvios da existência de uma cama.

Reparou, então, em algo e apontou rapidamente a luz da lanterna para a parede do fundo. Percebia-se que fora pintada mais recentemente do que o

resto do apartamento, mas também fora reparada. Alguém desenhara, cuidadosamente, a todo o comprimento da base, folhas de relva que pareciam crescer do chão, com flores simples pintadas aqui e ali, e abelhas e borboletas a pairar por cima.

Recordou as fotografias que vira do interior do anexo de Frank Carter.

Meu Deus!

Num gesto lento, apontou o feixe para cima.

Perto do teto, um sol irado de olhos negros fitava-a.

O teu pai, quando era miúdo, também gostava destes livros.

Pete quase o disse em voz alta, ajoelhando-se ao lado da cama de Jake e pegando no livro. A luz no quarto era tão ténue e Jake parecia-lhe tão pequenino, deitado sob as mantas, que, por instantes, sentiu-se transportado para outros tempos. Recordava-se de ler para Tom. Os livros de Diana Wynne Jones eram os favoritos do seu filho.

The Power of Three. Não se lembrava da história, mas a capa era-lhe familiar, e sentiu uma espécie de dormência nas pontas dos dedos quando tocou nela. Tratava-se de uma edição muito antiga. A capa estava coçada nos cantos e a lombada estava tão gasta que o título mal se lia entre os vincos. Seria o mesmo exemplar que ele próprio lera a Tom, tantos anos antes? Era sim, pensou. Tom guardara-o, e agora andava a lê-lo ao filho dele. Não apenas uma história passada de pai para filho, mas as mesmas páginas que continham essa história.

Pete ficou encantado.

O teu pai, quando era miúdo, também gostava destes livros.

Mas conteve-se, antes de o proferir em voz alta. Além de Jake não ter conhecimento do seu parentesco com Pete, não competia a Pete divulgá-lo, nem nunca competiria. O que era compreensível. Por muito que quisesse provar que mudara ao longo dos anos e que já não era o pai terrível das péssimas recordações de Tom, não podia propriamente exigir fazer parte das boas.

Se esse homem desaparecera, todo ele desaparecera, tendo sido substituído por outro diferente.

— Ora bem... — A luz no quarto conferia um tom calmo e delicado à sua voz. — Em que parte é que vamos?

Mais tarde, sentou-se em silêncio no piso de baixo, o livro que trouxera consigo ainda por abrir. O afeto que sentira no quarto de Jake permanecia muito presente e queria absorvê-lo por mais um pouco.

Durante tanto tempo, entregara-se a todo o tipo de distrações: utilizara os livros, a comida e a televisão — rituais, em geral — como formas de entreter uma parte da mente, evitando, assim, que ela olhasse em direções perigosas. Porém, não sentia isso nessa noite: as vozes que o atormentavam estavam caladas, a vontade de beber não despertara. Ainda sentia a sua presença, como um fio de fumo de uma vela acabada de apagar, mas a chama e a intensidade já haviam desaparecido.

Fora muito agradável ler para Jake. O menino estivera sossegado e atento, e depois, ao fim de uma ou duas páginas, quisera ler ele. Embora a dicção fosse algo hesitante, o seu vocabulário era claramente impressionante. Fora impossível não sentir a paz existente no quarto. Por muito que Pete tivesse dado cabo da infância de Tom, este não transmitira o mesmo ao filho dele.

Pete foi espreitar Jake 15 minutos mais tarde e encontrou o menino já a dormir profundamente. Ficou a observá-lo durante alguns instantes, maravilhado com quão tranquilo lhe parecia.

É isto que perdes quando bebes.

Dissera-o tantas vezes para consigo, enquanto olhava para a fotografia de Sally, a sua mente passando em revista as recordações da vida que perdera. A maior parte das vezes bastara, mas outras vezes não, e os últimos meses haviam sido os mais difíceis de suportar. Contudo, de alguma maneira, resistira. Olhando agora para Jake, sentia-se monumentalmente feliz por isso, como se se tivesse desviado de uma bala inesperada. Embora o futuro fosse incerto, pelo menos existia um futuro.

Isto é o que ganhas quando deixas de beber.

Esse pensamento era bastante melhor. Era a diferença entre o arrependimento e o alívio, entre uma lareira fria, cheia de cinzas pardacentas e mortas, e um fogo que continuava a arder. Não perdera aquilo. Podia ainda não o ter encontrado totalmente. Mas não o perdera.

No piso de baixo, leu durante algum tempo, mas estava distraído a pensar na investigação e não parava de verificar o telemóvel, à espera de notícias.

Nada. Amanda já teria chegado e Francis Carter já estaria detido ou a ser interrogado, ou assim o esperava. O facto de estarem demasiado ocupados para lhe darem notícias era bom sinal.

Francis Carter.

Lembrava-se claramente do menino. Embora, claro, Francis Carter fosse agora uma pessoa completamente diferente: um adulto formado a partir desse menino, mas distinto dele. Pete só interagira com a criança em algumas ocasiões, há 20 anos; a maioria das entrevistas tivera de ser cuidadosamente conduzida por agentes com formação especial. Na altura, Francis era um rapazinho pequeno, pálido e perturbado, fitando a mesa com os olhos semicerrados e respondendo com monossílabos. A extensão do trauma de que fora certamente alvo por morar com o pai era mais do que evidente. Tratava-se de uma criança vulnerável que tivera uma vida infernal.

As palavras de Carter assomaram-lhe à mente.

«Tem a camisola puxada sobre a cara, por isso não a consigo ver como deve ser, que é como eu gosto.»

As crianças eram todas iguais aos olhos dele — qualquer uma serviria —, e ele não quisera ver-lhes o rosto. Mas porquê? Seria possível, pensou Pete, que fosse porque quisera imaginar as vítimas como sendo o seu filho? Um menino em quem não poderia tocar sem correr o risco de ser apanhado, pelo que o ódio que nutria por ele tivera de ser projetado noutras crianças?

Pete ficou muito quieto durante alguns instantes.

Se fosse o caso, como é que uma criança reagiria a uma coisa dessas? Provavelmente, sentir-se-ia um ser desprezível e acharia que merecia morrer também. Um sentimento de culpa por todas as vidas perdidas por sua causa. Uma vontade imensa de corrigir a situação. Uma vontade de ajudar crianças como ele porque, ao fazê-lo, estaria, de alguma maneira, a começar a sarar-se a si próprio.

«Este é um homem zeloso», dissera Carter, referindo-se ao homem na fotografia que Pete lhe mostrara. Sorrindo.

«Tu não ouves, Peter.»

Neil Spencer estivera cativo durante dois meses, mas fora bem tratado

durante todo esse tempo. Alguém cuidara dele — até algo ter corrido mal e Neil ter sido morto e o corpo largado no local onde fora raptado.

Pete lembrava-se do que pensara quando o corpo do menino fora descoberto no terreno baldio, naquela noite. Era como se alguém tivesse devolvido um presente que já não queria. Agora tinha uma interpretação diferente.

Talvez se tratasse de uma experiência fracassada.

No piso de cima, Jake começou a gritar.

Combinara encontrar-me com a Karen num bar a poucas ruas de casa, não muito longe da escola. Tratava-se do bar local da povoação, chamado simplesmente Featherbank. Senti-me um pouco constrangido quando cheguei. A noite estava quente e a esplanada que dava para a rua encontrava-se cheia. Visto através das janelas enormes, o interior parecia igualmente cheio. Como quando levara o Jake à escola, no primeiro dia de aulas, tive a sensação de estar a entrar num sítio onde toda a gente se conhecia e aonde eu não pertencia, nem agora nem nunca.

Avistei a Karen junto ao balcão e avancei por entre a multidão, rodeado de corpos quentes e risadas. O sobretudo enorme dela desaparecera. Trazia calças de ganga e uma camisola branca. Senti-me ainda mais nervoso quando me posicionei ao seu lado.

— Tudo bem? — disse-lhe, por cima do ruído.

— Tudo. — Sorriu-me. Depois inclinou-se e acrescentou: — Que pontualidade! O que é que queres tomar?

Perscrutei as torneiras de cerveja mais próximas e escolhi algo ao acaso. Ela pagou, estendeu-me a cerveja e afastou-se do balcão, fazendo-me sinal com a cabeça para que a seguisse por entre a multidão, até ao fundo do bar. Interroguei-me se não a teria interpretado mal e ela estivesse a levar-me para conhecer um grupo de amigos. Porém, havia uma porta ao fundo do bar, que ela empurrou, indo dar a uma esplanada diferente, resguardada, nas traseiras, rodeada de árvores. Viam-se mesas de madeira redondas espalhadas sobre o relvado e uma pequena zona para brincar, onde algumas crianças atravessavam pontes de corda rasteiras enquanto os pais bebiam algo nas mesas adjacentes. Estava menos gente ali. A Karen conduziu-me até uma mesa vazia, ao fundo.

— Podíamos ter trazido os miúdos — disse eu.

— Se fôssemos doidos, sim. — Ela sentou-se. — A não ser que estejas a ser incrivelmente irresponsável, presumo que tenhas arranjado uma babysitter?

Sentei-me ao lado dela.

— Sim. O meu pai.

— Ena! — Ela piscou os olhos. — Tendo em conta o que me contaste antes, isso deve ser um pouco estranho.

— É estranho, sim. Por norma não lho teria pedido, mas... enfim. Queria vir tomar um copo, e a cavalo dado não se olha o dente. — Ela arqueou as sobranceiras. Corei. — Estava a referir-me a ele, não a ti.

— Ah, a propósito, esta nossa conversa é informal. — Ela pousou a mão no meu braço e deixou-a ficar mais tempo do que o necessário. — Seja como for, fico contente por teres vindo.

— Eu também.

Fizemos um brinde.

— Diz-me lá: não tens reservas em relação a ele?

— Em relação ao meu pai? — Abanei a cabeça. — Sinceramente não. Não nesse aspeto. Ainda não sei muito bem o que sinto em relação a isso, para ser sincero. Não é algo permanente. Não é nada, na verdade.

— Sim. É uma maneira sensata de encarar a situação. As pessoas preocupam-se demasiado com a essência das coisas. Às vezes, é melhor deixarmo-nos levar. E o Jake?

— Oh, deve gostar mais dele do que de mim.

— Tenho a certeza de que isso não é verdade.

Recordei a reação do Jake imediatamente antes de me ter vindo embora e tentei afastar o sentimento de culpa da mente.

— Talvez — respondi.

— Como te disse, és demasiado exigente contigo próprio.

— Talvez — repeti.

Bebi um trago da minha cerveja. Uma parte de mim continuava algo ansiosa, mas percebia agora que nada tinha que ver com a Karen. Aliás, surpreendia-me a descontração que sentia e a naturalidade com que estava sentado tão próximo dela, um pouco mais perto do que simples amigos.

Não, o meu nervosismo prendia-se com a minha preocupação com o Jake. Era difícil não pensar nele. Era difícil ignorar a sensação de que, por muito que quisesse estar ali, havia outro sítio onde era muito mais importante estar.

Bebi outro trago da cerveja e disse a mim próprio para não ser parvo.

— Disseste que a tua mãe ficou a tomar conta do Adam?

— Sim.

A Karen revirou os olhos e começou a explicar-me a situação dela. Mudara-se para Featherbank no ano anterior, optando por aquela povoação por ser onde morava a mãe. Apesar de não haver um grande relacionamento entre as duas, a mãe dela dava-se muito bem com o Adam, pelo que a Karen decidira que esse apoio seria uma boa ajuda enquanto ela tentava refazer a vida.

— O pai do Adam já não faz parte do cenário?

— Achas que estaria aqui contigo se fizesse? — respondeu-me, com um sorriso. Encolhi ligeiramente os ombros, num gesto de impotência, e ela perdoou-me. — Não, não faz. E, embora seja complicado para o Adam, às vezes os miúdos estão melhor assim, ainda que não o compreendam na altura. O Brian, o meu ex... digamos que era parecido com o teu pai em certos aspetos. Em muitos aspetos, aliás — explicou, bebendo um gole de cerveja.

Embora o silêncio que se instalou a seguir não fosse constrangedor, pareceu-me ser uma boa altura para mudar de assunto. Algumas conversas devem ficar para depois, isso se tiverem de acontecer de todo.

Observei as crianças que galgavam pelo equipamento de diversão, no canto do jardim. A noite começava a instalar-se. O ar estava mais escuro, os mosquitos esvoaçavam nas árvores à nossa volta. Continuava quente e agradável.

Só que...

Desviei o olhar numa direção diferente; a minha bússola interna descobrira para que lado ficava a minha casa. Nem sequer estava particularmente distante do Jake — provavelmente a escassas centenas de metros em linha reta —, mas parecia-me demasiado longe. Ao olhar

novamente para as crianças, senti que a noite não só começava a escurecer como também a luz parecia estar errada, por alguma razão, como se tudo estivesse meio enviesado e estranho.

— Ah — disse a Karen, levando a mão à mala. — Lembrei-me agora: trouxe uma coisa. É um pouco embaraçoso, mas... podes dar-me um autógrafo?

O meu livro mais recente. Assim que o vi, lembrei-me de quão atrasado estava na escrita da obra seguinte, o que me fez entrar ligeiramente em pânico. Fora, porém, claramente um gesto simpático, e algo pateta, pelo que me forcei a esboçar um sorriso.

— Claro.

Ela estendeu-me uma caneta. Abri o livro na folha de rosto e comecei a escrever.

«Para a Karen.» Fiz uma pausa. Nunca sabia o que escrever. «Fico contente por te ter conhecido. Espero que não aches o livro uma merda.»

Quando se dava autógrafos, algumas pessoas optavam por ler o que se tinha escrito somente mais tarde. A Karen não era uma dessas pessoas. Riu-se assim que viu o que eu escrevera.

— Tenho a certeza de que não será o caso. De qualquer modo, quem é que te disse que o vou ler? Isto vai direitinho para o *eBay*, pá!

— Por mim tudo bem, mas não contes em reformar-te à conta disso.

— Não te preocupes.

O ar à nossa volta continuava demasiado escuro. Olhei novamente para a zona de brincar e vi uma menina pequena com um vestido azul e branco parada a fitar-me. Entreolhámo-nos por instantes, e tudo o resto na esplanada pareceu desaparecer do meu campo de visão. Então ela sorriu e desatou a correr na direção de uma das pontes de corda, fugindo de outra menina que corria atrás dela, rindo-se.

Abanei a cabeça.

— Estás bem? — perguntou a Karen.

— Sim.

— Hum... Não sei se acredito. É por causa do Jake?

— Penso que sim.

— Estás preocupado com ele?

— Não sei. Talvez. Não deve ser nada, mas é a primeira vez que saio à noite sem ele. E estou a divertir-me, a sério que sim. Mas sinto-me...

— Estranho como a merda?

— Um pouco, sim.

— Eu percebo — disse ela, esboçando um sorriso compreensivo. — Aconteceu-me o mesmo quando comecei a deixar o Adam com a minha mãe. É como se estivéssemos presos a casa por um elástico e este estivesse demasiado esticado. Sentimos uma necessidade visceral de regressar.

Assenti com a cabeça, embora sentisse algo bastante mais forte do que isso. A sensação dentro de mim era a de que algo terrível se estava a passar. Contudo, talvez estivesse a ser excessivamente dramático em relação àquilo que a Karen acabara de descrever.

— É normal — prosseguiu ela. — A sério. São as primeiras vezes. Vamos acabar as bebidas para poderes voltar para casa. Talvez possamos voltar a fazer isto noutra altura? Partindo do princípio de que queres...

— Claro que sim.

— Ótimo.

Ficou a olhar para mim, ambos sustendo o contato visual. O espaço entre nós parecia carregado de possibilidades. Percebi que se tratava do momento em que eu poderia inclinar-me para a frente e beijá-la, e que, se o fizesse, ela inclinar-se-ia também. Ambos fecharíamos os olhos quando os nossos lábios se tocassem, e esse beijo teria a delicadeza de um fôlego. Também sabia que, se não o fizesse, um de nós teria de se afastar. Porém, o momento teria existido, e ambos teríamos consciência disso, e, numa outra ocasião, voltaria a acontecer.

Então mais vale ser agora.

Estava prestes a fazê-lo quando o meu telemóvel começou a tocar.

Era de tarde, e ele e o pai estavam a regressar da escola. Costumava ser a mãe a ir buscá-lo nesse dia da semana, pois era um dos dias de o pai trabalhar, mas tal não acontecera.

A profissão do pai era escrever histórias, que umas pessoas pagavam para ler, algo que Jake considerava ser absolutamente fantástico. Às vezes, o pai concordava com ele, pois não tinha de usar um fato e ir trabalhar para um escritório todos os dias, e ter alguém a mandar nele, como acontecia com muitos outros pais. Contudo, era difícil, porque as outras pessoas achavam que não era um emprego.

Jake não estava a par de todos os pormenores, mas tinha noção de que isso causara alguns problemas entre os seus pais, no sentido em que era o pai que o ia levar e buscar mais vezes à escola, o que significava que não andava a escrever tantas histórias. A solução fora a mãe começar a ir buscá-lo mais vezes.

Esse era para ter sido um dos dias da mãe, mas fora o pai que aparecera, explicando-lhe que a mãe não estava a sentir-se muito bem, pelo que tivera de vir ele.

Fora essa a expressão que ele empregara. «Tivera de vir ele.»

— Ela está bem? — perguntou Jake.

— Sim, está — respondeu-lhe o pai. — Estava a sentir-se um pouco tonta quando chegou do trabalho, por isso foi deitar-se um bocadinho.

Jake acreditou nele. Claro que a mãe estava bem. Porém, o pai parecia mais tenso do que o normal, e Jake interrogou-se se a sua história mais recente não estaria a correr tão bem como habitualmente, e que o facto de o ter vindo buscar tivesse sido... enfim. Qual era o oposto de «a cereja em cima do bolo»?

Jake costumava sentir que constituía um problema para o pai, como se as

coisas fossem mais simples se ele não existisse.

No carro, o pai perguntou-lhe o habitual sobre o dia dele, sobre como é que as coisas tinham corrido e o que é que ele tinha feito. Como de costume, Jake fez os possíveis para não lhe responder. Não havia nada de entusiasmante para contar, e, de qualquer maneira, não lhe parecia que o pai estivesse realmente interessado.

Estacionaram à porta de casa.

— Posso ir ter com a mamã?

Quase esperava que o pai respondesse que não, embora não soubesse porquê — talvez por ser algo que Jake queria muito fazer, e o pai diria que não só para lhe estragar os planos. Estava, contudo, a ser injusto, pois o pai sorriu e afagou-lhe o cabelo.

— Claro que sim, filhote. Mas sê meiguinho com ela, está bem?

— Sim.

A porta estava destrancada e Jake entrou a correr em casa, sem descalçar os sapatos. Por norma, a mãe ralharia com ele por isso, pois gostava que a casa estivesse sempre limpa e arrumada, mas os sapatos não estavam sujos e ele queria ir ter com ela e tentar pô-la bem-disposta. Entrou a correr na cozinha e depois na sala de estar.

Então deteve-se.

Algo estava errado. Os cortinados ao fundo da sala estavam abertos e o sol da tarde entrava obliquamente, iluminando metade da divisão. O ambiente parecia tranquilo, e tudo estava calmo e silencioso. Mas o problema era exatamente esse. Mesmo quando alguém estava escondido de nós, percebia-se quase sempre que estava algures, pois as pessoas ocupam espaço e isso altera a pressão, de alguma maneira. Nesse momento, a casa não estava assim.

Parecia vazia.

O pai ainda estava lá fora, provavelmente a fazer alguma coisa no carro. Jake atravessou lentamente a sala de estar, embora parecesse que era a sala que estava a andar para trás. O silêncio era tão imenso que teve a sensação de que poderia magoá-lo se não tivesse cuidado.

A porta ao lado da janela encontrava-se aberta. Conduzia à pequena zona

ao fundo das escadas. À medida que Jake se aproximava, conseguia ver mais e mais desse espaço.

O vidro marmorizado da porta das traseiras.

Ouvia somente o seu batimento cardíaco.

O papel de parede branco.

Aproximava-se tão lentamente que mal se parecia mexer.

O corrimão de madeira nodosa.

Baixou o olhar para o chão.

A mãe...

— Papá!

Jake gritou pelo pai antes ainda de ter acordado. Enfiou-se completamente debaixo das mantas e gritou novamente, o seu pequeno coração a bater com força. Não tinha aquele pesadelo desde que se haviam mudado da casa antiga, e o choque tornara-se ainda maior devido à longa pausa.

Esperou.

Não sabia que horas eram ou quanto tempo estivera a dormir, mas com certeza passara tempo suficiente e o pai já estaria em casa. Um instante depois, ouviu passos firmes a subirem as escadas.

Jake arriscou pôr a cabeça de fora. A luz do corredor continuava acesa e uma sombra estendeu-se pelo quarto quando a pessoa entrou.

— Então — disse o homem, baixinho. — O que é que se passa?

Era Pete, recordou Jake. Simpatizava com ele, mas não era o pai, e era o pai quem ele queria e quem deveria ter vindo acudi-lo.

Pete era velho, mas sentou-se de pernas cruzadas ao lado da cama, num movimento rápido e determinado.

— O que é que se passa? — voltou a perguntar-lhe.

— Tive um pesadelo. Onde é que está o meu pai?

— Ainda não voltou. Os pesadelos são uma chatice, não são? Este era sobre o quê? — Jake abanou a cabeça. Nunca contara ao pai sobre o pesadelo, e duvidava que alguma vez o fizesse. — Tudo bem. — Pete assentiu com a cabeça. — Eu também tenho pesadelos, sabes? Muitas

vezes, aliás. Mas acho que é bom tê-los.

— Como é que pode ser bom tê-los?

— Porque às vezes acontecem-nos coisas muito más e não gostamos de pensar nelas, por isso ficam escondidas bem lá no fundo, dentro da nossa cabeça.

— Como aquelas músicas que não nos saem da cabeça?

— Sim, como isso. Só que têm de sair cá para fora. E talvez os pesadelos sejam a maneira de o nosso cérebro lidar com elas. Partindo-as em pedaços cada vez mais pequeninos, até já não restar nada.

Jake pensou durante alguns momentos. O pesadelo fora mais assustador do que nunca, pelo que parecia que o seu cérebro estava a construir algo, em vez de o decompor. Na verdade, acabava sempre no mesmo ponto, antes de se recordar devidamente de ver a mãe estendida no chão. Talvez Pete estivesse certo. Talvez a sua mente tivesse tanto medo que necessitava de se preparar para a imagem antes de a poder começar a partir.

— Eu sei que isto não torna as coisas mais fáceis — prosseguiu Pete —, mas sabes uma coisa? Os pesadelos nunca nos podem fazer mal. Não há que ter medo.

— Eu sei — respondeu Jake. — Mas, mesmo assim, quero o meu pai.

— Ele volta já, vais ver.

— Preciso dele agora. — Com o regresso do pesadelo, aliado ao aviso da menina algumas horas antes, Jake tinha a certeza absoluta de que algo de errado se passava. — Podes ligar-lhe e dizer-lhe para vir para casa? — Pete ficou em silêncio por alguns instantes. — Por favor? — insistiu Jake. — Ele não se vai importar.

— Eu sei que não — concordou Pete, sacando do telemóvel.

Jake observou-o, ansioso, enquanto Pete procurava o número, premia o ecrã e levava o aparelho ao ouvido.

No piso de baixo, a porta da rua abriu-se.

— Ah, o teu pai já chegou. — Pete cancelou a chamada. — Pronto, está tudo bem. Ficas bem enquanto vou lá abaixo chamá-lo?

Não, pensou Jake. *Não fico*. Não queria passar nem mais um segundo ali em cima, sozinho na escuridão, mas pelo menos o pai já estava em casa, e

sentia um alívio imenso por isso.

— Sim — respondeu, então.

Pete levantou-se e saiu do quarto. Jake ouviu o rangido dos seus passos nas escadas e a voz dele a chamar o nome do pai.

Fitou a faixa de corredor iluminado visível além da porta do quarto, escutando com atenção. Durante alguns segundos, houve apenas silêncio. Depois ouviu algo que não conseguiu identificar. Um movimento qualquer, como se estivessem a mudar mobiliário de sítio. E pessoas a falarem, mas com sons em vez de palavras, como quando tentamos fazer uma coisa e o esforço nos faz expelir um som.

Outro som alto. Algo pesado a cair.

Depois silêncio outra vez.

Jake pensou em chamar pelo pai, mas, por alguma razão, o seu coração batia novamente com imensa força, como quando acordava do pesadelo. O silêncio soava tão alto que teve a sensação de estar de novo dentro dele, de volta à sala de estar na casa antiga.

Fitou o corredor vazio, à espera.

Alguns segundos depois, ouviu-se outro som. Passos na escada, novamente. Alguém estava a subir, mas avançava lenta e cuidadosamente, como se também tivesse medo do silêncio.

Depois alguém sussurrou o seu nome.

— De certeza que está tudo bem.

Seguindo rapidamente atrás de mim, a Karen tentava aliviar a situação. Provavelmente tinha razão — eu estava, quase de certeza absoluta, a exagerar, caminhando tão depressa que ela se via aflita para me conseguir acompanhar. Viera comigo sem que o tivéssemos discutido; senão, eu agora estaria talvez a correr. Na verdade, embora devesse dar-lhe razão, e decerto não haveria motivos para preocupação, continuava a senti-lo no meu coração. A certeza de que algo terrível se passava.

Tentei ligar novamente ao meu pai. Recebera o telefonema dele quando estava no bar, mas o telemóvel parara de tocar antes de eu ter conseguido atender. O que significava que acontecera algo. Quando tentara retribuir a chamada, ele não atendera.

Agora o telemóvel tocava e tocava.

Ele continuava a não atender.

— Merda!

Cancelei a chamada assim que chegámos ao início da minha rua. Talvez me tivesse ligado sem querer, ou mudado de ideias em relação a precisar de falar comigo. Contudo, lembrava-me de quão atencioso ele fora antes, parecendo-me discretamente satisfeito por lhe ter pedido para tomar conta do Jake e, assim, permitir que entrasse na nossa vida, ainda que de uma maneira tão insignificante. Não me teria ligado se o pudesse evitar, se não fosse importante.

O terreno à direita estava cerrado com o negrume da noite. Não parecia haver lá ninguém, mas estava já demasiado escuro para se conseguir ver na distância. Comecei a andar ainda mais depressa, ciente de que devia parecer um autêntico lunático aos olhos da Karen. Porém, estava a começar a entrar em pânico, por muito irracional que fosse, e isso importava mais.

Jake...

Alcancei o caminho de acesso à casa.

A porta da rua estava aberta, um bloco de luz projetado meio enviesado sobre o caminho.

«Se deixares uma porta entreaberta...»

Desatei a correr.

— Tom...

Alcancei a porta, mas detive-me à entrada. Havia marcas de pegadas ensanguentadas no chão, ao fundo das escadas.

— Jake? — gritei para o interior.

A casa estava em silêncio.

Entre com cuidado, o coração a martelar-me rápida e furiosamente aos ouvidos.

A Karen alcançou-me nesse momento.

— O que é que...? Oh, meu Deus!

Olhei para a minha direita, para a sala de estar, e a imagem que me esperava não fazia qualquer sentido. O meu pai estava deitado de lado, de costas voltadas para mim, aninhado no chão, junto à janela, quase como se tivesse adormecido ali. Porém, estava rodeado de sangue. Abanei a cabeça. Via-se sangue em toda a parte lateral do corpo dele. Mais acima, o sangue formava uma poça, em torno da sua cabeça. Estava completamente imóvel. E por instantes, incapaz de conseguir processar o que estava a ver, eu também estava.

Ao meu lado, a Karen arquejou, em choque. Virei-me ligeiramente e vi que estava muito pálida. Tinha os olhos arregalados e a mão sobre a boca.

O Jake, pensei.

— Tom...

Não ouvi mais nada, pois pensar no meu filho despertou-me, incitando-me a mexer. Passei ao lado dela e dirigi-me diretamente para as escadas, o mais depressa que consegui. A rezar. A pensar: *Por favor!*

— Jake!

Havia sangue também no patamar de cima, calcado na alcatifa pelos sapatos de quem cometera aquela atrocidade no piso de baixo. Alguém

atacara o meu pai e depois viera ali acima, dirigindo-se...

Ao quarto do meu filho.

Entrei. O lençol fora impecavelmente dobrado para trás. O Jake não estava na cama. Não estava lá ninguém. Fiquei parado por instantes, petrificado, o pavor a penetrar-me na pele.

No piso de baixo, a Karen estava ao telemóvel, falando num tom quase histérico. «Ambulância.» «Polícia.» «Urgente.» Uma confusão de palavras que não faziam qualquer sentido naquele momento. A minha mente parecia prestes a desligar-se, como se o meu crânio se tivesse subitamente aberto e exposto o meu cérebro a um vasto e incompreensível caleidoscópio de horror.

Aproximei-me da cama.

O Jake desaparecera.

Não podia ser. O Jake não podia ter desaparecido. Aquilo não estava a acontecer.

A Caixa das Coisas Especiais encontrava-se pousada no chão, junto à cama. Só quando peguei nela, ciente de que o Jake jamais teria aceitado ir fosse onde fosse sem ela, é que a realidade da situação me atingiu brutalmente.

A caixa estava ali e o Jake não.

Aquilo não era um pesadelo. Estava realmente a acontecer.

O meu filho desaparecera.

Tentei gritar.

PARTE CINCO

As primeiras 48 horas após o desaparecimento de uma criança são as mais cruciais.

Quando Neil Spencer desaparecera, as primeiras duas horas haviam sido desperdiçadas, pois ninguém sabia que ele tinha desaparecido. No caso de Jake Kennedy, a investigação começou poucos minutos depois de o pai e a amiga dele terem chegado a casa. Nessa altura, Amanda encontrava-se com Dyson numa esquadra da polícia a 80 quilómetros de distância. Regressaram o mais depressa possível.

Parada junto à casa de Tom Kennedy, Amanda consultou o relógio de pulso. Passavam poucos minutos das 22 horas. Todos os mecanismos implementados após o desaparecimento de uma criança estavam já em marcha. A casa de aspeto estranho ao seu lado encontrava-se completamente iluminada e a fervilhar de atividade, sombras a deslocarem-se atrás das cortinas, enquanto no exterior, de uma ponta à outra da rua, havia agentes em alpendres a falar com os vizinhos. Feixes de lanternas moviam-se no terreno do outro lado da rua. Estavam a ser prestados depoimentos, a ser reunidas imagens de câmaras de videovigilância, e havia pessoas a fazerem buscas.

Em circunstâncias diferentes, o próprio Pete encontrar-se-ia a acompanhar as equipas de buscas. Mas não nessa noite, claro. Tentando permanecer calma, Amanda tirou o telemóvel do bolso e ligou para o hospital, para saber o ponto da situação, e escutou as notícias com o máximo de imparcialidade possível. Pete continuava inconsciente e em estado crítico. Céus! Recordou a excelente forma física do homem, mas que, pelos vistos, de pouco lhe servira nessa noite. Talvez não estivesse concentrado, por alguma razão, e tivesse sido apanhado de surpresa; sofrera alguns ferimentos defensivos, mas fora esfaqueado várias vezes de lado, no

pescoço e na cabeça. A agressão fora desnecessariamente frenética — claramente, uma tentativa de homicídio, e as horas seguintes revelariam se fora bem-sucedida ou não. Disseram-lhe que não havia a certeza se Pete sobreviveria a essa noite. Amanda esperava que a sua boa forma física, que antes lhe falhara, lhe valesse agora.

Vai conseguir, Pete, pensou.

Ele iria conseguir safar-se. Tinha de se safar.

Pousou o telemóvel e pesquisou rapidamente os arquivos online do processo. Ainda não havia informações novas. Os agentes já tinham obtido os depoimentos de Tom Kennedy e da mulher com quem ele saíra, Karen Shaw. Amanda reconheceu o nome: Shaw era uma repórter criminal local. Segundo os depoimentos deles, tinham-se encontrado para tomar um copo como amigos. Os respetivos filhos andavam na mesma escola, pelo que talvez fosse verdade. Para benefício de todos os envolvidos, esperava que Shaw merecesse mais confiança do que a maioria dos seus colegas de profissão. Em especial agora.

Ainda não sabia, contudo, por que motivo Pete se encontrava naquela casa.

Recordou quão animado ele lhe parecera nessa tarde, lendo a mensagem que recebera e depois fazendo planos. Na altura, suspeitara que fosse algum encontro amoroso. Na verdade, tratara-se provavelmente daquilo — e, fosse o que aquilo fosse, Pete estava envolvido no caso, não devendo estar ali sem ser em serviço. Era uma falta de profissionalismo.

O que incomodava ainda mais Amanda era saber que ela própria insistira para que ele o fizesse. Quisera que ele se sentisse feliz. Se não tivesse insistido, Pete ainda estaria vivo.

Ele ainda está vivo.

Precisava de se agarrar a esse pensamento. Acima de tudo, tinha de ser profissional e permanecer focada. Não podia dar-se ao luxo de libertar as suas emoções. Culpa. Medo. Raiva. Uma vez livres, qualquer uma delas arrancaria a toda a velocidade, arrastando as outras atrás, como uma matilha de cães acorrentados. E isso não era nada bom.

Pete ainda estava vivo.

Jake Kennedy ainda estava vivo.

Amanda não iria perder nenhum deles. No entanto, nesse momento só podia fazer alguma coisa em relação a um dos dois.

Fechou o arquivo do processo e saiu do carro.

No interior da casa, passou cuidadosamente por cima das pegadas de sangue seco ao fundo das escadas e entrou cautelosamente na sala de estar, preparando-se para a imagem que sabia que a aguardava.

Viam-se vários agentes forenses a trabalharem, medindo, analisando e tirando fotografias, mas ignorou-os, concentrando-se antes na mesa de apoio virada ao contrário e, inevitavelmente, no sangue que manchava o mobiliário e fazia uma poça no chão. Era tanto que lhe sentia o odor no ar. A sua carreira colocara-a na presença de cenários piores do que aquele, mas saber que fora Pete quem havia sido atacado ali tornava o que estava a ver impossível de aceitar.

Observou os agentes forenses por alguns instantes. Aquele trabalho era tão sombrio e meticuloso que mais parecia que a sala já estava a ser tratada como o local de um crime. Como se todos os presentes estivessem a par de uma verdade que ela ainda não aceitara.

Avançou até à divisão seguinte. As paredes estavam repletas de estantes, com várias caixas no chão ainda por abrir. Tom Kennedy andava de um lado para o outro entre as caixas, seguindo um trajeto elaborado, fazendo lembrar um animal enclausurado. Karen Shaw estava sentada numa cadeira junto a uma mesa de computador, com uma mão a segurar o cotovelo e a outra encostada à boca, fitando o chão.

Tom reparou em Amanda e parou. Ela reconheceu a expressão no rosto dele. As pessoas lidavam com aquele tipo de situações de modos muito diferentes — umas estranhamente calmas, outras distraíndo-se com movimento e atividade —, mas, em todos os casos, o comportamento tinha que ver com deslocamento. Nesse momento, Tom Kennedy estava completamente em pânico e a esforçar-se para o conter. Uma vez que não poderia mexer-se na direção do filho, precisava de se mexer noutra direção qualquer. Assim que parou, o seu corpo começou a tremer.

— Tom — disse Amanda —, sei que isto é difícil. Sei que está aterrorizado. Mas preciso que me ouça e que acredite em mim. Vamos encontrar o Jake. Prometo-lhe.

Ele olhou-a fixamente. Era evidente que não acreditava nela, e, na verdade, talvez se tratasse, efetivamente, de uma promessa que Amanda não poderia cumprir. De qualquer maneira, fora sentida. A sua determinação queimava-a por dentro. Não pararia, não descansaria, até encontrar Jake e apanhar o homem que o levara. Que levara Neil Spencer antes dele. E que ferira Pete gravemente.

Não vou perder nem mais uma criança debaixo do meu nariz!

— Estamos convencidos de que sabemos quem o levou e iremos encontrá-lo — prosseguiu. — Como lhe disse, dou-lhe a minha palavra. Todos os agentes disponíveis estão focados em caçar esse homem e encontrar o seu filho. Vamos trazê-lo são e salvo para casa.

— Quem é ele?

— Não lhe posso revelar isso agora.

— O meu filho está sozinho com ele.

Percebeu, pela expressão no rosto de Tom, que ele estava a considerar todas as possibilidades terríveis, desenrolando-se na sua mente um filme dos piores horrores imagináveis.

— Eu sei que é difícil, Tom — disse ela. — Mas quero que se lembre de que, partindo do princípio de que se trata do mesmo homem que levou o Neil Spencer, o Neil foi bem tratado ao início.

— E depois foi assassinado.

Amanda não tinha resposta. Pensou no apartamento abandonado que visitara algumas horas antes e na maneira como Francis Carter recriara as decorações do anexo do pai. Decerto assistira em criança aos horrores que lá se haviam passado e convencera-se de que nunca se libertara verdadeiramente desse lugar — que uma parte dele continuava lá fechada, incapaz de se mexer. Sim, ele cuidara de Neil Spencer durante algum tempo. Mas, depois, um impulso obscuro viera ao de cima, e nada indicava que o conseguiria conter melhor com Jake. Pelo contrário, aliás: uma vez ultrapassado esse limite, este tipo de assassinos tinha tendência a acelerar o

processo.

Porém, ela não estava preparada para cultivar essa ideia.

Tom, pelo contrário, não podia dar-se ao mesmo luxo.

— Porquê o Jake?

— Não temos a certeza. — O desespero na pergunta dele também lhe era familiar. Confrontado com a tragédia e o horror, era normal procurar justificações: motivos pelos quais a tragédia não pudera ser evitada, para ajudar a lidar com a dor; ou formas através das quais o horror poderia ter sido evitado, servindo apenas para alimentar sentimentos de culpa. — Acreditamos que o suspeito talvez tivesse interesse nesta casa, à semelhança do Norman Collins. É possível que tenha descoberto que o seu filho morava aqui e, provavelmente, decidiu fazer dele um alvo, em resultado disso.

— Ficou obcecado por ele, quer dizer.

— Sim.

Seguiram-se alguns segundos de silêncio.

— Como é que ele está? — perguntou Tom.

Amanda pensou que ainda se estivesse a referir a Jake, mas depois reparou no olhar dele, mais além, para a sala de estar, e percebeu que lhe perguntava por Pete.

— Está nos cuidados intensivos — respondeu. — Foi a última notícia que tive. Está em estado crítico, mas... bem, o Pete é um lutador. Se há alguém que consegue ultrapassar isto, é ele.

Tom assentiu com a cabeça, como se, de alguma maneira, concordasse com essas palavras. O que não fazia sentido, pois mal conhecia Pete. Recordou, novamente, quão satisfeito Pete ficara nessa tarde, como parecera ganhar vida, subitamente.

— O que é que ele estava aqui a fazer? — indagou ela. — Não devia estar aqui.

— Estava a tomar conta do Jake.

— Mas porquê o Pete?

Tom calou-se. Amanda observou-o: estava, obviamente, a pensar no que lhe responder, escolhendo cuidadosamente as palavras. De repente, deu-se

conta de que já vira aquela expressão antes, aquele inclinar de cabeça, aquele ângulo da linha do maxilar, aquele ar sério. Parado diante dela, de rosto cavado, iluminado pela luz do teto, Tom Kennedy parecia quase igual a Pete.

Meu Deus!, pensou.

Porém, depois ele abanou a cabeça e mexeu-se ligeiramente, e as semelhanças dissiparam-se.

— Ele deixou-me o cartão com os contactos dele. Disse-me que, caso precisássemos de alguma coisa, entrássemos em contacto com ele. E ele e o Jake... Bem, o Jake simpatizou com ele. Simpatizaram um com o outro — explicou Tom, atabalhoadamente.

Amanda continuou a fitá-lo. Embora já não conseguisse vislumbrar as parecenças, sabia que não as imaginara. Poderia insistir, mas decidiu que não era importante — não para já. Se estivesse certa, as repercussões disso poderiam ficar para mais tarde.

Precisava de regressar à esquadra e de cumprir a promessa que fizera, o melhor que podia.

— Está bem — respondeu. — O que eu agora vou fazer é sair daqui, procurar o seu filho e trazê-lo para casa.

— E o que é que eu faço, entretanto?

Amanda olhou novamente de relance na direção da sala de estar. Era mais do que óbvio que Tom não poderia passar ali a noite.

— Não tem família nesta zona, pois não?

— Não.

— Podes ficar em minha casa — interveio Karen. — É na boa. — Não abrira a boca até então.

Amanda olhou para ela.

— Tem a certeza?

— Sim.

Amanda percebeu, pela expressão de Karen, que ela compreendia a gravidade da situação. Tom ficou calado por momentos, a pensar na oferta. Apesar das reservas em relação à jornalista, Amanda esperava sinceramente que ele aceitasse. Dispensava bem a dor de cabeça de ter de o levar

novamente para o apartamento provisório. E era evidente que ele queria aceitar — que era um homem à beira do colapso —, pelo que decidiu dar-lhe um empurrão.

— Está bem. — Entregou-lhe o seu cartão de visita. — Aqui tem os meus contactos. É uma linha direta. De qualquer maneira, vou pedir ao Apoio à Família para ir ter consigo amanhã logo de manhã. Até lá, se precisar de alguma coisa, ligue-me. Qualquer informação que eu obtenha, inclusive sobre o Pete, entrarei imediatamente em contacto consigo. — Ela hesitou e depois baixou ligeiramente o tom de voz. — Imediatamente, Tom. Prometo-lhe.

O dia chegara ao fim e a noite estava fresca.

O homem encontrava-se parado no caminho de acesso à sua casa, aquecendo as mãos numa chávena de café. Deixara a porta da rua aberta atrás de si, o interior escuro e silencioso. O mundo estava tão tranquilo que parecia poder ouvir o vapor que emanava da chávena.

Construíra o seu lar numa rua afastada, numa zona pouco agradável, a poucos quilómetros de Featherbank. Em parte, por motivos financeiros, mas principalmente por uma questão de privacidade. Uma das casas adjacentes estava desocupada e os moradores da outra eram bastante reservados, mesmo quando não estavam a beber. As vedações que ladeavam o pequeno caminho de acesso à sua casa estavam muito desenvolvidas, camuflando-lhe as entradas e saídas. Além disso, nunca havia trânsito. A rua era pouco frequentada e não ficava em caminho para lado nenhum. Era simplesmente um sítio a evitar.

Francis gostava de pensar que a sua presença ali contribuía para isso. Que quem ali passasse de carro, por alguma razão, compreenderia instintivamente que não era um lugar onde devesse demorar-se.

À semelhança da antiga casa de Jake Kennedy, claro.

A casa assustadora.

Recordava essa monstruosidade da sua própria infância. Naquela altura, todas as crianças sabiam que se tratava de um lugar perigoso, embora nenhuma delas soubesse porquê. Umas diziam que estava assombrada; outras alegavam que um antigo assassino lá morava. Tudo infundado, claro — somente com base no aspeto da construção. Se não tivessem tratado Francis com essa mesma mentalidade, ele poderia ter-lhes revelado qual a verdadeira razão para a casa ser assustadora. Porém, não houvera ninguém a quem contar.

Parecia-lhe ter sido há tanto tempo. Interrogou-se se a polícia já teria encontrado os vestígios da sua vida antiga. Na verdade, não importava; pouco deixara para trás, à exceção de poeira. Recordou como fora fácil — quão simples era transformar-se noutras pessoas se assim o quisesse. Custara-lhe menos de mil libras comprar uma identidade nova a um homem a cem quilómetros dali. Desde então, construíra uma carapaça à sua volta que lhe permitira começar a sua transformação, tal como uma lagarta a emergir do próprio casulo, cheia de vida, poderosa e irreconhecível.

Porém, ainda restavam vestígios do rapaz assustado e odioso que em tempos fora. Há muitos anos que não usava o nome Francis, mas continuava a ver-se como essa pessoa. Recordava o pai a obrigá-lo a assistir às coisas que fazia àqueles miúdos. Pela expressão no seu rosto, era claro que o odiava e que, se pudesse, lhe faria o mesmo. Os miúdos que matara não haviam passado de substitutos para a criança que o pai abominava acima de todas as outras. Francis sempre soubera quão desprezível e repugnante era.

Não conseguira salvar os meninos que vira serem assassinados há tantos anos, nem ajudar ou reconfortar a criança que ele próprio fora. Contudo, podia tentar corrigir a situação, pois havia muitas crianças como ele no mundo, e não era demasiado tarde para as salvar e proteger.

Ele e Jake dar-se-iam lindamente.

Francis bebericou o seu café e ergueu o olhar para o céu noturno, para o padrão de constelações completamente sem sentido. Os seus pensamentos evocaram a violência que ocorrera naquela casa. A excitação ainda lhe fervilhava na pele. Sabia que se tratava de uma sensação que a sua mente deveria evitar, pois, embora já estivesse à espera de que aquela noite implicasse uma certa confrontação física, ficara surpreendido com a naturalidade com que tudo se desenrolara. Já matara antes, e não sentira qualquer dificuldade em tornar a matar. Era como se aquilo que fora forçado a fazer a Neil tivesse libertado algo dentro de si, soltando desejos dos quais ainda não estava totalmente consciente.

Soubera-lhe bem, não soubera?

O café salpicou-lhe a mão. Baixou o olhar e viu que estava a tremer ligeiramente.

Forçou-se a ficar mais calmo.

Porém, uma parte de si não queria. Agora era bastante mais fácil recordar o que fizera a Neil Spencer, e não podia negar que sentira um certo prazer no ato de matar. Tivera, simplesmente, receio de o admitir a si próprio até então. Olhando para trás, conseguia imaginar que o pai tivesse estado presente.

A observar.

Acenando com a cabeça, em sinal de aprovação.

«Agora compreendes, não é, Francis?»

Sim. Agora conseguia compreender por que motivo o pai o odiara tanto. Por ser uma criatura tão desprezível. Mas já não o era, e interrogou-se sobre como seria olhá-lo nos olhos; se alguma vez se perdoariam um ao outro pelo que em tempos haviam sido, face àquilo que, entretanto, se tinham tornado.

Sou como tu, estás a ver? Já não precisas de me odiar.

Francis abanou a cabeça. Meu Deus, que ideia era a sua?! O que acontecera com Neil fora um erro. Precisava de se concentrar, pois agora tinha de cuidar de Jake.

Tinha de o proteger, de o amar.

Era isso que todas as crianças queriam e desejavam, não era? Serem amadas e queridas pelos seus pais. O coração doeu-lhe, só de pensar.

Era tudo o que mais desejavam.

Bebeu o resto do café e fez uma careta. Arrefecera, pelo que atirou as borras para as ervas daninhas ao lado do degrau, na entrada, e voltou para dentro de casa, trocando o mundo silencioso exterior pelo mundo silencioso interior.

Estava na hora de dar as boas-noites ao menino.

Acabaram-se os erros.

No entanto, enquanto subia as escadas para ir ter com Jake, não parava de pensar na morte de Neil e em como isso o fizera sentir.

Sou como tu, estás a ver?

E interrogou-se se, na verdade, teria sido um erro assim tão terrível.

Quando se desperta de um pesadelo, as coisas costumam estar bem.

E não assim.

Quando Jake abriera os olhos pela primeira vez, ficara confuso. O seu quarto estava demasiado iluminado, a luz acesa. Não fazia sentido. Depois percebera que aquele não era o seu quarto, mas o de outra criança qualquer, e isso também não fazia sentido. Contudo, sentira a cabeça tão zonga que não conseguiu pensar devidamente, e um nó apertado no coração, como se algo estivesse errado. Quando se sentara, o mundo rodopiava à sua volta. Viera-lhe, então, algo à memória, e o nó apertara-se ainda mais depressa, alastrando o pânico por todo o seu corpo.

Devia estar em casa. E tinha lá estado. Mas depois o homem subira as escadas e entrara no seu quarto... e depois sentira algo sobre o rosto. E depois...

Nada.

Até ter acordado ali.

Isso fora talvez há dez minutos. Ao início, julgara tratar-se de outro pesadelo — um novo —, porque parecia mesmo. Porém, sabia, até antes de se beliscar, num gesto desesperado, que era demasiado real. O medo era demasiado intenso. Se estivesse a dormir, o medo já o teria acordado. Lembrava-se de ter ouvido falar sobre o homem que levava Neil Spencer e que lhe fizera mal. Talvez aquilo fosse, na verdade, um pesadelo, mas daqueles de que não acordamos. O mundo estava cheio de homens maus, cheio de pesadelos que nem sempre ocorriam enquanto estávamos a dormir.

Olhou de relance para o lado.

A menina estava ali com ele!

— Estás...

— Chiu! Fala baixinho. — Ela olhou em redor do pequeno quarto e

engoliu em seco. — Ele não pode saber que estou aqui.

Na verdade, não estava — no fundo, Jake tinha noção disso —, mas sentia-se tão agradecido por vê-la que não queria pensar nisso. Porém, ela tinha razão. O homem não o poderia ouvir a falar com alguém. Isso seria...

— Muito mau? — sussurrou ele. A menina assentiu com a cabeça, com uma expressão séria no rosto. — Onde é que estou? — perguntou ele.

— Não sei onde é que estás, Jake. Estás onde estás, e é aí que eu estou também.

— Estás aqui porque não me vais deixar?

— Nunca irei deixar-te. Nunca! — Ela tornou a olhar em redor. — E vou fazer os possíveis para te ajudar, mas não te posso proteger. A situação é muito grave. Sabes isso, não sabes? Está muito, muito longe de estar tudo bem.

Jake assentiu com a cabeça. Estava tudo mal e não se sentia seguro. De repente, essa percepção foi demasiado para ele.

— Quero o meu pai.

Talvez fosse algo ridículo de dizer, mas, uma vez dito, não conseguiu parar. Sussurrou-o uma e outra vez, e depois começou a chorar. Se pensasse num desejo com muita força, podia ser que se realizasse.

Não aconteceu. Parecia-lhe que, naquele momento, havia um mundo de distância entre ele e o pai.

— Por favor, tenta não fazer barulho. — A menina pousou-lhe a mão no ombro. — Tens de ser corajoso.

— Quero o meu pai.

— Ele vai encontrar-te. Sabes que sim.

— Quero o meu pai.

— Então, Jake? Por favor... — Ela apertou-lhe o ombro, num misto de tranquilização e de receio. — Preciso que te acalmes. — Ele tentou parar de chorar. — Assim está melhor. — Ela afastou a mão e ficou em silêncio por alguns instantes, à escuta. — Acho que não há problema, por agora. Temos de descobrir o máximo possível sobre o sítio onde estamos, pois talvez isso nos indique como sair daqui. Está bem?

Ele assentiu com a cabeça. Continuava assustado, mas o que ela estava a

dizer fazia todo o sentido.

Levantou-se e olhou em redor da divisão.

Uma das paredes dava-lhe pela altura do peito, inclinando-se depois para dentro, fazendo lembrar um telhado, e isso talvez significasse que estava num sótão. Nunca tinha estado num sótão. Sempre os imaginara como lugares escuros e cheios de pó, com tábuas de madeira, caixas de cartão e aranhas, mas aquele estava impecavelmente alcatifado, com as paredes pintadas de um branco luminoso e relva desenhada na base, e abelhas e borboletas a voarem por cima. Talvez fosse agradável se não estivesse severamente iluminado por uma lâmpada no teto, conferindo um aspeto irreal às coisas, como se partes dos desenhos pudessem começar a ganhar vida a qualquer instante. Havia uma arca aberta, cheia de brinquedos de peluche, encostada à parede inclinada, e um pequeno roupeiro encostado a outra. Jake olhou para trás. A cama tinha lençóis dos *Transformers*, que pareciam velhos e coçados.

Portanto, estava no quarto de outra criança. Só que o ambiente era estranho e pouco natural, como se o espaço nunca tivesse sido planeado para um menino verdadeiro.

Havia uma porta na parede oposta. Atravessou o quarto e abriu-a, tenso. Deparou-se com uma pequena sanita, um pequeno lavatório com sabonete e uma toalha num suporte circular. Tornou a fechar a porta. Virou-se e viu um corredor estreito que saía de um dos cantos do quarto, mas era muito pequeno e terminava noutra parede. Aproximou-se e deu por si no cimo de umas escadas escuras, ao fundo das quais havia uma porta fechada.

Um corrimão de madeira na parede...

Jake recuou rapidamente, sem sequer ver devidamente o fundo das escadas. Correu para junto da cama.

Não, não, não!

As escadas eram quase iguais às da sua casa antiga.

E isso significava que ele não podia ver o que estava...

O seu coração batia demasiado depressa. Tinha a sensação de que não conseguia respirar.

— Senta-te, Jake. — Ele nem isso conseguia fazer. — Está tudo bem —

disse-lhe a menina, num tom de voz calmo. — Respira. — Ele fechou os olhos e fez um esforço enorme para se concentrar. Ao início, foi difícil, mas depois o ar começou a entrar e o batimento cardíaco foi abrandando. — Senta-te.

Ele obedeceu. Ela pousou-lhe novamente a mão no ombro, sem dizer nada, fazendo apenas uns sons baixos e tranquilizadores. Quando a respiração dele ficou sob controlo, ela retirou a mão, permanecendo em silêncio. Jake sabia que a menina queria que ele descesse e experimentasse a porta, mas de maneira nenhuma conseguiria fazê-lo. Nunca. As escadas estavam fora do seu limite. E também não importava, pois, mesmo que...

— Seja como for, deve estar trancada — disse ela.

Jake assentiu com a cabeça, sentindo-se aliviado — porque a menina tinha razão, e isso significava que ele já não precisava de ir lá abaixo. Mas e se o homem o obrigasse? Nem queria pensar numa coisa dessas. Era demasiado assustador. Jake não seria capaz de o fazer, e não lhe parecia que o homem fosse levá-lo ao colo.

— Lembras-te do que o teu pai escreveu para ti daquela vez? — perguntou-lhe a menina.

— Sim.

— Então di-lo.

— «Mesmo quando discutimos, continuamos a gostar muito um do outro.»

— Exatamente — disse ela. — Mas este homem não é assim.

— O que é que queres dizer com isso?

— Acho que tens de te portar muito, muito bem. Não podes ter nenhuma discussão.

Ela tinha razão, pensou ele. Se se portasse mal, não seria como com o pai, em que as coisas ficavam bem logo a seguir. Se o Homem dos Sussurros se zangasse com ele, as coisas não ficariam nada bem.

A menina levantou-se de um salto.

— Enfia-te na cama. Rápido!

Parecia tão assustada que ele sabia não haver tempo para lhe perguntar porquê. Puxou as mantas para trás e enfiou-se na cama. Assim que se

deitou, ouviu uma chave a rodar na fechadura, lá em baixo.

O homem vinha aí.

— Fecha os olhos — ordenou ela, com urgência. — Finge que estás a dormir.

Jake obedeceu, fechando os olhos com força. Costumava ser fácil fingir que estava a dormir — fazia-o em casa, frequentemente, pois sabia que o pai continuaria a espreitá-lo enquanto ele estivesse acordado e não queria demorá-lo. Ali era mais difícil, mas, assim que ouviu o rangido nas escadas, forçou-se a respirar lenta e regularmente, como faziam as pessoas quando estavam a dormir, e descontraiu ligeiramente os olhos, pois as pessoas a dormir não os apertavam com força. Depois...

Depois o homem entrou no quarto.

Jake ouvia o som de uma respiração leve, apercebendo-se da sua terrível presença. Sentiu um formigueiro no rosto — o homem estava mesmo ao lado da cama, a olhar para ele. A fitá-lo. Jake manteve os olhos fechados. Se estava a dormir, não podia estar a portar-se mal, pois não? Não havia o risco de haver discussões. Tinha-se deitado como um lindo menino, sem esperar que o mandassem.

Seguiram-se alguns segundos de silêncio.

— Olha bem para ti... — sussurrou o homem. A voz dele parecia carregada de admiração, como se, por alguma razão, não esperasse encontrar um menino ali em cima. Jake forçou-se a não estremecer quando o sentiu afastar-lhe um fio de cabelo do rosto. — Tão perfeito...

A voz soava-lhe familiar, não soava? Jake teve essa sensação, mas não tinha a certeza. E também não tencionava abrir os olhos para descobrir. Sentiu o homem endireitar-se e afastar-se silenciosamente.

— Vou tomar conta de ti, Jake. — Ouviu-se um clique e a escuridão sobre os seus olhos fechados intensificou-se. — Agora estás em segurança. Prometo-te.

Jake continuou a respirar lenta e regularmente enquanto o homem descia as escadas, até ouvir a porta fechar-se de novo e a chave rodar na fechadura. Nem mesmo nessa altura se atreveu a abrir os olhos. Estava a pensar no que a menina dissera sobre o pai. Que ele iria encontrá-lo.

«Mesmo quando discutimos, continuamos a gostar muito um do outro.»

Jake acreditava nisso. Era uma das razões por que as discussões deles não tinham grande importância. O pai amava-o e queria que ele estivesse em segurança, e, por muito zangados que os dois ficassem, acabavam sempre por voltar ao mesmo, como se nada tivesse acontecido.

Porém, uma pequena parte de si sabia também que dificultava imenso a vida ao pai, que muitas vezes era uma distração, em vez de uma ajuda. Pensou no facto de o pai ter saído nessa noite sem ele e interrogou-se se, onde quer que se encontrasse agora, não estaria contente por já não ter Jake por perto para o chatear.

Não.

O pai iria encontrá-lo.

Por fim, abriu os olhos. O quarto estava completamente às escuras, à exceção da menina, junto à cama, totalmente iluminada. Brilhava como a chama de uma vela, mas a luz não ia além do contorno do seu corpo, nem irradiava para o pequeno quarto no sótão.

— O que é que estamos a fazer, Jake? — sussurrou-lhe ela.

— Não sei.

— O que é que estamos a ser?

Agora, sim, ele compreendeu.

— Corajosos — sussurrou em resposta. — Estamos a ser corajosos.

Acordei com um sobressalto, sentindo-me imediatamente desorientado e confuso com o espaço envolvente. O quarto à minha volta era escuro e desconhecido, cheio de sombras estranhas. Onde é que eu estava? Não fazia ideia; sabia apenas que não era ali que devia estar; onde quer que estivesse, deveria estar noutra lugar, e precisava mesmo de...

A sala da Karen. Já me lembrava. O Jake tinha desaparecido.

Fiquei sentado no sofá, completamente imóvel, durante alguns segundos, o coração a bater furiosamente. O meu filho fora raptado.

A ideia parecia surreal, mas eu sabia que era verdade, e o pânico que se seguiu foi como uma injeção de adrenalina, dispersando todos os resquícios de sono. Como é que conseguira adormecer naquele estado? Sentia-me exausto, mas o terror que zunia dentro de mim era quase insuportável. Talvez estivesse tão cansado e destroçado que o meu corpo pura e simplesmente se desligara durante algum tempo.

Verifiquei o telemóvel. Eram quase 6 horas; não dormira muito tempo. A Karen fora deitar-se de madrugada. Insistira em ficar acordada comigo, à espera de notícias, mas também se encontrava tão exausta com os acontecimentos da noite que eu acabara por a convencer de que um de nós deveria tentar descansar alguma coisa. Antes de ir para cima, pedira-me que a acordasse caso tivesse alguma notícia. Desde então, eu não recebera nenhuma mensagem, nem tinha nenhuma chamada não atendida. A situação mantinha-se na mesma.

Com a diferença de que o Jake estava com a pessoa que o raptara há mais horas.

Levantei-me, acendi a luz e comecei a andar de um lado para o outro. Tinha a sensação de que, se não me mexesse, seria completamente dominado pelas minhas emoções. A necessidade amargurada de estar com o

Jake chocava constantemente com a consciência de que não tinha como chegar a ele, e o meu coração contorcia-se dentro de mim, tal era a tensão que isso me provocava.

Não parava de visualizar o rosto dele, uma imagem tão vívida que, quando fechei os olhos, imaginei estender a mão e tocar a pele macia da sua face. Sabia que ele devia estar completamente apavorado, a sentir-se perdido, desorientado e aterrorizado, a interrogar-se sobre onde é que eu estaria e porque é que ainda não o tinha encontrado.

Isso se ainda estivesse vivo.

Abanei a cabeça. Não podia pensar nesses termos. Na noite anterior, a inspetora Beck dissera-me que iriam encontrá-lo, e eu tinha de me permitir acreditar nela. Caso contrário — se ele estivesse morto —, não haveria mais nada para além disso. Seria o fim do mundo: uma machadada na vida, destruindo todo o pensamento coerente, restando apenas estática.

Ele está vivo.

Imaginei que estaria a chamar por mim, e que, de alguma maneira, conseguia ouvi-lo no meu coração. Porém, não parecia ser imaginário; era mesmo a voz dele, a chamar-me numa frequência que eu estava quase a conseguir sintonizar. Ele estava vivo. Não era possível eu poder saber isso, mas tinham acontecido tantas coisas inexplicáveis nos últimos tempos que seria realmente assim tão impossível?

Não importava se era ou não.

Ele estava vivo. Eu continuava a senti-lo; por isso, tinha de estar.

Formei as palavras na minha mente, claras e precisas, e lancei-as no universo com o máximo de força que consegui, na esperança de que a mensagem chegasse a ele, que a recebesse no seu coração e sentisse a verdade que continham.

Amo-te, Jake. E vou encontrar-te.

A casa ganhou vida pouco depois.

A Karen dissera-me para me servir à vontade na cozinha. Estava encostado à bancada a beber café e a ver a luz da aurora a surgir no horizonte quando as tábuas do soalho rangeram por cima de mim. Liguei

novamente a chaleira. Alguns minutos depois, a Karen desceu, já vestida, mas ainda com um ar exausto.

— Alguma coisa? — perguntou. Neguei com a cabeça. — Ainda não lhes ligaste?

— Não. — Sentia-me algo relutante em fazê-lo. Primeiro, porque, sem mim a chateá-los, poderiam concentrar-se em encontrar o Jake. E, segundo, para não ser obrigado a ouvir algo que não queria ouvir. — Vou ligar, mas, se soubessem alguma coisa, já me teriam contactado. — A chaleira ferveu e desligou-se. A Karen deitou uma colher de café instantâneo numa caneca. — O que é que disseste ao Adam? — indaguei.

— Nada. Sabe que estás aqui e que dormiste no sofá, mas não lhe contei mais nada.

— Vou sair do vosso caminho.

— Não é preciso.

Ainda assim, deixei-me ficar na cozinha quando o Adam desceu. A Karen preparou-lhe o pequeno-almoço e ele foi comê-lo a ver televisão na sala. Lá fora, da janela da cozinha, o dia começava a clarear. Uma nova manhã. Escutei distraidamente o programa que estava a dar na outra divisão, pasmado com o facto de a vida continuar a decorrer. Como acontecia sempre. Só reparamos no incrível que isso é quando uma parte de nós é deixada para trás.

A Karen deu-me uma chave antes de sair de casa com o Adam.

— A que horas vem a agente do Apoio à Família? — perguntou.

— Não faço ideia.

Ela pousou-me a mão no braço.

— Liga-lhes, Tom.

— Vou ligar.

Olhou para mim durante alguns instantes, o rosto triste e sério; depois inclinou-se e beijou-me a face.

— Vou levar o carro. Não me demoro nada.

— Está bem.

Quando a porta da rua se fechou, tornei a sentar-me no sofá. O meu telemóvel estava ali e, sim, poderia ligar à polícia, mas tinha a certeza de

que a inspetora Beck me teria contactado se houvesse alguma novidade, e não me apetecia nada ouvir o que já sabia.

Que o Jake continuava algures.

Que continuava em perigo.

Assim, em vez disso, peguei na única coisa que trouxera comigo de casa. A Caixa das Coisas Especiais do meu filho.

Embora não fosse possível estar fisicamente com ele, podia arranjar uma maneira de pelo menos me sentir próximo dele. Tinha consciência do peso e da importância que aquela caixa representava. O Jake nunca me dissera para não espreitar, mas também não precisara de o fazer. Aquela coleção era para ele, não para mim. Já era suficientemente crescido para ter os seus próprios segredos. Por isso, por muito tentado que me tivesse sentido às vezes, nunca violara essa confiança.

Perdoa-me, Jake.

Abri o fecho da caixa.

Preciso de te sentir perto de mim.

Quando Francis acordou, a casa estava em silêncio.

Durante alguns minutos, deixou-se ficar deitado na cama sem se mexer, olhando para o teto, à escuta. Não ouvia um único som nem detetava qualquer movimento. Porém, sentia a presença do menino diretamente por cima dele, e a casa parecia mais cheia em resultado disso. Havia uma sensação de potencial.

Há uma criança ali em cima.

A paz e o sossego eram encorajadores, pois era assim que as coisas deviam ser. Significava que Jake compreendia a situação e que estava satisfeito. Talvez se sentisse, inclusivamente, entusiasmado por estar na nova casa.

Francis recordou a facilidade com que o menino se instalara na noite anterior, encontrando-se a dormir confortavelmente quando fora lá acima vê-lo.

Com Neil Spencer, houvera tanta choradeira e gritaria inicialmente que, não obstante os vizinhos que tinha e que não tinha, Francis dera graças pela insonorização que instalara atrás das paredes do sótão. Com Neil, fora demasiado paciente, encarando o comportamento dele como uma birra; agora compreendia que havia sido uma má escolha, logo de início, e que de modo algum poderia ter terminado de outra maneira.

Talvez Jake fosse realmente diferente.

Não é, Francis.

A voz do seu pai.

São todos iguais. Todos uns sacaninhas detestáveis que acabam sempre por nos desiludir.

Talvez fosse verdade, mas afastou esse pensamento, para já. Tinha de dar uma oportunidade a Jake. Nada que se comparasse às várias oportunidades

que dera a Neil Spencer, claro, mas a oportunidade para desfrutar de uma casa feliz, onde cuidavam dele e se preocupavam verdadeiramente com ele.

Foi tomar um duche, algo que o fazia sempre sentir-se vulnerável. Com a porta fechada e o som alto da água nos ouvidos, era impossível ouvir o resto da casa, e, quando fechava os olhos, imaginava algo a entrar na casa de banho e a posicionar-se do outro lado do cortinado da banheira. Enxaguou rapidamente o sabonete do rosto, abriu os olhos e viu a água a escoar pelo ralo abaixo. Tivera de o desentupir após ter tratado de Neil. Poderia desentupi-lo de novo, se fosse caso disso.

Sabes o que queres fazer.

O seu coração batia um pouco rápido demais.

No piso de baixo, preparou café e o seu pequeno-almoço, fez o telefonema que precisava de fazer e depois começou a tratar da comida para Jake. Limpou as migalhas da bancada com o braço e aqueceu dois crepes na torradeira. Já tinham algum tempo, exibindo pequenas manchas de bolor nas extremidades, mas estavam mais do que bons. Francis não sabia o que é que Jake gostava de beber, mas havia uma garrafa de sumo de laranja aberta em cima da bancada, que Neil não tivera oportunidade de terminar, e isso também serviria.

Começar com o pé direito.

Levou o prato e a garrafa de plástico para cima e deteve-se no patamar, encostando o ouvido à porta do sótão.

Silêncio.

Mas depois ficou na dúvida. Pareceu-lhe ouvir algo. Estaria Jake a sussurrar com alguém? Se sim, era tão baixo que Francis não conseguia distinguir uma única palavra. Nem tinha a certeza de que era isso que estava a acontecer.

Francis escutou com atenção.

Silêncio.

Então ouviu de novo o som sussurrado.

Ficou todo arrepiado. Não havia mais ninguém ali em cima — ninguém com quem Jake pudesse estar a falar —, e, no entanto, foi assolado por um súbito medo irracional de que pudesse haver. Que, ao trazer aquela criança

para sua casa, tivesse trazido mais alguém ou algo com ele. Algo perigoso.

Talvez esteja a falar com o Neil.

Isso era um disparate; Francis não acreditava em fantasmas. Em criança, às vezes, acercava-se da porta do anexo do pai e imaginava um dos meninos parado do outro lado da porta, iluminado e pálido, pacientemente à espera. Inclusivamente, em algumas ocasiões, parecera-lhe ouvir respirar através da madeira. Porém, nada disso fora real. Os fantasmas só existem na nossa cabeça. Falam através de nós, e não connosco.

Destrancou a porta, abriu-a e subiu lentamente as escadas, para não assustar a criança. O som sussurrado cessara, e isso irritava-o. Não lhe agradava a ideia de que Jake guardasse segredos dele.

O menino estava sentado na cama, de mãos pousadas sobre os joelhos. Francis ficou satisfeito ao constatar que já se vestira, tendo-se servido das peças de roupa que ele lhe deixara nas gavetas. Embora tivesse ficado menos satisfeito quando reparou que a arca dos brinquedos permanecia intacta. Não seriam suficientemente bons? Francis tinha-os há tantos anos, e eram muito importantes para ele; o menino devia sentir-se agradecido pela oportunidade de brincar com eles.

Olhou em redor, à procura do pijama que Jake usara, e viu que estava impecavelmente dobrado sobre a cama. Isso era bom. Iria precisar dele quando tivesse de devolver o menino, mais tarde.

— Bom dia, Jake — cumprimentou-o, num tom jovial. — Estou a ver que já te vestiste e tudo.

— Bom dia. Não encontrei a minha farda da escola.

— Lembrei-me de que poderias tirar o dia de folga.

Jake assentiu com a cabeça.

— Que bom. O meu pai vem-me buscar?

— Bem, essa é uma questão complicada. — Francis aproximou-se da cama. O menino parecia quase sinistramente calmo. — E não me parece que devas preocupar-te com isso agora. A única coisa que precisas de saber é que estás em segurança.

— Está bem.

— E que vou tomar conta de ti.

— Obrigado.

— Com quem é que estavas a falar?

O menino pareceu ficar confuso.

— Com ninguém.

— Estavas, sim. Quem era?

— Ninguém.

Francis sentiu uma vontade súbita de dar um estalo na cara do miúdo com toda a força.

— Nesta casa não se mente, Jake.

— Não estou a mentir. — Jake desviou o olhar e, por instantes, Francis teve a estranha sensação de ouvir uma voz que não estava realmente ali. — Se calhar estava a falar sozinho. Peço desculpa. Às vezes acontece, quando estou a pensar em coisas. Distraio-me.

Francis ficou em silêncio, considerando a resposta. Fazia um certo sentido. Às vezes também se perdia em divagações. O que significava que Jake era como ele, e isso era positivo, pois dava-lhe algo para tentar corrigir.

— Havemos de trabalhar nisso juntos — respondeu-lhe. — Aqui tens, trouxe-te o pequeno-almoço.

Jake pegou no prato e na garrafa e agradeceu sem que lho pedissem, o que também era positivo. Pelos vistos aprendera boas maneiras algures. Porém, baixou o olhar para as mãos e não começou a comer. Ainda se via o bolor, reparou Francis. Obviamente aquilo não era suficientemente bom para ele.

Para Francis, em criança, fora mais do que bom.

— Não tens fome, Jake?

— Ainda não.

— Tens de comer, se queres crescer cheio de força. — Francis esboçou um sorriso paciente. — O que é que gostarias de fazer a seguir?

Jake ficou em silêncio por alguns instantes.

— Não sei. Se calhar gostava de desenhar.

— Podemos fazer isso! Eu ajudo-te.

Jake sorriu.

— Obrigado.

Mas depois proferiu o seu nome, deixando Francis completamente imóvel. O menino reconhecera-o, claro, mas, numa casa decente, não havia espaço para informalidades. As crianças precisavam de disciplina. Tinha de haver uma hierarquia claramente delineada.

— Senhor — corrigiu-o Francis. — É assim que me trataς nesta casa. Entendido? — Jake assentiu com a cabeça. — Nesta casa, demonstramos respeito pelos mais velhos. Entendido? — Ele tornou a acenar com a cabeça. — E damos valor ao que fazem por nós. — Francis fez sinal para o prato. — Dei-me ao trabalho de te preparar isso. Come o pequeno-almoço, se faz favor.

Por momentos, a calma sinistra no rosto de Jake dissipou-se, e ele parecia prestes a desatar a chorar. Desviou novamente o olhar.

Francis cerrou o punho.

Desobedece-me uma vez que seja e verás, pensou. Uma vez que seja.

Porém, Jake olhou para ele, a calma restaurada no olhar, e pegou num dos crepes. Àquela luz, o bolor era claramente visível nas extremidades.

— Sim — respondeu —, senhor.

Senti que estava a cometer uma infração quando abri a caixa e espreitei o interior.

Continha uma mistura de papeladas, materiais e bugigangas, muito do qual se sobrepunha ao meu próprio passado e recordações. A primeira coisa que vi foi uma pulseira colorida, bastante distendida junto ao fecho de plástico, pois a Rebecca tirara-a pela mão, em vez de a cortar. Era de um festival de música a que fôramos no início da nossa relação, muito antes de termos sequer pensado em ter um filho. Eu e a Rebecca havíamos ido acampar com uns amigos e passado o fim de semana a beber e a dançar, completamente abstraídos da chuva e do frio. Éramos jovens, sem uma única preocupação no mundo, e, olhando para a pulseira agora, parecia ser um amuleto de melhores tempos.

Excelente escolha, Jake.

Reconheci um pequeno embrulho castanho, e a minha visão ficou ligeiramente turva quando o abri e deitei o conteúdo na palma da mão. Um dente, tão incrivelmente minúsculo que mais parecia um sopro de ar na minha pele. Tratava-se do primeiro dente que o Jake perdera, pouco depois de a Rebecca ter morrido. Nessa noite, eu pusera-lhe dinheiro debaixo da almofada, juntamente com um bilhete da Fada dos Dentes, em que ela explicava que queria que ele guardasse o dente por este ser especial. Eu nunca mais o vira desde essa altura.

Tornei a guardá-lo cuidadosamente dentro do embrulho e desdobrei um papel; era um desenho que eu fizera para ele: uma tentativa tosca de nos desenhar aos dois, lado a lado, com a tal frase por baixo: «Mesmo quando discutimos, continuamos a gostar muito um do outro.»

As lágrimas assomaram-me aos olhos. Tinha havido tantas discussões ao longo dos anos. Éramos ambos tão parecidos, e, no entanto, não nos

conseguíamos compreender um ao outro. Ambos a tentarmos uma aproximação e, por alguma razão, a falharmos sempre. Mas, meu Deus, aquilo era tão verdade! Eu amara-o cada segundo. Amava-o com todo o meu ser. E esperava que, onde quer que ele estivesse naquele momento, soubesse isso.

Espreitei os outros itens. Pareciam quase sagrados ao toque, embora, por vezes, igualmente estranhos no mistério que encerravam. Havia vários papéis, e, apesar de alguns fazerem sentido — como, por exemplo, um dos poucos convites para festas de aniversário que ele recebera —, a grande maioria era totalmente incompreensível para mim. Havia bilhetes e recibos desbotados, apontamentos que a Rebecca fizera, tudo aparentemente tão insignificante que eu não percebia por que motivo o Jake os dignificara como especiais. Talvez gostasse dessa aparente insignificância de cada um. Eram coisas de adultos que ele não tinha experiência para decodificar. Porém, a Rebecca preocupara-se em guardá-las, e, por isso, se ele as estudasse devidamente, talvez a pudesse compreender melhor.

Vi, então, um bocado de papel bastante mais antigo, arrancado de um pequeno caderno de argolas, pelo que um dos lados estava meio esfiado. Desdobrei-o e reconheci de imediato a caligrafia da Rebecca. Um poema que ela escrevera, possivelmente na adolescência, tendo em conta o desbotado da tinta. Comecei a lê-lo.

Se deixares uma porta entreaberta, ouvirás os sussurros na certa.

Se brincares na rua sozinho, jamais voltarás para o teu cantinho.

Se a tua janela destrancada estiver, no vidro o ouvirás bater.

Se estiveres sozinho, triste e a chorar, o Homem dos Sussurros vir-te-á buscar.

Tornei a lê-lo. A sala parecia desaparecer à minha volta. Examinei novamente a caligrafia, para ter a certeza. Tratava-se da letra da Rebecca — tinha a certeza absoluta. Uma versão menos madura do que aquela com que eu estava familiarizado, mas conhecia a caligrafia da minha mulher.

Fora assim que o Jake aprendera a rima.

Com a mãe.

A Rebecca aprendera-a em criança e escrevera-a num papel. Fiz contas de

cabeça e conclui que a Rebecca teria 13 anos por altura dos crimes do Frank Carter. Talvez os homicídios que ele cometera fossem o tipo de coisa que teria ficado gravado na mente de uma rapariga dessa idade.

Porém, isso não explicava onde é que ela ouvira a rima.

Pousei o papel de lado.

A caixa continha também uma série de fotografias, todas tão velhas que, com certeza, haviam sido tiradas com uma máquina fotográfica antiga. Lembrava-me de ter feito o mesmo em criança, durante as férias, e, tal como a Rebecca e os pais fizeram naquelas fotografias, também eu e a minha mãe escrevêramos a data e uma descrição na parte de trás.

«2 de agosto de 1983 — dois dias de vida.»

Virei a fotografia e vi uma mulher sentada num sofá, com um bebé nos braços. A mãe da Rebecca. Eu conhecera-a durante pouco tempo: uma mulher cheia de vida, com um sentido de aventura herdado pela filha. Ali, parecia desesperadamente cansada, mas entusiasmada. O bebé estava a dormir, embrulhado numa mantinha de lã amarela. A julgar pela data, só podia ser a Rebecca, ainda que fosse quase impossível imaginar que alguma vez tivesse sido tão pequenina.

«21 de abril de 1987 — a brincar aos pauzinhos do *Pooh*².»

A fotografia mostrava o pai da Rebecca numa ponte de madeira inclinada, uma folhagem exuberante ao fundo, segurando-a ao colo para ela atirar um pau à água, que corria mais abaixo. Estava de frente para a câmara, a sorrir. Ainda mal tinha 4 anos, mas já evidenciava a mulher que se tornaria. Já naquela altura tinha aquele sorriso que eu ainda via nitidamente na minha mente.

«3 de setembro de 1988 — primeiro dia de escola.»

Ali estava a Rebecca, em menina, vestida com uma camisola de malha azul e uma saia cinzenta plissada, orgulhosamente parada diante da...

Escola Primária Rose Terrace.

Observei a fotografia durante vários segundos.

A escola já me era completamente familiar, e a rapariga na fotografia era, com toda a certeza, a Rebecca, mas as duas coisas juntas não faziam qualquer sentido. E, no entanto, não havia como enganar em relação a

nenhuma delas. Era o mesmo gradeamento, as mesmas escadas. A palavra «Raparigas» gravada na pedra preta, sobre a porta. E aquela era a minha mulher, em criança, ali parada.

«Primeiro dia de escola.»

A Rebecca tinha morado em Featherbank.

Fiquei estupefacto com a descoberta. Como era possível eu não ter conhecimento de uma coisa dessas? Visitáramos os pais da Rebecca na costa sul várias vezes, antes de eles terem falecido, e, embora eu soubesse que se haviam mudado para lá quando ela era pequena, essa sempre fora, claramente, a terra dela, de onde dizia ser. Contudo, talvez tivesse sido apenas onde, enquanto adolescente, a sua vida desabrochava, onde os amigos que fizera e as recordações que criara a tinham acompanhado até à idade adulta. Porque a prova estava à minha frente. A Rebecca morara ali em criança — ou pelo menos suficientemente próximo para frequentar aquela escola.

Suficientemente próximo para ter ouvido a rima sobre o Homem dos Sussurros.

Recordei quão obcecado o Jake ficara com a nossa casa nova quando a vira no meu *iPad*, como todas as outras propriedades no motor de busca tinham passado para segundo plano assim que vira as fotografias daquela casa. Não podia tratar-se de uma coincidência. Espreitei rapidamente as restantes fotografias que ele guardara. Tratava-se, na sua maioria, de fotografias tiradas nas férias, mas alguns dos locais eram mais familiares: a Rebecca a comer um gelado na New Road Side, a andar de baloiço no parque infantil local, a andar de triciclo no passeio junto à estrada principal.

E depois...

E depois a nossa casa.

Essa imagem era tão incongruente como fora a fotografia da escola. A Rebecca num sítio onde pura e simplesmente não deveria e não poderia estar. Encontrava-se parada no passeio diante da nossa casa nova, um pé chegado atrás e a tocar no caminho de acesso. A habitação atrás dela, com os ângulos estranhos e as janelas meio deslocadas, tinha um ar assustador, erguendo-se acima da menina que entrara na propriedade apenas o

suficiente para obter a validação do seu atrevimento.

A casa assustadora da povoação. Os miúdos desafiavam-se entre eles para se aproximarem dali. Tiravam fotografias e tal...

Por isso é que a casa captara a atenção do Jake assim que a vira: porque já a tinha visto antes, com a mãe parada diante dela.

Examinei melhor a figura da Rebecca na fotografia. Aparentava ter cerca de 7 ou 8 anos e envergava um vestido aos quadrados azuis e brancos, curto o suficiente para revelar uma esfoladela no joelho. Devia estar um dia ventoso, pois o cabelo dela estava soprado para um dos lados.

Era a menina que o Jake desenhara com ele à janela.

Contive novamente as lágrimas, compreendendo, por fim.

Por muito absurdo que fosse, quase começara a acreditar que a amiga imaginária do meu filho pudesse ser mais do que fruto da imaginação dele. E, de certa forma, era-o. Porém, ele não estava a ver fantasmas ou espíritos. A amiga imaginária dele era simplesmente a mãe, de quem sentia tanta falta, evocada sob a forma de uma menina da idade dele. Alguém que brincaria com ele como ela sempre brincara, alguém que o ajudaria a suportar o terrível mundo novo em que ele se encontrava.

Virei a fotografia.

«1 de junho de 1991», lia-se. «A ser corajosa.»

Veio-me à memória o facto de, quando nos mudáramos, o Jake ter corrido de divisão em divisão, como se estivesse à procura de alguém, e senti um aperto no coração. Eu desiludira-o tanto. Teria sido difícil para ele de qualquer maneira, mas eu poderia, e deveria, ter feito mais para o ajudar a lidar com a situação. Deveria ter estado mais atento, mais presente, menos consumido pela minha própria dor. Mas não o fizera. Como tal, o meu filho fora obrigado a procurar consolo numa recordação.

Pousei a fotografia.

Perdoa-me, Jake.

Então, pelo sim pelo não, examinei o resto das coisas que ele guardara. Cada objeto era doloroso de ver, pois agora tinha a certeza de que perdera o meu filho para sempre e que aquilo seria o mais próximo que alguma vez voltaria a estar dele, para o resto do que seria a minha vida.

Desdobrei o último papel que ele guardara. Quando vi o que continha, fiquei novamente paralisado. Demorei alguns instantes a compreender o que estava a ver e o que significava.

Então peguei no telemóvel, já a caminho da rua.

² Jogo que surge nos livros do ursinho Pooh e que consiste em atirar paus de uma ponte, a montante, para ver qual aparece primeiro a jusante. [N. T.]

— Mais devagar — pediu Amanda. — O que é que descobriu?

Passara a noite inteira a trabalhar, e agora, perto das 9 horas, começava a sentir o peso de cada minuto no corpo. Sentia-se toda partida. Doíam-lhe os ossos, e os seus pensamentos estavam agitados e distraídos. A última coisa de que precisava era de ter Tom Kennedy a balbuciar ao telefone, em especial quando soava tão incoerente e desorientado quanto ela se sentia.

— Já lhe disse — respondeu ele. — Um desenho.

— O desenho de uma borboleta.

— Sim.

— Importa-se de falar mais devagar e explicar-me o que é que isso significa?

— Estava na Caixa das Coisas Especiais do Jake.

— Na quê?

— Ele coleciona coisas; guarda-as. Coisas que têm algum significado para ele. Este desenho estava entre essas coisas. É um desenho das borboletas que havia na garagem.

— Certo. — Amanda olhou em redor da agitada sala de operações. Aparentava estar tão caótica como o interior da sua cabeça naquele momento. *Concentra-te*. Tratava-se do desenho de uma borboleta. Significava, obviamente, algo para Tom Kennedy, mas continuava sem conseguir perceber porquê. — Foi o Jake que fez esse desenho?

— Não! A questão é exatamente essa. É demasiado elaborado. Parece algo feito por um adulto. Mas o Jake estava a desenhá-las na noite a seguir ao primeiro dia de escola. Acho que alguém lhe deu este desenho para ele copiar. Caso contrário, como é que poderia ter visto as borboletas? Estavam na garagem, certo?

— Na garagem...

— Por isso, só as pode ter visto noutro sítio. Deve ter sido neste desenho. Alguém lhe desenhou a borboleta. Alguém que também já as vira.

— Alguém que esteve na sua garagem?

— Ou na casa. Foi o que a inspetora disse, não foi? Que havia mais pessoas como o Norman Collins que tinham conhecimento de que o corpo estava lá, e que acham que o homem que levou o Jake é uma dessas pessoas.

Amanda ficou em silêncio durante alguns instantes, pensando nas palavras dele. Sim, era isso que eles achavam. Apesar de a descoberta de Kennedy provavelmente não significar nada, a verdade era que a noite de trabalho dela se revelara infrutífera.

— Quem é que desenhou a borboleta? — perguntou ela.

— Não sei. Parece recente; por isso, calculo que tenha sido alguém na escola. O Jake deve tê-lo trazido para casa depois do primeiro dia de aulas e estava a copiá-lo.

A escola.

Nos dias que se seguiram ao desaparecimento de Neil Spencer, tinham falado com todas as pessoas que haviam tido algum contacto regular com o menino, incluindo o pessoal docente, mas não houvera nada suspeito em relação a nenhuma delas. Na altura, Jake frequentava a escola há poucos dias. Esse desenho, partindo do princípio de que teria alguma relevância, poderia ter vindo de qualquer lugar.

— Mas não tem a certeza?

— Não — respondeu Tom. — Mas há mais uma coisa. Nessa noite, o Jake estava a falar com alguém que não existe. Ele faz muito isso, entende? Tem amigos imaginários. Só que, dessa vez, disse que era «o menino no chão». Como é que ele poderia ter conhecimento disso, e das borboletas, a não ser que alguém lhe tivesse falado do assunto?

— Não faço ideia. — Amanda resistiu à vontade de salientar que poderia ser apenas uma coincidência e que, mesmo que não fosse, não havia nada que indicasse que deveriam concentrar as suas atenções na escola. Em vez disso, mudou a conversa para algo que lhe parecia ser absolutamente pertinente naquele momento. — E não lhe ocorreu contar-nos isso antes? —

Fez-se silêncio do outro lado. Talvez tivesse sido um golpe baixo: afinal, o filho do homem estava desaparecido e algumas coisas só faziam sentido em retrospectiva. Desenhos e amigos imaginários. Monstros a sussurrarem do lado de fora das janelas. Às vezes, os adultos não escutavam as crianças com atenção. Contudo, se Tom Kennedy lhes tivesse falado sobre isso antes, e se ela tivesse prestado atenção, talvez as coisas fossem diferentes agora. Não estaria ali sentada a sentir-se completamente exausta, com Pete no hospital e Jake Kennedy desaparecido. Era impossível disfarçar o tom acusatório na sua voz. — Tom? Porque é que não nos disse nada antes?

— Não sabia o que significava — respondeu ele.

— Bem, talvez não signifique nada, mas... Oh, mas que merda! Dê-me só um segundo.

Surgira um aviso no ecrã do computador, e ela abriu a mensagem. Liz Bamber, a agente do Apoio à Família, encontrava-se à porta da casa de Karen Shaw, mas ninguém atendia. Amanda franziu o sobrolho e encostou o telefone ao ouvido. Agora que Tom estava em silêncio, ouvia o som de trânsito ao longe.

— Onde é que está? — perguntou-lhe.

— A caminho da escola.

Meu Deus! Inclinou-se rapidamente para a frente.

— Não faça isso, por favor.

— Mas...

— Mas nada. Não vai servir de nada. — Amanda fechou os olhos e esfregou a testa. Mas que raio estaria Tom a pensar? Bem, claro, o filho dele estava desaparecido, e ele não estava sequer a pensar. — Ouça — disse-lhe —, preste atenção ao que lhe vou dizer: preciso que volte para casa da Karen Shaw. Está lá uma agente, a agente Liz Bamber, à sua espera. Vou pedir-lhe que o traga aqui à esquadra para podermos conversar sobre o tal desenho. Está bem? — Tom não lhe respondeu. Amanda calculou que ele estivesse a ponderar, dividido entre a sua determinação em ajudar Jake e o tom autoritário na voz dela. — Tom? Não podemos piorar a situação.

— Está bem — respondeu ele, desligando a chamada.

Raios partam! Não sabia se acreditava nele ou não, mas também não

havia nada que pudesse fazer. Entretanto, respondeu à mensagem de Liz, com as suas instruções, e recostou-se na cadeira, esfregando o rosto, na tentativa de o avivar.

Vieram entregar-lhe mais um relatório. Abriu os olhos: mais depoimentos de testemunhas completamente inúteis. Nenhum dos vizinhos vira ou ouvira algo. De alguma forma Francis Carter — ou David Parker, ou lá como ele se chamava agora — entrara numa casa, cometera uma tentativa de homicídio de um agente experiente, raptara uma criança e desaparecera sem atrair qualquer tipo de atenção sobre si. Sorte do Diabo! Literalmente.

Porém, não fora apenas sorte, claro. Há 20 anos talvez não passasse de um menino frágil e vulnerável, mas, desde então, havia-se transformado, obviamente, num homem perigoso e perturbado, um homem que sabia como passar despercebido.

Amanda suspirou.

A escola, então, pelo sim pelo não.

Vamos lá dar outra espreitadela.

«Volte para casa da Karen Shaw.»

Por instantes, pensei em fazê-lo. Afinal, a inspetora Beck era da polícia, e o meu instinto era obedecer à polícia. As palavras dela tinham-me afetado. Além de todas as outras maneiras em que eu falhara, havia muita coisa que não contara à polícia, e o facto de, na altura, estar a tentar proteger o Jake não alterava o facto de que poderia ter evitado tudo isto.

O que significava que ele estava desaparecido por minha culpa.

Não podia censurar a inspetora Beck por não me ter levado a sério, mas ela não vira o que o Jake desenhara. Alguém fizera aquele desenho para ele copiar, recentemente.

Então porque é que ele o guardara?

O que é que o desenho tinha de tão especial?

Recordei o que acontecera após esse primeiro dia. A discussão que tínhamos tido. As palavras que ele lera no meu computador. A distância entre nós. Só me ocorria uma explicação para aquele desenho ter ido parar à Caixa das Coisas Especiais: o Jake decidira guardá-lo porque alguém lhe demonstrara o carinho e o apoio que eu não fora capaz de demonstrar.

Esse pensamento tomou a decisão por mim.

Cheguei à escola mesmo a tempo. As portas estavam abertas e viam-se alguns pais e crianças de um lado para o outro no pátio do recreio. Ocorrera-me ir ao departamento administrativo — e tê-lo-ia feito, caso fosse necessário —, mas este tinha uma porta de segurança que o separava do resto da escola, enquanto ali poderia dirigir-me diretamente à sala de aula do Jake, se quisesse.

Transpus os portões, o meu coração a bater furiosamente, passando pela Karen, que vinha a sair nesse momento.

— Tom...

— Só um minuto.

A professora Shelley estava parada junto à porta aberta, as últimas crianças a entrarem lentamente à sua frente. Assim que me viu, pareceu ficar alarmada. Calculei que o meu ar fosse tão desvairado como me sentia.

— Sr. Kennedy...

— Quem é que desenhou isto? — Desdobrei o papel e mostrei-lhe o desenho da borboleta. — Quem é que o desenhou?

— Eu não...

— O Jake está desaparecido — disse-lhe. — Compreende? Alguém levou o meu filho. O Jake chegou a casa com este desenho no primeiro dia de escola. Preciso de saber quem é que o desenhou.

A professora abanou a cabeça. Eu estava a debitar demasiada informação para ela processar, pelo que combati a vontade de a agarrar, abanar, e de lhe fazer compreender a importância daquilo. Reparei que a Karen estava ao meu lado, pousando a mão suavemente no meu braço.

— Tom, tenta acalmar-te.

— Eu estou calmo. — Não desviei o olhar da professora, batendo com o dedo no desenho. — Quem é que desenhou isto para o Jake? Foi algum dos miúdos? Um professor? Foi a senhora?

— Não faço ideia! — Ela tinha o rosto muito corado; eu estava a assustá-la. — Não tenho a certeza. Talvez tenha sido o George.

Agarrei o papel com mais força.

— O George?

— É um dos nossos professores auxiliares. Mas...

— Ele está cá hoje?

— Deve estar.

Olhou de relance para trás, e foi o que bastou para eu conseguir passar por ela em direção ao corredor.

— Sr. Kennedy!

— Tom...

Ignorei ambas, olhando rapidamente para o bengaleiro onde os alunos da turma do Jake penduravam as suas coisas — e onde o Jake deveria estar —

e desatei a correr, dobrando a esquina adiante e entrando no átrio principal, repleto de crianças a deambularem em direção às respectivas salas de aula, a toda a volta. Avancei por entre elas e detive-me no centro, o átrio a rodopiar à minha volta. Olhei para um lado e para o outro, sem saber qual seria a sala do Jake, onde poderia encontrar o professor George. Eu estava metido em sarilhos, tinha plena noção disso, mas não importava. Se não encontrasse o Jake, a minha vida chegaria ao fim, e, se o professor George estivesse ali, não poderia estar a fazer-lhe mal...

O Adam.

Reconheci o filho da Karen, a guardar a garrafa de água num carrinho, ao fundo do átrio, e depois a transpor uma porta. Corri nessa direção, vendo uma das rececionistas e um homem mais velho, o segurança, a descerem um corredor distante em direção ao átrio. A professora Shelley informara-os, com certeza. Calculei que a presença de um intruso na escola levasse a isso.

— Sr. Kennedy! — gritou a rececionista.

Contudo, alcancei a sala de aula antes deles, entrando rapidamente, apenas consciente o suficiente para não abalroar as crianças à minha frente. A sala era uma cacofonia de cores, as paredes pintadas de amarelo e enfeitadas com o que pareciam ser centenas de micas: tabuadas de multiplicação; desenhos de frutos e números; pequenas figuras de banda desenhada desempenhando tarefas, com as respetivas profissões escritas ao lado. Olhei por cima do mar de pequenas mesas e cadeiras, à procura de um adulto. Uma mulher mais velha estava parada ao fundo da sala, com o registo de presenças na mão, fitando-me com um ar confuso, mas era a única adulta à vista.

Senti uma mão a segurar-me o braço.

Virei-me e vi o velho segurança parado ao meu lado, de expressão séria no rosto.

— Não pode estar aqui.

— Está bem. — Combati a vontade de lhe afastar a mão. De nada serviria, pois quem quer que fosse o George não estava ali. Porém, a frustração dessa constatação falou mais alto, e acabei por me libertar da mão dele. — Está bem.

O segurança fechou a porta da sala de aula atrás de si, num gesto dramático. A professora Shelley caminhava na minha direção, de telemóvel na mão. Interroguei-me se já o teria utilizado para chamar a polícia. Se assim fosse, talvez agora começassem a levar-me a sério.

— Sr. Kennedy...

— Eu sei. Não devia estar aqui.

— Está a invadir propriedade privada.

— Ponha-me no amarelo, então.

A professora estava prestes a dizer algo, mas não o fez. Acima de tudo, parecia preocupada.

— Disse que o Jake está desaparecido?

— Sim — respondi. — Alguém o levou ontem à noite.

— Lamento. Nem imagino o que... Compreendo perfeitamente que esteja transtornado.

Eu não tinha tanta certeza. O pânico que me invadia parecia um condutor de corrente elétrica dentro de mim.

— Tenho de encontrar o professor George — disse eu.

— Ele não está cá — interveio a rececionista. Estava parada, de braços cruzados sobre o peito, e parecia bastante menos clemente do que a professora Shelley.

— Onde é que ele está? — perguntei-lhe.

— Bem, calculo que esteja em casa. Ligou há pouco a dizer que estava doente.

O meu alarme aumentou, pois decerto não poderia ser uma coincidência. Significava que estava com o Jake nesse preciso momento.

— Onde é que ele mora?

— Não estou autorizada a revelar os dados pessoais dos nossos funcionários.

Pensei em passar por ela e entrar diretamente no departamento administrativo. O segurança permanecia ali parado, a bloquear a passagem, mas o homem tinha 60 e tal anos, e eu seria capaz de o dominar se quisesse. Depois teria a polícia e queixas-crime à perna, mas valeria a pena se me desse tempo suficiente para vasculhar os arquivos e encontrar a informação

de que necessitava. Porém, de nada serviria se não a encontrasse. E de nada serviria ao Jake se eu fosse detido.

— Pode dá-la à polícia? — indaguei.

— Claro.

Dei meia-volta e atravessei o átrio, regressando pelo caminho por onde entrara. Eles seguiram-me, para se certificarem de que eu me ia realmente embora. Uma vez lá fora, a porta foi fechada e trancada atrás de mim. O pátio do recreio encontrava-se praticamente vazio, mas a Karen estava à minha espera junto ao portão, de expressão ansiosa no rosto.

— Finalmente, porra! — exclamou ela. — Sabes que poderias ter sido preso?

— Tenho de o encontrar.

— Esse tal George? Quem é ele?

— Um professor auxiliar. Desenhou uma coisa para o Jake copiar; uma borboleta. O tipo de borboleta que encontraram junto do corpo do miúdo, na minha garagem.

A Karen tinha um ar cético. Ouvindo-me a dizê-lo em voz alta, não a censurava. Contudo, tal como acontecera com a inspetora Beck, era impossível fazer as outras pessoas compreenderem. O indivíduo que levava o Jake tinha conhecimento dos restos mortais, pelo que saberia das borboletas e do menino no chão. O meu filho não era nenhum médium. Estava vulnerável e a sentir-se sozinho, e de certeza que alguém lhe falara sobre essas coisas. Alguém com acesso a ele.

Alguém com acesso a ele naquele preciso momento.

— E a polícia? — perguntou a Karen.

— Também não acreditam em mim. — Ela suspirou. — Eu sei — respondi. — Mas eu tenho razão, Karen. E preciso de encontrar o Jake. Não suporto a ideia de que lhe possam fazer mal, de não o ter comigo, de ser tudo culpa minha. Tenho de o encontrar.

Ela ficou em silêncio por instantes, a pensar nas minhas palavras. Depois tornou a suspirar.

— George Saunders — disse ela. — É o único George registado no site da escola. Obtive a morada dele enquanto estiveste lá dentro.

— Meu Deus...

— Eu bem te disse — retorquiu —, sou boa a descobrir coisas.

— Não devias estar a desenhar isso.

A menina parecia nervosa. Andava de um lado para o outro no pequeno quarto do sótão. De vez em quando, parava e baixava o olhar para o desenho de Jake. Não dissera uma única palavra até então, mas isso fora enquanto ele estivera a desenhar a casa com o elaborado jardim, tal como George tinha mandado, copiando a imagem complexa que este desenhara; antes de ter desistido e começado a desenhar um campo de batalha.

Círculos e círculos às voltas.

Campos de força. Ou portais. Não conseguia decidir qual dos dois eram, e talvez não fosse importante. Algo para sua proteção ou por onde escapar: qualquer um serviria. Tudo o que lhe proporcionasse segurança ou o levasse para longe dali, de George, daquela presença terrível que ele sentia a pulsar algures no fundo das escadas. Não tinha a certeza se George trancara a porta ao sair, pelo que pensou que a menina quisesse que ele fosse lá abaixo experimentá-la. Nem pensar! Mesmo com o caminho completamente desimpedido até à porta da rua, de maneira nenhuma ele...

— Por favor, para com isso, Jake.

Ele assim fez. A mão tremia-lhe tanto que mal conseguia segurar o marcador. Pressionara-o com tanta força ao desenhar o portal que o papel começava a rasgar-se.

— Copiei-o o melhor que consegui — respondeu ele. — Não sou capaz.

George dera-lhe quatro folhas para trabalhar, e Jake já utilizara três, na tentativa de reproduzir a imagem da casa com o jardim. Porém, era muito complexa. Uma parte de si desconfiava que George tivesse feito de propósito — que se tratava de um teste, parecido com o teste do pequeno-almoço nojento. Nos testes que tinha na escola, percebia-se que os professores queriam que os alunos passassem, mas não lhe parecia que

George quisesse o mesmo. Quando a professora Shelley o pusera no amarelo, no primeiro dia de aulas, Jake ficara com a sensação de que o fizera um pouco contrariada. Contudo, ao invés, George parecia estar à procura de uma desculpa para o pôr diretamente no vermelho.

Por isso, Jake esforçara-se. Dera o seu melhor. E agora restava uma folha, pelo que estava a desenhar uma batalha. Era bom ser criativo, não era?

O pai gostava sempre dos desenhos dele.

Mas não queria pensar no pai. Recomeçou a desenhar, voltas e mais voltas. Talvez a menina tivesse razão, mas não conseguia parar. Era a única coisa que o impedia de entrar em pânico, embora a sua mão parecesse estar completamente descontrolada. Então, se calhar aquilo era mesmo pânico...

A porta abriu-se ao fundo das escadas.

Voltas e mais voltas.

O som de passos a subir as escadas.

De repente havia tanta tinta na folha que o papel se rasgou. A figura emergiu.

Agora estás em segurança, pensou Jake.

George entrou no quarto.

Estava a sorrir, mas era um sorriso estranho. Parecia que pusera uma máscara de pai, só que a máscara era desconfortável e não lhe servia, e ele queria tirá-la o mais depressa possível. Jake não queria ver o que existia por baixo. Levantou-se, com o coração a tremer-lhe tanto quanto o corpo.

— Ora bem... — George aproximou-se. — Vamos lá ver como é que te saíste. — Deteve-se a pouca distância, a olhar para o desenho. O sorriso dissipou-se. — Mas que merda é essa?!

Jake pestanejou ao ouvir o palavrão e reparou que tinha lágrimas nos olhos. Começara a chorar sem sequer se ter apercebido disso, e a vontade de se deixar levar — de se desmornar e desatar num pranto — era tremenda. Somente a expressão no rosto de George o fez conter-se. George não iria querer ver quaisquer emoções. Se Jake se desmornasse, George esperaria simplesmente até ele terminar e depois dar-lhe-ia um verdadeiro motivo para chorar.

— Não foi isso que te mandei desenhar.

— Mostra-lhe os outros — apressou-se a dizer a menina.

Jake esfregou os olhos e apontou para os desenhos que ele lhe tinha mandado fazer.

Quero o meu pai.

— Dei o meu melhor — disse ele. — Não fui capaz.

George baixou o olhar, examinando os desenhos com uma expressão vazia. O quarto ficou em silêncio durante alguns segundos, um zunido ameaçador no ar.

— Não são suficientemente bons.

Jake não pôde evitar sentir-se magoado com o comentário. Sabia que não tinha muito jeito para desenhar, mas o pai dizia sempre que gostava dos desenhos porque...

— Dei o meu melhor.

— Não, Jake. Pelos vistos não deste. Porque desististe, não foi? Tinhas mais uma folha para treinar e decidiste fazer... isto. — George acenou com a mão para a cena de batalha. — Nesta casa, as coisas custam dinheiro. Não se podem desperdiçar.

— Pede-lhe desculpa — disse a menina.

— Desculpe, senhor.

— As desculpas evitam-se, Jake. Evitam-se! — George fitava-o com um ar muito sério. Parecia estar a fazer um esforço para se controlar, pois tinha as mãos a tremer. Jake sabia que o desenho era apenas uma desculpa. No fundo, George queria zangar-se com ele. Tinha as mãos a tremer porque estava a tentar decidir se aquela seria uma infração suficientemente grave. Então decidiu. — Como tal, vais ter de ser castigado.

George ficou completamente estático. A máscara caiu-lhe. Jake viu a bondade e o carinho a desprenderem-se dele, como se tivesse estado sempre a fingir, coisas que podiam ser descartadas com a mesma facilidade com que se despia uma t-shirt. Diante de si, estava agora um monstro.

Jake estava ali sozinho com ele.

E ele iria fazer-lhe mal.

Jake recuou até embater com as pernas contra a pequena cama.

— Quero o meu pai.

— O quê?

— Papá! Quero o meu pai!

George começou a aproximar-se. De súbito, um alarme soou algures lá em baixo e Jake deu um salto. George parou. Virou lentamente a cabeça para trás e espreitou para as escadas. O resto do seu corpo continuava voltado para Jake.

Não era um alarme, constatou Jake.

Alguém estava a tocar à campainha.

Francis entrou rapidamente no seu quarto, no primeiro andar, a ferver de raiva, e vestiu um roupão branco. Para todos os efeitos, estava doente. Tentou acalmar-se o suficiente para disfarçar a ira que sentia. Mas era bom mantê-la à flor da pele, acessível. Talvez viesse a precisar dela.

A merda da campainha.

Continuava a tocar.

Dirigiu-se para o piso de baixo. Não podia ser a polícia, concluiu. Se algo os tivesse conduzido à sua porta, a chegada deles seria muito menos discreta do que aquilo. Espreitou pelo pequeno óculo da porta da rua, a campainha soando-lhe alto e incessantemente ao ouvido. O vidro conferia uma visão olho de peixe dos degraus e do jardim, e viu Tom Kennedy a carregar na campainha, com uma expressão de determinação desvairada no olhar. Francis encolheu-se ligeiramente. Como é que Tom Kennedy o descobrira, porra?! O que poderia tê-lo trazido ali, sem a polícia?

E por que motivo haveria de querer o filho de volta?

Francis afastou-se da porta. Não havia necessidade de abrir — com certeza Tom Kennedy acabaria por se ir embora. Era uma loucura pensar que o homem fosse ficar ali muito mais tempo.

No entanto, a campainha continuava a tocar.

Francis pensou novamente na expressão estampada no rosto de Tom e interrogou-se se o homem não seria realmente louco. Se seria aquilo que perder um filho fazia a uma pessoa, mesmo um filho descaradamente negligenciado como Jake.

Ou talvez ele tivesse interpretado mal as coisas.

Encostou a testa à porta, a escassos centímetros do homem do outro lado, sentindo-lhe a presença como uma dormência na parte frontal do crânio. Seria possível que, na verdade, Jake fosse amado? Que o pai se preocupasse

tanto com ele que o rapto do filho o tivesse levado a tais extremos? Essa ideia provocou uma explosão de perda e de desespero dentro de Francis. Não seria nada justo se assim fosse. Nada daquilo era justo. Os meninos pequenos não eram importantes para ninguém. Sempre o soubera, no fundo, mas agora tinha a certeza. Eram uns seres desprezíveis. Não mereciam nada a não ser...

A campainha continuava a tocar.

— Já vai! — gritou.

Kennedy ouvira-o, com certeza, mas, ainda assim, não parava de tocar à campainha. Francis dirigiu-se rapidamente à cozinha, tirou uma faca pequena e afiada do escorredor da louça e enfiou-a no bolso do roupão. Por fim, a campainha parou de soar. Francis enterrou o sentimento de perda dentro de si e trouxe novamente ao de cima a raiva, mantendo-a à flor da pele.

Livra-te dele.

Trata do miúdo.

Então exibiu a sua expressão mais simpática e foi abrir a porta.

— Já vai!

Fiquei tão surpreendido quando ouvi a voz do outro lado da porta que me esqueci de tirar o dedo da campainha.

Tinha perdido a esperança de que alguém atendesse. Por essa altura, era mais uma questão de não ter outro sítio onde estar e nada mais para fazer. Nem sequer sabia há quanto tempo estava ali parado. Concentrara-me apenas em tocar à campainha, como se, ao continuar a premi-la, pudesse de alguma maneira salvar o Jake.

Dei um passo atrás, virei-me e olhei para a Karen. Ela estava à espera dentro do carro, observando-me, ansiosamente, de telemóvel encostado ao ouvido. Insistira em ligar para a polícia, pelo que eu lhe deixara os contactos da inspetora Beck. Estava a olhar para mim, abanando a cabeça.

Virei-me novamente para a porta, sem saber o que iria acontecer a seguir. Estava cheio de adrenalina desde que vasculhara a Caixa das Coisas Especiais do Jake, e, agora que me encontrava ali, não fazia a mínima ideia do que iria dizer ao George Saunders, ou o que faria.

Ouvi uma chave a rodar na fechadura.

A imagem do meu pai na noite anterior assomou-me à mente. Os ferimentos que lhe tinham sido infligidos. Era um homem em boa forma física e perfeitamente capaz, e, no entanto, a pessoa que o atacara dominara-o com toda a facilidade. Ele estava desarmado e talvez tivesse sido apanhado de surpresa, mas, ainda assim... que hipóteses teria eu?

Não ponderara esse facto.

A porta abriu-se.

Estava à espera de encontrar uma corrente de segurança, com o Saunders apenas meio visível, talvez espreitando para a rua com um ar culpado, mas abriu a porta toda para trás, num gesto confiante, e fui, de imediato,

apanhado de surpresa pelo aspeto dele. Era um jovem perfeitamente vulgar, e, embora eu julgasse que teria uns 20 e tal anos, parecia ser bastante mais novo. Havia algo de ameninado nele. Tive a sensação de nunca ter visto ninguém com um ar tão inofensivo.

— É o George Saunders? — perguntei-lhe.

Ele assentiu com a cabeça, com um ar meio ensonado, e fechou melhor o roupão branco que trazia. Tinha o cabelo preto despenteado, e a expressão no seu rosto indicava que acabara de acordar, e que estava, simultaneamente, admirado e ligeiramente irritado por isso.

— Trabalha na Escola Primária Rose Terrace, certo?

Fitou-me com os olhos semicerrados.

— Sim. Exato.

— O meu filho anda lá. Acho que lhe dá aulas.

— Ah. Bom, mas eu não dou aulas. Sou apenas um auxiliar.

— Do terceiro ano. Jake Kennedy.

— Certo. Sim, acho que ele está na minha turma. Mas o que eu quis dizer foi que vai ter de falar com a professora dele. — Franziu o sobrolho, mas mais pela confusão, por estar ensonado, do que propriamente por desconfiança, como se a ideia lhe tivesse ocorrido nesse instante. — E com a escola. Como é que obteve a minha morada?

Olhei para ele. Tinha o rosto pálido e tremia ligeiramente, não obstante o calor da manhã. Aparentava estar realmente doente. E sim, um pouco perturbado com a minha presença, mas não preocupado por ser eu em particular. Apenas pouco à vontade por ter um pai a bater-lhe à porta.

— Não é um assunto relacionado com a escola — respondi-lhe.

— Então do que se trata?

— O Jake está desaparecido. — O Saunders abanou a cabeça, sem compreender. — Alguém o levou. Tal como fizeram ao Neil Spencer.

— Oh, meu Deus! — Parecia genuinamente chocado. — Lamento imenso. Quando é que...?

— Ontem à noite.

— Oh, meu Deus! — repetiu, fechando os olhos e esfregando a testa. — Isso é terrível. Terrível! Não tenho tido grande contacto com o Jake, mas ele

parece ser um miúdo porreiro.

E é, pensei.

Reparei que o Saunders empregava o tempo presente, pelo que comecei a duvidar das minhas suspeitas iniciais. A prova que me conduzira ali era pouco sólida, e o Saunders tinha cara de não fazer mal a uma mosca. De ser incapaz de o fazer, até. Além de que parecia genuinamente surpreendido com a notícia de que o Jake fora raptado — o homem estava claramente apoquentado.

Ergui o desenho da borboleta.

— Foi você que desenhou isto para ele?

O Saunders examinou-o.

— Não. Nunca o tinha visto.

— Não foi você que desenhou isto?

— Não.

Ele recuou. Eu segurava o papel no ar, a minha mão trémula, e ele estava a reagir exatamente como qualquer pessoa reagiria perante um homem assim, à porta de sua casa.

— E o menino no chão? — perguntei-lhe.

— O quê?

— O menino no chão.

Olhou fixamente para mim, claramente horrorizado. Era o tipo de horror que resultava da constatação gradual de que estava a ser acusado de algo. E, se estava a mentir, era um ator fenomenal.

Isto foi um erro, pensei.

Mas fosse como fosse...

— Jake! — gritei para lá dele.

— O que é que está...?

Encostei-me à ombreira da porta, o meu peito quase a tocar no peito dele, e tornei a gritar.

— Jake!

Não obtive resposta.

Após alguns segundos de silêncio, o Saunders engoliu em seco. O som foi tão alto que o ouvi.

— Sr... Kennedy?

— Sim.

— Compreendo que esteja transtornado, a sério que sim. Mas está a assustar-me. Não sei o que é que se passa, mas acho melhor ir-se embora.

Olhei para ele. O medo era visível no seu olhar e pareceu-me verdadeiro. O corpo dele estava paralisado numa postura retraída. Era o tipo de homem tímido que se amedrontaria com um simples berro, e parecia que eu estava quase a conseguir aterrorizá-lo.

O Saunders estava a dizer a verdade.

O Jake não estava ali, e eu...

E eu...

Recuei também.

Senti-me perdido, completamente perdido. Fora um erro ter ido ali. Deveria fazer o que me tinham mandado e regressar à casa da Karen, antes que causasse mais danos, antes que lixasse as coisas, ainda mais do que já estavam.

— Peço desculpa — disse-lhe.

— Sr. Kennedy...

— Peço desculpa. Vou-me já embora.

«Espera aqui.»

Que outra opção tinha ele? Nenhuma.

Jake estava sentado na cama, as mãos agarradas ao rebordo. Quando George se retirara, trancara a porta do fundo das escadas. A campainha ainda estava a tocar nessa altura. O som continuara durante mais ou menos um minuto, até que cessara por fim, pelo que Jake partira do princípio de que George fora atender e que, provavelmente, ainda estaria a falar com a pessoa que tocara à campainha. Caso contrário, certamente já teria voltado. Para fazer o que planeara fazer antes de a pessoa ter aparecido.

Talvez já não o faça se eu me portar bem, pensou ele.

Se ficasse ali sossegado, à espera, talvez George gostasse novamente dele.

— Sabes que isso não é verdade, Jake. — Ele virou a cabeça para o lado. A menina estava sentada ao pé de si, na cama, e exibia novamente uma expressão muito séria, embora ligeiramente diferente. Parecia assustada, mas, ao mesmo tempo, determinada. — Ele é um homem mau — disse ela — e quer fazer-te mal. E vai fazer-te mal se o deixares.

Jake tinha vontade de chorar.

— Como é que o posso impedir?

Ela esboçou um leve sorriso, como se ambos soubessem a resposta a essa pergunta. Não, não, não! Jake olhou para o canto do quarto, onde o pequeno corredor conduzia às escadas. De maneira nenhuma conseguiria descer. Não era capaz de encarar o que poderia estar à sua espera ao fundo das escadas.

— Não sou capaz!

— Mas e se for o teu pai à porta?

Um pensamento que Jake mal se atrevera a considerar. Que o pai talvez quisesse realmente encontrá-lo, que de alguma forma

o encontrara, e estava agora lá em baixo.

Era bom demais para ser verdade.

— O meu pai teria vindo cá acima buscar-me.

— Só se soubesse que estás aqui. Ele pode não ter a certeza. — Ela ficou pensativa. — Talvez devesse encontrar-te com ele a meio caminho.

Jake abanou a cabeça. Era pedir demasiado dele.

— Não sou capaz de ir lá abaixo.

A menina ficou em silêncio por alguns instantes.

— Fala-me do pesadelo — pediu ela, em surdina. Jake fechou os olhos com força. — Tem que ver com teres encontrado a tua mãe, não tem?

— Sim.

— E nunca o contaste a ninguém, nem mesmo ao teu pai, porque é muito assustador. Mas podes contar-mo a mim.

— Não posso.

— Podes, sim — sussurrou-lhe ela. — Eu ajudo-te. Entras na sala e a casa parece estar vazia. O teu pai não está lá, pois não? Ainda está lá fora. Por isso, atravessas a sala.

— Não continues — pediu-lhe Jake.

— Está sol. — Ele cerrou os olhos com força, mas de nada serviu. Recordou o ângulo de luz do Sol a entrar pela janela das traseiras da casa antiga. — Caminhas muito devagar, porque sentes que algo está errado, que falta alguma coisa. Por alguma razão, já o sabes.

Jake conseguia, agora, ver a porta das traseiras, a parede, o corrimão.

Tudo revelado por etapas.

E depois...

— E depois vê-la — disse a menina. — Não é?

Aquilo não era um pesadelo, pelo que não havia maneira de acordar e impedir a imagem de aparecer. Sim, via a mãe. Estava deitada, ao fundo das escadas, a cabeça virada de lado e a face encostada à alcatifa. Tinha o rosto pálido, ligeiramente azulado até, e os olhos fechados. Fora um ataque cardíaco, explicara-lhe o pai mais tarde, o que não fazia muito sentido, pois era algo que acontecia às pessoas mais velhas. Mas o pai dissera-lhe que, às vezes, acontecia também às pessoas mais novas se o coração delas fosse

demasiado... E então calara-se e começara a chorar. Ambos haviam chorado.

Mas isso fora depois. Naquele instante, Jake ficara parado, assimilando o que estava a ver de uma maneira que a sua mente não conseguia compreender porque as emoções eram demasiado fortes.

— Eu vi-a — disse ele.

— E...?

— E era a minha mãe.

Simplesmente, a mãe. Não um monstro. O que havia de monstruoso era o que ele sentira e o que aquilo significara. Naquele momento, tivera a sensação de que era uma parte dele que estava ali estendida no chão, em vez dela, e que jamais seria capaz de descrever o mundo de emoções que explodira dentro de si, tão imenso como quando o big-bang criara o universo.

Mas era simplesmente a mãe. Não precisava de ter medo dela.

— Temos de ir lá abaixo agora. — A menina pousou-lhe a mão no ombro. — Não precisas de ter medo.

Jake abriu os olhos e fitou-a. Ela continuava ali, de alguma forma mais real do que antes, e ele teve a sensação de nunca ter conhecido ninguém que o amasse tanto quanto ela.

— Vens comigo? — pediu ele.

Ela sorriu.

— Claro que sim. Sempre, giraço. — Levantou-se e agarrou as mãos dele, puxando-o para cima. — O que é que estamos a ser? — perguntou-lhe.

— Peço desculpa. Vou-me já embora.

Nem sequer tinha a certeza a quem é que estaria a pedir desculpa. Ao Saunders, calculei, por lhe ter aparecido à porta de casa daquela maneira, acusando-o, assustando-o, sem quaisquer provas concretas. Porém, o pedido de desculpa ia além disso. Era um pedido de desculpa ao Jake. À Rebecca. A mim próprio, até. De certa forma, desiludira-nos a todos.

Olhei para trás, para a Karen. Continuava com o telemóvel encostado ao ouvido, mas abanou novamente a cabeça.

— Ouça — disse o Saunders, num tom cauteloso —, não há problema. Como já disse, compreendo que esteja transtornado. Nem imagino aquilo por que está a passar neste momento. Só que... — Calou-se.

— Eu sei — respondi.

— Não tenho qualquer problema em falar com a polícia. E espero que o encontre. Ao seu filho. Espero que tudo não tenha passado de um equívoco.

— Obrigado.

Acenei com a cabeça e estava prestes a regressar ao carro quando ouvi um barulho vindo algures do interior da casa, atrás de mim. Detive-me. Virei-me novamente para o Saunders. Tratava-se de um martelar surdo e ouvia-se alguém a gritar, mas era demasiado indistinto, quase impercetível.

O Saunders também o ouvira. A expressão no seu rosto mudara e já não parecia tão doente, nem frágil, nem inofensivo. Era como se toda a benevolência dele não passasse de um disfarce que, entretanto, lhe caíra, e eu agora estivesse a olhar para algo totalmente alienígena.

Ele fechou rapidamente a porta.

— Jake!

Galguei o degrau mesmo a tempo de enfiar a perna na entrada. A porta bateu dolorosamente na parte lateral do meu joelho, mas ignorei a dor e

empurrei-a com força, apoiando uma mão na ombreira e as costas à madeira, investindo o mais possível. O Saunders arfava, do outro lado, fazendo pressão contra mim, mas eu era maior do que ele, e a explosão súbita de adrenalina tornava-me ainda mais forte.

O Jake estava algures no interior daquela casa, e, se não o conseguisse salvar, aquele homem iria matá-lo. O Saunders não tinha como escapar desta, nem tentaria. Mas, se impedisse a minha entrada, ainda poderia fazer mal ao meu filho.

— Jake!

De repente, deixei de sentir resistência.

Certamente o Saunders afastara-se. A porta abriu-se toda para trás e entrei de rompante na sala de estar, meio de encontro a ele, meio a cair. Acertou-me no flanco sem grande convicção, quando choquei contra ele, e depois cambaleou para trás, e tombámos pesadamente no chão, eu em cima do Saunders, a sua cabeça de lado, nas tábuas do soalho, e o meu braço direito sobre o maxilar dele. A minha mão esquerda imobilizava-lhe o braço direito no chão, na zona do cotovelo. O corpo dele içou-se, tentando afastar-me, mas eu era maior do que ele, e, de repente, tive a certeza de que o conseguiria dominar.

Porém, então, ele fez novamente força com o corpo de encontro a mim e apercebi-me da mão dele de lado, no sítio onde me acertara antes de forma tão inconsequente, e senti uma dor nesse ponto. Não chegava a ser avassaladora, mas era nauseante e terrível. Profunda, interna, errada. Olhei de relance para baixo e vi o punho dele, ainda encostado a mim, e o sangue que começava a ensopar o roupão branco que ele envergava.

A faca que empunhava estava cravada algures no meu corpo. Quando ele se insurgiu contra mim, gritando de raiva, gritei também.

— Jake!

Não tinha a certeza se gritara, de facto, ou se simplesmente o pensara.

O Saunders tinha os dentes a escassos centímetros do meu rosto, cuspidando e tentando morder-me. Exerci pressão sobre ele, a minha visão começando a fragmentar-se em pequenas estrelas nos cantos dos olhos. Depois, quando tornou a içar-se, a lâmina mexeu-se com ele e as estrelas explodiram. Se o

deixasse levantar-se, matar-me-ia, e, em seguida, mataria o Jake, pelo que fiz ainda mais força sobre ele. A faca tornou a mexer-se, a explosão de estrelas dando lugar a uma luz branca que preencheu gradualmente a minha visão. Porém, não podia permitir que se levantasse. Mantê-lo-ia no chão até que me matasse.

Jake.

As pancadas e os gritos continuavam a fazer-se ouvir algures por cima de mim. Agora já conseguia perceber as palavras. O meu filho estava lá em cima, a chamar por mim.

Jake.

As estrelas desapareceram, e a luz branca tomou conta de mim.

Desculpa.

A adrenalina tinha a capacidade de nos despertar.

Francis Carter, pensou Amanda.

Ou David Parker, ou lá o que fosse que ele se chamava agora.

Na esquadra, pesquisara todos os funcionários da escola, à procura de um homem nos seus 20 e tal anos. Havia quatro homens a trabalharem lá, incluindo o segurança, mas somente um deles tinha sensivelmente a idade pretendida. George Saunders tinha 24 anos, ao passo que Francis Carter teria 27. Contudo, no que tocava à aquisição de identificação falsa, bastava que a idade fosse aproximada.

Saunders fora questionado após o desaparecimento de Neil Spencer e a conversa não levantara quaisquer suspeitas. Ela lera a transcrição do depoimento. Saunders parecera culto e convincente. Não tinha um álibi para a hora exata do rapto, mas isso era compreensível. Não tinha cadastro nem houvera quaisquer indícios do seu envolvimento — nada que justificasse uma investigação.

Porém, uma nova pesquisa revelara que o verdadeiro George Saunders morrera há três anos.

A realidade parecia mais nítida quando Amanda chegou à rua da casa-alvo. Estacionou logo ao início, um pouco afastada da casa, diante de uma propriedade que parecia estar abandonada, e uma carrinha estacionou atrás dela. Outros dois veículos aproximaram-se, vindos da direção oposta, parando a uma curta distância, no início da colina. Mantiveram-se todos longe do campo de visão da casa para que, caso Saunders espreitasse pela janela nesse momento, não visse nada. Era um pormenor importante. A última coisa que queriam era que se barricasse lá dentro, e acabassem a ter de lidar com uma situação de refém.

Não que as coisas fossem chegar a esse ponto, pensou ela. Se Saunders se

visse encurralado, simplesmente mataria Jake Kennedy.

O telemóvel dela tocara durante todo o percurso. Pegou nele. Quatro chamadas não atendidas. As primeiras três eram de um número desconhecido. A quarta era do hospital, o que significava que havia novidades em relação a Pete.

Algo esmoreceu dentro de si. Recordou quão determinada se sentira na noite anterior — que não perderia Pete, que encontraria Jake Kennedy. Que disparate ter pensado nesses termos. Contudo, pôs esses sentimentos de lado, recompondo-se, pois, de momento, só poderia fazer algo em relação a uma dessas coisas.

Não vou perder outra criança debaixo do meu nariz.

Saiu do carro.

A rua estava silenciosa. Parecia praticamente deserta, uma zona da cidade que estava a morrer aos poucos durante o sono. Ouvia a porta lateral da carrinha atrás de si a abrir-se, seguindo-se o som de sapatos no alcatrão. Ao fundo da colina, os agentes reuniam-se no passeio. O plano consistia em ela ir à frente, claramente sozinha, na tentativa de que Francis abrisse a porta e lhe permitisse o acesso ao interior da propriedade. Assim que isso acontecesse, suceder-se-ia um frenesi de atividade e ele seria dominado em três tempos.

Porém, então, Amanda vislumbrou o carro de Karen Shaw estacionado adiante, e, ao descer a rua, reparou que a porta da casa de George Saunders se encontrava aberta, pelo que desatou a correr.

— Avancem!

Atravessou o jardim da frente, subiu o caminho de acesso à casa e transpôs a porta para o que parecia ser uma sala de estar. Havia uma confusão de corpos no chão, sangue por todo o lado, mas não era óbvio quem estava ferido e quem não estava.

— Ajude-me, por favor!

Tratava-se de Karen Shaw. Amanda aproximou-se dela. Shaw estava ajoelhada em cima de um dos braços de Francis Carter, tentando imobilizá-lo. Entre ambos, Tom Kennedy encontrava-se deitado sobre Carter. Este estava completamente dominado, os olhos fechados com força, tentando

desesperadamente mexer-se, embora o peso dos dois oponentes fosse suficiente para o manter imobilizado.

Algures por cima deles, Amanda ouviu o som de pancadas e gritos.

— Papá! Papá!

Um sem-fim de agentes entrou imediatamente atrás dela, tomando conta do local.

— Não lhe mexam! — gritou-lhes Karen. — Foi esfaqueado.

Amanda viu a quantidade de sangue que ensopava o roupão de Carter. Tom Kennedy estava completamente imóvel. Não conseguia ver se estava vivo ou não.

Se o perdesse também...

— Papá! Papá!

Quanto àquilo, pelo menos, poderia realmente fazer alguma coisa.

Subiu as escadas a correr.

PARTE SEIS

Pete lembrava-se de ter ouvido dizer que, quando morríamos, o filme da nossa vida nos passava diante dos olhos.

Era um facto, percebia agora, mas acontecia também imensas vezes enquanto estávamos vivos. A rapidez com que as coisas se desenrolavam, pensou. Em menino, maravilhou-se com a expectativa de vida das borboletas e dos efémeros, alguns deles permanecendo vivos somente alguns dias ou mesmo algumas horas, o que lhe parecera inimaginável. Porém, agora compreendia que o mesmo se aplicava a tudo — era apenas uma questão de perspectiva. Os anos acumulavam-se cada vez mais depressa, como amigos de braço dado numa roda cada vez maior, rodando mais depressa à medida que a meia-noite se aproximava. Depois, de repente, acabava-se.

Começava a desenrolar-se ao contrário, passando diante dos nossos olhos, como estava a acontecer com ele nesse momento.

Baixou o olhar para uma criança que dormia tranquilamente num quarto mal iluminado pela luz ténue que provinha do corredor. O menino estava deitado de lado, o cabelo puxado para trás da orelha, uma mão em cima da outra, à frente do rosto. Tudo estava calmo. Uma criança, quente e amada, dormia em segurança e sem medo. Um livro antigo, aberto, estava pousado no chão, junto à cama.

O teu pai, quando era miúdo, também gostava destes livros.

Depois viu uma estrada rural tranquila. Era verão, e o mundo inteiro estava em flor. Olhou em redor, piscando os olhos. As sebes que ladeavam o piso de alcatrão quente eram lustrosas e cheias de vida, e as árvores abraçavam-se lá no alto, as suas folhas formando uma copa única que coloria o mundo com tons de lima e limão. Borboletas esvoaçavam sobre os campos. Que bonito era! Estivera demasiado concentrado noutras coisas

para reparar — demasiado ocupado a olhar sem ver. Agora via com tanta clareza que se interrogou sobre como pudera andar tão distraído, a ponto de tudo aquilo lhe ter passado despercebido.

Ali — um flash —, uma cena tão abominável que a sua mente se recusou a tolerá-la. Ouviu o zunido nasal das moscas que se deslocavam aleatoriamente no ar carregado de aroma a vinho e viu um sol zangado a fitar as crianças no chão, que, entretanto, já não eram crianças. Depois, por alguma razão, misericordiosamente, o tempo recuou mais depressa. Deu um passo atrás. Uma porta fechou-se com força. O clique de um cadeado.

Ninguém deveria ser obrigado a espreitar o Inferno, uma vez que fosse.

Não havia necessidade de voltar a deparar-se com aquilo.

Agora via uma praia. A areia debaixo das suas pernas era macia e fina como seda, quente do Sol branco e luminoso que parecia encher o céu lá em cima. Diante de si, o mar era uma espuma de penas prateadas. Uma mulher estava sentada tão perto que ele sentia os minúsculos pelos do braço dela a roçar-lhe na pele. Na outra mão, segurava uma máquina fotográfica, apontando-a a ambos. Ele fez os possíveis para sorrir, semicerrando os olhos por causa da luz. Era tão feliz — na altura não tivera essa noção, mas era-o. Amava-a tanto, mas, por algum motivo, nunca soubera como o exprimir. Agora já sabia; era muito simples. Depois de ela tirar a fotografia, virou a cabeça para a fitar e permitiu-se sentir as palavras, enquanto as proferia.

— Amo-te.

Ela sorriu-lhe.

Agora via uma casa. Era atarracada, feia e carregada de ódio, à semelhança do homem que residia nela, e, embora não quisesse lá entrar, não tinha outro remédio. Era pequeno — novamente criança — e aquela era a sua casa. A porta da rua fez barulho e a alcatifa soprou poeira debaixo dos seus pés. O ar estava cinzento e carregado de ressentimento. Na sala de estar, um idoso antipático encontrava-se sentado numa poltrona junto à lareira aberta, a barriga tão dilatada sob a camisola suja que pousava em cima das coxas. O homem fez um esgar. Era a sua expressão do costume, quando exhibia alguma expressão sequer.

Que desilusão Pete era! Tinha perfeita noção de quão inútil era, de que nada do que fazia era suficientemente bom.

Mas isso não era verdade.

Tu não me conheces, pensou. Nunca conheceste.

Em criança, o pai fora uma língua que ele não conseguira falar, mas agora dominava-a. O homem desejara que ele fosse outra pessoa, e isso deixara-o muito confuso. Porém, com o tempo, o pai tornara-se um livro aberto, e Pete sabia que nada daquilo tivera que ver consigo. Ele era um livro completamente distinto do livro que era o pai, e sempre o fora. Apenas precisara de ser ele próprio, mas demorara algum tempo — demasiado tempo — a compreendê-lo.

Agora via o quarto de uma criança, pequeno e sem janelas, apenas o dobro da largura de uma cama de solteiro.

Deitou-se, inspirando profundamente o odor subitamente familiar dos lençóis e da almofada. A manta reconfortante do seu berço estava enfiada entre o colchão e a madeira. Num gesto instintivo, pegou nela, enrolando uma ponta do tecido macio na mão, levando-a ao rosto, fechando os olhos e inspirando o seu odor.

Aquilo era o fim, constatou.

O emaranhado da sua vida fora desembaraçado e disposto como uma tapeçaria diante de si, e agora via e compreendia tudo com clareza, tudo tão óbvio, em retrospectiva.

Desejou poder ter tudo aquilo outra vez.

Agora via uma porta a abrir-se. Um ângulo de luz proveniente do velho corredor incidiu sobre Pete. Um outro homem entrou timidamente no quarto, movimentando-se lenta e cuidadosamente, com um leve coxear, como se estivesse magoado e o corpo lhe doesse. O homem acercou-se da cama e, com dificuldade, ajoelhou-se.

Após ter observado Pete a dormir durante alguns segundos, sem saber muito bem o que fazer, tomou finalmente uma decisão. Inclinou-se sobre ele e abraçou-o o melhor que conseguiu.

Embora Pete estivesse mergulhado em sonhos profundos, sentiu esse abraço, ou pelo menos imaginou que o sentiu, e, por momentos, soube-se

compreendido e perdoado. Como se um ciclo se tivesse completado, ou algo tivesse sido encontrado.

Como se uma parte que lhe faltava tivesse por fim sido devolvida.

Amanda tinha a carta à sua espera quando chegou a casa, mas não a abriu de imediato.

A julgar pelo carimbo da Prisão de Whitrow, era óbvia a sua procedência, e ela não estava com vontade de lidar com isso naquele momento.

Frank Carter assombrara Pete durante 20 anos — fazendo jogos com ele, atormentando-o —, e, de modo algum, tencionava ler as suas palavras a regozijar-se, em especial no dia da morte de Pete. Não que Carter pudesse ter tido conhecimento disso quando lhe enviara a carta, claro, mas, na verdade, de alguma maneira, o homem parecia saber tudo.

Bardamerda para ele! Ela tinha coisas mais interessantes e importantes para fazer.

Deixou a carta em cima da mesa da sala de jantar, serviu-se de uma boa quantidade de vinho e ergueu o copo no ar.

— À tua, Pete — disse, em voz baixa. — Boa viagem.

Não conseguiu evitar começar a chorar, o que era ridículo. Nunca fora muito dada às lágrimas. Sempre se orgulhara de ser calma e imparcial, mas aquela investigação mudara-a. Além disso, não estava ali ninguém a assistir, pelo que não fazia mal nenhum deixar-se levar pelas emoções. Sabia-lhe bem. Nem sequer estava a chorar por causa de Pete, percebeu pouco depois; estava a libertar todas as emoções dos últimos meses.

Por Pete, sim. Mas também por Neil Spencer. Por Tom e Jake Kennedy.

Por tudo isso.

Era como se tivesse estado a suster a respiração há várias semanas, e o choro agora fosse uma exalação profunda de que tanto necessitava.

Bebeu o vinho e serviu-se de mais um copo.

Depois de ter falado com Tom e de saber o que sabia agora, calculava que embebedar-se não seria propriamente do agrado de Pete. Mas ele tê-la-ia

compreendido. Aliás, conseguia imaginar perfeitamente o olhar solidário que ele lhe lançaria se a pudesse ver nesse momento, semelhante a tantos outros olhares que lhe lançara. Uma expressão que dizia: «Já passei por isso e compreendo perfeitamente, mas não é algo de que possamos falar, pois não?»

Ele compreenderia, sim. O caso do Homem dos Sussurros ocupara os últimos 20 anos da sua vida. Depois de tudo o que se passara, o mais certo seria acontecer-lhe o mesmo a ela se não tivesse cuidado. Porém, talvez não houvesse problema — talvez fizesse parte do destino. Algumas investigações permaneciam connosco, cravando-nos as garras e agarrando-nos com força, pelo que as arrastaríamos sempre atrás de nós, por muito que tentássemos livrar-nos delas. Antes dessa investigação, Amanda fora sempre da opinião de que seria impermeável a todas essas coisas — que subiria na carreira como Lyon e que jamais carregaria um fardo como Pete —, mas agora conhecia-se a si própria um pouco melhor. Aquilo era algo que carregaria consigo durante muito tempo. Era esse o tipo de agente da polícia que se tornara. Não era, de todo, o tipo de agente sensato.

Paciência.

Bebeu o vinho de um gole e serviu-se de um terceiro copo.

Havia também aspetos positivos aos quais se agarrar, claro, e, não obstante tudo o resto, era importante fazê-lo. Jake Kennedy fora encontrado a tempo. Francis Carter estava na prisão. E ela seria, para sempre, a mulher que o capturara. Trabalhara arduamente, fazendo os possíveis e os impossíveis para o conseguir, e estivera à altura. Quando o momento chegara, fizera tudo o que fora necessário.

Por fim, mentalizou-se e abriu a carta. Já estava embriagada o suficiente para não se deixar incomodar com o que Frank Carter pudesse ter a dizer. Que importância tinha ele? Aquele merdas que escrevesse à vontade! As palavras dele jamais a afetariam, além de que ele continuaria a apodrecer na cadeia, enquanto ela continuaria deste lado. Aquilo em nada se assemelhava à situação que existira com Pete. Carter não tinha qualquer vantagem sobre ela. Não tinha como a magoar.

Deparou-se com uma única folha de papel, quase vazia.

E as palavras que Carter escrevera:

«Se o Peter ainda conseguir ouvir, agradeça-lhe por mim.»

Francis estava sentado na sua cela, à espera.

Passara aquelas últimas duas semanas na prisão num estado de antecipação, mas algo no mundo fizera um clique nesse dia, e ele percebera que chegara finalmente a hora. Depois de as luzes terem sido apagadas, ficou pacientemente sentado no beliche, em plena escuridão, ainda completamente vestido, as mãos pousadas sobre as coxas. Ouvia os ecos metálicos e os sons dos outros presos a esmorecer gradualmente à sua volta. Fitou quase cegamente os tijolos da parede em frente.

À espera.

Era um adulto, e não tinha medo nenhum.

Mas eles haviam feito os possíveis para que tivesse, claro. Quando chegara à prisão, os guardas mostraram-se profissionais, mas não conseguiram, ou não quiseram, disfarçar o ódio que sentiam por ele. Afinal, Francis matara um menino pequeno e — possivelmente ainda pior aos olhos deles — um polícia. A revista corporal que lhe fizeram fora excessivamente agressiva. Uma vez que estava em prisão preventiva, devia ficar separado dos presos condenados, mas tinha havido imensas pancadas na sua porta, bem como ameaças sibiladas e sussurradas no passadiço lá fora. À exceção de um ou outro grito para que se calassem, os guardas tinham-lhe parecido entediados e pouco fizeram para conter a situação. Francis tinha a sensação de que estavam a divertir-se.

Eles que se divertissem à vontade.

Ficou à espera. A cela estava quente, mas sentiu um arrepio na pele e o corpo tremia-lhe ligeiramente. Mas não de medo.

Porque ele era um adulto, e não tinha medo nenhum.

A primeira vez que vira o pai fora uma semana antes, na cantina da prisão. Mesmo durante as refeições, Francis fora mantido afastado dos

outros reclusos, pelo que ficara sentado sozinho a uma mesa, com um guarda a vigiá-lo enquanto comia a porcaria de comida que lhe fora dada. Francis estava convencido de que lhe davam as porções mais nojentas, mas, se assim fosse, quem ria por último ria melhor. Ele já comera bem pior. E sobrevivera a maus-tratos piores do que aqueles. Enquanto enfiava uma colherada de puré de batata gelado na boca, dissera a si próprio, pela centésima vez, que aquilo não passava de um teste. Iria suportar tudo o que lhe fizessem. Iria ser capaz de...

Então virara a cabeça e vira o pai.

Frank Carter entrara na cantina como se fosse dono da prisão, baixando ligeiramente a cabeça, a sua presença imediatamente imensa na sala. Um homem gigante. Os guardas, na sua maioria bastante mais baixos do que ele, mantinham uma respeitosa distância. Um grupo de outros reclusos flanqueava-o, envergando fardas prisionais cor de laranja, mas o pai destacava-se entre eles, claramente o líder do grupo. Não parecia ter envelhecido nada. Aos olhos de Francis, parecia quase sobrenaturalmente grande e poderoso, como se, caso quisesse, pudesse atravessar as paredes da prisão e emergir ileso, somente coberto de poeira. Como se fosse capaz de tudo.

— Despacha-te, Carter. — O guarda dera-lhe um toque nas costas. Francis comera o puré, convencido de que o homem em breve iria arrepender-se daquele gesto. Porque o pai dele era rei ali dentro e isso significava que Francis pertencia à realeza. Enquanto comia, lançava olhares sub-reptícios para a mesa onde o pai estava a ser bajulado pela respetiva corte. Esses reclusos davam gargalhadas, mas estavam demasiado longe para Francis conseguir abstrair-se das restantes vozes e ouvir o que estavam a dizer. Porém, o pai dele não estava a rir-se. E, embora parecesse a Francis que, de vez em quando, alguns desses homens olhavam na sua direção, o pai nunca o fizera. Não, Frank Carter ia comendo rapidamente, limpando a barba com o guardanapo e olhando em frente, enquanto mastigava, como se estivesse concentrado em algo importante. — Eu disse para te despachares.

Nos dias que se seguiram, Francis vira o pai em algumas ocasiões, e, de

todas as vezes, acontecera o mesmo. Ficava sempre impressionado com o tamanho do homem — sempre gigante e acima das figuras à sua volta, como um pai rodeado dos filhos. E, de todas as vezes, parecia completamente abstraído de Francis. Ao contrário da seita de homens bajuladores à sua volta, nunca olhava sequer na direção do filho. Porém, Francis sentia-o constantemente. Deitado sozinho na cela, à noite, o pai era uma presença sólida, pulsando, invisível, algures para lá da porta grossa e dos passadiços de metal.

A antecipação fora crescendo aos poucos, até que, nesse dia, ele percebera que chegara o momento.

Sou um adulto, pensou Francis. E não tenho medo nenhum.

A prisão estava silenciosa, como de costume. Ainda se ouviam alguns sons distantes, mas a sua cela estava tão tranquila que conseguia ouvir a própria respiração.

Esperou.

E esperou.

Até que, por fim, ouviu passos a aproximarem-se no passadiço lá fora, um som simultaneamente cauteloso e excitado. Francis levantou-se, escutando com mais atenção, o coração a bater, esperançoso. Era mais do que uma pessoa. Ouviu-se uma risada baixa, seguida do som de alguém a mandá-los calar. O tinir de chaves. O que fazia todo o sentido — o pai teria acesso a tudo o que quisesse ali dentro.

Porém, havia algo quase trocista nesse ruído.

No exterior da cela, alguém sussurrou o seu nome.

— Fraaaaaancis.

Uma chave rodou na fechadura.

A porta abriu-se.

Frank Carter entrou na cela, a figura robusta do homem a ocupar toda a entrada. A escassa luz permitia a Francis vislumbrar somente o rosto do pai, ver a expressão dele, e...

E...

Ele era novamente uma criança.

E estava apavorado.

Francis lembrava-se perfeitamente daquela expressão do pai. Era a expressão que sempre tivera quando aparecia no seu quarto, à noite, e o mandava levantar-se e descer as escadas, pois queria mostrar-lhe uma coisa. Nessa altura, o ódio que via nele estava refreado pela necessidade e direcionado a outros, em vez de a ele. Porém, ali, naquele momento, não havia, finalmente, necessidade para mais refreamentos.

Ajudem-me, pensou Francis.

Mas não havia ninguém para o ajudar. Tal como não houvera, tantos anos antes. Não havia ninguém por quem chamar que pudesse vir acudi-lo.

Nunca houvera.

O Homem dos Sussurros caminhou lentamente na sua direção. Com as mãos a tremer, Francis pegou na bainha da sua t-shirt.

Puxou-a para cima, para cobrir o rosto.

— Estás bem, papá?

— O quê? — Acenei com a cabeça. Estava sentado junto à cama do Jake, segurando o *The Power of Three* aberto na última página e fitando o vazio. Tínhamos acabado o livro e distraíra-me. Perdera-me em pensamentos. — Sim, estou bem.

A julgar pela expressão do Jake, era óbvio que não acreditava em mim — e tinha razão, claro. Estava muito longe de estar bem. Porém, não queria contar-lhe como fora ver o meu pai pela última vez naquele dia, no hospital. Com o passar do tempo, talvez o fizesse, mas ainda havia tantas coisas que ele não sabia, e não tinha a certeza se conseguiria encontrar as palavras certas para lhas explicar, para o fazer compreender.

Nada mudara nesse aspeto.

— É este livro. — Fechei-o e passei a mão pela capa, num gesto pensativo. — Não o lia desde criança e trouxe-me recordações. Fez-me sentir como se tivesse novamente a tua idade.

— Não acredito que alguma vez tenhas tido a minha idade.

Dei uma risada.

— Custa a acreditar, não é? Abracinho? — O Jake afastou o lençol para trás e ergueu-se. Pousei o livro enquanto ele se instalava sobre o meu joelho. — Cuidado...

— Desculpa, papá.

— Tudo bem. Estou só a lembrar-te.

Haviam decorrido quase duas semanas desde os meus ferimentos às mãos do George Saunders, um homem que eu agora sabia ter-se chamado, em tempos, Francis Carter. Ainda não tinha bem a noção de quão perto estivera de morrer naquele dia. Nem sequer me lembrava da maioria dos acontecimentos. Muito do que ocorrera naquela manhã era uma confusão na

minha mente, como se o pânico que experienciara os tivesse encoberto, impedindo-me de os memorizar. O primeiro dia no hospital fora idêntico; só aos poucos retomara consciência da minha vida. Havia ficado as ligaduras de um lado do corpo, a incapacidade de apoiar corretamente o meu peso no pé desse mesmo lado e uma mão-cheia de impressões que eram pouco mais do que recordações de um sonho: o Jake a gritar por mim, o desespero que eu sentira, a necessidade de conseguir chegar a ele. O facto de ter estado disposto a morrer por ele.

Ele abraçou-me, com cuidado. Ainda assim, tive de fazer um esforço para não me retrair. Sentia-me grato por ele não precisar que o levasse ao colo para o piso de cima nesta casa. Depois do que acontecera, receara que talvez ficasse mais assustado do que nunca e que esse comportamento regressasse, mas, na verdade, lidara com os horrores daquele dia bem melhor do que eu alguma vez poderia imaginar. Talvez melhor do que eu.

Abracei-o também, o melhor que consegui. Era tudo o que alguma vez poderia fazer.

Depois de ele se ter enfiado novamente na cama, fiquei parado à entrada, a observá-lo por alguns instantes. Parecia tão tranquilo, confortável e seguro, com a Caixa das Coisas Especiais pousada ao seu lado, no chão. Não lhe dissera que tinha espreitado a caixa naquela manhã, nem lhe falara sobre o que encontrara lá dentro, ou a verdade em relação à menina. Isso era outra coisa para a qual, pelo menos por enquanto, eu não tinha palavras.

— Boa noite, filhote. Adoro-te.

Ele bocejou.

— Também te adoro, papá.

As escadas eram uma dificuldade para mim, pelo que, depois de ter apagado a luz, fui para o meu quarto durante algum tempo, à espera de que ele adormecesse. Sentei-me na cama e abri o portátil, voltando a minha atenção para o ficheiro mais recente no ambiente de trabalho.

Rebecca,

Sei exatamente o que pensarias sobre isto, porque sempre foste muito mais prática do que eu. Irias querer que eu seguisse em frente com a minha vida. Irias querer que fosse feliz...

E por aí fora. Demorei alguns instantes a perceber o que escrevera, pois não mexia nesse documento desde aquela última noite no apartamento provisório da polícia, o que parecia ter sido há uma eternidade. Era sobre a Karen, sobre a culpa que me assolara por ter sentimentos por ela. Isso também me parecia algo distante. Ela fora visitar-me ao hospital. Levara o Jake à escola por mim e ajudara-me a cuidar dele, enquanto eu recuperava lentamente. Estávamos cada vez mais próximos. O que acontecera tinha-nos aproximado, mas também nos havia afastado de um trajeto mais previsível e daquele beijo que nunca chegáramos a dar. Porém, eu ainda o sentia... à espera.

«Irias querer que fosse feliz.»

Sim.

Apaguei tudo menos o nome da Rebecca. A minha intenção inicial fora escrever sobre a minha vida com ela, sobre a mágoa que sentia pela sua morte e como essa perda me afetara. Continuava a querer fazê-lo, porque me parecia que a Rebecca seria sempre uma parte importante de qualquer coisa que escrevesse. Não deixara de existir quando a vida dela chegara ao fim porque, não obstante a inexistência de fantasmas, as coisas simplesmente não eram assim. Contudo, agora sabia que havia muito mais para além disso, e queria escrever sobre tudo. A verdade sobre tudo o que acontecera.

O Sr. Noite.

O menino no chão.

As borboletas.

A menina com o vestido estranho.

E o Homem dos Sussurros, claro.

Era um projeto algo intimidante, pois era tudo uma grande confusão e havia tanta coisa que não sabia e que talvez nunca viesse a saber. Porém, por outro lado, não me parecia que isso fosse um problema. A verdade sobre algo pode residir quer nos sentimentos quer nos factos.

Olhei fixamente para o ecrã.

«Rebecca.»

Uma única palavra, e até isso estava errado. Eu e o Jake tínhamo-nos

mudado para aquela casa para começarmos de novo, e, por muito que a Rebecca fosse uma parte importante dessa história, percebi que não deveria escrever sobre ela. A ideia era precisamente essa. O meu foco deveria ser outro.

Apaguei o nome dela. Hesitei e depois escrevi:

Jake,

Há tanta coisa que te quero dizer, mas sempre tivemos dificuldade em conversar um com outro, não é?

Por isso, decidi escrever-te.

Foi então que ouvi o Jake a sussurrar.

Fiquei completamente paralisado, escutando o silêncio que se seguiu ao ruído e que agora parecia preencher a casa de uma forma ainda mais sinistra do que antes. Decorreram alguns segundos — tempo suficiente para eu começar a acreditar que imaginara o som.

Mas depois ouvi-o de novo.

No quarto dele, do outro lado do corredor, o Jake falava baixinho com alguém.

Pousei o portátil de lado e levantei-me com cuidado, dirigindo-me para o corredor o mais silenciosamente que consegui. Tinha o coração nas mãos. Ao longo das últimas duas semanas, não houvera sinal da menina nem do menino no chão, e, embora fizesse questão de que o Jake fosse como é, sentira-me algo aliviado com esse facto. Não me agradava nada a ideia de eles terem voltado.

Fiquei parado no corredor, à escuta.

— Está bem — sussurrou o Jake. — Boa noite.

E depois nada.

Esperei um pouco mais, mas era óbvio que a conversa havia chegado ao fim. Após alguns segundos, atravessei o corredor e entrei no quarto dele. Havia luz suficiente atrás de mim para conseguir ver que o Jake estava deitado muito quieto na cama, completamente sozinho no quarto.

Aproximei-me.

— Jake? — sussurrei.

— Sim, papá?

Ele soou meio adormecido.

— Com quem é que estavas a falar agora mesmo?

Não obtive resposta, além do ligeiro subir e descer das mantas por cima dele e do som regular da sua respiração. Talvez estivesse realmente meio a dormir, pensei, e a falar sozinho.

Ajeitei-lhe as cobertas um pouco melhor e estava prestes a sair do quarto quando ele tornou a falar.

— O teu pai lia-te aquele livro quando eras miúdo — disse.

Por instantes, não abri a boca. Limitei-me a fitar o Jake, ali deitado, de costas voltadas para mim. O silêncio era ensurdecedor. O quarto pareceu ficar mais frio do que antes e senti um arrepio na espinha.

Sim, pensei. Provavelmente, sim.

Mas não se tratara de uma pergunta, e o Jake não poderia, de modo algum, ter conhecimento de uma coisa dessas. Eu próprio não me lembrava de que tivesse acontecido. Dissera ao Jake que o livro era um dos favoritos da minha infância, pelo que me parecia ser uma dedução natural da sua parte. Não significava forçosamente nada.

— Pois lia. — Olhei em redor do quarto vazio. — Porque é que dizes isso?

Mas o meu filho já estava a sonhar.

AGRADECIMENTOS

Sinto uma dívida enorme para com uma série de pessoas — primeiro, a minha fabulosa agente, Sandra Sawicka, bem como Leah Middleton e todas as pessoas na Marjacq. Joel Richardson é o meu editor na Michael Joseph, e a sua paciência e conselhos durante todo este processo têm sido inestimáveis. Gostaria também de agradecer a Emma Henderson, Sarah Scarlett, Catherine Wood, Lucy Beresford-Knox, Elizabeth Brandon e Alex Elam, pelo seu árduo trabalho e apoio, a Shan Morley Jones, por ter apanhado os meus erros, e a Lee Motley, por ter criado uma capa tão bonita. Todos vocês me têm impressionado sobremaneira, e estou-vos eternamente grato.

Não posso deixar de referir, igualmente, a comunidade de ficção policial, conhecida pelo seu carinho e generosidade. Sinto-me absolutamente agradecido por poder desfrutar do apoio e amizade de tantos autores, leitores e bloggers fantásticos. Vocês são cinco estrelas. Gostaria de fazer um brinde adicional — com uma caneca, talvez — aos Blankets. Vocês sabem quem são.

Por fim, obrigado à Lynn e ao Zack por absolutamente tudo — em especial, por me aturarem. Este livro é dedicado aos dois, com muito amor.